



*Rádior  
Londres*

**WALTER  
TEVIS**

**O imitador de homens**

*romance*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



**WALTER  
TEVIS**

O imitador de homens

*romance*

TRADUÇÃO  
Alexandre Barbosa de Souza



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Sumário

*Dedicatória*

*Epígrafe*

Spofforth

Bentley

Spofforth

Bentley

Mary Lou

Bentley

Spofforth

Bentley

Mary Lou

Bentley

Mary Lou

Bentley

Spofforth

*Sobre o autor*

*Para Eleanora Walker*

*"A vida interior de um ser humano é um campo imenso e variado, e não se preocupa apenas com aspectos estimulantes de cor, forma e desenho."*

**— Edward Hopper —**



# Spofforth

Enquanto caminha pela Quinta Avenida à meia-noite, Spofforth começa a assobiar. Ele não sabe o nome da música, nem se importa em saber. É uma melodia complicada, que ele costuma assobiar quando está sozinho. Está sem camisa e descalço, usando apenas uma calça cáqui; sente o velho calçamento sob seus pés. Embora caminhe no meio da ampla avenida, ele vê ao seu redor trechos de grama e ervas daninhas altas de ambos os lados, onde a calçada se rachou e quebrou faz muito tempo, à espera de concertos que jamais serão feitos. Desses trechos, Spofforth ouve um coro de diversos cliques e asas de insetos se esfregando. Os sons o deixam inquieto, como sempre nessa época do ano, na primavera. Ele enfia suas mãos grandes nos bolsos da calça. Então, desajeitado, as tira e começa a correr, enorme e leve, atlético, em direção à forma massiva do Empire State Building.



A porta do edifício tinha olhos e voz; o cérebro era o cérebro de um idiota, obstinado e insensível. "Fechado para reforma", disse a voz a Spofforth quando ele se aproximou.

"Cale a boca e abra logo", ordenou Spofforth. E então: "Sou Robert Spofforth. Tipo Nove".

"Perdão, senhor", disse a porta. "Não reconheci..."

"Certo. Abra. E mande o elevador expresso descer para mim."

A porta ficou calada por um momento. Então, ela disse: “O elevador não está funcionando, senhor”.

“Merda”, exclamou Spofforth. E depois: “Eu vou pela escada.”

A porta se abriu e Spofforth entrou no saguão apagado e seguiu em direção à escada. Silenciou os circuitos de dor de suas pernas e pulmões, e começou a subir. Não estava mais assobiando. Sua mente sofisticada estava completamente concentrada em sua tarefa anual.

Quando chegou ao alto da escada, o mais alto acima da cidade que era possível chegar, Spofforth enviou um comando para os nervos das pernas e a dor apareceu. Ele cambaleou um pouco por isso, alto e sozinho na noite escura, sem lua no céu e de estrelas pálidas. A superfície sob seus pés era lisa e polida; uma vez, anos antes, Spofforth quase havia escorregado. E logo pensara, decepcionado, *Se ao menos isso acontecesse de novo, na beirada.* Mas não acontecera.

Ele chegou a meio metro do limite da plataforma e, sem nenhum sinal mental, nenhuma volição, nenhum desejo de que isso acontecesse, suas pernas pararam de se mover e ele se viu, como sempre, imobilizado, contemplando a Quinta Avenida, trezentos metros acima de sua dura e desejada superfície. Então, ele insistiu com seu corpo para avançar com tristeza e desespero, concentrando sua vontade no desejo de cair para frente, de inclinar seu corpo forte e pesado, seu corpo industrialmente fabricado, para fora, para longe do edifício, para longe da vida. Ele começou a gritar, dentro de si, invocando o movimento, imaginando-se caindo em câmera lenta, graciosa e seguramente, na rua lá embaixo. Ansiando por isso.

Mas seu corpo não era seu, e ele sabia disso. Ele havia sido projetado por humanos; apenas um humano poderia fazê-lo morrer. Então, ele gritou em voz alta, soltando os braços ao lado do corpo, berrando furiosamente sobre a cidade silenciosa. Mas não conseguiu avançar.

Spofforth ficou ali parado, sozinho no topo do edifício mais alto do mundo, imobilizado, pelo resto daquela noite de junho. De vez em quando, as luzes de um ônibus telepata tornavam-se visíveis, um pouco maiores que as estrelas, lá embaixo, movendo-se lentamente,

subindo e descendo as avenidas de uma cidade vazia. Não havia nenhuma luz acesa nos edifícios.

Então, quando o sol começou a iluminar o céu acima do East River, à direita dele, e sobre o Brooklyn, sobre o qual não havia mais nenhuma ponte, sua frustração começou a diminuir. Se fosse dotado de canais lacrimais, ele teria encontrado o alívio das lágrimas; mas era incapaz de chorar. A luz se tornou mais intensa; ele via as silhuetas dos ônibus vazios abaixo de si. Avistou um minúsculo veículo Detector percorrendo a Terceira Avenida. E então o sol, pálido no céu de junho, surgiu acima do Brooklyn vazio e cintilou na água do rio com o mesmo frescor do início dos tempos. Spofforth deu um passo para trás, afastando-se da morte que buscava e sempre buscara em toda a sua longa vida, e a raiva que o havia dominado começou a refluir com o nascer do sol. Ele continuaria vivendo, e poderia suportar isso.

Desceu a escada suja lentamente a princípio. Mas, quando chegou ao saguão, seus passos estavam ríspidos, confiantes, cheios de vida artificial.

Ao deixar o edifício, disse no interfone da porta: “Não deixe o elevador ser consertado. Prefiro subir a pé.”

“Sim, senhor”, respondeu a porta.

Do lado de fora, o sol estava brilhando e havia alguns humanos na rua. Uma velha negra com um vestido azul desbotado esbarrou por acaso no cotovelo de Spofforth e olhou com uma expressão distraída para ele. Quando notou que era um robô Tipo Nove, imediatamente ela desviou os olhos e resmungou: “Sinto muito. Sinto muito, senhor.” Ela ficou parada perto dele, sem saber o que fazer. Provavelmente ela nunca tinha visto um Tipo Nove antes e só sabia sobre eles o que havia aprendido quando ainda era jovem.

“Pode ir”, disse ele gentilmente. “Está tudo bem.”

“Sim, senhor”, disse ela. Ela tateou no bolso do vestido, sacou um sedativo e o engoliu. Então se virou e se afastou arrastando os pés.

Spofforth caminhou depressa, ao sol, de volta na direção de Washington Square, na direção da New York University, onde trabalhava. Seu corpo jamais se cansava. Apenas sua mente — sua

mente sofisticada, labiríntica e lúcida — compreendia o significado da fadiga. Sua mente estava sempre, sempre cansada.



O cérebro metálico de Spofforth fora construído e seu corpo se havia desenvolvido a partir de tecidos vivos em uma época, muito antes, em que a engenharia estava em declínio, mas a fabricação de robôs era uma arte superior. Essa arte também logo entraria em decadência; o próprio Spofforth havia sido sua realização mais perfeita. Ele era o último de uma série de cem robôs designados Tipo Nove, as criaturas mais fortes e mais inteligentes já fabricadas pelo homem. E também era o único programado para continuar vivo contra a própria vontade.

Existia uma técnica para registrar todos os trajetos neurais, todos os padrões de aprendizado de um cérebro humano adulto, e para transferir esses registros para o cérebro metálico de um robô. Essa técnica havia sido usada apenas para a série Tipo Nove; todos os robôs dessa série haviam sido equipados com cópias modificadas do cérebro humano de um mesmo homem. Esse homem era um engenheiro, brilhante e melancólico, chamado Paisley — embora Spofforth jamais viesse a saber disso. A rede de informações e interconexões que formavam o cérebro de Paisley havia sido registrada em fitas magnéticas e armazenada em um cofre em Cleveland. O que acontecera a Paisley depois que sua mente fora copiada, isso ninguém nunca soube. Sua personalidade, sua imaginação e seus conhecimentos haviam sido registrados em fitas quando ele tinha quarenta e três anos de idade e, depois disso, o sujeito fora esquecido.

As fitas foram editadas e alteradas. Sua personalidade foi eliminada ao máximo possível sem prejudicar as funções “úteis”. Quem decidiu o que seria “útil” na mente humana foram engenheiros menos imaginativos que o próprio Paisley. As lembranças da vida foram apagadas e, com elas, boa parte dos conhecimentos, embora a sintaxe e o vocabulário do inglês tivessem permanecido nas fitas. Elas continham, mesmo após a edição, uma cópia quase perfeita de um milagre evolutivo: um cérebro humano.

Algumas características indesejáveis de Paisley permaneceram. A habilidade de tocar piano estava nas fitas, mas precisaria de um corpo com braços e mãos para se manifestar. Mas, quando o corpo foi fabricado, não existiam mais pianos para tocar.

Indesejáveis, segundo os engenheiros que fizeram os registros, porém inevitáveis, seriam os fragmentos de sonhos antigos, anseios, angústias. Não havia como eximir as fitas desses fragmentos sem prejudicar outras funções.

O registro foi transferido eletronicamente para uma esfera de prata, de vinte e dois centímetros de diâmetro, composta de milhares de camadas de níquel e vanádio, construída e modelada por equipamentos automáticos. A esfera foi inserida na cabeça de um corpo especialmente clonado para ela.

O corpo foi criado cuidadosamente em um tanque de aço, no interior do que havia sido uma fábrica de automóveis em Cleveland. O resultado ficou perfeito — alto, forte, atlético e belo. Era um homem negro no auge da vida, com músculos delineados, coração e pulmões poderosos, cabelos crespos, olhos castanhos brilhantes, uma boca de lábios grossos bonita e mãos grandes e fortes.

Algumas características humanas haviam sido alteradas: o processo de envelhecimento foi programado para se interromper com o desenvolvimento de um adulto de trinta anos — ao que o corpo chegaria após um período de quatro anos dentro do tanque de aço. Era equipado para controlar suas próprias reações de dor, e, em certa medida, capaz de se autorregenerar. Podia, por exemplo, desenvolver novos dentes, novos dedos das mãos ou dos pés, se necessário. Jamais ficaria calvo, nem perderia a visão ou teria catarata, tampouco teria espessamento de artérias ou artrite. Ele era, como os engenheiros genéticos gostavam de dizer, uma melhoria da obra de Deus. Como nenhum dos engenheiros acreditava na existência de um Deus, aquele autoelogio não fazia sentido.

O corpo de Spofforth não possuía órgãos reprodutores. “Para evitar distrações”, disse um dos engenheiros. Os lóbulos das orelhas de cada lado de sua magnífica cabeça eram inteiramente pretos para indicar a qualquer ser humano que pudesse ficar impressionado com

aquela imitação de homem que se tratava, afinal, apenas de um robô.

Como o monstro de Frankenstein, ele havia ganhado vida ativa através de um choque elétrico; emergira de seu tanque já adulto e capaz de falar, com a voz um tanto embargada a princípio. Na sala ampla e cheia de equipamentos da fábrica na qual ele foi trazido à consciência, seus olhos negros enxergaram tudo ao redor com excitação e vivacidade. Ele estava em uma maca quando sentiu pela primeira vez o poder da consciência percorrer seu ser nascente como uma onda, *tornando-se* seu próprio ser. Sua garganta fechada engasgou e, em seguida, soltou um grito de maravilha — a maravilha de estar no mundo.



Ele recebeu o nome de Spofforth de um dos poucos homens que ainda sabiam ler. O nome surgiu por acaso, encontrado em uma velha lista telefônica de Cleveland: Robert Spofforth. Ele era um robô Tipo Nove, o equipamento mais sofisticado já produzido pela engenhosidade humana.



Durante o primeiro ano de treinamento, foi enviado para monitorar os corredores e fazer pequenas tarefas em uma escola para humanos. Era um lugar no qual os jovens aprendiam como funcionava o mundo: Introspecção, Privacidade, Realização Pessoal, Prazer. Foi lá que ele viu a garota de casaco vermelho e se apaixonou.



Ao longo daquele inverno e durante o início da primavera, a garota estava sempre usando um casaco vermelho-escuro com colarinho de veludo preto, negro como carvão, negro como seus cabelos, em contraste com a pele branca. O batom tinha a mesma cor do casaco. Naqueles tempos, quase ninguém mais usava batom e era muito estranho que ela ainda tivesse algum. Ela ficava bonita de batom. Quando Spofforth a viu pela primeira vez, em seu terceiro dia no dormitório, a moça tinha quase dezessete anos. Sua mente a

fotografou instantânea e eternamente. Essa imagem se tornaria parte fundamental da tristeza que começou, na primavera, em junho, a se instalar profundamente em seu ser artificial e potente.

Antes de completar um ano de vida, Spofforth já sabia mecânica quântica, engenharia robótica e a história das corporações estatais norte-americanas — tudo ensinado a ele por materiais audiovisuais e professores robôs —, mas ele não sabia ler. Tampouco sabia sobre sexualidade humana, pelo menos conscientemente, embora houvesse desejos difusos naquilo que um dia teria sido chamado de seu coração. Às vezes, quando ele estava sozinho no escuro, seu estômago palpitava de forma inquietante por um momento. Ele estava começando a descobrir que, dentro de si, em algum lugar, havia uma vida enterrada, uma vida de sentimentos. Nas primeiras noites quentes de seu primeiro junho, ele começou a ficar seriamente incomodado com aquilo. Andando de um edifício de dormitórios para o outro, tarde da noite, ele ouvia os sons de grilos nas árvores, na noite quente de Ohio, e sentia uma estranha e desconfortável pressão em seu peito. Trabalhava com afinco nos dormitórios, fazendo muito serviço braçal durante o que se chamava de “treinamento”; mas o trabalho raramente ocupava de fato sua atenção, e a melancolia começou a pesar em seu espírito.

Às vezes, alguns dos operários Tipo Quatro apresentavam defeito; parecia nunca haver material de conserto para acompanhar a quantidade de pequenas avarias. Alguns homens mais velhos eram mantidos ali para suprir qualquer eventualidade. Um desses homens era um velho solitário chamado Arthur, que geralmente estava com cheiro de gim sintético e nunca usava meias. Ele sempre falava com Spofforth de um jeito um tanto amigável e um tanto zombeteiro, quando passavam um pelo outro nos corredores dos dormitórios ou nas passagens de cascalho entre os edifícios. Um dia, enquanto Spofforth esvaziava cinzeiros no refeitório e Arthur limpava o chão, Arthur parou de trabalhar, apoiou-se no esfregão e disse: “Bob”, e Spofforth ergueu os olhos do trabalho. “Bob”, disse Arthur, “você é um sujeito triste. Eu não sabia que eles *faziam* robôs sensíveis”.

Spofforth ficou na dúvida se estava sendo provocado ou não. Ele continuou carregando uma pilha de cinzeiros de plástico, cheios dos

restos de cigarros de maconha, até a lata de lixo no canto do amplo recinto. Os estudantes haviam saído pouco antes para uma aula de ioga televisionada.

“Nunca tinha visto robô triste antes”, disse Arthur. “Será que é por causa dessas orelhas pretas?”

“Sou um robô Tipo Nove”, observou Spofforth defensivamente. Ele ainda era muito jovem, e a conversa com os humanos às vezes o deixava incomodado.

“Nove!”, repetiu Arthur. “Isso é bastante, não é? Ora, o Andy que dirige esta escola é apenas Sete.”

“Andy?”, indagou Spofforth, segurando a pilha de cinzeiros.

“Sim, androide. Era assim que chamávamos vocês quando eu era criança. Não havia tantos de vocês assim. Nem eram particularmente espertos.”

“Você se incomoda com isso? Que eu seja inteligente?”

“Não”, respondeu Arthur. “Porra, claro que não. As pessoas hoje em dia são tão estúpidas que dá vontade de chorar.” Ele virou o rosto e, então, empurrou de leve o esfregão. “Inteligência é inteligência. Fico feliz que pelo menos alguém seja inteligente.” Ele parou de esfregar e fez um gesto aberto, indicando o refeitório vazio, como se os estudantes ainda estivessem lá. “Eu não vou querer nenhum desses analfabetos mandando no mundo quando saírem daqui.” Seu semblante enrugado estava cheio de desprezo. “Esses desgraçados hipnotizados. Punheteiros. Melhor deixá-los em estado de coma e alimentá-los com pílulas.”

Spofforth não disse nada. Alguma coisa dentro de si o atraía para aquele velho — algum remoto vestígio de afinidade. Mas ele não sentia nada pelos jovens humanos que estavam sendo treinados e aculturados naquele lugar.

Ele não tinha nenhum sentimento consciente por eles, por aqueles grupos geralmente de olhos vagos, movimentos lentos, silenciosos, indo calmamente de classe em classe ou sentados sozinhos nas salas de Privacidade, fumando maconha e assistindo a padrões abstratos em seus televisores, que ocupavam a parede inteira, e ouvindo músicas e hipnóticas em seus alto-falantes. Mas em sua mente quase sempre havia a imagem de uma jovem em



particular: a menina do casaco vermelho. Ela havia usado aquele casaco antiquado durante todo o inverno e ainda o estava usando nas noites de primavera. Havia às vezes uma expressão em seu semblante, sedutora, narcisista, vaidosa, que era diferente das outras pessoas. Todos recebiam instruções para se desenvolver “individualmente”, mas eram parecidos e agiam da mesma forma, com suas vozes baixas e seus rostos inexpressivos. Ela entreabria os lábios quando caminhava, e às vezes ria, alto, quando todos os outros estavam calados, absorta em si mesma. A pele dela era branca como leite e seu cabelo era negro como carvão.

Spofforth pensava frequentemente nela. Às vezes, vendo-a a caminho de uma aula, cercada pelos demais porém sozinha, ele sentia vontade de se aproximar e tocá-la delicadamente, apenas colocar a mão grande no ombro dela e ficar assim por algum tempo, sentindo o calor dela. Às vezes, ele tinha a impressão de que ela o estava observando de olhos baixos, divertida, rindo dele. Mas eles nunca se falavam.

“Merda”, dizia Arthur. “Vocês, robôs, estarão mandando em tudo daqui a trinta anos: as pessoas não conseguem fazer mais nada sozinhas.”

“Estou sendo treinado para administrar as grandes empresas”, informou Spofforth.

Arthur lançou uma olhada para ele e, então, começou a dar risada. “Esvaziando cinzeiros?”, disse ele. “*Porra!*” Ele voltou a esfregar o chão, empurrando o grande esfregão vigorosamente sobre o piso de permoplástico. “Eu não sabia que era possível enganar um maldito robô. E um Tipo Nove, ainda por cima.”

Spofforth ficou ali parado segurando os cinzeiros por mais um minuto, olhando para ele. *Ninguém está me enganando*, pensou ele. *Tenho minha vida para viver.*

Uma noite de junho, cerca de uma semana depois dessa conversa com Arthur, Spofforth estava passando pelo Edifício do Audiovisual ao luar, quando ouviu um farfalhar atrás dos arbustos densos que cresciam descuidadamente junto ao prédio. Houve um gemido de uma voz masculina e, depois, mais farfalhar de folhas.

Spofforth parou e ficou ouvindo. Alguma coisa estava se mexendo, agora mais silenciosamente. Ele se virou, deu alguns passos até se ver parado diante de um arbusto alto, e então afastou a folhagem sem fazer ruído. E quando, subitamente, ele viu o que estava acontecendo do outro lado, congelou e ficou ali parado, olhando fixamente a cena.

De costas, atrás da moita, estava deitada a garota, com o vestido puxado até o umbigo. Um rapaz rosado, nu, rechonchudo, estava ajoelhado entre as pernas dela; Spofforth via os sinais marrons dele na pele rosada entre suas omoplatas. Via os pelos púbicos da garota embaixo da coxa do homem — pelos encaracolados, muito negros em contraste com as pernas brancas e o traseiro branco, negros como os cabelos, negros como o colarinho do casaco vermelho sobre o qual ela estava deitada.

Ela o viu, e seu semblante de repente ficou triste de desgosto. Ela falou com ele, pela primeira e última vez. “Vá embora, robô”, disse ela. “Maldito robô. Deixa a gente em paz.”

Spofforth, com um aperto em seu coração clonado, virou-se e foi embora. Foi ali que ele aprendeu uma coisa que não esqueceria pelo resto de sua longa vida; na verdade, ele não queria viver. Ele havia sido enganado — horrivelmente enganado — a respeito da vida real, da vida humana; algo dentro dele se rebelou contra a ideia de viver a vida que havia sido forçado a aceitar.



Ele veria a garota de novo algumas vezes. Ela evitava o olhar dele. Não era por vergonha, Spofforth sabia, pois o sexo para os jovens humanos não era uma vergonha. “O sexo às pressas é melhor”, isso era o que lhes ensinavam, e eles acreditavam nisso e o aplicavam na prática.

Ele se sentiu aliviado quando o transferiram do dormitório para um serviço de maior responsabilidade, decidindo sobre padrões de distribuição de laticínios sintéticos em Akron. De lá, ele seria transferido para a produção de automóveis pequenos, dirigindo a fabricação dos últimos milhares de carros particulares já dirigidos por uma população outrora apaixonada por carros. Quando isso

acabou, ele se tornou diretor da corporação que fabricava ônibus telepatas, os volumosos veículos para oito passageiros feitos para uma população humana cada vez mais decrescente. Então, ele se tornou diretor de controle populacional, sendo transferido para Nova York, para essa função, trabalhando em um escritório no topo de um edifício de trinta e dois andares, acompanhando computadores velhos que mantinham o censo diário e ajustavam as taxas de fertilidade humana proporcionalmente. Era um emprego entediante, ele tinha de lidar com máquinas que estavam sempre quebrando, tentar encontrar maneiras de consertar computadores que nenhum humano se lembrava mais como consertar e que nenhum robô fora programado para entender. Enfim, ele recebeu outra tarefa: diretor da New York University. O computador que cumpria a função de dirigir essa instituição havia deixado de funcionar; passaria a ser o trabalho de Spofforth, na condição de Tipo Nove, substituí-lo e tomar as decisões quase sempre simples da administração de uma universidade.

Haviam sido clonados, como Spofforth acabaria descobrindo, cem robôs do Tipo Nove, animados com cópias da mesma mente humana original. Ele era o último, e ajustes especiais haviam sido feitos nas sinapses de seu próprio cérebro metálico para evitar o que acontecera aos outros de sua série: todos eles cometeram suicídio. Alguns derreteram o cérebro até se tornar uma massa negra e amorfa com equipamentos de fundição de alta voltagem; alguns ingeriram corrosivos. Alguns haviam enlouquecido antes de serem destruídos pelos humanos, percorrendo as ruas da cidade à meia-noite, esbravejando obscenidades. Usar um cérebro humano real como modelo para um robô sofisticado havia sido um experimento. O experimento fora considerado um fracasso, e nenhum robô assim voltou a ser fabricado. As fábricas ainda produziam robôs idiotas, e alguns Tipo Sete e Tipo Oito, para tirar dos humanos cada vez mais as funções de governo, educação, medicina, direito, planejamento e manufatura; mas todos esses robôs tinham cérebros sintéticos, não humanos, sem uma única centelha de emoção, introspecção ou consciência de si mesmos. Eram meras máquinas — inteligentes, humanoides, bem-feitas — e faziam o que deviam fazer.

Spofforth havia sido projetado para viver para sempre, e para não se esquecer de nada. Aqueles que o projetaram não haviam parado para pensar em como seria uma vida assim.

A garota do casaco vermelho envelheceu, engordou e fez sexo com dez dúzias de homens, teve alguns bebês e bebeu cerveja demais e levou uma vida trivial, sem sentido, e perdeu sua beleza. E, no final, ela morreu e foi enterrada e esquecida. E Spofforth seguiu em frente, jovem, extremamente saudável, belo, vendo-a ainda com dezessete anos muito tempo depois de ela mesma ter-se esquecido, como mulher de meia-idade, da garota sensual, sedutora, que havia sido um dia. Ele a via e ainda a amava e queria morrer. E algum engenheiro humano indiferente tornara isso impossível para ele.



O reitor da universidade e o diretor o estavam esperando, quando ele voltou de sua noite solitária de junho.

O mais obtuso dos dois era o reitor. Seu nome era Carpenter, e ele usava um uniforme marrom de Synlon e sandálias velhas e sua barriga e seus quadris tremiam visivelmente no traje justo quando caminhava. Ele estava de pé ao lado da grande escrivaninha de teca de Spofforth, fumando um baseado, quando o robô entrou e caminhou rapidamente em sua direção. Carpenter ficou de pé, ao lado, nervoso, enquanto Spofforth se sentou.

Um momento depois, Spofforth olhou para ele — não um pouco à direita dos olhos, como a Polidez Obrigatória exigia, mas diretamente. “Bom dia”, disse Spofforth, com sua voz forte e controlada. “Aconteceu algo de errado?”

“Bem...”, disse Carpenter, “não tenho certeza”. Ele pareceu perturbado com essa pergunta. “O que você acha, Perry?”

Perry, o decano da universidade, esfregou o nariz com o indicador. “Alguém telefonou, diretor Spofforth. Na linha universitária. Telefonou duas vezes.”

“Oh...”, disse Spofforth. “O que essa pessoa queria?”

“Ele queria falar com o senhor”, disse Perry. “Sobre um trabalho. Uma vaga para lecionar no verão...”

Spofforth olhou para ele. "E?"

Perry prosseguiu nervosamente, evitando os olhos de Spofforth. "O que ele quer fazer é algo que eu mesmo não entendi pelo telefone. É uma coisa nova — algo que ele disse ter descoberto há um ou dois amarelos passados." Ele olhou ao seu redor até seu olhar cruzar com o do homem gordo de marrom. "O que foi que ele disse mesmo, Carpenter?"

"Ler?", disse Carpenter.

"Sim, isso", respondeu Perry. "*Ler*. Ele disse que sabia *ler*. Alguma coisa a ver com palavras. Ele quer dar aulas disso."

Spofforth se ergueu na poltrona ao ouvir a palavra. "Alguém aprendeu a *ler*?"

Os homens desviaram os olhos, constrangidos com a surpresa na voz de Spofforth.

"Vocês gravaram a conversa?", perguntou Spofforth.

Eles se entreolharam. Enfim, Perry respondeu. "Nós esquecemos", disse ele.

Spofforth conteve sua irritação. "Ele falou se iria telefonar de novo?"

Perry pareceu aliviado. "Sim, falou, diretor Spofforth. Ele disse que tentaria entrar em contato com o senhor."

"Está bem", disse Spofforth. "Mais alguma coisa?"

"Sim", disse Perry, tornando a esfregar o nariz. "As usuais BBS do currículo. Três suicídios entre alunos. E há planos registrados em algum lugar de fecharem a Ala Leste da Higiene Mental; mas nenhum robô conseguiu encontrar as BBS." Perry pareceu satisfeito por ter conseguido relatar uma falha entre a equipe de robôs. "Nenhum Tipo Seis sabia nada a respeito disso, senhor."

"Isso é porque elas estão *comigo*, Decano Perry", disse Spofforth. Ele abriu a gaveta da escrivaninha e sacou uma das pequenas esferas de aço — as BBS, como eram chamadas — que eram usadas para fazer gravações de vozes. Ele a estendeu a Perry. "Reproduza esta aqui em um Tipo Sete. Ele saberá o que fazer em relação às aulas de Higiene Mental."

Perry, um tanto envergonhado, pegou a esfera e saiu. Carpenter foi atrás e também saiu da sala. Quando ambos tinham ido embora,

Spofforth ficou sentado em sua escrivaninha por algum tempo, pensando na notícia do homem que dizia saber ler. Ele ouvira muito falar sobre leitura quando era jovem, e sabia que era algo que havia desaparecido muito tempo antes. Ele já tinha visto livros — objetos muito antigos. Ainda havia alguns que não tinham sido destruídos na Biblioteca Universitária.

O escritório de Spofforth era amplo, e muito agradável. Ele mesmo havia decorado a sala, com gravuras de aves marinhas e uma mesinha de canto, de carvalho entalhado, que ele havia retirado de um museu demolido. Na mesinha de canto, havia uma fileira de miniaturas de modelos de engenharia robótica, mostrando a história das formas antropoides que haviam sido utilizadas no desenvolvimento daquela arte. A primeira, na extrema esquerda, era uma criatura com rodas, com um corpo cilíndrico e quatro braços — muito primitiva, algo entre um servomecanismo e um ser mecânico autônomo. A miniatura era feita de permoplástico e tinha pouco mais de quinze centímetros. Esse robô havia sido chamado, em seu breve período de utilidade, de Wheelie; já não eram feitos havia séculos.

À direita de Wheelie, havia uma forma mais semelhante ao homem, algo próximo do robô idiota contemporâneo. As miniaturas iam se tornando mais detalhadas, mais humanas, conforme se avançava da esquerda para a direita, até se concluírem com uma miniatura do próprio Spofforth — esguio, inteiramente humano em aparência, equilibrado nos calcanhares e com olhos, mesmo na réplica, que pareciam vivos.

Uma luz vermelha começou a piscar na escrivaninha de Spofforth. Ele apertou um botão e disse: “Spofforth falando”.

“Meu nome é Bentley, diretor Spofforth”, disse a voz do outro lado. “Paul Bentley. Estou telefonando de Ohio.”

“Você é a pessoa que sabe ler?”, perguntou Spofforth.

“Sim”, respondeu a voz. “Eu aprendi sozinho. Eu sei ler.”



O grande macaco sentou-se exausto na lateral de um ônibus virado. A cidade estava deserta.

No centro da tela, apareceu um vórtice branco e começou a aumentar e a rodopiar. Quando parou, já ocupava mais de metade da tela. Ficou claro que era a primeira página de um jornal, com uma manchete em letras garrafais.

Spofforth desligou o projetor com a manchete na tela. "Leia isso", disse ele.

Bentley pigarreou nervosamente. "Macaco Monstruoso Aterroriza Cidade", leu ele.

"Muito bem", disse Spofforth. Ele ligou novamente o projetor.

O restante do filme não tinha mais nada escrito. Eles assistiram em silêncio, até o último acesso de destruição do macaco, em sua patética incapacidade de expressar seu amor, até sua morte precipitando lentamente de um altíssimo edifício na rua larga e vazia lá embaixo.

Spofforth acendeu as luzes de seu escritório para deixar a janela transparente outra vez. O escritório já não estava mais escuro, não era mais uma sala de projeção. Lá fora, em meio às flores coloridas da Washington Square, um grupo de universitários mais velhos estava sentado na grama malcuidada, com suas túnicas de brim. Os rostos tinham expressões vazias. O sol estava alto e distante no céu de junho. Spofforth olhou para Bentley.

"Diretor Spofforth", disse Bentley, "será que posso dar esse curso?"

Spofforth observou-o pensativamente por um instante, e então disse: "Não. Sinto muito. Não ensinaremos leitura nesta universidade".

Bentley se levantou desajeitadamente. "Sinto muito", disse ele, "mas eu achei que..."

"Sente-se, professor Bentley", disse Spofforth. "Acho que poderemos usar essa sua habilidade no curso de verão."

Bentley tornou a se sentar. Ele estava claramente nervoso; Spofforth sabia que sua mera presença era intimidadora.

Spofforth recostou-se de volta na cadeira, esticou-se e sorriu amistosamente para Bentley. "Diga-me", perguntou. "Como você aprendeu a ler?"

O homem hesitou diante dele por um instante. Então, disse: "Com cartões. Lendo cartões. E quatro livrinhos: *Primeiras leituras*, *Roberto e Consuela e seu cachorro Biff*, e..."

"Onde você arranjou essas coisas?", perguntou Spofforth.

"Foi estranho", disse Bentley. "A universidade tem uma coleção de antigos filmes pornográficos. Eu estava tentando encontrar material para um curso, quando deparei com uma velha lata lacrada de filme. Dentro dela, havia quatro livrinhos e um conjunto de cartões. Quando projetei o filme, não era pornografia coisa nenhuma. Mostrava uma mulher falando com crianças em uma sala de aula. Havia uma parede preta atrás dela e ela fazia marcações ali em branco. Por exemplo, ela escreveu o que mais tarde descobri ser a palavra 'mulher', e, então, as crianças todas diziam juntas 'mulher'. Ela fez a mesma coisa com 'professora', 'árvore', 'água' e 'céu'. Lembro de olhar os cartões e ver a figura de uma mulher. Tinha as mesmas marcações que ela fez na parede no verso do cartão. Havia mais figuras, mais marcas em branco na parede preta, mais palavras ditas pela professora e pelos alunos." Bentley hesitou, lembrando-se. "A professora usava um vestido azul e seu cabelo era branco. Ela parecia sorrir o tempo todo..."

"E depois, o que você fez?", perguntou Spofforth.

"Bem." Bentley balançou a cabeça, como se tentasse se desvencilhar de uma lembrança. "Projetei o filme outra vez, e depois outra vez. Fiquei fascinado com aquilo, por algo que acontecia ali e que eu senti que... que era..." Ele se deteve, sem encontrar palavras.

"Importante?", indagou Spofforth.

"Sim. *Importante*." Bentley olhou para os olhos de Spofforth por um breve momento, contrariando as regras da Polidez Obrigatória. Depois virou o rosto em direção à janela, diante da qual, lá fora, os universitários chapados ainda estavam sentados calados, balançando suas cabeças de vez em quando.

"E então?", insistiu Spofforth.

"Projetei o filme de novo, tantas vezes que perdi a conta. Lentamente, comecei a me dar conta, como se eu sempre tivesse sabido, mas não conscientemente, que a professora e os alunos estavam olhando para aquelas marcações e dizendo as palavras



representadas pelas marcações. As marcas eram como figuras. Figuras de palavras. Uma pessoa podia olhar para elas e dizer as palavras em voz alta. Mais tarde, descobri que era possível olhar para as marcas e *ouvir* as palavras internamente. As mesmas palavras e outras palavras parecidas estavam nos livros que eu tinha encontrado.”

“E você aprendeu a entender também outras palavras?”, perguntou Spofforth. Sua voz soou neutra, serena.

“Sim. Isso demorou um bocado. Eu ainda precisei entender que as palavras eram feitas de *letras*. As letras formavam sons que eram sempre os mesmos. Passei dias e dias nisso. Eu não queria mais parar. Havia prazer em descobrir as coisas que os livros podiam *dizer* dentro da minha cabeça...” Ele olhou para o chão. “Não parei enquanto não aprendi todas as palavras dos quatro livros. Só mais tarde, quando encontrei mais três livros, descobri que o que eu estava fazendo se chamava ‘leitura.’” Ele ficou em silêncio, e então, instantes depois, ergueu timidamente os olhos para o rosto de Spofforth.

Spofforth encarou-o por um longo tempo, e então assentiu brevemente com a cabeça. “Entendo”, disse ele. “Bentley, você já ouviu falar em filmes mudos?”

“Filmes *mudos?*”, perguntou Bentley. “Não.”

Spofforth sorriu brevemente. “Não creio que muitas pessoas já tenham ouvido falar. São uma coisa muito antiga. Foram encontrados muitos desses filmes recentemente, durante uma demolição.”

“Oh?”, exclamou Bentley educadamente, sem entender.

“A característica dos filmes mudos, professor Bentley”, disse Spofforth lentamente, “é que as falas dos atores não são ditas, mas escritas”. Ele sorriu outra vez, gentilmente. “Para que sejam compreendidas, elas precisam ser lidas.”

# Bentley

## PRIMEIRO DIA

Spofforth sugeriu que eu fizesse isso. Falar no gravador à noite, depois do trabalho, e discutir o que fiz durante o dia. Ele me deu várias BBS só para isso.

Às vezes, o trabalho é entediante; mas ele proporciona suas satisfações. Já estou trabalhando nisso há cinco dias; esta é a primeira vez que me sinto à vontade com esse pequeno dispositivo de gravação, para começar a falar sobre mim. E o que há para dizer a meu respeito? Não sou um indivíduo interessante.

Os filmes são frágeis e precisam ser manuseados com muito cuidado. Quando eles quebram — como frequentemente acontece — preciso passar muito tempo cuidadosamente colando-os de volta: tentei pedir ao diretor Spofforth para me designar um robô técnico, talvez um robô idiota treinado como um dentista ou em algum tipo de trabalho de precisão, mas Spofforth respondeu: “Isso seria caro demais”. E estou certo de que ele tem razão. Então, passo os filmes por dentro de estranhas máquinas velhas chamadas “projetores” e garanto que estejam adequadamente ajustados. Em seguida, o começo a projetá-los em uma pequena tela em meu beliche-escrivania. O projetor é sempre barulhento. Mas meus passos também parecem terrivelmente altos lá embaixo, no porão da antiga biblioteca. Ninguém nunca vem aqui, e o musgo cresce sobre as antigas paredes de aço inoxidável.

Depois, quando as palavras aparecem escritas na tela, interrompo a projeção e leio-as em voz alta no gravador. Às vezes, isso leva apenas um instante, com falas como “Não!” ou “Fim”, em que não é preciso nenhuma hesitação antes de pronunciá-las. Mas às vezes há frases e palavras difíceis, e então preciso estudar bastante antes de ter certeza. Uma das mais difíceis apareceu em um daqueles fundos pretos na tela após uma cena altamente emocionante, na qual uma moça havia expressado preocupação. Ela dizia: “Se o Dr. Carrothers não chegar logo, Mamãe certamente acabará desmaiando”. Imagine a minha dificuldade nessa frase! E outra dizia: “Só o pássaro imitador canta na borda do bosque”, dito por um velho a uma menina.

Os filmes em si às vezes são fascinantes. Perdi a conta de quantos filmes já vi, mas sobram ainda mais. Todos são em preto e branco, e têm o mesmo tipo de movimentos espasmódicos do imenso macaco de *A volta de King Kong*. Tudo neles é estranho, não apenas o modo como os personagens se movem e reagem. Existe uma — como posso dizer? — sensação de envolvimento, uma sensação de que grandes ondas de sentimentos os percorrem. No entanto, na minha opinião, eles às vezes são tão vazios e absurdos quanto a superfície polida de uma pedra. É claro que não sei o que é um “pássaro imitador”. Ou qual é o significado de “Dr.”. Mas não é só isso que me perturba, mais até do que a estranheza, é a sensação de antiguidade da vida que esses filmes transmitem. É a sugestão de emoções inteiramente desconhecidas para mim — emoções que *todos os espectadores antigos* desses filmes um dia sentiram, e que hoje estão perdidas para sempre. O que sinto mais frequentemente é tristeza. Tristeza. “Só o pássaro imitador canta na borda do bosque.” Tristeza.

Muitas vezes almoço no meu beliche-escrivadinha. Uma tigela de sopa de lentilha com bacon artificial. Ou uma barra de soja. O servo-servente foi programado para me alimentar com qualquer coisa que eu pedir do refeitório da escola. Às vezes me sento e assisto a um trecho de filme repetidas vezes, comendo devagar, tentando me deixar transportar para aquele passado obscuro. Não consigo esquecer algumas coisas que vejo nesses filmes. Às vezes é a cena

de uma garotinha chorando junto a uma sepultura. Ou um cavalo parado na rua de uma cidade, com um chapéu torto na cabeça e as orelhas passando através, ou velhos bebendo em grandes canecas de vidro e dando risadas em silêncio na tela. Às vezes, ao ver essas coisas, me pego chorando.

E então, durante dias a fio, todos os sentimentos passam e eu simplesmente trabalho com indiferença, passando um filme inteiro de dois rolos do começo ao fim de maneira mecânica: "Biograph Pictures apresenta *O Lamento de Margaret*. Direção de John K. Kiley. Estrelando Mary Pickford...". E assim por diante, até chegar em "Fim". Então, desligo o gravador e retiro a pequena esfera de aço, colocando-a em seu compartimento na lata preta hermeticamente fechada na qual o filme é guardado. E depois passo ao próximo.

Essa é a parte mais entediante, e eu sigo em frente fumando maconha e cochilando quando não suporto mais.

### **TERCEIRO DIA**

Hoje, pela primeira vez na vida, vi uma imolação. Dois rapazes e uma mulher sentaram-se diante de um edifício em que se fabricam e se vendem sapatos na Quinta Avenida. Evidentemente, eles haviam derramado algum líquido inflamável em seus corpos, porque pareciam molhados. Vi o momento exato em que a mulher aproximou o isqueiro da barra de brim da saia e chamas claras começaram a envolvê-la como um véu de gaze amarelo. Eles deviam ter ingerido várias drogas eficientes, porque não havia nenhum sinal de dor em seus semblantes — apenas uma espécie de sorriso —, enquanto as chamas, claras ao sol, começaram a avermelhá-los primeiro, depois a enegrecê-los. Diversos passantes pararam e ficaram assistindo. Aos poucos, um mau cheiro se espalhou pela área, e eu fui embora.

Eu tinha ouvido falar nesse tipo de imolação, sempre em grupos de três, mas nunca tinha visto uma antes. Dizem que acontece muito isso em Nova York.

Encontrei um livro — um livro de verdade! Não daqueles fininhos que eu tinha em Ohio e que só falavam de Roberto e Consuela e de

seu cachorro Biff, mas um livro real, grosso e volumoso.

Foi simples. Precisei apenas abrir uma das centenas de portas do vasto corredor de aço inoxidável do lado de fora do meu escritório e lá, no centro de uma pequena sala vazia, no interior de uma vitrine, estava esse livro grosso e grande. Ergui o tampo de vidro, que estava coberto com uma camada espessa de poeira, e o recolhi. Era pesado, e suas páginas estavam secas ao toque e amareladas. O livro se chama *Dicionário*. Ele contém uma floresta de palavras.

## QUINTO DIA

Agora que comecei a fazer esse diário, pego-me prestando mais atenção às estranhezas que ocorrem durante o dia — muito mais que antigamente — para que eu possa registrá-las aqui à noite, nos arquivos. Reparar nas coisas e pensar às vezes me causam tensão e frustração, e eu me pergunto se os designers sabiam disso quando tornaram quase impossível para o cidadão comum usar um gravador. Ou quando eles nos ensinaram uma das primeiras máximas: “Na dúvida, esqueça”.

Por exemplo, tenho notado uma coisa estranha no Zoológico do Bronx, ou melhor, diversas coisas estranhas. Há um mês venho tomando um ônibus telepata para o zoológico às quartas-feiras e sempre reparo que só vão cinco crianças nesse ônibus — parecem ser sempre as mesmas. Todas usam camisa branca e sempre estão tomando sorvete de casquinha e — talvez o mais estranho de tudo — parecem sempre terrivelmente excitadas e divertidas com o passeio ao zoológico. Os outros visitantes do zoológico, da minha idade ou mais velhos, geralmente olham para elas com uma expressão sonhadora e um sorriso, e, quando percebem que estão sendo observadas, as crianças apontam para um bicho, um elefante, digamos, e gritam, “Olha o tamanho desse elefante!”, e as pessoas mais velhas sorriem umas para as outras, sentindo-se reconfortadas. Algo parece estranho em tudo isso. Será que essas crianças são robôs?

E o mais sinistro: se elas são robôs, onde estão as crianças *de verdade*?

Sempre que entro na Casa dos Répteis, vejo uma mulher de vestido vermelho. Às vezes, ela está deitada em um banco perto das iguanas, dormindo. Outras vezes, passeando a esmo. Hoje ela estava com um sanduíche na mão, assistindo a píton deslizar pelos galhos de uma árvore sintética, atrás do vidro de sua jaula. Agora que estou registrando isso, fico me perguntando sobre essa píton. Ela está sempre deslizando naqueles galhos. No entanto, na minha lembrança, muito tempo atrás, quando eu era menino (quanto tempo faz, evidentemente, não tenho como saber), as cobras grandes dos zoológicos estavam geralmente dormindo, ou amontoadas adormecidas no canto de seus nichos, parecendo quase mortas. Mas a píton do Zoológico do Bronx está sempre deslizando e mostrando a língua e dando susto nas pessoas que entram na Casa dos Répteis para vê-la. Será que essa píton é um robô?

## **DÉCIMO PRIMEIRO DIA**

As coisas começaram a me arrebatar. Sinto-me abalado enquanto escrevo isto, abalado ao relatar o que pensei hoje. E, no entanto, ficou tão óbvio, tão claro, no momento em que eu vi. Por que eu não tinha pensado nisso antes?

Foi durante um filme. Uma velha estava sentada na varanda (se é assim que chamavam) de uma casinha escura. Ela estava sentada no que se chamava de "cadeira de balanço" e segurava um bebezinho no colo. Então, com uma expressão preocupada, erguia o bebê e a imagem sumia momentaneamente, como costuma acontecer nesses filmes, e as seguintes palavras apareceram na tela: "O bebê da Ellen está com difteria!". E, quando a palavra "bebê" apareceu na tela subitamente, eu me dei conta de que eu não via um bebê de verdade fazia mais tempo do que conseguia me lembrar! Amarelos, azuis, vermelhos: havia tempos incontáveis que eu não via um bebê.

Onde foram parar todos os bebês? E será que alguém já se fez essa pergunta?

E então a voz dentro de mim que vem do treinamento na infância disse: "Não pergunte... relaxe".

Mas eu não consigo mais relaxar.  
Vou parar de gravar e tomar um sedativo.

## **DÉCIMO NONO DIA**

Dezenove. Esse é o número mais alto que eu me lembro de ter usado na vida. Nada na minha vida chegou a uma contagem tão alta antes.

No entanto, suponho, deve ser possível contar os azuis e amarelos de uma vida. Seria algo inútil, é claro, mas possível.

Muitas vezes nos filmes aparecem números grandes. Geralmente associados a guerras. O número 1918 parece ser especialmente comum. Não faço ideia do que significa. Será que houve uma guerra que durou 1918 dias? Mas nada dura tanto tempo assim. A mente se agita ao pensar em algo tão duradouro ou tão grande ou tão extenso.

“Não pergunte... relaxe.” Sim, eu preciso relaxar.

Tenho de me lembrar de comer algumas barras de soja e molho antes de tomar um sedativo. Faz duas noites seguidas que me esqueço de comer.

Às vezes, à noite, estudo meu *Dicionário*, para aprender novas palavras, e às vezes isso me ajuda a adormecer. Mas outras vezes encontro palavras que me despertam. Geralmente são palavras cujas definições me escapam — como “doença” ou “álgebra”. Fico revirando essas palavras na minha cabeça e, em seguida, leio suas definições. Mas estas quase sempre contêm outras palavras insondáveis, que então me despertam ainda mais. E sou obrigado a tomar um sedativo mesmo assim.

Eu não sei como relaxar.

O zoológico ajudava, mas já não vou mais lá, por causa daquelas crianças. Não tenho nada contra robôs, evidentemente. Mas aquelas crianças...

## **VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA**

Hoje fui ao zoológico e falei com a mulher de vermelho. Ela estava sentada no banco perto das iguanas e eu me sentei ao lado dela e falei: “Essa píton é um robô?”.

Ela se virou e olhou para mim. Havia algo de estranho, de místico, nos olhos dela — como olhos de alguém sob hipnose. No entanto, pude ver que ela estava pensando, e que não estava drogada. Ela não disse nada por um bom tempo e eu comecei a pensar que ela não ia mais responder e voltaria para sua Privacidade, do modo como nós todos aprendemos a fazer quando somos incomodados por desconhecidos. Mas, assim que dei de ombros e me levantei, ela disse, “Eu acho que são *todos* robôs”.

Olhei para ela, perplexo. Ninguém falava daquela maneira. No entanto, era o que eu também achava, fazia alguns dias. Foi uma coisa tão perturbadora que me levantei e fui embora, sem agradecer.

Ao sair da Casa dos Répteis, avistei as cinco crianças. Elas estavam todas juntas, todas segurando sorvetes de casquinha, com os olhos arregalados de excitação. Todas elas olharam para mim, sorrindo. Eu virei o rosto...

## **VIGÉSIMO SEGUNDO DIA**

Uma coisa intrigante que sempre aparece nos filmes é um grupo de pessoas chamado “família”. Parece ter sido algo muito comum antigamente. Uma “família” é um grupo de pessoas que estão quase sempre juntas, e até parece que moravam todas juntas. Há sempre um homem e uma mulher — a não ser que um deles tenha morrido; e, mesmo assim, estão sempre falando da pessoa que morreu, e imagens (“fotografias”) da pessoa morta ficam perto das pessoas vivas, nas paredes e em outros lugares. E então há os mais jovens, crianças de diferentes idades. E a coisa mais surpreendente, aquilo que parece característico dessas “famílias”, é que o homem e a mulher são sempre *a mãe e o pai de todas as crianças!* Às vezes há também pessoas mais velhas, e sempre parecem ser as mães e os pais ou do homem ou da mulher! Eu mal consigo entender o motivo disso. *Parece que todos são parentes.*



E, mais do que isso, boa parte dessa sensação de sentimentalidade que esses filmes têm parece profundamente associada a esse parentesco. E isso é apresentado nesses filmes como algo *bom*.

Eu sei, é claro, que não devo julgar moralmente ninguém. E certamente muito menos pessoas de outra época. Eu sei que a vida nos filmes é o contrário do ditado “A solidão é o melhor da vida”; mas não é isso que me incomoda. Afinal, passei dias a fio com outras pessoas — até vi os mesmos estudantes todos os dias durante semanas a fio. Não é o Erro da Proximidade que me incomoda nessas “famílias”. Acho que talvez seja uma espécie de choque por essas pessoas terem assumido esse *risco*. Eles parecem sentir tanta coisa umas pelas outras...

Fiquei chocado e triste com isso.

E elas *conversam* tanto entre si. Seus lábios estão sempre se mexendo, mesmo que não haja palavras audíveis saindo deles.

### **VIGÉSIMO TERCEIRO DIA**

Eu tinha ido dormir ontem à noite pensando nos riscos que aquelas pessoas corriam muito tempo atrás com suas “famílias” e, então, hoje cedo, a primeira coisa que fiz foi ver um filme que mostrava justamente como esses riscos podiam ser.

Na tela, um velho estava morrendo. Ele ficava deitado em uma cama estranha, antiquada, em sua casa — não em um centro para moribundos no hospital — e estava rodeado pela família. Havia um relógio de pêndulo na parede. Havia meninas, meninos, homens, mulheres, velhos — mais do que eu consegui contar. E estavam todos infelizes, todos chorando. E então, quando ele morreu, duas meninas mais novas se atiraram sobre ele e arquejaram com soluços silenciosos. Havia um cão ao pé da cama e, quando o homem morreu, o cão pôs a cabeça entre as patas e aparentemente ficou desolado. E o relógio parou.

Aquele espetáculo de dor inútil me perturbou tanto que interrompi o filme no meio e fui ao zoológico.

Fui diretamente à Casa dos Répteis e a mulher estava lá. Ela estava sozinha, com exceção dos dois velhos de camisa cinza e sandálias que estavam fumando maconha e balançando a cabeça para os crocodilos no tanque, bem no centro da sala. Ela estava passeando com um sanduíche na mão e não parecia concentrada em nada.

Eu ainda me sentia perturbado aparentemente pelo filme, por tudo o que havia acontecido desde que comecei este diário aparentemente e impulsivamente caminhei até ela e perguntei: "Por que você está sempre aqui?"

Ela parou onde estava, virou-se e olhou para mim daquele jeito penetrante e místico. Ocorreu-me que ela talvez fosse louca. Mas isso era impossível. Os Detectores teriam descoberto antes se fosse o caso, e ela estaria vivendo isolada em uma Reserva, extasiada de Valium de Liberação-Prolongada e gim. Não, ela devia ser sã da cabeça. Todo mundo que andava por aí era são.

"Eu moro aqui", disse ela.

Ninguém morava em um zoológico. Não que eu soubesse. E todo o trabalho no zoológico era feito, como em todas as Instituições Públicas, por robôs de algum tipo.

"Por quê?", disse eu. Isso era Invasão de Privacidade. Mas, por algum motivo, achei que essa regra não se aplicava nesse caso. Talvez por causa de todos aqueles répteis deslizando e se contorcendo nas vitrines que nos cercavam. E da folhagem densa, verde, úmida e artificial daquelas árvores artificiais.

"Por que não?", retrucou ela. E então: "Pelo visto, *você* também vem bastante aqui."

Senti que enrubesci. "É verdade. Venho aqui quando estou... entediado."

Ela me olhou fixamente. "Você não toma remédio?"

"Claro que tomo", respondi. E depois: "Mas venho ao zoológico mesmo assim".

"Bem", disse ela, "eu não tomo remédio".

Então fui eu quem olhei fixamente para *ela*. Era uma ideia incrível. "Você não toma remédio?"

“Eu tomava. Mas hoje em dia me dão enjojo.” O semblante dela relaxou um pouco. “Quer dizer, sempre que eu engulo uma pílula, vomito.”

“Mas não existe uma pílula para isso? Quer dizer, um robô droguista poderia...”

“Imagino que sim”, disse ela, “mas será que eu não vomitaria a pílula antivômito?”

Não sei se eu devia sorrir ao ouvir isso, mas sorri. Mesmo que a história tivesse um aspecto chocante.

“Você pode tomar uma injeção...”, sugeri.

“Deixe pra lá”, disse ela. “Relaxe.” Abruptamente, ela se virou e olhou para a jaula das iguanas. As iguanas estavam, como sempre, animadas. Saltavam como sapos em sua vitrine. Ela mordeu seu sanduíche e começou a mastigar.

“Então, você mora aqui, no zoológico?”, perguntei.

“Sim”, disse ela, entre mordidas.

“Não é muito... entediante?”, indaguei.

“Jesus, se é...”

“Então por que você continua aqui?”

Ela me olhou como se não fosse responder. Bastaria, evidentemente, ela dar de ombros e fechar os olhos, e a Polidez Obrigatória exigiria que eu a deixasse em paz. Não se pode interferir no Individualismo de forma impune.

Mas, aparentemente, ela decidiu responder, e eu me senti gratificado — não sei por que — ao notar que ela ia dizer alguma coisa. “Eu moro no zoológico”, disse, “porque não tenho emprego e não tenho outro lugar onde morar”.

Devo ter ficado olhando para ela por um minuto inteiro. E então falei: “Por que você não se marginaliza?”

“Eu larguei. Morei em uma Reserva dos Marginais pelo menos por dois amarelos. Até que comecei a vomitar depois de fumar maconha e tomar pílulas.”

Eu já tinha ouvido falar sobre a maconha das Reservas Marginais, é claro; era cultivada em campos vastos por equipamentos automáticos e supostamente tinha uma potência quase

inacreditável. Mas nunca tinha ouvido falar de ninguém que enjoasse por causa disso.

“E quando você pediu Readmissão... você não devia ter recebido um emprego?”

“Eu não pedi mais Readmissão.”

“Você não...?”

“Não.” Então, ela terminou seu sanduíche, afastando a cabeça e virando-se para a vitrine das iguanas outra vez, mastigando. Por um instante, o que senti não foi perplexidade, mas raiva. Aquelas iguanas estúpidas, saltitantes como rãs!

Então, pensei: *Eu deveria denunciá-la*. Mas, no momento em que pensei, eu já sabia que não faria nada disso. Eu também devia denunciar aquele imolação em grupo, como qualquer pessoa responsável faria. Mas não denunciei. Provavelmente ninguém denunciou. Não se ouvia mais falar de pessoas sendo denunciadas.

Ao terminar de comer, ela se virou para mim e disse: “Acabei de sair do dormitório e vim caminhando para cá. Parece que ninguém reparou”.

“Mas como você faz para viver?”, perguntei.

“Oh, é fácil.” Os olhos dela haviam perdido parte de sua intensidade. “Do lado de fora deste edifício, por exemplo, há uma máquina de sanduíches. Do tipo que funciona com cartão de crédito. E, toda manhã, um servo-robô vem abastecê-la com sanduíches novos. Descobri quando vim pela primeira vez para cá, meio amarelo atrás, que o robô sempre traz cinco sanduíches a mais do que a máquina comporta. É um robô idiota, de modo que ele fica ali parado com os cinco sanduíches a mais. E eu pego dele. É o que eu como durante o dia. E bebo água dos bebedouros.”

“E você não trabalha?”

Ela me olhou fixamente. “Você sabe o que é o trabalho hoje em dia. Eles precisam desativar os robôs para que haja coisas remuneradas para fazer.”

Eu sabia que era verdade. Todo mundo sabia, acho. Mas ninguém na verdade dizia aquilo. “Você poderia trabalhar com jardinagem...”, disse eu.

“Eu não *gosto* de jardinagem”, retrucou.

Caminhei até o banco próximo à jaula da píton. Os dois velhos tinham ido embora, e nós estávamos sozinhos. Não olhei para ela. “O que você *faz?*”, perguntei. “O que você faz quando fica entediada? Aqui não tem nenhuma TV. E você não pode usar o Centro de Diversão em Nova York sem cartão de crédito. E é impossível ter crédito sem trabalho...”

Não houve resposta e, durante um minuto, achei que ela não tinha ouvido. Mas então ouvi seus passos e, no momento seguinte, ela estava sentada ao meu lado. “Ultimamente”, disse ela, “tenho tentado memorizar minha vida”.

“Memorizar minha vida.” A frase me pareceu tão estranha que eu não disse nada. Só fiquei olhando para a píton se contorcendo entre os galhos, nenhum deles de verdade.

“Você deveria tentar algum dia”, aconselhou ela. “Primeiro você lembra uma coisa que aconteceu; depois você vai repassando essa coisa várias vezes. Isso é ‘memorizar’. Se eu continuar fazendo isso por bastante tempo, vou saber a minha vida inteira e vou guardá-la comigo como se fosse uma história ou uma canção.”

*Meu Deus!*, pensei. *Ela deve ser louca!* Mas lá estava ela, e os Detectores a haviam deixado em paz. E então pensei, *Deve ser porque ela não toma mais remédio.* O que teria acontecido com seu *estado mental...?*

Levantei do banco, pedi licença e fui embora.

## **VIGÉSIMO QUARTO DIA**

“Memorizar minha vida.” Eu não conseguia tirar essa frase da cabeça. Durante todo o trajeto do Bronx a Manhattan, e da biblioteca até o ônibus, fiquei olhando para os rostos das pessoas simpáticas, tímidas, inócuas, sentadas, cuidadosamente afastadas umas das outras, nos assentos, ou subindo e descendo pelas avenidas, cuidadosamente evitando cruzar os olhares umas das outras. E continuei pensando, *Memorizar minha vida.* Eu não conseguia parar de repetir, ainda que mal compreendesse o sentido disso.

E então, quando o ônibus se aproximou da biblioteca e eu enviei o desejo de parar no elevador da frente, vi um grande número de pessoas na rua e, de repente, outra frase substituiu a que vinha insistentemente se repetindo na minha cabeça: *Onde estão os jovens?*

Pois não havia nenhum jovem. Todo mundo tinha pelo menos a minha idade. E eu sou mais velho que a maioria dos pais nos filmes. Eu sou mais velho que Douglas Fairbanks em *Capitão Blood* — muito mais velho.

Por que ninguém é mais jovem do que eu? Os filmes estão cheios de jovens. Na verdade, eles são predominantes.

Será que aconteceu alguma coisa?

## **VIGÉSIMO QUINTO DIA**

Quando eu era criança, nos dormitórios, ao lado de outros meninos e meninas da minha classe, não havia crianças menores. Nós éramos os mais novos. Não sei dizer quantos éramos naquele grande e velho conjunto de prédios de permoplástico perto de Toledo, porque nunca ninguém nos contava e não sabíamos nós mesmos contar.

Lembro que havia um edifício velho e silencioso chamado Capela das Crianças, aonde íamos fazer Privacidade Prática e Preparação para Serenidade, por uma hora, todos os dias. A ideia era ficar sentado naquela sala cheia de crianças da sua idade e se esquecer completamente da presença delas enquanto assistíamos a luzes e cores em movimento em uma imensa televisão no centro da sala. Sedativos leves eram servidos por um robô idiota — um Tipo Dois — no início de cada sessão. Lembro que cheguei a um ponto do meu desenvolvimento nessa matéria em que eu entrava após o desjejum, ficava uma hora e deixava meu sedativo adocicado dissolver na boca, então saía para a aula seguinte sem sequer notar a presença de ninguém — mesmo havendo cerca de cem crianças comigo.

Esse prédio foi demolido por uma equipe de máquinas enormes e robôs do Tipo Três, quando nos formamos e mudamos para o Treinamento para os Adolescentes. E, quando mudei para o Centro

de Sono para Adultos, cerca de um azul depois, nosso Centro de Sono para crianças também foi demolido.

Acho que fomos a última geração de crianças de todos os tempos.

## **VIGÉSIMO SEXTO DIA**

Vi outra imolação hoje, ao meio-dia.

Foi no Burger Chef da Quinta Avenida. Costumo almoçar lá, já que meu cartão de crédito da New York University generosamente permite mais algumas despesas além do que eu realmente preciso. Eu havia acabado de comer meu algabúrguer e estava bebendo o segundo copo de chá do samovar, quando senti uma lufada de ar atrás de mim e ouvi alguém dizer: "Oh, meu Deus!". Virei-me, com meu copo de chá na mão, e ali, do outro lado do restaurante, havia três pessoas, sentadas em um reservado, em chamas. As labaredas pareciam muito claras naquele ambiente um tanto escuro e, a princípio, foi difícil ver quem eram as pessoas que estavam pegando fogo. Mas, aos poucos, consegui distinguir as feições, quando seus rostos começaram a se retorcer e escurecer. Eram todos velhos — mulheres, pensei. E, evidentemente, não havia nenhum sinal de dor. Podiam estar jogando buraco, mas estavam morrendo queimados.

Eu quis gritar; mas, é claro, não gritei. E pensei em jogar o meu chá em seus pobres corpos velhos em chamas, mas a Privacidade, evidentemente, me proibia. De modo que simplesmente fiquei ali parado assistindo.

Dois servos vieram da cozinha e pararam ao lado deles — para garantir, imaginei, que o fogo não se espalhasse. Ninguém se mexeu. Ninguém disse nada.

Enfim, quando o cheiro ficou insuportável, saí do Burger Chef. Mas parei quando vi um homem olhando fixamente pela vitrine para as pessoas em chamas. Então eu disse: "Não entendo isso".

O homem olhou para mim, a princípio atônito. E, então, franziu a testa com uma expressão de desgosto, deu de ombros e fechou os olhos.

E eu comecei a corar de constrangimento ao perceber que estava chorando. Eu estava chorando. Chorando. Em público.

## **VIGÉSIMO NONO DIA**

Comecei a escrever este diário. Hoje é meu dia de folga e não assisti a nenhum filme. O que eu fiz foi pegar folhas de papel de desenho e uma caneta do Departamento de Autoexpressão e começar a escrever as palavras do meu diário gravado, usando as letras grandes da primeira página de *Dicionário* como guia. A princípio, foi tão difícil que achei que nunca fosse conseguir continuar; eu reproduzia algumas palavras da gravação e depois as passava em letras no papel. Mas logo isso se revelou uma tortura. E soletrar palavras grandes é ainda mais difícil. Algumas, eu tinha aprendido nos filmes e, por sorte, algumas das maiores recentemente eu encontrara no *Dicionário*, e geralmente consigo encontrá-las por lá, bastando pesquisar.

Acredito que exista algum tipo de princípio na organização das palavras em *Dicionário* — talvez seja por isso que é tão fácil encontrá-las —, mas eu não sei qual é. Ao longo de páginas seguidas, todas as palavras começam com a mesma letra e, de repente, abruptamente, passam a começar com outra, uma letra inteiramente diferente.

Depois de algumas horas escrevendo, minha mão começou a doer e eu não conseguia mais segurar a caneta. Precisei tomar analgésico; mas, quando tomei, percebi que o remédio tornava mais difícil prestar atenção ao que eu estava fazendo, e eu comecei a deixar passar palavras e frases inteiras.

Sempre desconfiei que os remédios podiam afetar assim uma pessoa; mas nunca havia tido uma prova tão convincente antes.

## **TRIGÉSIMO PRIMEIRO DIA**

Hoje não fui ao zoológico.

O dia inteiro escrevi palavras no papel. Da hora do almoço até agora, que começou a escurecer lá fora. A dor na minha mão ficou



intensa, mas eu não tomei analgésicos e, depois de algum tempo, foi como se eu tivesse até esquecido. Na verdade, havia — como direi? — algo *recompensador* na experiência de sentar à minha escrivaninha, com mão e punho doloridos, imprimindo palavras no papel. Terminei o diário até o vigésimo nono dia e, embora esteja aqui agora gravando isso no gravador de voz, não vejo a hora de pegar amanhã o papel e retomar a tarefa de escrever palavras.

Há uma coisa que não me sai da minha cabeça. É a frase: “Memorizar minha vida”, que a mulher na Casa dos Répteis disse outro dia. Ao passá-la por escrito como fiz há uma hora, pude ver uma coisa nessas palavras, algo que levei algum tempo para entender inteiramente. *O que eu fazia também era memorizar minha vida.* Transpor isso ao papel, diferentemente de apenas ler essas palavras no gravador, era um ato mental — isso que a mulher tinha chamado de “memorizar”. Interrompi o trabalho depois de ter escrito as palavras “Memorizar minha vida”, e resolvi fazer uma última coisa. Peguei meu *Dicionário* e fui percorrendo as páginas até chegar ao ponto em que todas as palavras começavam com a letra “M” e comecei a ver uma a uma. Pouco depois, percebi que havia uma espécie de padrão, porque as palavras que começavam com a letra “M” seguida de uma letra “E” também estavam todas juntas. Examinei esse grupo de palavras até finalmente, pesquisando mais um pouco, encontrar a palavra “memorizar”. E essa era a definição: “Decorar, saber de cor”, e como era estranho aquilo — *cór*, de coração. Eu não entendi nada. No entanto, a ideia de “coração” fazia sentido, pois eu sabia que meu coração estava sempre batendo. Sempre.

Nunca na minha vida enxerguei e ouvi e pensei tão claramente. Será que foi porque não tomei nenhum remédio nesse dia? Ou será o ato da escrita? As duas coisas são tão recentes e aconteceram tão próximas uma da outra que não sei o que foi exatamente. É muito estranho se sentir assim. Há uma euforia nisso tudo, mas a sensação de risco é quase aterrorizante.

### **TRIGÉSIMO TERCEIRO DIA**

Ontem à noite, não consegui dormir, fiquei deitado na cama acordado, olhando para o teto de aço inox do meu quarto nos arquivos. Várias vezes pensei em chamar os servo-robôs e pedir um sedativo, mas eu estava determinado a não fazer isso. Em certo sentido, gostei da sensação de privação do sono. Levantei rapidamente e comecei a andar pelo quarto. É um quarto iluminado, com um tapete grosso, pesado, cor de lavanda. Há uma escrivaninha acoplada à cama, onde está meu *Dicionário*. Passei quase uma hora folheando o livro, olhando aquelas palavras. Quantos significados presos naquelas palavras, e que ideia de passado isso dá!

Resolvi sair. Era muito tarde. Não havia ninguém na rua e, embora Nova York seja certamente segura, eu me sentia tenso e um pouco apavorado. Era isso que não me saía da cabeça e que eu não deixaria passar em branco, e eu estava decidido a não tomar um sedativo. Chamei um ônibus telepata e pedi que me levasse ao Zoológico do Bronx.

Estava sozinho no ônibus. Fiquei olhando pela janela o longo caminho cheio de curvas entre os bangalôs e terrenos baldios de Manhattan. Vi luzes acesas nos prédios onde algumas pessoas ainda viam televisão. Nova York é muito pacífica, e especialmente à noite, mas fiquei pensando em todas aquelas pessoas, suas vidas, assistindo televisão, e pensei: *Essas pessoas não sabem nada do passado, nem do próprio passado, nem do passado de ninguém*. E é claro que era verdade e que eu sempre soubera disso a vida inteira. Mas ali, à noite, sozinho no ônibus, atravessando Nova York em direção ao zoológico, senti isso com muito mais força, e a estranheza dessa sensação começou a ser excessiva para mim.

A Casa dos Répteis estava apagada, mas a porta não estava trancada. Fiz barulho ao entrar e ouvi a mulher, assustada, dizer: "Quem está aí?"

Respondi, "Só eu".

Então, ouvi a mulher dizer: "Meu Deus! Agora até à noite você vem?!"

"Acho que sim", disse eu, e então vi um clarão quando ela acendeu o cigarro com um isqueiro e depois a luz ficou mais firme e

pude ver que ela havia acendido uma vela. Ela devia estar com a vela no bolso. Ela equilibrou a vela no banco.

“Bem”, disse eu, “que bom que você tem luz!”.

Ela devia estar dormindo no banco, pois se espreguiçou, e depois disse: “Venha. Você pode se sentar aqui”.

Então fui até lá e me sentei ao lado dela. Senti minhas mãos trêmulas. Fiz de tudo para que ela não percebesse. Por algum tempo, ficamos em silêncio, sentados no banco. Não dava para ver os répteis nas vitrines, e eles também não faziam nenhum ruído. A sala inteira estava em silêncio. A luz da vela se deslocou em seu semblante. Finalmente, ela falou.

“Você não deveria ficar no zoológico à noite”, disse ela.

Olhei para ela e disse: “Nem você”.

Ela olhou para as mãos, dobradas no colo. Havia algo simpático naquele gesto. Eu tinha visto aquilo muitas vezes nos filmes antigos. Mary Pickford. Ela olhou para mim. A intensidade de seu olhar parecia um pouco atenuada pela luz de vela.

“Por que você veio para cá?”, perguntou.

Olhei para ela por muito tempo antes de falar e, então, eu disse: “Foram as palavras que você usou no outro dia. Elas não me saem da cabeça. Você disse que ia memorizar a sua vida”.

Ela assentiu.

“A princípio, não entendi o que você quis dizer”, expliquei, “mas agora acho que entendi. Na verdade, acho que estou tentando fazer a mesma coisa ou algo parecido. Não a minha vida no começo, não a minha infância ou nos dormitórios ou quando eu estava na universidade, mas a vida que estou levando agora, já faz algum tempo. Estou tentando memorizar essa parte”. Parei. Não sabia exatamente como continuar. Ela estava olhando para mim bem de perto.

“Então eu não sou a única”, disse ela. “Talvez eu tenha começado alguma coisa.”

“Sim”, disse eu, “talvez você tenha. Mas eu tenho uma coisa que talvez seja útil para você. Sabe o que é um gravador?”.

“Acho que sei”, respondeu. “Não é onde você fala e ele repete o que você falou? Como quando você telefona para uma biblioteca

pedindo informação e a voz que responde não é uma pessoa falando na hora, mas alguém que falou aquilo algum tempo atrás.”

“Sim”, disse eu. “A ideia é essa. Eu tenho um gravador. Achei que você poderia gostar de experimentar.”

“Você está com ele aí agora?”, perguntou ela.

“Estou”, disse eu.

“Bom”, disse ela. “Seria interessante, mas vamos precisar de luz.” Ela se levantou do banco e atravessou a sala, afastando-se da luz da vela, e ouvi o som de algo sendo aberto. Então, ouvi um estalo e a sala ficou inundada de claridade. O brilho do vidro de todos os nichos me ofuscou e, dentro deles, todos os répteis, iguanas, píton, lagartos verdes, imensos crocodilos marrons nas jaulas, lá estavam, todos eles parados, imóveis, silenciosos em meio àquela vegetação sintética. Ela voltou para o banco e sentou-se ao meu lado. Então, pude ver que seu cabelo estava todo emaranhado e seu rosto apresentava marcas de ter dormido no banco. No entanto, mesmo assim, ela parecia bem-disposta e bastante desperta.

“Vamos experimentar esse gravador”, disse, ela.

Procurei no bolso e mostrei a ela. “Aqui está”, disse eu. “Vou mostrar como funciona.”

Acho que ficamos ali por mais de uma hora. Ela ficou fascinada com o gravador e perguntou se poderia ficar com ele por algum tempo, mas eu disse que era impossível, que eu precisava usar no meu trabalho e que os gravadores eram muito difíceis de encontrar. Por um momento, quase contei a ela sobre a leitura e a escrita, mas alguma coisa me impediu de fazer isso. Talvez eu contasse a ela em outra ocasião. Quando eu disse que estava na hora de voltar para onde eu morava, ela disse: “Onde você mora? Onde você trabalha?”

“Na New York University”, respondi. “Só estou trabalhando lá temporariamente neste verão. Eu moro em Ohio.”

“O que você faz na universidade?”, perguntou ela.

“Trabalho com filmes antigos”, respondi: “Você sabe o que é um filme?”

“Filme? Não”, disse ela.

“Bem, filme é como uma gravação de vídeo. Uma maneira de gravar imagens em movimento. Era o que se fazia antes de

inventarem a televisão.”

Ela arregalou os olhos. “Antes da invenção da televisão?”

“Sim”, disse eu, “houve uma época em que a televisão não havia sido inventada ainda.”

“Meu Deus”, exclamou ela. “Como você sabe disso?” Na verdade, evidentemente, eu não sabia, mas deduzi dos filmes que eu tinha visto e que eram anteriores à televisão, porque, as pessoas nas casas daquelas famílias dos filmes nunca tinham televisão. A ideia de que a sequência dos acontecimentos e circunstâncias — de que as coisas nem sempre tinham sido as mesmas — foi uma das coisas estranhas e impressionantes que me ocorreram ao me dar conta de algo que só posso chamar de passado.

“Isso é muito esquisito”, disse a garota, “pensar que um dia não existiu televisão. Mas acho que consigo entender isso. Sinto que posso entender um bocado de coisas, desde que comecei a memorizar minha vida. Você fica com a sensação de que uma coisa vem depois da outra e de que, então, ocorre a mudança.”

Olhei para ela. “Meu Deus, é mesmo”, disse eu. “Sei exatamente do que você está falando.” Então, peguei meu gravador e saí. O ônibus telepata estava esperando. Estava começando a amanhecer o dia. Havia passarinhos cantando e eu pensei: *Só o pássaro imitador canta na borda do bosque*. Mas dessa vez pensar nisso não me deu nenhuma tristeza.

Enquanto caminhava até o ônibus, de alguma maneira, eu me senti incomodado. Senti como se ela tivesse me prestado um grande serviço. O nervosismo que levava até o zoológico bem no meio da noite agora se dissipava, como se eu tivesse tomado dois comprimidos de Nembucaína... Mas eu não sabia como agradecer a ela, de modo que apenas voltei para o edifício e falei: “Boa noite”, e me virei para ir embora outra vez.

“Espere”, disse ela, e eu me virei de novo para vê-la.

“Por que você não me leva junto?”

Isso me atingiu como um choque. “Por quê?”, perguntei. “Sexo?”

“Talvez”, disse ela. “Não necessariamente. Eu... gostaria de usar o seu gravador.”

“Não sei”, disse eu. “Tenho um acordo com a universidade. Não tenho certeza...”

De repente, a expressão dela mudou. Seu semblante ficou assustadoramente contraído de raiva — uma raiva tão grande quanto a da expressão de alguns atores nos filmes. “Pensei que você fosse diferente.” A voz dela saiu trêmula, mas contida. “Pensei que você não se importasse de cometer Erros. Ou de quebrar Regras.”

A raiva dela era bem perturbadora. Mostrar raiva em público — e ali era, em certo sentido, um lugar público — era um dos piores Erros. Quase tão grave quanto chorar na saída do Burger Chef. E então pensei comigo mesmo, no meu choro, e fiquei sem saber o que dizer.

Ela deve ter interpretado meu silêncio como uma recusa, ou como o início de uma Retirada para Privacidade, porque de repente ela disse: “Espere”.

Ela saiu rapidamente da Casa dos Répteis e eu fiquei lá dentro parado, sem saber o que fazer em seguida. Logo ela voltou. Trazia uma pedra do tamanho da mão. Ela devia ter tirado de um dos canteiros de flores lá fora. Fiquei assistindo, fascinado.

“Deixa eu te mostrar uma coisa sobre Erros e Regras de Comportamento”, disse ela. Ela deu alguns passos para trás e atirou a pedra na vitrine da píton. Foi espantoso. A princípio, houve um barulho muito alto e a frente da vitrine cedeu para dentro. Um grande triângulo de vidro se estilhaçou no chão aos meus pés. Enquanto fiquei ali horrorizado, ela foi até a jaula, estendeu as mãos e puxou a píton para fora. Estremeci; a confiança dela era arrebatadora. E se a cobra não fosse um robô?

Ela arrastou a criatura pela cabeça, abrindo sua boca e se inclinando para olhar dentro dela. Então, ela estendeu a cabeça da cobra para mim, com aquela boca larga e de aparência maligna escancarada. Nós estávamos certos. Cerca de trinta centímetros cobra adentro, havia a inconfundível bateria nuclear dos robôs Classe D.

Fiquei horrorizado demais com o que ela havia feito para dizer qualquer coisa.

E, enquanto ficamos ali parados no que devia parecer um "tableau" dos filmes antigos, enquanto triunfantemente ela segurava a serpente e eu observava com horror a magnitude do que ela havia feito, ouvimos um súbito ruído atrás de mim e eu me virei no momento em que a porta que havia na parede entre dois nichos de répteis se abriu e um robô Segurança alto e feroz surgiu a passos pesados. Enquanto o robô se aproximava de nós, sua voz estrondeava: "Você está preso. Você tem o direito de permanecer em silêncio, você..."

A mulher olhava friamente para o robô, que gesticulava acima da cabeça dela. E então ela o interrompeu rispidamente. "Dê o fora, robô", ordenou ela. "Dê o fora e cale essa boca."

O robô parou de falar e ele ficou imóvel.

"Robô", disse ela. "Pegue essa maldita cobra e dê um jeito de consertá-la."

Então, o robô pegou a cobra da mão dela em seus braços e, silenciosamente, saiu da sala no meio da noite.

Eu mal sabia o que estava sentindo ao ver tudo aquilo. Foi como ver aquelas cenas violentas nos filmes, como a cena de *Intolerância*, em que grandes edifícios de pedra desabam. Você fica olhando fixamente para tudo e não sente nada.

Mas então comecei a pensar, e disse: "Os Detectores..."

Ela olhou para mim. Seu rosto estava surpreendentemente calmo. "Você tem que tratar os robôs assim. Eles foram feitos para servir às pessoas, e ninguém mais se lembra disso."

*Servir às pessoas?* Isso soou como se fosse verdade. "Mas e os Detectores?"

"Os Detectores já não detectam mais nada", disse ela. "Olhe para mim. Eles não me detectaram. Por roubar sanduíches. Por dormir em Lugar Público. Por abandonar a Reserva dos Marginais sem solicitar Readmissão."

Não falei nada, mas o choque deve ter transparecido no meu rosto.

"Os Detectores não detectam mais *nada*", disse ela. "Talvez nunca tenham detectado nada. Eles não precisam. Todo mundo está

tão condicionado desde a infância que ninguém nunca *faz* nada errado.”

“Tem pessoas que se matam ateando fogo em si mesmas”, disse eu. “Acontece com frequência.”

“E por acaso os Detectores as interrompem?”, observou ela. “Por que os Detectores não ficam sabendo que as pessoas andam tendo pensamentos desequilibrados, suicidas, e não as impedem?”

Só consegui assentir. Aquela mulher tinha razão, naturalmente.

Olhei para o vidro quebrado no chão e então para a vitrine rachada com a árvore de plástico dentro, agora sem nenhum movimento. Depois olhei para ela, parada ali na Casa dos Répteis, sob aquela luz forte artificial, calma, sóbria, e — receei — completamente louca.

Ela estava olhando para a jaula da píton. Em um dos galhos mais altos da árvore lá dentro, havia uma espécie de fruto pendurado. Abruptamente, ela enfiou o braço na jaula e esticou na direção do fruto, claramente com a intenção de colhê-lo.

Fiquei observando atentamente. O galho era muito alto, e ela precisou ficar na ponta dos pés e esticar o braço ao máximo, para conseguir segurar a base do fruto com a ponta dos dedos. Com a luz forte do interior da jaula passando através de seu vestido, seu corpo ficou delineado claramente; era bonito.

Ela colheu o fruto, e ficou parada como uma dançarina ali por um instante. Então, ela trouxe o fruto para a altura dos seios e, virando-o na mão, olhou para ele. Era difícil dizer que tipo de fruto era aquele; parecia uma espécie de manga. Por um momento, pensei que ela fosse tentar comê-lo, mesmo tendo certeza de que era de plástico, mas então ela esticou o braço e o ofereceu a mim. “Certamente não é para comer”, disse ela. A voz dela soou surpreendentemente calma, resignada.

Peguei o fruto da mão dela. “Por que você o colheu então?”, perguntei.

“Não sei”, respondeu. “Parecia a coisa certa a se fazer.”

Olhei para ela por um longo tempo, sem falar nada. Apesar das rugas da idade e das marcas de sono em seu rosto, apesar da aparência em desalinho de seu cabelo, ela era muito bonita. E, no



entanto, eu não senti nenhum desejo — apenas uma espécie de temor reverente. E uma ligeira sensação de medo.

Então, enfiei o fruto de plástico no bolso e falei: “Vou voltar para a biblioteca e tomar sedativos”.

Ela se virou, olhando de novo para a jaula vazia. “Está bem”, disse ela. “Boa noite.”



Quando voltei, pus o fruto em cima do meu *Dicionário*, que ficava no meu beliche-escrivania. Depois tomei três sedativos. E dormi até o meio-dia de hoje.

O fruto ainda está ali parado. Eu gostaria que isso significasse alguma coisa, mas não significa nada.

## **TRIGÉSIMO SÉTIMO DIA**

Quatro dias sem remédio. E apenas dois baseados por dia — um depois do jantar e um antes de dormir. Está tudo muito estranho. Eu me sinto tenso e, de alguma maneira, empolgado.

Estou quase sempre inquieto e preciso andar para lá e para cá no corredor do lado de fora do meu quarto, no subsolo da biblioteca. Os corredores são intermináveis, labirínticos, cobertos de musgo e ligeiramente úmidos. Atravesso umbrais e, eventualmente, abro uma porta e olho o interior das salas, lembrando-me de quando encontrei meu *Dicionário*, um tanto apreensivo com a possibilidade de encontrar alguma coisa. Não sei ao certo se quero encontrar algo. Já encontrei bastante coisa desde que vim para cá.

Mas as salas estão sempre vazias. Algumas têm prateleiras, do chão ao teto, mas essas prateleiras estão sempre vazias. Olho à minha volta, depois fecho a porta e continuo andando pelo corredor. Os corredores sempre têm cheiro de mofo.

As portas têm cores diferentes, para que se possa distingui-las. A minha porta é cor de lavanda, para combinar com o tapete do interior.

Logo que me mudei para cá, a sensação de perambular neste edifício vasto e vazio foi apavorante. Mas agora isso me dá até uma

espécie de conforto.

Já não cochilo mais, como fazia antes.

### **QUADRAGÉSIMO DIA**

Quarenta dias. Está tudo passado por escrito e sobre a escrivaninha à minha frente, em setenta e duas páginas de papel de desenho. Tudo escrito por mim.

É a grande realização da minha vida. Sim, eu usei esta palavra: uma grande *realização*. Aprender a ler foi uma realização. Ninguém mais sabe disso além de mim. Spofforth não sabe disso. Mas também Spofforth é um robô; e os robôs podem fazer qualquer coisa. Mas os robôs não realizam nada; eles foram construídos para fazer o que fazem, e não podem mudar.

Transcrevi sete filmes hoje, e mal me lembro de uma palavra que li no gravador.

Ela não me sai da cabeça. Vejo-a entre as árvores e as samambaias, com a vitrine da jaula por trás, oferecendo-me o fruto de plástico.

### **QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO DIA**

Quase todos os Burger Chefs são pequenos edifícios de permoplástico, mas o da Quinta Avenida é o maior e é feito de aço inoxidável. Nas mesas, há luminárias vermelhas em formato de tulipa, e o Soul Musak saindo dos alto-falantes é uma música de balalaicas. Há grandes samovares de latão em cada ponta do bufê vermelho e as garçonetes — robôs Tipo Quatro de uma mulher clonada — usam bandanas vermelhas na cabeça.

Estive lá hoje cedo para tomar café da manhã: ovos sintéticos mexidos e chá quente. Enquanto eu esperava na fila para ser servido, o homem na minha frente, um baixinho de macacão marrom e uma expressão de serenidade vazia, estava pedindo que lhe servissem como café da manhã uma porção de Batatas Fritas Douradas Escuras. Ele estava com o cartão de crédito na mão e eu

vi que era um cartão laranja, o que significava que ele era alguém importante.

A garçonete robô atrás do balcão disse que era proibido pedir Batatas Fritas Douradas Escuras no café da manhã. Abruptamente, a expressão serena dele sumiu, e ele disse: "O que você quer dizer com isso? Eu não estou tomando café da manhã."

Ela olhou estupidamente para o bufê e disse: "Batatas Fritas Douradas Escuras só como acompanhamento do Prato Super Chef". Então, ela olhou para a robô idêntica de pé a seu lado. Ambas tinham sobancelhas unidas sobre o nariz. "Só como acompanhamento do Prato Super Chef. Não é, Marge?"

Olhei para o outro lado do bufê e vi que ali havia pilhas de batatas fritas em saquinhos plásticos.

Marge disse: "Batatas Fritas Douradas Escuras só como acompanhamento do Prato Super Chef".

A primeira robô olhou de novo para o homem, brevemente, depois tornou a baixar os olhos. "Batatas Fritas Douradas Escuras só como acompanhamento do Prato Super Chef", repetiu.

O sujeito ficou furioso. "Está bem", disse. "Então, eu vou querer esse Prato Super Chef com as batatas."

"Com Batatas Fritas Douradas Escuras?"

"Sim."

"Infelizmente, senhor, a máquina que prepara o Prato Super Chef não está funcionando direito hoje. Nós só vamos ter ovos sintéticos, *bacon* artificial e Torradas Douradas Escuras."

## **QUADRAGÉSIMO SEGUNDO DIA**

Ela está aqui na biblioteca! Agora está dormindo, no tapete grosso de uma sala vazia, no final do corredor.

Quero primeiro escrever como isso aconteceu.

Eu havia decidido nunca mais voltar ao zoológico. Mas ontem não consegui parar de pensar nela. Não era sexo, nem essa ideia que chamavam de "amor", de que tantos filmes tratam. A única maneira de explicar a mim mesmo é dizer que ela era a pessoa mais *interessante* que eu já tinha conhecido.

Acho que, se eu não tivesse aprendido a ler, não teria me interessado por ela. Só teria ficado assustado.

Ontem depois do almoço, peguei o ônibus para o zoológico. Era quinta-feira, portanto chovia. Não havia ninguém na rua além de alguns robôs idiotas esvaziando latas de lixo e aparando as cercas vivas nos parques e jardins da cidade.

Ela não estava na Casa dos Répteis quando entrei. E eu fiquei espantado — assustado com a possibilidade de ela ter ido embora e eu nunca mais voltar a vê-la. Tentei sentar no banco e esperar por ela, mas eu estava tão inquieto que precisei caminhar. Mas antes fiquei observando os répteis por algum tempo. A vitrine da píton havia sido consertada; mas a píton não estava lá dentro. Em vez disso, havia quatro ou cinco cascavéis-diamante, agitando seus chocalhos com entusiasmo, com o mesmo tipo de determinação da criança com o sorvete de casquinha que eu tinha visto lá fora.

Após algum tempo, cansei de ficar olhando aquelas criaturas hiperativas e, ao perceber que a chuva havia parado, saí.

O menino, ou algum outro igualzinho, estava lá na calçada do parque. Como não havia quase ninguém no zoológico, a criança deve ter resolvido concentrar sua atenção em fazer uma espécie de apresentação só para mim. Ele veio andando na minha direção, e disse: “Olá, senhor. É tão divertido ver os bichos, não é?”.

Continuei caminhando, sem responder. Eu podia ouvir que ele vinha atrás de mim, e peguei um caminho em direção à ilha no meio de um fosso onde estavam as zebras.

“Rapaz!”, disse a criança. “Essas zebras estão animadas hoje!”

Alguma coisa ali me fez sentir uma coisa que eu não me permitia sentir desde que era criança: raiva. Virei-me e, furioso, encarei a criaturazinha rechonchuda e sardenta. “Dê o fora, robô”, disse.

Ele não olhou para mim. “Essas zebras...”, começou ele.

“Dê o fora.”

E então ele se virou e, abruptamente, começou a pular e saltitar na outra calçada e foi embora.

Eu me senti bem com isso. Mesmo sem ter plena certeza de que ele *era* um robô. Supostamente, os robôs são identificados por seus

lóbulos das orelhas coloridos, mas, como todo mundo, a vida inteira ouvi rumores de que não era sempre assim.

Por um tempo, concentrei-me nas zebras. Mas não conseguia, devido a todos os diversos sentimentos que eu vinha experimentando: uma espécie de exultação ao ter silenciado aquela criança — ou o que quer que ele fosse — e toda uma série de sentimentos misturados a respeito de uma mulher, dos quais o mais importante era o pavor de que ela pudesse ter ido embora. Ou será que ela podia ter sido descoberta, afinal?

Nenhuma das zebras estava muito animada; talvez isso signifique que eram zebras de verdade.

Após algum tempo, comecei a andar de novo e, então, olhei mais adiante em meu caminho, na direção de um pequeno bebedouro cinzento, e lá estava ela em seu vestido vermelho, andando na minha direção, trazendo um buquê de junquinhos amarelos na mão. Parei de andar, e, por um momento, senti como se meu coração fosse parar de bater.

Ela veio até mim com as flores e estava sorrindo. “Olá”, disse ela.

“Olá”, respondi. E então: “Meu nome é Paul”.

“O meu é Mary”, disse ela. “Mary Lou Borne.”

“Onde você estava? Eu fui até a Casa dos Répteis.”

“Estava andando por aí. Fui passear antes do almoço e a chuva me pegou no caminho.”

Então, vi que seu vestido vermelho e seu cabelo estavam molhados. “Oh”, exclamei. “Fiquei com medo de que você tivesse... ido embora.”

“Que tivessem me detectado?” Deu uma risada. “Vamos voltar para a casa das cobras e comer um sanduíche.”

“Já almocei”, disse eu, “e você devia vestir uma roupa seca”.

“Não tenho nenhuma roupa seca”, informou ela. “Este vestido é a única coisa que tenho.”

Hesitei por um instante, mas falei. E então disse. Não sei de onde isso veio; mas falei. “Volte para Manhattan comigo e vou te comprar um vestido.”

Ela mal pareceu surpresa. “Só preciso buscar um sanduíche...”

Comprei-lhe um vestido de uma máquina na Quinta Avenida — um vestido amarelo de um tecido lindo, rústico, chamado Synlon. Quando chegamos lá de ônibus, o cabelo dela já havia secado, e ela estava estonteante. Ainda estava com as flores, que combinavam com o vestido.

Aprendi essa palavra “estonteante” em um filme de Theda Bara. Um nobre e um criado estão observando a senhorita Bara, com um vestido preto, levando flores brancas, descer uma escada curva. O criado dizia, e as palavras eram mostradas: “Linda. Muito linda”, e o nobre assentia brevemente e dizia: “Ela está *estonteante*”.

Não conversamos muito no ônibus. Quando entrei com ela no meu quarto-escritório, ela sentou no sofá de plástico preto e olhou ao redor. O ambiente era amplo e tinha móveis coloridos — tapete cor de lavanda, gravuras florais vibrantes nas paredes de aço e iluminação suave — e eu realmente senti orgulho do lugar. Eu teria gostado de ter uma janela; mas era um porão — o quinto subsolo, na verdade — e muito abaixo do nível da rua para ter janelas.

“O que você achou do lugar?”, perguntei.

Ela se levantou e endireitou um quadro de flores. “Lembra um pouco um bordel de Chicago”, disse ela. “Mas gostei.”

Não entendi. “O que é um bordel de Chicago?”, perguntei.

Ela olhou para mim e sorriu. “Não sei. É uma coisa que o meu pai costumava dizer.”

“O seu *pai*?”, perguntei. “Você teve pai?”

“Mais ou menos. Quando fugi dos dormitórios, um homem muito velho tomou conta de mim. No meio do deserto. O nome dele era Simon e, sempre que ele via alguma coisa muito brilhante, como um pôr do sol, ele dizia: ‘Isso parece um bordel de Chicago’.”

Ela ficou olhando o quadro que havia endireitado. Então, deu as costas para o quadro e foi se sentar no sofá. “Eu adoraria beber alguma coisa”, disse ela.

“O álcool não deixa você enjoada?”

“Não se for Gim-Sintético”, disse. “Não se eu beber só um pouco.”

“Está bem”, disse eu. “Acho que posso arranjar.” Apertei o botão na escrivaninha para chamar o servo-robô e, quando ele chegou,

quase imediatamente, pedi que trouxesse dois copos de Gim-Sintético e gelo.

Quando ele se virou para sair, ela disse: "Espere um pouco, robô", e então ela olhou para mim. "Tudo bem se eu pedir alguma coisa para comer? Estou terrivelmente cheia daqueles sanduíches do zoológico."

"É claro", disse eu. "Perdão, eu não tinha pensado nisso." Fiquei um pouco desconcertado pelo modo como ela parecia estar tomando conta da situação, mas, ao mesmo tempo, eu estava contente em ser seu anfitrião, especialmente porque eu ainda tinha muito crédito para gastar no meu cartão da NYU. "A máquina do refeitório faz um bacon artificial muito bom, e sanduíches de tomate."

Ela franziu a testa. "Eu jamais comeria bacon artificial", disse ela. "Meu pai tinha nojo de comida artificial. E que tal um rosbife? Mas não um sanduíche."

Virei-me para o robô. "Você pode trazer um prato de rosbife fatiado?"

"Sim", disse o robô. "Claro."

"Muito bem", disse eu, "e me traga também um pouco de rabanete e alface, com a bebida".

O robô saiu, e por um minuto, houve um silêncio constrangedor no ambiente. Fiquei surpreso com isso e, de certa forma, na verdade, um pouco satisfeito. Às vezes, a Mary Lou parecia não ter nenhuma sensibilidade.

Rompi o silêncio. "Você fugiu do seu dormitório?"

"Quando cheguei à puberdade. Eu fugi de muitos lugares." Eu nunca tinha nem pensado que alguém pudesse *querer* fugir de um dormitório. Não, isso não era verdade. Lembrei que, quando era criança, ouvi meninos se gabando de que 'iam sair correndo', porque tinham sido tratados injustamente por um robô-professor ou coisa parecida. Mas ninguém nunca tinha fugido mesmo. À exceção da Mary Lou, aparentemente.

"E você nunca foi detectada?"

"No começo, eu tinha certeza de que seria." Ela recostou no sofá, relaxando. "Eu sentia um medo terrível. Andei metade de um dia inteiro por uma estrada velha e então encontrei uma antiga cidade

abandonada no deserto. Mas os Detectores nunca vieram.” Ela balançou a cabeça para os lados lentamente. “Foi aí que comecei a perceber que os Detectores na verdade não faziam nada. E que não era preciso obedecer aos robôs.”

Hesitei, lembrando-me de uma coisa que havia acontecido comigo nos dormitórios, quando um robô me pôs de Castigo.

“Você sabe”, disse ela, “eles ensinam que os robôs foram feitos para servir aos humanos. Mas, do jeito que eles falam, a palavra ‘servir’ soa como ‘controlar’. O meu pai, o Simon, chamava isso de ‘conversa de político’.”

“Conversa de político?”

“Um jeito especial de mentir”, disse ela. “O Simon já era muito velho quando eu o conheci. Ele morreu alguns amarelos depois que eu fui morar com ele, e ele já não tinha mais nenhum dente, e estava praticamente surdo. Ele contava muitas coisas que tinha aprendido com o pai *dele* — ou alguém assim — e que eram muito antigas.”

“Ele recebeu formação nos dormitórios?”

“Isso, eu não sei. Nunca pensei em perguntar isso a ele.”

O robô voltou com a nossa comida e as bebidas. Ela pegou o prato de rosbife com uma mão e o Gim-Sintético com a outra, e se acomodou confortavelmente no sofá. Tomou um longo gole no gim, engoliu com um breve estremecimento, e então pegou uma fatia de carne com os dedos e comeu de um jeito bem natural, que era inteiramente novo para mim — eu nunca tinha visto ninguém comer com a mão.

“Você sabe”, disse, “provavelmente quem me fez pegar o hábito de comer carne foi o Simon. Ele afanava gado dos grandes ranchos automáticos e, às vezes, caçava animais selvagens.”

Eu nunca tinha ouvido falar em nada daquilo. “Caçar não significa roubar?”, perguntei.

Ela assentiu. “Acho que sim.” Ela pegou outra fatia de carne do prato e, então, pôs o prato no sofá ao seu lado. Ela segurou a carne com os dedos e bebeu outro gole do gim. “Não me pergunte sobre os Detectores”, disse. “Porque nunca apareceu nenhum.” Então, ela terminou seu gim de um único gole. “O Simon dizia que, durante



toda a sua vida, ele nunca tinha visto um Detector, nem tinha ouvido falar de ninguém que tivesse sido detectado.”

Era algo terrivelmente chocante, mas parecia ser verdade. Eu não era jovem e nunca tinha visto um Detector, nem nunca soube de ninguém que tivesse sido detectado. Mas também nunca havia conhecido ninguém, até então, que tivesse corrido esse risco.



Paramos de falar por algum tempo, e ela se concentrou em terminar a carne do prato. Fiquei só olhando para ela comendo, ainda um tanto espantado com ela, com o fato de ela ser tão interessante — e fisicamente atraente — e com o fato de ela ter vindo ficar comigo.

Pensei em sexo, é claro, mas achei que não aconteceria tão cedo. Eu preferiria que não acontecesse, porque sou mais tímido que a maioria das pessoas nesse assunto, e embora ela fosse muito atraente — fato que se tornou mais evidente que nunca depois que terminei meu gim —, eu estava apreensivo demais para qualquer coisa desse tipo.

Então, depois do que pareceu um longo intervalo, ela disse: “Posso ver o seu gravador de novo?”, e eu disse, “Claro”, e fui até a escrivaninha buscar. Ao lado do gravador, estava o fruto falso que ela havia colhido da jaula da píton; desde que chegara, aparentemente, ela não havia reparado nisso.

Deixei o fruto ali, peguei o gravador da escrivaninha e levei para ela.

Ela se lembrava de como funcionava. “Você se incomoda”, perguntou, “se eu gravar alguma coisa?”.

Eu disse que podia. Então pedi ao robô que nos trouxesse mais Gim-Sintético e mais gelo, e me deitei na cama e fiquei ouvindo enquanto ela falava para o gravador.

Levou algum tempo até que eu percebesse o que ela estava fazendo. Ela falava com uma voz lenta, hipnotizada, e dizia as palavras aparentemente sem sentimento algum. Ela estava, acabei entendendo, contando sua “vida” tal como ela havia “memorizado” — repetindo as palavras que ela havia aprendido a repetir de tanto praticar:

“Lembro-me de uma cadeira do lado da minha cama. Lembro de um vestido verde que eu usava nas aulas. Todo mundo tentava se vestir diferente do outro, para mostrar a própria Individualidade. Mas acho que todo mundo era parecido.

“Eu era muito boa nas aulas, mas eu odiava.

“Eu me lembro de uma menina chamada Sarah, que tinha espinhas nojentas no rosto. Ela foi a primeira que me falou sobre sexo. Ela já tinha feito, enquanto outras crianças ficaram assistindo. Aquilo me pareceu... errado.

“Havia um deserto em volta do lugar onde nós morávamos e às vezes vinham monstros-de-gila dormir no nosso dormitório. Os robôs pegavam esses lagartos e os levavam embora. Eu sentia pena daqueles lagartos grandes e estúpidos. Na Casa dos Répteis, eles não têm nenhum monstro-de-gila, mas eu acho que eles deveriam ter...”

E ela continuou nisso. A princípio, fiquei interessado, mas, após algum tempo, fiquei com sono. Tinha sido um dia cansativo. E eu não estava acostumado a beber daquele jeito.

Em algum ponto durante a gravação dela, adormeci.

Quando acordei na manhã seguinte, ela já fora embora. A princípio, fiquei preocupado com a possibilidade de que ela tivesse sumido de vez. Mas procurei nas outras portas do corredor e, após alguns apartamentos vazios, encontrei-a. Ela estava encolhida no centro da sala, sobre um tapete grosso laranja, dormindo como uma criança. Meu coração se aqueceu ao vê-la. Senti como se... eu fosse um *pai*. E um amante também.



Depois voltei para o meu escritório e comi, e comecei a escrever isto.

Quando eu terminar, vou acordá-la e vamos almoçar em um restaurante.

## **QUADRAGÉSIMO TERCEIRO DIA**

Depois de acordá-la, levei-a até a Quinta Avenida, de esteira rolante, e almoçamos em um restaurante vegetariano. Comemos espinafre e feijão.

Nenhum de nós havia tomado remédio ou fumado maconha, e foi surpreendente perceber como todo mundo à nossa volta parecia entorpecido e drogado. Exceto, é claro, os robôs que nos serviam. Um casal de idosos na mesa ao lado não parava de se repetir, em uma espécie de imitação sem sentido de uma conversa. Ele dizia: "A Flórida é o melhor lugar do mundo", e ela dizia: "Não entendi o seu nome", e ele dizia: "Gosto da Flórida", e ela dizia: "É Arthur, não é?", e a coisa continuou assim ao longo da refeição. Eles deviam ter uma conexão sexual, mas não conseguiam se conectar de outro jeito. Conversas como aquela não eram raras, mas ali, com a Mary Lou, onde cada um tinha coisas para dizer um para o outro, e com as nossas cabeças lúcidas, foi tudo especialmente marcante. E triste.

## **QUADRAGÉSIMO SEXTO DIA**

Mary Lou estava ali comigo havia três dias. Nos primeiros dois dias, ela dormiu até o meio-dia, depois de me pedir para não acordá-la. Eu passei todas as manhãs trabalhando em um filme sobre homens sem camisa e que moravam em um tipo de veleiro que atravessava o oceano. Durante a maior parte do tempo, os homens estavam brigando com facas e espadas. Eles diziam coisas como "Cáspite!" e "Eu sou o senhor dos mares". Era interessante, mas Mary Lou ocupava demais meu pensamento para conseguir prestar muita atenção.

Só trabalhei de manhã nesses dois dias, pois, por algum motivo, eu estava relutante em deixar que ela me visse trabalhando. Não sei por que; mas eu não queria que ela soubesse que eu sabia ler.

E então, na terceira manhã, ela entrou no meu quarto e trazia um livro na mão. A visão dela ali foi impressionante: ela estava usando um pijama que eu dera para ela, e a parte de cima estava desabotoada, de modo que eu podia ver a região entre seus seios. Ela estava usando um crucifixo no pescoço. Pude ver seu umbigo. "Ei, olha isso!", disse. "Veja o que encontrei." Ela me deu o livro.

A parte de cima do pijama se ajustou ao gesto, e um dos mamilos ficou brevemente à mostra. Fiquei confuso, e devo ter parecido um tolo ali parado, tentando não olhar fixamente. Reparei que ela estava descalça.

“Fique com isso”, disse ela, e colocou o livro na minha mão.

Depois de outro momento de confusão, olhei para o livro. Era um livro pequeno, sem a capa dura que eu achava que todos os livros deviam ter.

Olhei para a capa. A figura da capa — amarela e azul desbotados — não fazia sentido algum. Era um padrão de quadrados escuros e claros, com formas estranhas paradas em alguns desses quadrados. O título era *Finais básicos de xadrez e*, o nome do autor era Reuben Fine.

Abri o livro. O papel estava amarelado, e havia pequenos diagramas de quadrados brancos e pretos, e muitas coisas escritas que pareciam não fazer sentido.

Olhei de novo para a Mary Lou, após recuperar um pouco da calma. Ela deve ter percebido o modo como reagi, porque abotoou a camisa do pijama. Ela estava passando os dedos pelos cabelos, tentando penteá-los.

“Onde você encontrou isso?”, perguntei.

Ela olhou para mim pensativamente. Então disse: “Isso é... será que isso é um *livro*?”

“Sim”, confirmei. “Onde você o encontrou?”

Ela estava olhando fixamente para o livro nas minhas mãos. Então ela exclamou: “Jesus Cristo!”

“O que foi?”

“É só uma expressão”, disse ela. Então pegou minha mão e disse: “Venha. Vou lhe mostrar onde estava.”

Fui atrás dela como uma criança, segurando sua mão. Eu me senti constrangido ao tocá-la e quis tirar a mão, mas não sabia como fazer isso. Ela parecia cheia de determinação e força; fiquei confuso e desorientado.

Ela me levou pelo corredor, mais longe do que eu já tinha ido até então, viramos uma esquina, passamos por uma porta dupla e

depois chegamos a outro corredor. Havia portas por toda parte, e algumas estavam abertas. As salas pareciam estar vazias.

Ela parecia estar tentando adivinhar o que eu estava pensando. “Você já tinha vindo tão longe assim?”, perguntou.

De alguma forma, senti vergonha por nunca ter ido até lá. Mas nunca tinha pensado em olhar em todas as portas. Não me parecia adequado. Não respondi e ela disse, “Depois vou fechar todas essas portas que abri”, e, em seguida, “não consegui dormir ontem à noite, então, depois de um tempo, me levantei e comecei a explorar o edifício”. Ela deu uma risada. “O Simon sempre dizia: ‘Conheça os arredores, meu bem’. Então fiquei perambulando pelos corredores como Lady Macbeth, abrindo todas as portas. Quase todas as salas estavam vazias.”

“O que é Lady Macbeth?”, perguntei, tentando puxar conversa.

“Uma pessoa que anda por aí de pijama”, respondeu ela.

No final desse novo corredor em que estávamos, havia uma grande porta vermelha aberta. Ela me levou até lá e, quando entramos, finalmente ela soltou minha mão.

Olhei ao meu redor. As paredes de aço da sala estavam cobertas de prateleiras aparentemente feitas para livros. Eu tinha visto uma sala como essa em um filme — só que a do filme tinha grandes quadros, mesas e luminárias. Essa não tinha nada além de prateleiras. A maioria delas vazias e cobertas de poeira espessa. Mas uma das paredes, nos fundos da sala, devia ter uns cem livros.

“Olha só isso!”, disse Mary Lou, e correu para a estante. Ela percorreu, muito delicadamente, uma prateleira com a mão. “O Simon me contou que existiam livros. Mas eu não fazia ideia de que existiam tantos.”

Como eu já sabia um pouco sobre livros, isso me deixou mais à vontade — mais no controle da situação — em percorrê-los e inspecioná-los. Tirei um deles da estante. A capa tinha uma versão diferente do mesmo padrão de quadrados, e o título era: *Paul Morphy e a era de ouro do xadrez*. Dentro, havia os mesmos diagramas do primeiro, mas tinha mais palavras de um tipo comum.

Eu estava com esse livro aberto, tentando imaginar o que a palavra “xadrez” poderia significar, quando a Mary Lou falou: “O que

“você *faz* exatamente com um livro?”.

“Você lê.”

“Oh”, disse ela. “E o que significa ‘ler’?”

Balancei a cabeça. Então comecei a virar as páginas do livro que estava segurando e disse: “Essas marcações aqui representam sons. E os sons formam palavras. Você olha para as marcações e se lembra dos sons, e aí você pratica bastante, e elas começam a soar como se você estivesse ouvindo uma pessoa falando. Falando — mas em silêncio.”

Ela ficou durante muito tempo me olhando fixamente. Então, ela tirou um livro da estante, um tanto desajeitadamente, e o abriu. Ela achou uma coisa estranha e complicada de entender, como eu, um amarelo atrás. Ela olhou algumas páginas, passou o dedo, e depois me entregou o livro, com o semblante inexpressivo. “Não entendi”, disse ela.

Comecei a explicar de novo. Então, disse: “Posso dizer em voz alta aquilo que estou lendo. É o que eu faço no meu trabalho — ler e depois dizer em voz alta o que está escrito.”

Ela franziu a testa. “Continuo não entendendo.” Ela olhou para mim e depois para os livros nas prateleiras de aço, e então para o tapete mofado a seus pés. “O seu trabalho é... ler. Livros?”

“Não. Eu leio outra coisa. Uma coisa chamada filmes mudos.” Peguei o livro da mão dela. “Vou ler em voz alta, se puder, o que está escrito. Talvez assim você possa entender melhor.”

Ela assentiu e eu abri o livro no meio e comecei. “A opção preferida pela maioria é cinco B para B quatro, seguida pela Variação Lasker, pois, embora o branco possa retomar o peão, não obtém grande opção de ataque. Como será visto, após o nono movimento do branco, chegaremos a uma posição bem conhecida, e a maioria das autoridades a considera vantajosa para o branco.”

Acho que li direito, quase sem tropeçar em palavras desconhecidas. Eu não fazia ideia do significado.

Mary Lou se aproximara de mim, pressionava o corpo contra o meu, enquanto eu estava lendo. Ela estava olhando fixamente para a página. Então, ela olhou bem nos meus olhos e disse, “Você estava falando coisas que ouviu na sua cabeça só de *olhar* para esse livro?”.

“Exatamente isso”, respondi.

O rosto dela estava perto demais do meu. Ela parecia ter esquecido todas as regras da Privacidade — se é que ela um dia as conhecera. “E quanto tempo levaria para você dizer em voz alta tudo isso...” Ela apertou meu braço e eu precisei me conter para não dar um salto e empurrá-la. Seus olhos ficaram terrivelmente intensos, como às vezes ficam, o que é perturbador. “Para dizer em voz alta tudo o que ouvir na cabeça ao olhar para todas as folhas de papel desse livro?”

Pigarreei, e afastei-a um pouco de mim. “Um dia inteiro, acho. Quando o livro é fácil e você não precisa falar em voz alta, vai mais rápido.”

Ela tirou o livro da minha mão e segurou-o em frente ao próprio rosto, olhando tão intensamente para ele que até achei que ela ia começar a dizer as palavras em voz alta por pura força de concentração. Mas ela não falou nada. O que ela disse foi: “Jesus! Existe tudo isso... tudo isso de gravações silenciosas de BB nisso? Toda essa... informação?”.

“Sim”, confirmei.

“Meu Deus”, disse ela, “devíamos fazer isso com todos. Qual é a palavra mesmo?”.

“Ler.”

“Isso. Devíamos *ler* todos esses livros.”

Ela começou a recolher os livros nos braços e eu fiz a mesma coisa. Levamos os livros pelos corredores até o meu quarto.

## **QUADRAGÉSIMO OITAVO DIA**

Passei o resto da manhã lendo para ela em diferentes livros. Mas foi difícil para mim continuar prestando atenção, pois eu não fazia ideia do que estava sendo dito. Diversas vezes trocamos de livro, mas eram todos sobre xadrez.

Depois de várias horas, ela me interrompeu e perguntou: “Por que todos os livros são sobre xadrez?”, e eu respondi: “Tenho livros em casa, em Ohio, que são sobre outras coisas. Alguns contam histórias”. E então, subitamente, pensei em algo que nunca me

ocorrera antes, e falei, "Posso procurar a palavra 'xadrez' no meu *Dicionário*." Abri a gaveta da minha escrivaninha, retirei-o e comecei a folheá-lo até encontrar as palavras que começavam com "X". Logo encontrei: "Xadrez: jogo de tabuleiro entre dois jogadores". Havia uma figura de dois homens sentados diante de uma mesa. Sobre a mesa, havia aqueles objetos pretos e brancos que, na minha leitura, descobri que se chamavam "peças". "É um tipo de jogo", respondi. "Xadrez é um jogo."

Mary Lou olhou para a figura. "Há figuras de pessoas nos livros?", perguntou. "Como nas paredes da casa do Simon?"

"Alguns livros são cheios de figuras de pessoas e de coisas", expliquei. "Os livros mais fáceis, como aqueles nos quais aprendi a ler, têm figuras grandes em cada página."

Ela balançou a cabeça. E então olhou intensamente para mim. "Você me ensinaria a ler?", perguntou. "Com esses livros que têm figuras grandes?"

"Não estou com eles aqui", disse. "Eles ficaram em Ohio."

A expressão no rosto dela se anuviou. "Você só tem livros sobre... sobre xadrez?"

Balancei a cabeça. Então, falei: "Pode haver mais. Aqui na biblioteca."

"Você diz mais livros sobre pessoas?"

"Sim."

A expressão no rosto dela voltou a se iluminar. "Vamos procurar."

"Estou cansado." Eu *estava* cansado, de tanto ler e andar para lá e para cá.

"*Vamos*", insistiu ela. "Isso é *importante*."

Então, concordei em ir procurar nas outras salas com ela.

Creio que passamos mais de uma hora percorrendo corredores e abrindo portas. As salas estavam todas vazias, embora algumas tivessem prateleiras nas paredes. A certa altura, Mary Lou me perguntou: "Para que *servem* todas essas salas vazias?", e eu respondi: "O diretor Spofforth me disse que a biblioteca será demolida. Acho que é por isso que está tudo vazio." Imaginei que ela soubesse que havia planos de demolição de diversos edifícios em



toda Nova York desde muito antes de havermos nascido, mas nada acontecera a eles.

“Sim”, disse ela, “quase todos os prédios do zoológico também estão assim. Mas para que *serviam* todas essas salas?”

“Não sei”, respondi. “Livros?”

“Tantos livros assim?”

“Eu não sei.”

E então, no final de um corredor comprido, especialmente mofado, onde algumas das luzes do teto estavam mais fracas, chegamos a uma porta cinza com uma placa que tinha a seguinte inscrição: DEPÓSITO. Empurramos a porta com certa dificuldade; era muito mais pesada que as outras portas e parecia estar lacrada. Conseguimos abrir empurrando juntos e, imediatamente, fiquei surpreso com duas coisas. O ar ali dentro tinha um cheiro estranho — cheiro de *antiguidade* — e havia um lance de escadas que descia. Eu achava que já estávamos no andar mais baixo da biblioteca. Descemos a escada, e quase escorreguei e caí. Os degraus estavam densamente cobertos por uma espécie de poeira viscosa e amarelada. Equilibrei-me a tempo.

Enquanto descíamos, o cheiro foi ficando cada vez mais forte, mais antigo.

Ao final da escada, havia um corredor. Havia luzes no teto, mas eram muito fracas. O corredor era curto e, no fim, havia duas portas. Em uma porta, estava escrito: EQUIPAMENTOS, e na outra: LIVROS, e embaixo, em letras menores, PARA RECICLAGEM. Empurramos a porta. Não havia nada além de escuridão e um ar com cheiro doce atrás daquela porta. Então, de repente, as luzes estremeceram e Mary Lou arquejou. “Jesus Cristo!”, exclamou.

A sala era imensa e havia livros em toda parte.

As paredes não eram visíveis, escondidas pelas prateleiras cheias de livros. E havia livros empilhados deitados no meio da sala, e pilhas de livros deitados em frente a todas as estantes cheias. Havia livros de todas as cores e de todos os tamanhos.

Eu sabia que havia livros no mundo antigo, é claro; e provavelmente todos deviam ser daquele tempo anterior à televisão, mas eu não imaginava que houvesse tantos.

Enquanto eu estava ali parado, sentindo algo para o qual eu não tinha um nome, Mary Lou foi até uma pilha de livros grandes e finos que não era tão alta quanto as outras. Ela esticou o braço, do mesmo jeito que se esticou para alcançar aquele fruto impossível na jaula da píton da Casa dos Répteis, e pegou cuidadosamente o primeiro livro da pilha. Ela o segurou desajeitadamente com as duas mãos, e ficou olhando para a capa. Então, com muito cuidado, ela o abriu. Pude ver que havia figuras. Ficou muito tempo olhando fixamente para algumas páginas. Depois, ela disse: "Flores!" e fechou o livro e o passou para mim. "Você sabe... dizer o que está escrito neste?"

Peguei o livro da mão dela e li a capa: *Flores silvestres da América do Norte*. Olhei para ela.

"Paul", disse ela suavemente, "eu quero que você me ensine a ler".

# Spofforth

Todas as tardes, às duas horas, Spofforth fazia uma caminhada de cerca de uma hora. Assim como seu hábito de assobiar, que era a única manifestação de sua habilidade de tocar piano da qual não era consciente, o hábito de caminhar havia sido copiado em seu cérebro de metal desde o início. Não era uma compulsão; ele conseguia evitar se quisesse; mas, em geral, não evitava. Seu trabalho na universidade era tão escasso e banal que facilmente ele encontrava tempo livre. E não existia ninguém com autoridade para impedi-lo de caminhar.

Ele caminhava pela cidade de Nova York, balançando os braços, a passos leves, com a cabeça erguida, geralmente sem olhar para os lados. Às vezes, olhava para as vitrines de pequenas lojas automáticas que distribuía alimentos e roupas para qualquer um com cartão de crédito, ou parava para assistir a uma equipe de Tipos Dois esvaziando latas de lixo ou desentupindo bueiros antigos. Eram coisas com que ele se importava; Spofforth sabia melhor do que qualquer humano a importância de fornecer alimento e roupas, e de retirar o lixo. As ineficiências e as disfunções que afligiam o restante daquela cidade moribunda não permitiam a interrupção desses serviços. De modo que Spofforth saía para caminhar todo dia em uma parte diferente de Manhattan e conferia se as máquinas de fornecimento de alimentos e roupas estavam funcionando e se o lixo estava sendo retirado. Ele não era um técnico, mas era inteligente o bastante para consertar avarias comuns.

Em geral, ele não olhava para as pessoas por quem passava na rua. Muitas ficavam olhando para ele fixamente — por seu tamanho, seu vigor físico, os lóbulos das orelhas pretos — mas ele as ignorava.

Sua caminhada naquele dia de agosto o levava por um trecho do centro de Manhattan, no West Side. Ele passou por ruas de pequenas casas de permoplástico, feitas séculos antes, algumas com floreiras malcuidadas. A Jardinagem, por algum motivo, havia sido ensinada nos dormitórios. Provavelmente centenas de anos atrás, algum Engenheiro-Urbanista que gostava de flores havia decidido que cuidar de flores deveria fazer parte da experiência humana padrão; por causa dessa ideia casual, gerações de humanos haviam plantado calêndulas e zínias e magnólias e rosas amarelas sem realmente saber o motivo.

Às vezes, Spofforth parava e examinava minuciosamente a aparelhagem de uma loja, para ver se os computadores estavam funcionando bem, mantendo os suprimentos no nível adequado, com seus descarregadores Tipo Um prontos para lidar com os caminhões do turno da manhã, e se as máquinas de venda estavam operantes. Ele podia entrar em uma loja de roupas, inserir seu cartão de crédito especial Ilimitado, falar em voz alta no Telepedido, dizendo: “Quero uma calça cinza que fique justa”. Depois ele podia entrar em uma daquelas cabines pequenas, onde ele mesmo mal cabia, deixar-se medir por ondas sonoras, e sair de novo para ver as máquinas que escolheriam o tecido nas bobinas suspensas, cortariam e costurariam sua calça antes de lhe devolver o cartão. Se algo saísse errado — e costumava sair — na posição do zíper ou do bolso ou coisa que o valha, ele mesmo costumava consertar a máquina ou tentava chamar um robô técnico por telefone para vir consertá-la. Se o telefone estivesse funcionando.

Ou ele entraria em um bueiro e tentaria descobrir o que estava quebrado ou entupido ou enferrujado, e fazia o possível para consertar. Sem ele, em Nova York talvez não houvesse mais nada funcionando. Ele às vezes se perguntava como outras cidades conseguiam continuar vivas, sem nenhum Tipo Nove, e sem humanos eficientes trabalhando; ele se lembrava das montanhas de

lixo nas ruas de Cleveland e de como todos se vestiam muito mal em Saint Louis, quando lá trabalhara, brevemente, como prefeito da cidade. E isso havia sido quase um século atrás. Ninguém em Saint Louis usava bolsos fazia muitos anos, e as camisas de todos eram sempre folgadas demais, até que o próprio Spofforth consertou pessoalmente o equipamento de medição sônica e retirou um gato morto da máquina de bolsos da única loja de roupas da cidade. Provavelmente as pessoas ainda não estariam andando nuas ou morrendo de fome em Saint Louis, mas o que aconteceria dali a vinte azuis, quando todos estivessem velhos e fracos, e não houvesse mais jovens com sensatez suficiente para sair e procurar um Tipo Sete para ajudar em uma emergência? Se ele soubesse como fazer, ele mesmo se replicaria, distribuindo mais cem Tipos Nove para manter tudo funcionando em Baltimore, Los Angeles, Filadélfia e Nova Orleans. Não porque se importasse tanto assim com a humanidade, mas porque odiava ver máquinas com mau funcionamento. Ele às vezes pensava em si mesmo como uma máquina, e se sentia responsável.

Mas, se ele fosse capaz de produzir mais Tipos Nove, certamente os faria vir ao mundo com a capacidade de sentir. E com a capacidade de morrer. Com o dom da morte.

Nessa tarde quente de agosto, ele não havia parado nenhuma vez até chegar a um velho edifício baixo na Central Park West. Ele tinha um objetivo específico em mente.

O edifício era um dos poucos na cidade feito de concreto, e tinha colunas na frente, e janelas grandes e uma velha porta de madeira escura e manchada. Ele abriu a porta, entrou no saguão empoeirado com um lustre de cristal no teto branco, e foi até um balcão de madeira com um tampo arranhado, cinzento, de plástico.

Atrás do balcão, um homem pequeno estava recostado em uma poltrona, dormindo.

Spofforth falou rispidamente com ele. "Você é o prefeito de Nova York?"

O homem abriu os olhos sonolentos. "Uhum", disse ele. "Sou o prefeito."

“Eu gostaria de falar com o Registro Geral”, disse Spofforth em um tom irritado. “Quero ter acesso aos dados demográficos do oeste americano.”

O homem despertou mais um pouco. “Não sei nada sobre *isso*”, disse ele. “Ninguém entra aqui e fala com o Registro.” Ele se levantou e se endireitou, de modo arrogante. Então, ele olhou mais de perto para Spofforth. “Você é um *robô*?”, perguntou.

“Isso mesmo”, respondeu Spofforth. “Tipo Nove.”

O homem olhou fixamente para ele por um instante. Então ele disse, hesitante: “Tipo *Nove*?”.

“Pergunte ao Controle o que fazer. Quero falar com o Registro do Governo.”

O homem agora o encarava com algum interesse. “Você disse Spofforth?”, indagou. “Aquele que diz ao Conselho Municipal quão alta tem de ser a pressão da água e quando trocar os pneus dos ônibus? Esse tipo de coisa?”

“Sou eu, Spofforth, e posso mandar despedi-lo. Chame o seu Computador de Controle.”

“Está bem”, disse o homem. “Sim, senhor.” Então ele acionou um interruptor na mesa ao lado de sua poltrona. Uma voz sintética feminina soou de um alto-falante: “Governo falando”.

“Estou com um robô Tipo Nove aqui. O nome é Spofforth. Ele quer falar com o Registro Geral...”

“Entendi”, disse a voz, um tanto delicadamente. “Como posso ajudar?”

“Ele tem acesso?”

O alto-falante zumbiu por um instante. Então, a voz artificial disse, “Claro que ele tem acesso. Se ele não tivesse, quem teria?”.

O homem desligou o interruptor e então olhou para Spofforth. “Está certo, senhor”, disse ele, tentando soar prestativo.

“Bem”, disse Spofforth, “onde está o registro?”.

“O Registro fica... ah...” Ele começou a olhar para os lados. Não havia nada ali para olhar além do lustre no teto e, por um instante, ele fitou uma parede distante. Então ele deu de ombros, inclinou-se para frente, ligou o interruptor de novo, e a voz feminina disse outra vez: “Governo falando”.

“Aqui é o prefeito. Onde fica o Registro Demográfico Nacional?”

“Em Nova York”, respondeu a voz. “No Palácio do Governo, na Central Park West.”

“É onde eu *estou* agora”, informou o prefeito. “Em que lugar do edifício?”

“Quinto andar. Segunda porta à esquerda”, respondeu o Governo dos Estados Unidos.

Quando o homem estava desligando o interruptor mais uma vez, Spofforth perguntou onde ficava o elevador.

“Não está funcionando, senhor. Que eu me lembre, sempre esteve assim.”

Spofforth olhou para ele por um instante, perguntando-se até que ponto no passado um ser humano como aquele seria capaz de se lembrar das coisas. Provavelmente no máximo um azul. “Onde fica a escada?”, perguntou.

“É só voltar tudo até o fim e dobrar à direita”, disse o prefeito. Então ele procurou no bolso da camisa, sacou um baseado e, pensativo, o segurou entre os dedos gorduchos. “Já tentei mandar consertar esse elevador muitas vezes. Mas você sabe como são os robôs...”

“Sim”, disse Spofforth, encaminhando-se para a escada. “Eu sei como são os robôs.”

O console dos Registros era uma caixa de metal fosco do tamanho da cabeça de um homem, com um interruptor e um interfone. Na frente da caixa, havia uma cadeira de metal. Eram os únicos objetos na sala.

Ele mudou a posição do interruptor para verde, “liga”, e uma voz masculina um tanto arrogante disse: “Você está no Registro Demográfico Mundial”.

De repente, com mais esse aborrecimento, Spofforth ficou furioso. “Era para ser só da América do Norte. Não quero saber deste mundo maldito.”

Instantaneamente, a voz disse com entusiasmo: “A população do mundo maldito é de dezenove milhões, quatrocentos e trinta mil e setecentos e sessenta e nove, até o meio-dia, horário de Greenwich. Por continente, em ordem alfabética: África tem aproximadamente

três milhões, noventa e três por cento formados nos dormitórios, quatro por cento de parasitas e o restante em instituições. A Ásia tem cerca de quatro milhões e meio de almas, noventa e sete por cento nos dormitórios e quase todo o resto em instituições. A Austrália foi evacuada e a população é zero. A Europa, praticamente a mesma situação...”

“Cale a *boca!*”, disse Spofforth. “Não quero saber nada disso. Quero saber sobre uma pessoa na América do Norte. Uma pessoa...”

A voz o interrompeu. “Está bem”, disse a voz, “está bem. A população da maldita América do Norte é de dois milhões, cento e setenta e três mil e doze pessoas, com noventa e dois por cento formadas nos dormitórios...”

“Nada disso me interessa”, disse Spofforth. Ele já havia deparado com computadores assim antes, mas fazia muito tempo. Eles eram de uma época muito anterior à sua própria criação, quando era moda dar “personalidade” às máquinas, quando as técnicas de Programação Randômica estavam começando a ser aplicadas. Havia coisas que ele não conseguia entender sobre o modo como o computador havia sido programado, e ele decidiu perguntar. “Por que você diz ‘maldito?’”, perguntou.

“Porque você disse”, respondeu a voz em tom afável. “Sou programado para responder nos mesmos termos. Sou uma Inteligência D773, programado para ter personalidade.”

Spofforth quase gargalhou. “Quantos anos você tem?”, indagou.

“Fui programado quatrocentos e noventa malditos amarelos atrás. Em anos, tenho duzentos e quarenta e cinco.”

“Pare de falar ‘maldito’”, disse Spofforth. E então: “Você tem um nome?”

“Não.”

“Você tem sentimentos?”

“Repita a pergunta, por favor.”

“Você disse que tem personalidade. Você tem emoções também?”

“Não. Graças a Deus, não”, respondeu o computador.

Spofforth sorriu desanimado. “Você fica entediado?”

“Não.”



“Está bem”, disse Spofforth. “Agora entenda direito a minha pergunta. E sem respostas engraçadinhas.” Ele olhou para a sala vazia, reparando, então, no gesso mofado das paredes, no teto abaulado. Então ele disse: “Quero todas as estatísticas disponíveis sobre uma mulher humana chamada Mary Lou Borne, do Dormitório do Novo México, Leste. Ela tem agora cerca de trinta anos de idade. Sessenta amarelos.”

Imediatamente, o computador começou a responder, com voz mais mecânica, menos entoada que antes. “Mary Lou Borne. Pesava ao nascer três quilos e trezentos gramas. Sangue tipo sete. Código genético alfa, delta, nove, zero, zero, seis, três, sete, quatro, oito. Elevada indeterminação genética. Candidata à Extinção ao nascer. Extinção não efetuada. Motivo desconhecido. Canhota. Inteligência trinta e quatro. Acuidade visual...”

“Repita o dado da inteligência”, disse Spofforth.

“Trinta e quatro, senhor.”

“Na escala Charles de inteligência?”

“Sim, senhor. Trinta e quatro Charles.”

Isso foi surpreendente. Ele nunca tinha ouvido falar de um ser humano tão inteligente antes. Por que ela não tinha sido destruída antes da puberdade? Provavelmente pelo mesmo motivo que as calças em Saint Louis não tinham zíper: mau funcionamento.

“Diga-me”, disse Spofforth. “Quando ela foi esterilizada e quando ela terminou a formação no dormitório?”

Dessa vez, houve uma longa espera, como se o computador estivesse constrangido diante dessa pergunta. Enfim, a voz disse: “Não há registro de esterilização, nem de controle de natalidade suplementar através de sedativos. Não há registro de formação no dormitório.”

“Foi o que imaginei”, disse Spofforth pesarosamente. “Pesquise na memória. Você tem registro de alguma outra mulher na América do Norte sem esterilização, sem controle de natalidade e sem formação nos dormitórios? Tanto nos dormitórios de Pensadora como nos de Trabalhadora?”

A voz ficou em silêncio por mais de um minuto, enquanto pesquisava. Então, a voz disse: “Não.”

“E no restante do mundo?”, indagou Spofforth. “E nos dormitórios da China...?”

“Vou confirmar com Pequim”, disse a voz.

“Não se incomode”, retrucou Spofforth. “Não quero nem pensar nisso.”

Ele virou o interruptor para vermelho, enviando de volta o Registro Demográfico Mundial para o limbo no qual sua inteligência tagarela vivia, sem jamais se entediar, entre as raras ocasiões em que era convidado para falar.



Lá embaixo, o prefeito de Nova York estava largado em sua poltrona de plástico com um sorriso inexpressivo no rosto. Spofforth não o incomodou.

Lá fora, o sol havia começado a brilhar. Na volta para seu escritório na universidade, Spofforth caminhou através de um pequeno parque operado por robôs e colheu uma rosa amarela para si mesmo.

# Bentley

## QUINQUAGÉSIMO SÉTIMO DIA

Fazia nove dias que eu não escrevia neste diário: nove dias. Aprendi a somar e a subtrair números. Em um dos livros. Mas era entediante aprender o que chamava de *Aritmética para Meninos e Meninas*, então paramos de ler depois de adição e subtração. Se você tem sete pêssegos e tira três, você vai ficar com quatro. Mas o que é pêssego?

Mary Lou está aprendendo muito depressa — tão mais depressa que eu que é até impressionante. Mas ela teve a mim para ajudá-la, e eu não tive ninguém.

Encontrei alguns livros fáceis com letras e figuras grandes e comecei a ler devagar e em voz alta para Mary Lou e pedia para ela dizer as palavras depois de mim. E, no terceiro dia, fizemos uma descoberta. Foi no livro *Aritmética para Meninos e Meninas*. Um problema começava assim: "Existem vinte e seis letras no alfabeto..." Mary Lou disse, "O que é 'alfabeto'?" e eu resolvi tentar procurar no *Dicionário*. E encontrei. E no *Dicionário* dizia: "Alfabeto: as letras de determinada língua, dispostas na ordem fixada pelo costume. Ver folha de guarda." Fiquei intrigado por um momento quanto ao que seria uma língua "determinada", e uma folha de "guarda", e então olhei do outro lado do livro e havia uma tabela, com a letra "A" no alto e a letra "Z" embaixo. Elas eram todas conhecidas para mim, e a ordem também me pareceu familiar. Conte as letras, e havia mesmo

vinte e seis, tal como estava escrito em *Aritmética para Meninos e Meninas*. “A ordem fixada pelo costume” parecia significar o modo como as pessoas organizavam as letras, como plantas em um roçado. Mas ninguém organizava letras. Mary Lou e eu, até onde eu sabia, éramos as únicas pessoas que sabiam o que era uma letra. Mas, evidentemente, as pessoas — talvez todo mundo — um dia conheceram as letras, e devem tê-las colocado em uma ordem que se chamava alfabeto.

Olhei para elas e disse em voz alta: “A, B, C, D, E, F, G, H, I, J...” E então de repente entendi. Era o modo como as palavras estavam organizadas no *Dicionário*! As palavras começadas com “A” vinham primeiro, e depois as palavras com “B”!

Expliquei isso a Mary Lou, e ela, pelo visto, entendeu imediatamente. Ela pegou o livro e folheou. Reparei que ela já se tornara especialista em segurar livros; a estranheza dela com eles havia passado. Após um minuto, ela disse: “Nós devíamos memorizar o alfabeto”.

*Memorizar. Decorar.* “Por quê?”, perguntei.

Ela olhou bem nos meus olhos. Ela estava sentada de pernas cruzadas no chão, com o vestido amarelo de Synlon que eu havia comprado para ela, e eu estava sentado no meu beliche-escrivaninha, com pilhas de livros na minha frente. “Não tenho certeza”, disse ela. Ela voltou a olhar para o livro em seu colo. “Talvez nos ajude a usar este livro se já soubermos o alfabeto.”

Pensei nisso por um instante. “Está bem”, disse eu.

Então memorizamos o alfabeto. E fiquei constrangido porque ela aprendeu muito antes de mim. Foi difícil — especialmente a parte final, que era “W, X, Y, Z” — mas finalmente eu aprendi e falei todas as vinte e seis letras certas duas vezes. Quando terminei, Mary Lou deu uma risada e falou: “Agora sabemos alguma coisa juntos”, e eu também dei uma risada. Eu não sabia por quê. Não era engraçado.

Ela olhou para mim por um momento, sorrindo. Então disse: “Venha aqui e sente ao meu lado”. E eu me peguei fazendo isso, sentando-me no tapete ao lado dela.

Depois ela disse: “Vamos dizer agora um depois do outro”, e ela apertou meu braço e falou: “A”.

Dessa vez seu toque não me constrangeu nem me deixou contrariado. Nem um pouco. Eu falei: "B".

Ela falou, "C", e se virou para mim.

Falei, "D", e fiquei observando sua boca, esperando que ela dissesse sua letra. Ela molhou os lábios com a língua e disse suavemente: "E". Soou como um suspiro.

Falei: "F", rapidamente. Meu coração estava começando a bater depressa.

Ela virou o rosto e pôs a boca perto da minha orelha e disse: "G". Então riu baixinho. E eu senti uma coisa que quase me fez dar um pulo. Ficou quente e molhado na minha orelha, e eu me dei conta de que era a língua dela. Meu coração quase parou.

Eu não sabia o que fazer, então disse: "H".

Dessa vez, a língua dela realmente entrou na minha orelha. Senti um arrepio, um arrepio suave, percorrer todo o meu corpo, e algo parecia ter-se soltado dentro da minha barriga. E na minha mente. Com a língua dela ainda na minha orelha, ela exalou: "I" — esticando tanto o som que pareceu um: "iiiiiiii".

Francamente, eu não tinha uma experiência sexual fazia azuis e amarelos. E o que eu estava sentindo agora era algo inteiramente novo para mim, e tão excitante, tão arrebatador, tão perturbador para o meu corpo e para a minha imaginação que me peguei sentado no chão com o rosto dela colado ao meu e comecei a chorar. Meu rosto estava ficando banhado em lágrimas.

E ela sussurrou: "Meu Deus, Paul. Você está chorando. Na minha frente".

"Sim", disse eu. "Perdão. Eu não devia ter..."

"Você está passando mal?"

Enxuguei o rosto com a mão, e minha mão roçou no rosto dela. Deixei minha mão ali, com o dorso encostado no rosto dela, e então senti a mão dela virar a minha, muito delicadamente, até que minha palma se encaixou na maçã do rosto dela. Senti a onda de uma sensação nova, uma sensação suave, doce, como a de uma droga poderosa, se apoderar de mim. Olhei para o rosto dela, para seus olhos grandes e curiosos, agora um tanto tristes. "Não", respondi. "Não. Não estou passando nada mal. Estou sentindo... uma coisa.

Não sei.” Eu ainda estava chorando. “É uma coisa muito *boa* que estou sentindo.”

O rosto dela estava muito próximo do meu. Ela parecia entender o que eu estava dizendo, e balançou a cabeça. “Vamos terminar as letras?”.

Sorri. Então falei: “J”. E tirei a mão do rosto dela e pus a mão em suas costas. “‘J’ é a letra seguinte.”

Ela sorriu.

Não fomos até a parte difícil do alfabeto. O “W”, o “X”, o “Y” e o “Z”.

## **QUINQUAGÉSIMO NONO DIA**

Mary Lou veio morar comigo! Faz duas noites agora que dormimos juntos na minha cama. Separando a escrivaninha da cama e colocando-a encostada na parede, ela conseguiu abrir espaço para si.

Para mim, foi difícil dormir com outra pessoa na cama, ao meu lado. Eu já tinha ouvido falar de homens e mulheres dividindo a cama, mas nunca para dormir. Mas foi assim que ela quis, então eu fiz.

Tenho consciência do corpo dela, tenho medo de tocá-la ou de apertá-la contra mim. Mas acordei hoje cedo segurando-a em meus braços. Ela roncava baixinho. Cheirei seu cabelo e beijei levemente na nuca e então simplesmente fiquei ali, segurando seu corpo adormecido por muito, muito tempo, até ela acordar.

Ela riu ao acordar e me ver abraçando-a, e se aconchegou calorosamente junto a mim. Tomei consciência outra vez. Mas então começamos a conversar e esqueci essa consciência. Ela falou sobre aprender a ler. Disse que tinha sonhado que sabia ler — que já tinha lido milhares e milhares de livros e que agora sabia tudo o que era preciso saber sobre a vida.

“O que é preciso saber sobre a vida?”, perguntei.

“Tudo”, disse ela. “Eles nos mantêm na ignorância.”

Não sei ao certo se entendi aquilo — ou mesmo quem seriam “eles” —, então eu não falei nada.

“Vamos tomar café da manhã”, disse ela. E eu chamei o servo e comemos barras de soja e *bacon* de porco. Eu estava me sentindo muito bem, mesmo tendo dormido pouco.

Durante o café da manhã, ela se inclinou sobre a escrivaninha e me deu um beijo. Sem avisar! Eu gostei.

Após o desjejum, resolvi trabalhar em um filme, e Mary Lou assistiu comigo. Chamava-se *O Operador da Bolsa*, e o astro era Buster Keaton. Buster Keaton é um homem muito intenso que passa por muitas dificuldades incomuns em seus filmes. Seriam engraçados se não fossem tão tristes.

Mary Lou ficou fascinada. Ela nunca tinha visto nenhum filme de nenhum tipo antes e só conhecia a TV holográfica, da qual ela não gostava.

Logo no primeiro rolo, quando Buster Keaton estava pintando uma casa e continuava pintando o rosto de um homem que pusera a cabeça na janela, Mary Lou disse: “Paul, Buster Keaton é igualzinho a você. Ele é tão... *sério!*”

E Mary tinha razão.

Depois do filme, passamos o dia estudando leitura. Ela aprende incrivelmente depressa e faz perguntas interessantes. Tive muitos alunos na universidade em que dou aulas, mas nenhum como ela. E a *minha* leitura também está melhorando.

Tudo nela é delicioso.

Agora está anoitecendo, e Mary Lou está me olhando enquanto escrevo isto na escrivaninha encostada na parede. Expliquei a ela sobre a escrita e ela ficou animada e falou que também precisa aprender, para escrever a memória da vida dela. “E também para escrever outras coisas que eu penso. Então vou poder ler o que escrevi”, disse ela.

Isso foi interessante. Talvez esse seja o verdadeiro motivo de eu escrever este diário — uma vez que escrevo muito mais do que Spofforth esperava que eu registrasse — eu escrevo para poder ler. Ler este diário é algo estranho e excitante para a minha mente.

Talvez um dos motivos de Mary Lou ser mais ousada que eu seja o fato de ela ter vivido em um Dormitório de Trabalhador, antes de fugir, e eu, evidentemente, sou formado em um Dormitório de

Pensador. No entanto, ela é tão terrivelmente inteligente! Por que será que ela foi treinada como Trabalhadora, e não como Pensadora? Talvez as escolhas sejam feitas com base em outra coisa que não seja inteligência.

Preciso me lembrar de buscar mais papel, para que a Mary Lou possa aprender a escrever e possa começar a imprimir a memória de sua vida.

## **SEXAGÉSIMO QUINTO DIA**

Ela está morando comigo há nove dias agora, contrariando todos os princípios do Individualismo e da Privacidade. Sinto-me culpado às vezes, comprometendo meu Desenvolvimento Interior pelos caprichos de outra pessoa, mas não penso com frequência na imoralidade dessa situação. Na verdade, esses foram os nove dias mais felizes da minha vida.

E ela já está lendo quase tão bem quanto eu! Incrível! E já começou a escrever as memórias da vida dela.

Estamos sempre juntos. Às vezes, parecemos Douglas Fairbanks e Mary Pickford — exceto pelo fato de eles não serem muito bem treinados para fazer sexo.

Nunca aparece sexo nos filmes antigos, embora muitas pessoas morem juntas da maneira mais íntima e imoral. A pornografia, do tipo normalmente ensinado nos cursos Clássicos, aparentemente não havia sido descoberta, assim como a TV, na época em que esses filmes mudos foram feitos.

Nós fazemos amor sempre que eu consigo. Às vezes acontece enquanto estamos lendo juntos, ela repetindo as frases depois de mim. Uma vez, levamos quase a tarde inteira para terminar um livrinho chamado *Como construir pipas de papel*, pois parávamos toda hora.

Nenhum de nós fuma maconha ou toma remédio. Com frequência, estou muito nervoso e agitado, e sinto que não vou conseguir ficar sentado quieto. Às vezes fazemos breves caminhadas quando isso acontece. E, embora uma parte de mim pareça gritar contra a intensidade do modo como estou vivendo e trabalhando e



fazendo amor, sei que viver assim é melhor do que de qualquer outro jeito que já vivi antes.

Um dia, durante um passeio, ficamos excitados e sugeri que fôssemos a um “bar de sexo rápido” na Times Square. Então, fomos, e eu usei meu cartão de crédito da NYU para conseguir o melhor cubículo que eles tinham. Havia os hologramas pornográficos de sempre na entrada, e duas robôs prostitutas com os seios à mostra e botas pretas se oferecendo para nos ajudar em uma orgia, mas Mary Lou, graças a Deus, mandou que dessem o fora. E eu recusei as pílulas para sexo que o *bartender* ofereceu. Fomos sozinhos para o cubículo, apagamos a luz, e fizemos amor no chão acolchoado. Mas não foi tão bom assim.

Assim era igual a todo o meu histórico sexual desde sempre, e assim era o certo. “Sexo às pressas nos protege”, como meu professor de Relações Interpessoais costumava dizer. Mas eu queria estar no meu quarto com Mary Lou, fazendo amor na minha cama e conversando com ela depois. À exceção do sexo, eu queria ser como Mãe e Pai em um daqueles filmes antigos. Eu queria comprar flores para ela e dançar com ela.

Quando terminamos, a Mary Lou disse: “Vamos dar o fora dessa fábrica de sexo”, e então, quando estávamos saindo, “acho que esse lugar é o que o Simon queria descrever quando dizia ‘bordel em Chicago’”.

E eu *de fato* comprei flores para ela, em uma máquina automática. Cravos brancos, como Gloria Swanson usava em *Rainha Kelly*.

E, antes de irmos para a cama naquela noite, convidei-a para dançar. Prendi uma flor em seu vestido de Synlon e liguei a música de fundo de um programa de TV, e nós dançamos juntos. Ela nunca tinha ouvido falar de duas pessoas dançando juntas antes, mas qualquer estudante de cinema sério sabe disso. Eu já vi muitas vezes. Desajeitados, pisamos nos pés um do outro várias vezes, mas foi divertido.

Mas, quando fomos para a cama, alguma coisa, não sei o que, me deixou assustado. Abracei-a com força até ela adormecer. Então

fiquei acordado durante muito tempo, pensando. Alguma coisa naquele lugar de sexo-rápido havia me deixado apavorado, eu acho.

Então saí da cama e vim terminar de escrever isto aqui. Agora estou cansado, mas ainda estou com medo. Será o medo de que ela me abandone? Será que estou com medo de perdê-la?

## **SEPTUAGÉSIMO SEXTO DIA**

Ela já está aqui comigo há dezoito dias agora, e eu não escrevi nada nos últimos nove.

Minha felicidade só aumentou! Não penso na imoralidade do nosso convívio, ou no fato de que provavelmente isso seja contrário à lei. Penso na Mary Lou e no que vejo nos filmes e no que leio e no que ela lê.

Ontem ela ficou o dia inteiro lendo um novo tipo de escrita chamado poemas. Alguns, ela leu em voz alta. Em alguns trechos eram como xadrez — incompreensíveis — e em outros diziam coisas estranhas e interessantes. Ela leu este para mim duas vezes:

Ó vento oeste, quando vais soprar,  
Para que a chuva caia novamente?  
Cristo! Abraçado com meu amor  
Na minha cama novamente!

Da segunda vez que ela leu essas linhas, eu tive a mesma sensação de quando assistia a algumas das cenas fortes dos filmes. Uma sensação expansiva, dolorosamente alegre, dentro do meu peito.

Depois que ela terminou, eu disse, sem uma razão: “Só o pássaro imitador canta na borda do bosque”.

Ela ergueu os olhos do livro e disse, “O quê?”, e eu disse outra vez: “Só o pássaro imitador canta na borda do bosque”.

“O que isso quer dizer?”, perguntou ela.

“Não sei. É de um filme.”

Ela franziu os lábios. “É como essas palavras que eu acabei de ler, não é? Faz você sentir uma coisa e você não sabe o quê.”

“Sim”, concordei, perplexo, e quase intimidado, ao perceber que ela havia dito o que eu queria dizer. “Sim. Exatamente.”

Então ela leu mais poemas, mas nenhum deles fez com que eu me sentisse outra vez daquele jeito. De qualquer modo, gostei de ouvi-la ler. Fiquei a observá-la sentada com as pernas cruzadas no chão, olhando fixamente para o livro, e ouvindo sua voz séria e clara, enquanto ela lia para nós. Ela segura o livro muito mais perto do rosto do que eu, e há algo muito comovente no modo como ela lê.

Caminhamos juntos diariamente e almoçamos cada dia em um lugar diferente.

### **SEPTUAGÉSIMO SÉTIMO DIA**

Mary Lou saiu hoje cedo, como costuma fazer, para comprar comida nas máquinas Quik-Serv para nós. Ela usa o meu cartão de crédito para fazer isso. Assim que ela saiu, liguei o projetor e comecei a assistir a um filme com Lillian Gish e a ler os diálogos em voz alta no gravador, quando de repente a porta se abriu. Levantei os olhos e vi Spofforth parado na entrada. Ele era tão alto e aparentemente tão forte que parecia ocupar todo o espaço do vão da porta simplesmente ali de pé. E, no entanto, dessa vez, não me assustei com a sua presença. Spofforth é, afinal, apenas um robô. Desliguei o projetor e o convidei para entrar. Ele entrou e sentou na cadeira branca de plástico junto à outra parede, olhando para mim. Ele estava usando uma calça cáqui, sandálias e uma camiseta branca. Tinha uma expressão séria, mas não dura.

Quando já estávamos sentados em silêncio por algum tempo, eu disse: “Você tem escutado o meu diário?”. Fazia muito tempo que eu não o via, e ele nunca tinha entrado no meu quarto antes.

Ele assentiu: “Quando tenho tempo”.

Isso me irritou um pouco, e me senti ousado diante dele. “Por que você quer saber a meu respeito?”, perguntei. “Por que você quer que eu faça um diário da minha vida?”

Ele não respondeu. Após um momento, ele disse: “O ensino da leitura é crime. Você poderia ser mandado para a prisão por isso”.

Isso não me assustou. Pensei no que a Mary Lou tinha dito sobre os Detectores, que ninguém nunca tinha sido detectado. "Por quê?", perguntei. Com isso, eu estava violando uma Regra de Conduta: "Não pergunte; relaxe". Mas não me importei. Eu queria saber por que era crime ensinar alguém a ler. E por que Spofforth não tinha me dito isso antes, quando eu sugeri pela primeira vez dar aulas de leitura na NYU. "Por que eu não posso ensinar a Mary Lou a ler?"

Spofforth inclinou-se para frente, pousando as mãos imensas nos joelhos, olhando fixamente para mim. Seu olhar fixo era um pouco assustador, mas eu não desviei os olhos.

"Ler é íntimo demais", disse Spofforth. "Ler vai colocá-lo muito perto dos sentimentos e das ideias dos outros. Vai perturbá-lo e confundi-lo."

Eu estava começando a ficar um pouco apavorado. Não era fácil ficar na presença de Spofforth, e ouvir sua voz grave e autoritária sem querer obedecer, e deixar de questionar. Mas eu me lembrei de uma coisa que havia lido em um livro: *'Os outros também podem estar errados'*, e me agarrei nisso. 'Por que era crime ser perturbado e confundido? E saber o que os outros tinham pensado e sentido?'

Spofforth continuou me olhando fixamente. "Você não quer ser feliz?", perguntei.

Eu já tinha ouvido essa pergunta antes, feita por meus professores-robôs no dormitório; e sempre me pareceu impossível responder. Mas agora, ali no meu quarto, com as coisas da Mary Lou e o meu projetor e as latas de filme, e sem drogas na cabeça, subitamente aquela pergunta me deixou com raiva. "Há pessoas que não leem se suicidando, queimando os próprios corpos com fogo. Por acaso elas estão felizes?"

Spofforth ainda me olhava fixamente. Então, subitamente, ele desviou os olhos, em direção ao encosto de outra cadeira, onde o vestido vermelho da Mary Lou estava pendurado, amassado, e suas sandálias lado a lado no assento. "Também é crime", disse ele, mas então mais suavemente, "conviver mais de uma semana com outra pessoa".

"O que é semana?", disse eu.

"Sete dias", respondeu Spofforth.

“Por que sete?”, disse eu. “Por que não setecentos? Estou feliz com a Mary Lou. Mais feliz do que nunca na vida, mais do que com as drogas e o sexo às pressas.”

“Você está com medo”, disse Spofforth. “Estou vendo que você está com medo agora mesmo.”

De repente, eu me pus de pé. “E daí?”, perguntei. “E daí? É melhor viver do que ser — do que ser robô.”

Eu estava *mesmo* com medo. Com medo de Spofforth, com medo do futuro. Medo da minha própria raiva. Por um momento, tive um forte desejo, ali parado em silêncio, de tomar um sedativo — tomar logo um punhado deles e me acalmar, ficar sossegado, anestesiado. Mas eu *gostei* de sentir raiva, e não estava pronto para abrir mão dela. “Por que você se importa com a minha felicidade?”, indaguei. “O que você tem a ver com o que eu faço da vida? Você é um tipo de máquina, de qualquer modo.”

E então Spofforth fez uma coisa surpreendente. Ele lançou a cabeça para trás e riu, gargalhadas altas e graves, por um longo tempo. E, loucamente, senti minha raiva passar e comecei a rir com ele. Enfim, ele parou e disse: “Está bem, Bentley. Está bem”. Ele se levantou. “Você é mais do que eu pensava que era. Continue vivendo com ela.” Ele foi até a porta e então se virou e olhou para mim. “Por algum tempo.”

Simplesmente olhei para ele e não disse nada. Ele foi embora, fechando a porta atrás de si.

Depois que ele foi embora, eu me sentei no beliche-escrivaninha outra vez e percebi que meus braços tremiam incontrolavelmente e que meu coração estava batendo forte. Eu nunca tinha falado assim antes e certamente não com um robô. Eu fiquei terrivelmente assustado comigo mesmo. Mas, no fundo, eu estava extasiado. Era estranho. Nunca tinha me sentido assim na vida.

Quando a Mary Lou voltou, não contei sobre a visita. Mas, quando ela quis continuar nossa leitura, em vez disso, fiz amor com ela. Ela ficou um pouco irritada a princípio; mas meu desejo por ela era tão forte, e fizemos amor com tanta intensidade, no tapete do chão, apertando o corpo dela contra o meu e abrindo caminho

dentro dela com tanta força, que logo ela estava me cobrindo de beijos e rindo.

E depois eu me senti tão bem, tão relaxado, que eu disse: “Vamos ler um pouco”. E lemos. E não aconteceu nada. Spofforth não voltou mais.



Mary Lou vem escrevendo as memórias de sua vida ao mesmo tempo que eu estou escrevendo isto. Estou na minha escrivaninha e ela está sentada na minha outra cadeira, usando um livro grande no colo para apoiar o papel. Ela escreve lindamente, metodicamente, em pequenas letras caprichadas. Fico constrangido ao notar que ela, em tão pouco tempo, já escreve melhor do que eu. No entanto, fui o professor dela, e me orgulho disso. Hoje penso que nos meus anos na universidade nunca ensinei a ninguém nada que valesse a pena saber; sinto mais prazer com o que ensinei a Mary Lou do que com todo o meu trabalho em Ohio.

## **SEPTUAGÉSIMO OITAVO DIA**

Hoje vimos uma imolação em grupo.

Decidimos fazer uma coisa diferente e tomar o café da manhã no Burger Chef. É uma caminhada de *sete quarteirões*, e eu mencionei isso a ela, falando que peguei o hábito de contar as coisas. Nos dormitórios, todo mundo aprende a contar até dez, mas geralmente serve apenas para os oito preços diferentes das coisas que uma pessoa pode comprar. Uma calça custa duas unidades e um algabúguer custa uma unidade e assim por diante. E, quando você já usou todas as suas unidades daquele dia, seu cartão de crédito fica cor-de-rosa e não funciona mais. A maior parte das coisas é grátis, é claro — como viagens de ônibus-telepatas e sapatos e aparelhos de TV.

Ela contou os quarteirões e concordou que eram sete. “Mas eu sempre contava os meus cinco sanduíches no zoológico”, acrescentou.

Lembrei-me de *Aritmética para Meninos e Meninas*. “Depois que você come três sanduíches, quantos sanduíches sobram?”, perguntei.

Ela deu uma risada. “Dois sanduíches.” Então ela parou no meio da rua e fez como se fosse o robô idiota do zoológico. Estendeu rigidamente a mão, como se segurasse cinco sanduíches. Ela revirou os olhos de maneira inexpressiva e inclinou a cabeça e deixou os lábios entreabertos, como um robô idiota, e simplesmente ficou ali parada, olhando estupidamente para mim.

A princípio, fiquei chocado e não entendi o que ela estava fazendo. Depois dei uma risada alta.

Alguns estudantes que passavam com suas túnicas de brim olharam para ela e depois desviaram os olhos. Fiquei um pouco constrangido. Era Atitude Escandalosa, mas não pude evitar de rir.

Fomos dali diretamente ao Burger Chef, e lá havia uma imolação em andamento.

Era exatamente no mesmo reservado onde eu tinha visto aquilo acontecer antes. Devia estar quase no final, pois o cheiro de carne queimada estava pungente e era possível sentir a brisa forte dos ventiladores que tentavam limpar o ar.

Eram novamente três pessoas — todas mulheres. Seus corpos estavam negros carbonizados, e ainda breves labaredas do que restava de suas roupas e cabelos se agitavam na brisa. Seus semblantes pareciam sorridentes.

Eu achava que elas já estavam mortas quando uma delas falou — ou berrou. O berro era o seguinte: “Esta é a introspecção definitiva, louvado seja Jesus Cristo, Nosso Senhor!”. A boca por dentro estava preta. Até mesmo os dentes dela estavam negros.

Então ela se calou. Imagino que estivesse morta.

“Meu Deus!”, disse Mary Lou. “Meu Deus!”

Peguei-a pelo braço, sem me importar com a possibilidade de alguém me ver fazer aquilo, e levei-a para fora. Ela parou na calçada e sentou no meio-fio de frente para a rua.

Não falou nada. Dois ônibus-telepatas e um carro Detector passaram pela rua, e as pessoas passaram por ela na calçada,

ignorando-a, assim como ela os ignorou. Parei ao lado dela, sem saber o que dizer ou fazer.

Enfim, ela perguntou, ainda observando a rua: "Elas mesmas fizeram isso contra si mesmas?".

"Sim", respondi. "Acho que isso acontece com frequência."

"Meu Deus", exclamou. "Não sei por que não fazem isso sozinhos. Ou privadamente."

"Sim", disse ela. "Talvez sejam as drogas."

Fiquei sem responder por um minuto ou mais. Então falei: "Talvez seja o modo como as pessoas vivem".

Ela se levantou, olhou para mim com uma expressão de surpresa, estendeu a mão e segurou meu braço direito. "Sim", disse, "provavelmente você tem razão."

### **OCTOGÉSIMO TERCEIRO DIA**

Fui preso. Estou preso há cinco dias. Apenas o ato de escrever a palavra "preso", neste papel áspero, é dolorosa para mim. Nunca me senti tão sozinho na vida. Não sei viver sem a Mary Lou.

Há uma pequena janela na minha cela e, quando olho para fora, vejo os edifícios verdes, compridos e sujos, do complexo, com suas coberturas de metal enferrujado e janelas de barras grossas, sob o sol do final da tarde. Acabo de voltar do turno da tarde de trabalho nos campos, e as bolhas nas minhas mãos abriram e estão úmidas, e os braceletes de metal nos meus pulsos ardem a pele raspada onde apertam. Há uma mancha arroxeadada no meu quadril, maior que a minha mão, onde um guarda idiota me bateu com um porrete por perder tempo quando tropecei, no meu primeiro dia nos campos de trabalho; e meus pés estão doendo de tanto trabalhar com aqueles sapatos pretos pesados que me deram logo que cheguei aqui. Mal consigo segurar a caneta com que estou escrevendo, devido às câimbras na mão.

Não sei o que aconteceu com Mary Lou. A dor, eu posso suportar, pois sei que poderia ser pior e que provavelmente vai melhorar; mas não saber se voltarei a ver Mary Lou de novo e não saber o que



aconteceu com ela, isso é mais do que sinto que posso resistir. Preciso encontrar um modo de morrer.

A princípio, sem a Mary Lou e com o choque diante do que aconteceu comigo, eu não quis mais escrever. Nunca mais. Tive permissão para conservar minha caneta e as folhas do meu diário, que enfiei no bolso sem pensar quando me levaram. Mas eu não tinha mais papel em branco para escrever, e não fiz nenhum esforço para conseguir. Sei que comecei este diário sem nenhum leitor em mente — pois eu era, na época, a única pessoa viva que sabia ler. Porém, mais tarde, acabei me dando conta de que a Mary Lou havia se tornado o meu público. Eu estava escrevendo o meu diário para *ela*. Então me pareceu não fazer sentido continuar escrevendo na prisão, neste lugar horrível, sem ela.

Sei que eu não estaria escrevendo isto agora se uma coisa estranha não tivesse acontecido na hora do almoço, depois que terminei meu turno da manhã na fábrica de sapatos e fui lavar o rosto e as mãos antes de comer o maldito pão e a sopa de proteína que eles servem aqui e que somos obrigados a comer em silêncio. Aconteceu no pequeno lavatório de aço com suas três pias sujas. Eu havia lavado minhas mãos doloridas o melhor que pude com água fria e sem sabão, e estendi a mão para puxar uma toalha de papel do toalheiro. Quando encostei no toalheiro, desastrosamente, porque as minhas mãos estão doloridas e rígidas do trabalho nos campos de ontem, o artefato caiu no chão e uma pilha alta de folhas dobradas de papel toalha caíram na minha mão. Segurei-as instintivamente e então fechei os olhos de dor. Mas consegui segurá-las, olhei bem para elas, e me dei conta de que estava com uma pilha de centenas de folhas de papel áspero e duro. Papéis nos quais eu poderia escrever.

Muitas coisas na minha vida parecem acontecer por acaso. Encontrei o filme sobre leitura e os livros por acaso, e encontrei Mary Lou por acaso, e encontrei o *Dicionário* por acaso. E o papel em que agora estou escrevendo caiu nas minhas mãos por acaso. Não sei o que pensar disso; mas estou contente por escrever de novo, mesmo que ninguém vá ler e mesmo que eu descubra um modo de morrer amanhã.

Agora vou parar. Deixei cair a caneta muitas vezes. Minha mão não consegue segurá-la.

Mary Lou, Mary Lou. Não suporto mais.

## **OCTOGÉSIMO OITAVO DIA**

Faz cinco dias desde a última vez que eu escrevi. Minhas mãos estão melhores agora, mais fortes, e consigo segurar a caneta muito bem. Mas minhas costas e meu quadril ainda doem.

Meus pés estão melhores. Depois de vários dias aqui, reparei que muitos dos meus colegas prisioneiros andam descalços, e me apresentei para o trabalho na manhã seguinte sem sapatos. Meus pés ainda estão feridos, mas já estão quase curados. E meus músculos estão começando a ficar mais fortes, mais firmes.

Não estou feliz. Estou muito infeliz, mas já não tenho mais certeza se quero morrer. Afogamento é uma possibilidade. Mas vou esperar um pouco antes de decidir.

Os guardas-robôs são horríveis. Um deles me bateu, e vejo-o sempre batendo em outros prisioneiros. Sei que é terrivelmente errado da minha parte, mas eu gostaria de matar aquele robô que me bateu, antes de morrer. Estou chocado comigo mesmo por desejar isso, mas é uma das coisas que me faz querer viver. Ele tem olhinhos minúsculos e vermelhos como os de um animal odioso e cruel, e músculos fortes e inchados sob seu uniforme marrom. Eu poderia esmagar seu rosto com um tijolo.

E, antes de morrer, quero atualizar meu diário até agora. Ainda está dia claro lá fora. Se eu trabalhar sem parar, acho que conseguirei descrever como fui mandado para cá antes de dormir.

Durante vários dias, Mary Lou e eu voltamos ao livro de poemas. Líamos os poemas em voz alta um para o outro, compreendendo tudo apenas parcialmente. Um dos poemas de que eu sempre me lembrava se chamava "Os Homens Ocos". Uma tarde, eu estava lendo em voz alta, sentado no chão, ao lado da Mary Lou. Acho que me lembro até das palavras exatas:

Nós somos os homens vazios  
Nós somos os homens empalhados  
Escorados um ao outro  
Com a cabeça cheia de palha. Ai!  
Nossas vozes secas quando  
Sussurramos juntos  
São baixas e sem sentido  
Como o vento na grama seca...

E foi aí que eu parei. A porta se abriu e o diretor Spofforth entrou. Ele ficou de pé perto de nós, cruzou os braços e olhou para baixo. Foi chocante vê-lo no meu quarto daquela maneira. A Mary Lou nunca o tinha visto antes, e estava olhando fixamente para ele com os olhos arregalados.

Havia algo esquisito na aparência dele e passou-se um momento até eu entender o que era. E então me dei conta; Spofforth estava usando uma braçadeira preta com a imagem da Privacidade impressa em branco. Reconheci o símbolo de uma aula na escola muito tempo atrás; era a braçadeira dos Detectores.

Mary Lou foi a primeira a falar. "O que você quer?", perguntou. Ela não parecia apavorada.

"Vocês dois estão presos", disse Spofforth. E então: "Quero que vocês dois fiquem de pé".

Nós nos levantamos. Eu ainda estava com o livro de poemas na mão. "E?", disse Mary Lou.

Spofforth olhou firmemente para os olhos dela. "Sou um Detector, e vocês foram detectados."

Eu sabia que ela estava chocada e tentava não demonstrar. Quis abraçá-la, protegê-la de alguma forma. Mas simplesmente fiquei ali parado.

Spofforth era muito mais alto que nós, e a dignidade e a força dele eram impressionantes. Sempre tive medo dele e, agora, que ele dizia que era um Detector, fiquei sem fala.

"Fomos detectados fazendo o quê?", perguntou Mary Lou. Havia um leve tremor em sua voz.

Spofforth continuou olhando fixamente para ela, sem piscar. "Foram detectados coabitando. Foram detectados na prática do ensino da leitura e no ato da leitura em si."

"Mas, diretor Spofforth", eu o interrompi, "você já *sabia* que eu..."

"Sim", disse ele, "e eu disse claramente que a leitura não seria ensinada nesta universidade. O ensino da leitura é crime".

Algo se afundou dentro de mim. Senti a força e a excitação que faziam parte da minha vida nos últimos dias irem embora e fiquei parado diante daquele robô imenso como um garotinho. "*Crime?*", indaguei.

"Sim, Bentley", disse ele. "A sua audiência será amanhã. Você deverá continuar no quarto até eu voltar pela manhã."

Então, ele pegou Mary Lou pelo braço e disse: "Você vem comigo".

Ela tentou se desvencilhar dele e então, percebendo que não conseguiria se livrar da pressão da mão dele, disse: "Dê o fora, robô. Dê o fora, por tudo que é mais sagrado".

Ele olhou para ela e, aparentemente, deu uma risada. "Isso não vai funcionar comigo", disse ele. Mas a voz dele ficou mais branda e ele acrescentou: "Não vai acontecer nada de mau com você".

E, quando ele saiu pela porta, virou-se e olhou para mim. "Não fique tão infeliz, Bentley. Isso tudo é para o bem de todos."

Ela foi com ele sem relutar, e ele empurrou a porta e a fechou.

Nada de mau? O que poderia ser pior do que essa separação? Onde ela está? Onde está Mary Lou?

Estou chorando enquanto escrevo. Não conseguirei terminar agora. Vou tomar um sedativo e dormir.

## **OCTOGÉSIMO NONO DIA**

Há mais coisas para contar do que conseguirei no tempo de que disponho. Mas vou tentar.

Spofforth pessoalmente me levou ao tribunal. Fui algemado e conduzido em um ônibus telepata preto até um lugar no Central Park chamado Tribunal de Justiça. Era um edifício de plástico de dois andares com janelas sujas.

O tribunal era grande. Havia muitos quadros de homens de aparência estranha nas paredes. Alguns deles usavam os mesmos ternos e gravatas que eu tinha visto nos filmes antigos. Havia um homem na frente de uma estante de livros, muito parecido com Douglas Fairbanks. E, embaixo do quadro dele, estava escrito: "*Sidney Fairfax, juiz presidente do Supremo Tribunal*". E, embaixo disso, em letras menores, vinham os números, 1997-2004. Acredito que esses números sejam o que chamavam de "datas".

Havia um robô juiz de toga preta sentado em uma poltrona no outro lado do tribunal, voltado para a entrada. Levei um susto ao avistá-lo; eu já tinha visto aquele rosto antes. Era o rosto do Tipo Sete que havia sido diretor do dormitório em Ohio, onde eu havia me formado. Um robô Gerente de Alto Escalão. Lembro-me de ter ouvido uma vez: "Todos os Tipos Sete são parecidos". E eu, ainda criança, teria dito, "Por quê?", e a criança com quem eu estava falando teria dito: "Não pergunte; relaxe".

O juiz estava dormindo quando entramos. Ou seja, é, estava desligado. Ao lado dele, estava sentado, também adormecido, e em uma poltrona mais baixa, mais simples, um robô-secretário Tipo Quatro.

Quando chegamos mais perto, pude notar que havia uma poeira amarelada, como a da parte lacrada da biblioteca, sobre os dois. As rugas que expressavam inteligência no rosto do juiz estavam cheias de poeira amarelada. Suas mãos estavam dobradas no colo e, entre o antebraço direito e o queixo, uma aranha havia construído uma teia fazia algum tempo. A teia era cheia de buracos e de poeira. Alguns corpos minúsculos de insetos, mortos e secos, pendiam do que restava da teia. Mas não havia nem sinal da aranha.

Atrás do juiz, havia um Grande Selo da América do Norte, idêntico ao da Casa da Piedade no Dormitório dos Pensadores. Também estavam cobertos de poeira, que se tornara espessa nas imagens em relevo, a pomba e o coração; e os bustos em plástico injetado das Divindades Gêmeas do Individualismo e da Privacidade, que flanqueavam o Grande Selo, também estavam cobertos de poeira.

Spofforth me pôs no banco dos réus, feito de algo chamado madeira e que era desconfortável. Então, ele tirou minhas algemas, com um toque surpreendentemente delicado, e me mandou pôr a mão direita no Buraco da Verdade que havia diretamente à minha frente. Ele disse em voz baixa: "Para cada mentira que você disser, um dedo será amputado. Responda ao juiz com cuidado".

Eu já havia, evidentemente, ouvido falar em Buracos da Verdade, e de tribunais, nas aulas de Civismo Mínimo. Mas nunca tinha visto aquelas coisas antes e me peguei tremendo de medo. Talvez o medo tenha sido agravado pela semelhança com muitas coisas da época dos dormitórios, e da época em que fui castigado por Imposição de Privacidade quando menino. Mudei de posição no banco duro, tentei me acomodar melhor e esperei.

Spofforth olhou ao seu redor para a sala como se avaliasse as rachaduras no reboco, ou os quadros de homens antigos, ou os bancos de madeira vazios. Depois foi até o juiz e passou o dedo no rosto do robô e, então, olhou a ponta do próprio dedo. "Imperdoável", disse.

Ele se virou para o robô-secretário e disse, com uma voz impositiva: "Entre em modo ativo, Secretário do Tribunal".

O secretário só mexeu a boca. Ele disse: "Quem está presidindo a corte?"

"Sou um Robô Racional. Tipo Nove. Exijo que você acorde agora."

Imediatamente, o secretário se levantou. Alguns dejetos caíram de seu colo. "Sim, meritíssimo. Estou acordado e ativo."

"Quero que você traga uma equipe de limpeza e mande limparem o juiz. Imediatamente." Então, Spofforth olhou para os restos de poeira amarelada e dejetos que estavam grudados no colo do secretário e disse: "E limpe-se você também".

O secretário respondeu respeitosamente. "Os servos do tribunal e a equipe de limpeza já não estão mais operantes, meritíssimo."

"Por que não?"

"Baterias descarregadas e mau funcionamento em geral, meritíssimo."

"Por que não foram consertados?"

“Não há mais equipes de consertos no Central Park há sessenta amarelos, meritíssimo.”

“Está bem”, disse Spofforth. “Então vá você mesmo buscar os materiais e limpe.”

“Sim, meritíssimo.” O secretário deu meia-volta e caminhou lentamente para fora do tribunal. Ele mancava sofrivelmente, com uma das pernas praticamente se arrastando atrás de si.

Alguns minutos depois, ele voltou com um balde de água e uma esponja. Ele foi até o juiz e, mergulhando a esponja na água, começou a limpar o rosto do juiz. Parte da poeira amarelada se espalhou, mas a maior parte saiu. Então, ele passou a limpar as mãos do juiz, lenta e desajeitadamente.

Spofforth pareceu se impacientar. Eu nunca tinha ouvido falar em robô impaciente; mas Spofforth estava claramente batendo o pé no chão. Então, abruptamente, ele deu alguns passos até o juiz, parou, pegou a barra da toga do juiz e sacudiu-a vigorosamente. A poeira se espalhou por toda parte. Quando a poeira baixou, eu vi que a teia de aranha havia sumido.

Então, Spofforth deu alguns passos para trás e olhou para o juiz. Ele mandou o secretário parar e ele parou imediatamente, deixando uma mancha esverdeada na mão esquerda do juiz, ainda dobrada em seu colo.

“Seus serviços não serão necessários nesta audiência”, disse Spofforth ao secretário. “Eu mesmo pretendo registrar a sessão. Durante a audiência, você pode telefonar para a Manutenção Geral e pedir para enviarem imediatamente um robô da Limpeza Municipal e um robô de Reparos do Município.”

O secretário olhou estupidamente para Spofforth. Acho que ele era um Tipo Três — lóbulos das orelhas verdes — e eles são apenas um pouco melhores que os robôs idiotas. “O telefone não está funcionando”, disse ele.

“Então vá andando até a Manutenção Geral. Fica a cerca de cinco quadras daqui.”

“Andando?”, perguntou o robô.

“Você com certeza sabe andar. Você sabe aonde deve ir?”

“Sim, senhor.” O secretário se virou e começou a mancar na direção da porta. Spofforth disse, “Espere”, e então, “Venha cá”.

O secretário se virou de novo, veio até ele e ficou parado à sua frente. Spofforth se inclinou, pegou a perna esquerda do secretário na mão, apalpou-a por um momento e, então, deu um puxão abrupto. Alguma coisa ali dentro fez um ruído rascante e pesado. Spofforth se ergueu. “Agora vá”, ordenou.

E o secretário saiu do tribunal com um passo perfeitamente normal.

Spofforth se virou e olhou novamente para o juiz. O juiz já estava mais limpo agora, mas ainda um pouco respingado e amarfanhado.

“Declaro aberta a sessão deste tribunal”, disse Spofforth, tal como as aulas de Civismo ensinavam que qualquer cidadão poderia fazer. Se bem que nunca disseram nada sobre robôs poderem fazer isso também. Ensinavam que os tribunais eram importantes para proteger nossos direitos sagrados à Privacidade e à Individualidade, e que os juízes podiam ser úteis, mas, de alguma forma, você ficava com a impressão de que era uma boa ideia evitar totalmente os tribunais.

A cabeça do juiz acordou, embora o restante do corpo tenha continuado imóvel. “Quem convocou a sessão?”, perguntou, em voz grave e profunda.

“Sou um robô Tipo Nove”, respondeu Spofforth em voz baixa, “programado para Detecção e designado como tal pelo Governo da América do Norte”.

O resto do juiz então acordou. Ele arrumou a toga, passou os dedos nos cabelos grisalhos, então levou a mão ao queixo e disse: “A sessão está aberta. Qual é a alegação do cidadão-robô?”

Cidadão-robô? Nunca tinha ouvido esse termo antes.

“Trata-se de um caso criminal, juiz”, explicou Spofforth. “O acusado dirá agora o seu nome.” Ele se virou para mim. “Diga seu nome, cargo e local de residência.” E então, apontando para o Buraco da Verdade: “Cuidado com o que vai dizer”.

Eu tinha quase me esquecido do Buraco da Verdade. Evitei olhar para ele e disse cautelosamente: “Meu nome é Paul Bentley. Sou professor de Artes Mentais na Southeast Ohio University e minha



residência oficial é na Residência dos Professores do campus. Atualmente, moro na Biblioteca de Artes da Universidade de Nova York, onde estou temporariamente empregado pelo diretor da universidade." Eu não sabia se devia dizer que Spofforth era esse diretor para quem eu trabalhava, mas não disse.

"Muito bem, filho", disse o juiz. Ele olhou para Spofforth. "Qual é a acusação?"

"Há três acusações", informou Spofforth. "Coabitação, Leitura e Ensino de Leitura."

O juiz olhou para ele sem entender. "O que é Leitura?", perguntou ele.

Spofforth não disse nada no momento. Então ele disse: "Você é um Tipo Sete, projetado na Quarta Era. O seu Programa Legal não contém essa acusação. Consulte os seus arquivos."

"Sim", disse o juiz. Ele apertou um botão no braço de sua imensa poltrona e uma voz disse por algum alto-falante: "Você está no Arquivo Jurídico da América do Norte", e o juiz disse: "Existe uma infração civil chamada Leitura? E ensinar Leitura configura infração distinta?"

A voz do arquivo demorou bastante para responder. Nunca vi um computador demorar tanto. Ou talvez tenha sido apenas a minha impressão. Finalmente, a voz voltou e disse: "Leitura é o compartilhamento sutil e total de ideias e sentimentos por meios dissimulados. Constitui invasão grave da Privacidade e violação direta das Constituições da Terceira, Quarta e Quinta eras. O Ensino da Leitura é igualmente crime contra a Privacidade e a Personalidade. De um a cinco anos de pena para cada crime."

O juiz desligou o computador. Então ele disse: "Isso é claramente grave, meu rapaz. E você ainda é acusado de Coabitação". Então, dirigindo-se a Spofforth: "Ele coabitou com o quê? Homem, mulher, robô ou animal?"

"Com uma mulher. Eles viveram juntos por sete semanas."

O juiz balançou a cabeça e se virou para mim. "Esse não é tão grave quanto o outro, rapaz. Mas é um sério risco à Individualidade e à Personalidade, e já se sabe que costuma levar a comportamentos ainda mais graves."

“Sim, juiz”, respondi. Eu ia começar a dizer que lamentava, mas me dei conta a tempo de que não lamentava nada — só estava apavorado. Eu podia ter perdido um dedo.

“Mais alguma coisa?”, perguntou o juiz a Spofforth.

“Não.”

O juiz olhou para mim. “Tire a mão do Regulador de Honestidade e levante-se de frente para este tribunal.”

Tirei a mão do Buraco da Verdade e me levantei.

“Como você se declara, culpado ou inocente?”, indagou o juiz.

Já com a mão fora da caixa, eu poderia ter mentido. Mas imagino que poriam minha mão de volta lá dentro se eu dissesse “inocente”, e o julgamento continuaria. E, na verdade, eu tinha ouvido outro prisioneiro ali dizer que era exatamente isso. Quase todo mundo se declarava culpado.

Olhei para o juiz e disse: “Culpado”.

“O tribunal parabeniza a sua honestidade”, disse o juiz. “Você está condenado a seis anos na Penitenciária Norte-americana, com trabalhos forçados nos dois primeiros anos.” O juiz baixou um pouco a cabeça e olhou severamente para mim. “Aproxime-se”, ordenou.

Fui até a poltrona dele. Ele se levantou, lentamente, e então estendeu os braços. Suas mãos grandes, uma delas ainda com a mancha esverdeada, agarraram meus ombros. Senti algo picar minha pele, como uma seringa de droga. E fiquei inconsciente.

Acordei nesta prisão.



Isso foi tudo o que consegui escrever hoje. A mão e o braço com que escrevo estão doendo de tanto que já escrevi. Além do mais, está tarde e preciso fazer trabalhos braçais amanhã.

## **NONAGÉSIMO DIA**

Meu quarto — ou “cela” — na prisão não é muito maior que um ônibus-telepata pequeno, mas é confortável e privado. Tenho uma cama, uma cadeira, uma luminária e uma parede de televisão com uma pequena biblioteca de gravações. A única coisa a que já assisti

até agora é um programa de dança e exercício, mas eu não estava com vontade de dançar e desliguei as esferas BB antes que o programa terminasse.

Há cerca de cinquenta outros prisioneiros em celas idênticas no mesmo edifício; todos saímos para trabalhar juntos após o desjejum. Pela manhã, trabalho na fábrica de sapatos da prisão. Sou um dos catorze prisioneiros-inspetores. Os sapatos são feitos, obviamente, por equipamentos automáticos; meu trabalho é examinar um em cada catorze sapatos, em busca de algum defeito. Um robô idiota nos vigia e me avisaram de que, se eu não pegar um sapato depois que o homem à minha esquerda pegou o seu, a cada vez, serei punido. Descobri que não é realmente necessário *olhar* para o sapato, de modo que eu nem olho mais. Simplesmente escolho um a cada catorze que passam.

Como sou formado em Artes Mentais, para mim é fácil passar boa parte do tempo da inspeção de sapatos em doces alucinações, mas fico triste às vezes ao descobrir que existe um aspecto em minhas alucinações sobre o qual não tenho controle algum; imagens de Mary Lou aparecem, com chocante nitidez, na minha cabeça. Sempre que tento me divertir com abstrações alucinadas — formas e cores livres — sem aviso, vejo o rosto de Mary Lou, com aquele olhar intenso e pensativo. Ou Mary Lou de pernas cruzadas no chão do meu escritório com um livro no colo, lendo.

Quando eu dava aula, costumava fazer uma piada durante a minha palestra sobre Alucinação Orgásmica. Eu dizia à turma: “Essa é uma boa técnica para se aprender se um dia vocês forem presos”. Nunca ninguém achou muito graça, pois imagino que seja preciso ter uma boa educação nos Clássicos — nos filmes de James Cagney, por exemplo — para entender a referência à prisão. De todo modo, era uma piada que eu costumava fazer. Mas agora não pratico mais alucinação orgásmica, mesmo sendo especialista nessa técnica. À noite, em minha cela, eu me masturbo, como imagino que outros prisioneiros fazem. Eu guardo meus pensamentos mais íntimos da Mary Lou para o momento em que estou sozinho à noite.

Recebemos dois baseados e dois sedativos com o jantar, mas venho economizando os meus. Depois do jantar, sinto o cheiro doce

de maconha no grande dormitório da prisão e escuto a música da TV erótica saindo das outras celas, e imagino o êxtase sintético nos semblantes dos outros prisioneiros. De alguma maneira, pensar nisso, escrever isso agora, me fez estremecer. Eu quero Mary Lou aqui comigo, quero ouvir sua voz. Quero dar risada com ela. Eu quero que ela me console.

No ano passado, eu não saberia o que estou sentindo. Mas, depois de todos aqueles filmes, agora sei o que é: eu estou apaixonado pela Mary Lou.

É um sentimento terrível. Estar apaixonado é terrível.

Não sei onde fica a prisão. Fica em algum lugar perto do mar. Fui trazido para cá inconsciente e acordei com um robô me dando um uniforme azul. Não consegui dormir na primeira noite, desejando que ela estivesse comigo.

Eu a desejo. Nada mais é real.

## **NONAGÉSIMO PRIMEIRO DIA**

Toda tarde trabalho em um campo junto ao mar. O campo é vasto, quase três quilômetros de litoral; está tomado por uma planta sintética espinhosa chamada Proteína 4. Essas plantas são coisas grandes e feias, do tamanho e da forma da cabeça de um homem, de cor verde-arroxeadas e um cheiro rançoso. Mesmo ao ar livre, naqueles campos ensolarados, o cheiro era quase insuportável. Meu trabalho é alimentá-las individualmente com substâncias químicas prescritas por um computador, a cada dia. Tenho uma pequena pistola pulverizadora, carregada com cápsulas por um terminal de computador ao final de uma longa fileira de plantas, que aponto para uma pequena boca de plástico acoplada no terreno amarelado da base de cada planta e insiro ali o conteúdo de uma cápsula.

É um trabalho cansativo, sob o sol quente, acompanhando o ritmo acelerado criado pela música que toca constantemente no campo. Somos quarenta homens trabalhando ali, com um intervalo de cinco minutos a cada hora. Suamos muito.

Dez robôs idiotas poderiam fazer esse trabalho. Mas nós estamos em reabilitação.

Ou ao menos é o que a televisão, que devemos assistir durante a hora social depois do almoço, nos diz, de modo que não sei se os outros sentem tanta raiva, ou se estão tão exaustos quanto eu.

Dois robôs de uniforme marrom nos vigiam enquanto trabalhamos. São baixos, pesados e feios, e sempre que olho para aquele que me bateu, ele parece estar me olhando fixamente, sem piscar, com sua boca de androide ligeiramente aberta, como se estivesse babando.

Minha mão ainda está tão cansada e dolorida de apertar o gatilho daquela pistola que não consigo escrever mais.

Mary Lou. Espero que você não esteja tão infeliz quanto eu estou. E espero que você pense em mim, de vez em quando.

# Mary Lou

UM

Ler acaba ficando entediante às vezes, mas, de vez em quando, descubro alguma coisa que eu gosto de aprender. Estou sentada em uma poltrona perto da janela enquanto escrevo isto, segurando uma prancheta no colo para escrever em cima, e por um longo tempo antes de começar eu simplesmente fiquei aqui sentada olhando para a neve cair. Flocos grandes, pesados, embolados, caindo diretamente do céu. Bob me disse para pegar leve, então não vou arrumar uma dor nas costas de ficar andando por aí carregando esse barrigão. Então, fiquei observando a neve por um longo tempo. E comecei a pensar em uma coisa que eu tinha lido alguns dias antes sobre o ciclo da água, sobre como o sofisticado sistema da evaporação e da condensação e dos ventos e do ar realmente funciona. Fiquei vendo a neve cair e pensei que aqueles flocos brancos até recentemente tinham sido a superfície da água do Oceano Atlântico, transformada em vapor pelo calor do sol. Consegui visualizar as nuvens se movendo juntas muito acima da água, e a água nas nuvens se cristalizando em flocos de neve, e esses flocos caindo e se acumulando e caindo ainda mais até eu conseguir enxergá-los, do lado de fora dessa janela em Nova York.

Por algum motivo, eu me sinto bem só de *saber* essas coisas.

Quando eu era uma garotinha, o Simon me falava sobre coisas como o ciclo da água e a precessão dos equinócios. Ele tinha um

velho quadro negro e giz; lembro-me dele desenhando para mim o planeta Saturno com seus anéis. Quando perguntei como ele sabia essas coisas, ele me disse que havia aprendido com o pai dele. O avô dele, quando menino, tinha visto a noite através de um telescópico celeste, muito tempo atrás, não muito depois do que o Simon chamava de "a morte da curiosidade intelectual".

Embora ele não soubesse ler nem escrever, e nunca tivesse ido a uma escola, o Simon tinha algum conhecimento do passado. Não só dos bordéis de Chicago, mas do Império Romano e da China e da Grécia e da Pérsia. Lembro-me dele em nossa cabaninha de madeira, com um cigarro de maconha em sua boca desdentada, enquanto ele ficava diante do fogão de lenha mexendo um ensopado de coelho ou uma sopa de feijão, e dizendo: "Antigamente havia grandes homens no mundo, homens de visão e poder e imaginação. São Paulo, Einstein, Shakespeare..." Ele tinha várias listas de nomes do passado que declamava com grandiloquência nesses momentos, e esses nomes sempre me davam uma sensação de espanto só de ouvi-los. "Antigamente havia Júlio César e Tolstói e Immanuel Kant. Mas agora só tem robô. Robôs e o princípio do prazer. A cabeça das pessoas é um filme barato."

Meu Deus! Sinto saudade do Simon, quase tanta quanto sinto do Paul. Eu queria que ele estivesse aqui em Nova York comigo, nas horas da manhã em que o Bob está na universidade trabalhando. Enquanto eu estava escrevendo a primeira parte deste diário, essa memorização da minha vida, quando o Paul e eu estávamos morando juntos, eu queria que o Simon pudesse responder a perguntas sobre os primeiros dias em que eu apareci na casa dele no deserto. Sobre a minha aparência quando era menina, e se eu era bonita e esperta e se eu realmente aprendia as coisas tão depressa quanto ele dizia que eu aprendia. Agora eu queria que ele estivesse aqui por seu senso de humor e seu jeito selvagem. Ele era um homem muito, muito velho; mas era muito mais louco e divertido que os dois outros homens com quem morei desde então.

Paul era *pateticamente* sério. É até cômico lembrar a cara que ele fez quando joguei uma pedra na vitrine da pítton, ou como ele ficou sério quando pedi que me ensinasse a ler. E quando ele lia em

voz alta trechos das primeiras entradas do diário dele, quando estávamos morando na biblioteca, ele franzia os lábios, e a testa — até nas partes que eu achava engraçadas.

Bob não é melhor. Seria tolice esperar de um robô que tivesse senso de humor, mas ainda é difícil lidar com sua gravidade e sensibilidade. Especialmente agora que ele fica me contando sobre esse sonho que ele tem sempre e que sempre teve em toda a sua longa existência. A princípio, eu me interessei, mas acabei me entediando com isso.

Acho que esse sonho tem muito a ver com o fato de eu estar morando aqui neste apartamento de três ambientes com ele. Tenho quase certeza de que foi o início de seu desejo de viver e se comportar como um ser humano comum de muito tempo atrás, tentar viver uma vida como a vida do primeiro homem que sonhou o sonho dele.

De modo que sou a esposa ou a amante que ele teria tido. E nós interpretamos uma espécie de jogo de vida doméstica, porque Bob quer que seja assim.

Acho que ele é louco.

E como ele sabe se o cérebro dele não foi copiado de um homem solteiro? Ou de uma mulher?

Ele não dá ouvidos às minhas objeções. O que ele diz é: “Você realmente se importa, Mary?”.

E eu acho que não me importo mesmo. Sinto saudade do Paul. Acho que eu amava o Paul pelo menos um pouco. Mas, pensando bem, eu na verdade não me importo com essa vida, de ser a companheira de um robô de pele marrom.

Dane-se, antes eu morava no *zoológico*, por tudo o que é mais sagrado... Eu vou superar.

Continua nevando lá fora. Vou terminar essa entrada das minhas memórias e ficar aqui sentada por uma hora e tomar uma cerveja e olhar a neve na janela e esperar o Bob voltar para casa.

Claro, seria bom ter o Paul de volta. Mas, como dizia o Simon, não podemos ganhar todas. Vou superar.



## DOIS

Bob voltou a me contar do sonho, e, como sempre, pouco posso fazer além de sorrir educadamente quando ele fala e tentar ser solidária. Ele sempre sonha com uma mulher branca, mas ela não se parece nada comigo. Tenho cabelos escuros e sou fisicamente forte, com quadris e coxas firmes e sólidos. Ela é loira, alta e magra. “Beleza típica”, diz ele. E eu não sou assim, embora a palavra possa se aplicar bem a Paul. A mulher do sonho do Bob está sempre junto a uma banheira preta de água, e está de roupão. Acho que nunca usei um roupão na vida, e não costumo ficar parada perto de banheira por muito tempo.

Acho que o que eu estou tentando dizer é que ele está apaixonado por ela, e não por mim. Além do mais, é melhor mesmo que seja assim.

Certamente eu não amo Bob — eu o odiei, na verdade, quando ele me separou do Paul e o mandou para a prisão. Chorei e bati nele muitas vezes, após o choque inicial. E uma das coisas mais difíceis de aceitar foi o fato de que ele realmente é um Detector — de que *existem* mesmo os Detectores, afinal. Não me incomoda o fato de ele ser um robô, ou negro; o principal dessa experiência foi descobrir que eu podia ser *detectada*. Isso tirou de mim uma coisa que sempre me dera um bocado de força durante toda a minha vida: o sentimento de que eu não estava sendo enganada por esta “sociedade para idiotas” em que eu vivo. Isso feriu parte da confiança que o Simon tinha me dado — Simon, a única pessoa que já amei na vida, ou que provavelmente vou amar.

Bem. Paul era um homem carinhoso e doce, e eu me preocupo com ele. Tentei fazer o Bob libertá-lo da prisão na qual ele o mandou prender, mas ele não quis nem discutir esse assunto. Ele simplesmente disse: “Ninguém irá machucá-lo”, e isso foi tudo o que ele disse. Houve momentos, no começo, em que eu tive vontade de chorar pelo Paul; senti falta da doçura e da ingenuidade dele, e do jeito infantil que ele tinha de comprar coisas para mim. Mas na verdade eu nunca chorei por ele.

Bob, por outro lado, é uma criatura imponente. Ele é, eu sei, muito velho — mais velho do que Simon seria se ainda estivesse vivo; embora isso, aparentemente, não tenha importância, além de dar a ele um “cansaço do mundo” que é comovente. E o fato de ele ser um robô não significa nada para mim, além de certa simplicidade em nossa relação, porque não pode haver nenhum tipo de sexo entre nós. Isso foi uma decepção quando descobri a princípio; mas depois me acostumei.

## TRÊS

Passou meio ano desde que Paul e eu fomos separados, e eu me acostumei a uma vida confortável com Bob, talvez até mesmo feliz. Seria ridículo criticar um robô por falta de humanidade, mas esse é, afinal, o problema. Não estou dizendo que ele não tenha sentimentos — longe disso. Preciso sempre lembrar de pedir para ele se sentar comigo enquanto eu como, ou ele fica magoado. Quando estou com raiva dele, ele parece sinceramente atônito. Um dia, quando eu estava entediada, provoquei-o chamando-o de “Robô” e ele ficou furioso — apavorantemente — e gritou comigo: “Eu não escolhi a minha encarnação”. Não. Ele é como o Paul nisso, tenho de estar sempre atenta para não magoar a sensibilidade dele. Sou eu que não ligo para os outros.

Mas o Bob não é humano, e eu não posso me esquecer disso. Eu me esqueci disso algumas vezes nos primeiros meses em que passamos a morar juntos. Foi depois que a raiva por ele ter me separado do Paul tinha passado, no segundo mês; tentei seduzi-lo. Estávamos sentados, à mesa da cozinha, em silêncio, enquanto eu terminava um prato de ovos mexidos e o meu terceiro copo de cerveja, e ele estava do meu lado, com sua cabeça linda inclinada para mim, me vendo comer. Ele parecia tímido de uma forma comovente. Eu já estava acostumada com o fato de que ele não comia e tinha esquecido totalmente as implicações desse fato simples. Talvez tenha sido a cerveja, mas eu me peguei pela primeira vez reparando que ele era realmente *bonito*, com sua pele marrom, lisa e jovem, seus cabelos negros, curtos e crespos e

brilhantes, seus olhos castanhos. E como seu rosto era forte e sensível! Tive um súbito acesso de sentimentos, não só sexuais, mas também maternos, e estendi o braço e pus a mão no braço dele, pouco acima do punho. Estava quente, como o braço de qualquer pessoa.

Ele olhou para o tampo da mesa, e não disse nada. Na verdade, não éramos de conversar muito. Ele estava com uma camisa de manga curta de Synlon bege, e seu braço marrom — um belo marrom — era liso, quente ao meu toque, sem pelos. Ele estava usando calça cáqui. Deixei lentamente meu copo na mesa, e, como se fosse um sonho, estendi a mão até a coxa dele. E, no breve momento que isso durou, entre soltar o copo e, hesitantemente, pousar a mão na coxa, enquanto minha outra mão ainda segurava de leve o braço dele, a coisa toda se tornou específica e excitantemente sexual; fiquei subitamente excitada e, por um momento, tonta. Pus a palma da mão no interior da coxa dele.

Ficamos ali sentados assim aparentemente por muito tempo. Honestamente, eu não sabia o que fazer em seguida. A minha cabeça estava totalmente vazia de qualquer cálculo daquela situação; a palavra “robô” em nenhum momento me ocorreu. Entretanto, não fui além disso, como poderia ter ido com outro... com outros *homens*.

Então, ele ergueu a cabeça e olhou para mim. Seu rosto estava estranho. No entanto, não parecia haver nenhuma expressão nele. “O que você está tentando fazer?”, perguntou.

Simplemente fiquei olhando para ele como uma boba.

Ele inclinou a cabeça para perto da minha. “O que diabos você está tentando fazer?”

Eu não disse nada.

Então, ele tirou a minha mão da perna dele com a mão livre. Eu tirei a mão do braço dele. Ele se levantou e começou a tirar a calça. Olhei bem para ele, sem pensar em nada.

Eu não estava esperando a explicação que ele queria dar. E, quando vi, fiquei verdadeiramente chocada. Não havia nada entre suas pernas. Uma simples dobra na pele lisa e marrom.

Ele ficou olhando para mim durante todo esse tempo. Quando ele viu que sua nudez havia sido registrada por mim, ele me disse: "Fui feito em uma fábrica em Cleveland, Ohio, mulher. Não nasci. Não sou um ser humano".

Desviei os olhos e, no momento seguinte, eu o ouvi vestindo a calça.

Peguei um ônibus-telepata até o zoológico. Alguns dias depois, descobri que estava grávida.

## **QUATRO**

Em vez de falar sobre o sonho da noite passada, Bob começou a falar sobre inteligência artificial.

Bob disse que seu cérebro não é como o cérebro telepático de um ônibus-telepata. Os ônibus recebem instruções e se movimentam através do que ele chamou de "um receptor de sinal de intenção e um buscador de trajetos". Ele disse que nem ele nem os outros seis ou sete Detectores que ainda existiam na América do Norte tinham qualquer tipo de capacidade telepática. A telepatia seria um fardo excessivo para suas inteligências de "modelo humano".

Bob é um robô Tipo Nove. Ele disse que os Tipos Nove, dos quais ele talvez seja o último remanescente, foram um tipo muito especial de "inteligência copiada" e a última série de robôs que existiria. Eles foram projetados para ser gerentes industriais e executivos sêniores; o Bob mesmo dirigiu o monopólio automobilístico até os carros particulares deixarem de existir. Ele me disse que não só haviam existido carros particulares, como também máquinas que voavam pelo céu e levavam pessoas dentro. Parece impossível.

O modo que encontrei de me acostumar a viver com Bob, depois que ele insistiu em que morássemos juntos, foi fazer perguntas sobre o modo como as coisas funcionavam. Ele parecia gostar de responder a essas perguntas.

Eu perguntei por que os ônibus-telepatas não eram dirigidos por robôs.

"A ideia verdadeira", disse ele, "era fazer a máquina perfeita. Foi o mesmo tipo de ideia que levou à minha construção — ao tipo de

robô que eu sou”.

“O que há de tão perfeito no ônibus-telepata?”, perguntei. Para mim, pareciam coisas comuns, sempre por perto, com seus assentos confortáveis e, no máximo, com três ou quatro passageiros. Volumosos veículos cinzentos de alumínio, de quatro rodas, e uma das poucas coisas mecânicas que sempre funcionavam e não exigiam cartão de crédito para usar.

Bob estava sentado em uma cadeira de Plexiglas empoeirada na cozinha do nosso apartamento; eu estava fervendo ovos sintéticos no fogão nuclear, na única boca que funcionava. Sobre o fogão, uma parte do revestimento da parede havia caído anos antes, revelando exemplares de livros de capa verde que haviam sido pregados ali por algum morador anterior, muito tempo atrás, como isolante.

“Bem, primeiro, eles estão sempre funcionando”, disse ele, melancolicamente. “Eles não precisam de peças de reposição. O cérebro de um ônibus-telepata é tão bom em identificar pontos de desgaste e esforço excessivo na máquina, e em fazer ajustes críticos para distribuir o atrito, que simplesmente não foi preciso fabricar essas peças sobressalentes.” Ele estava olhando pela janela, para a neve caindo. “O meu corpo funciona da mesma maneira”, disse ele. “Também não preciso de peças de reposição.” Ele ficou em silêncio.

Ele parecia ter-se desviado do assunto. Eu já havia reparado que ele fazia isso às vezes e já havia chamado sua atenção para aquilo. “Só estou ficando senil”, dissera ele. “Os cérebros dos robôs se desgastam como qualquer cérebro.” Mas, aparentemente, os cérebros dos ônibus-telepatas não se desgastavam.

Acho que o Bob está bastante obcecado com esse sonho dele, e com sua tentativa de “ressuscitar sua identidade perdida” — a tentativa que o levou a se livrar de Paul e me tomar como esposa. Ele quer descobrir de quem era seu cérebro e tentar recuperar suas memórias. Eu acho que isso é impossível. Acho que *ele* mesmo sabe que é impossível. O cérebro dele é uma cópia *apagada* de um cérebro de uma pessoa muito inteligente. Completamente apagada, exceto por alguns poucos sonhos antigos.

Eu falei que ele deveria deixar isso para lá. “Na dúvida, esqueça”, como dizia Paul. Mas ele disse que essa é a única coisa que o

mantém são — que ainda lhe interessa. Nos primeiros dez azuis, os Tipos Nove haviam queimado os próprios circuitos na corrente elétrica e em transformadores domésticos, esmagado seus cérebros em equipamentos pesados de fábricas, ou meramente enlouquecido e começado a babar como idiotas, ou se tornado seres erráticos, lunáticos delirantes, afogando-se em rios e se enterrando vivos em campos agrícolas. Nenhum outro robô foi fabricado depois da série Tipo Nove. Nunca mais.

Bob tem uma mania, quando está pensando, de ficar passando os dedos em seu cabelo preto, enrolado, sem parar. É um gesto muito *humano*. Eu certamente nunca vi outro robô fazer isso. E ele às vezes *assobia*.

Ele me disse um dia que se lembrava de uma parte de um verso de um poema que fazia parte da memória apagada de seu cérebro. Dizia assim: “De quem são essas ‘alguma coisa’ que acredito conhecer...” Mas ele não conseguia se lembrar do que era essa “coisa”. Uma palavra como “máscaras” ou “pastas”. Às vezes ele dizia o verso assim:

“De quem são esses sonhos que acredito conhecer...?” Mas não ficava satisfeito.

Perguntei por que ele se achava diferente dos outros Tipos Nove, e ele me contou que, até onde ele sabia, nenhum dos outros havia comentado sobre essas “memórias”. O que ele disse foi: “Sou o único negro”. E foi só isso.

Quando ele divagou assim naquela tarde de neve em nossa cozinha, eu o trouxe de volta perguntando: “A automanutenção é a única coisa ‘perfeita’ do ônibus-telepata?”

“Não”, disse ele, e passou o dedo pelos cabelos. “Não.” Mas, em vez de continuar respondendo, disse: “Você me dá um baseado, por favor, Mary?” Ele sempre me chamava de “Mary” em vez de Mary Lou.

“Está bem”, respondi. “Mas como a maconha poderia agir em um robô?”

“Simplesmente me dê um”, disse ele.

Busquei um baseado de um maço em meu quarto. Era do tipo fraco, chamava-se Nevada Grass, que era entregue com o Pro-leite e

os ovos sintéticos duas vezes por semana às pessoas do complexo de apartamentos onde moramos. Pessoas que, como a maioria de nós, usam cartão de crédito amarelo. Digo “pessoas” porque o Bob é o único robô que mora aqui. Ele vai para o trabalho todo dia de ônibus-telepata e fica fora seis horas por dia. A maior parte desse tempo, eu fico lendo livros, ou antigas revistas em microfilme. Ele traz de edifícios de arquivos ainda mais antigos que aquele em que morei com Paul. Ele me trouxe um projetor de microfilmes quando eu perguntei se existiam outras coisas para ler além de livros. Bob sabe ser muito prestativo, embora, pensando melhor, todos os robôs sejam programados para ser assim: ajudar as pessoas.

Certamente, estou divagando agora, com essa continuação do meu plano de memorizar a minha vida. Talvez eu esteja ficando senil — como o Bob.

Não, eu não estou senil. Só estou empolgada por estar memorizando a minha vida de novo. Antes de começar a escrever, eu só estava entediada — entediada como depois que o Simon morreu no Novo México, entediada e maluca como estava ficando no Zoológico do Bronx antes de o Paul aparecer, tão menino e tão singelo, e comovente...

Seria bom eu parar de pensar no Paul.

Trouxe o baseado para o Bob, e ele o acendeu e tragou profundamente. Então, tentando ser amigável, perguntou, “Você *nunca* fuma? Nem toma remédio?”

“Não”, respondi. “Me deixa fisicamente enjoada. E eu não gosto da ideia. Gosto de ficar bem desperta.”

“Sim, você gosta”, disse ele. “Eu te invejo.”

“Por que inveja?”, perguntei. “Eu sou humana e sujeita às doenças e à velhice, e a ossos quebrados...”

Ele ignorou tudo isso. “Fui programado para ficar bem acordado e plenamente consciente vinte e três horas por dia. Só nos últimos anos, desde que comecei a me deixar concentrar em pensar nos meus sonhos, sobre a minha personalidade anterior e seus sentimentos e memórias apagados, que eu aprendi a... a relaxar a mente e deixá-la divagar.” Ele deu outro trago no baseado. “Nunca

gostei de ficar bem acordado. Certamente não gosto disso hoje em dia.”

“Eu já tinha experimentado. Em Dearborn. E depois, quando o Governo me designou para esse absurdo de ser diretor universitário. Da segunda vez, fumei mais que na primeira, porque fiquei furioso com o suposto aprendizado que a universidade se comprometia a oferecer — aprendizado de nada, por alunos que iam para não aprender nada, sobre algum tipo de introspecção. Mas eu não fiquei louco. Eu fiquei de ressaca.”

Ele se levantou da cadeira, foi até a janela e ficou observando a neve por algum tempo. Tirei meus ovos do fogo e comecei a descascá-los.

Então, ele falou de novo. “Talvez fosse uma memória enterrada de uma educação clássica no meu cérebro que me tenha deixado tão furioso. Ou talvez simplesmente o fato de eu ter sido realmente *formado* para o meu trabalho. Eu sei e entendo de engenharia. Nenhum dos meus alunos sabe nenhuma lei da termodinâmica ou entende análise vetorial ou geometria de sólidos ou análise estatística. Eu sei todas essas disciplinas e mais outras tantas. Não são memórias magnéticas inseridas no meu cérebro. Eu as aprendi assistindo a gravações de bibliotecas muitas e muitas vezes, estudando ao lado dos outros robôs Tipo Nove, em Cleveland. E eu aprendi a ser um Detector...” Ele balançou a cabeça, e se afastou da janela para olhar para mim. “Mas isso também não importa agora. O seu pai tinha razão. Já não existem mais muitos Detectores funcionando hoje em dia. Não há mais necessidade deles. Quando as crianças pararam de nascer...”

“As crianças?”, perguntei.

“Sim”, respondeu ele. Então, voltou a se sentar. “Deixe-me contar uma coisa sobre os ônibus-telepatas.”

“Mas e as crianças?”, insisti. “O Paul uma vez me disse...”

Ele olhou para mim estranhamente. “Mary”, disse ele, “eu não sei por que as crianças não estão mais nascendo. Tem algo a ver com o sistema de controle da população”.

“Se ninguém mais nascer”, disse eu, “não vai haver mais pessoas na terra.”



Ele ficou em silêncio por um minuto. Então olhou para mim. “Você se importa?”, perguntou. “Você realmente se importa?”

Olhei de volta para ele. Não sabia o que dizer. Eu não sabia se me *importava* mesmo.

## **CINCO**

Mudamos para este apartamento uma semana depois de Paul ter sido mandado para a prisão e, com o passar dos meses, acabei gostando muito daqui. Bob tentou chamar os robôs de conserto e manutenção para que eles arrumem a parede descascada e ponham novos papéis de parede, consertem as bocas do fogão e troquem o estofado do sofá, mas até agora ele não teve muita sorte. Ele provavelmente é a mais alta autoridade em Nova York; pelo menos, eu não conheço nenhuma criatura com mais autoridade do que ele. Mas ele não consegue fazer muita coisa. O Simon costumava dizer, quando eu era menina, que as coisas estavam caindo aos pedaços. “A Era da Tecnologia enferrujou”, dizia ele. Bem, piorou muito nos quarenta amarelos desde que o Simon morreu. Ainda assim, aqui não é nada mau. Lavo as janelas e limpo o chão sozinha, e temos bastante comida.

Aprendi a gostar de cerveja durante a gravidez, e o Bob conhece um lugar que tem um estoque inesgotável que vem de uma cervejaria automatizada. A cada três ou quatro latas, uma está estragada, mas é só jogar na privada. O ralo da pia também está entupido.

Outro dia, o Bob me trouxe um quadro antigo, uma pintura, dos arquivos, para pendurar sobre um ponto feio da parede da sala. Havia uma pequena placa de latão na moldura, e eu li: “Pieter Bruegel. Paisagem com Queda de Ícaro”. É muito bonita de se olhar. Posso vê-la agora ao erguer os olhos da mesa na qual estou escrevendo isto. Há um trecho de água no quadro — um mar ou um grande lago — e, saindo da água, há uma perna. Eu não entendo, mas gosto da imobilidade do resto da cena. Exceto por essa perna, que está espalhando água. Talvez eu arranje tinta azul algum dia e pinte por cima.

Bob tem essa mania de retomar uma conversa dias depois, quando eu já achava que havíamos encerrado o assunto. Imagino que tenha a ver com o modo como sua mente armazena informações. Ele disse que é incapaz de esquecer qualquer coisa. Mas, se isso é verdade, por que foi necessário para ele trabalhar aprendendo coisas no início de sua formação?

Hoje de manhã, enquanto eu fazia o desjejum e ele estava sentado comigo, começou a falar outra vez sobre os ônibus-telepatas. Acho que ele deve ter ficado pensando naquilo enquanto eu dormia. Às vezes me assusto quando saio da cama pela manhã e o encontro sentado na sala com as mãos dobradas embaixo do queixo ou andando em círculos pela cozinha. Eu me ofereci, um dia, para ensiná-lo a ler, para que ele tivesse alguma coisa para *fazer* toda noite, mas ele simplesmente disse: “Eu já sei coisas demais, Mary”. Não insisti.

Eu estava comendo uma tigela de flocos de proteína sintética, sem apreciar muito o gosto, quando Bob me disse, sem motivo algum: “O ônibus-telepata, na verdade, não fica acordado o tempo todo. É apenas receptivo. Talvez não seja tão ruim ter um cérebro assim. Apenas a receptividade e uma noção de finalidade limitada”.

“Conheci pessoas assim”, disse eu, mastigando. Não olhei para ele; eu continuava, um tanto sonolenta, olhando fixamente para a figura colorida da lateral da caixa de cereal. Era um rosto em que supostamente todo mundo confiava, mas cujo nome quase ninguém sabia — um rosto sorrindo diante de uma grande tigela de algo que eram claramente flocos de proteína sintética. A figura da caixa de cereal era, evidentemente, necessária para que as pessoas soubessem o que havia na caixa, mas eu estava me perguntando sobre o significado da imagem daquele homem. Uma coisa que devo dizer sobre o Paul é que ele fazia você se perguntar esse tipo de coisa. Ele tem mais curiosidade sobre o *sentido* das coisas e sobre como elas fazem você se *sentir* do que qualquer outra pessoa que já conheci. Em parte, devo ter adquirido dele esse costume.

O rosto na caixa, Paul me disse um dia, era o rosto de Jesus Cristo. Era usado para vender muitas coisas. “Um vestígio de reverência”, essa foi a expressão que Paul tinha lido em algum lugar

que supostamente seria a ideia, provavelmente mais de cem azuis atrás, quando esse tipo de coisa havia sido planejado.

“A única coisa que o cérebro de um ônibus-telepata faz”, Bob estava dizendo, “é ler a mente de um passageiro que tem um destino pensado e, então, encontrar um modo de levá-lo até lá sem acidentes. E combinar esse destino com os dos outros passageiros. Provavelmente não é uma vida tão ruim.”

Ergui os olhos para ele. “Para quem gosta de dirigir”, acrescentei.

“Os primeiros modelos de ônibus-telepata feitos nas fábricas Ford eram telepatas *a reciprocidade*. Eles transmitiam música ou pensamentos agradáveis dentro das cabeças dos passageiros. Alguns ônibus-telepatas noturnos enviavam pensamentos eróticos.”

“Por que eles não fazem mais isso? O equipamento quebrou?”

“Não”, respondeu ele. “Como eu disse, os ônibus-telepatas são diferentes do resto desse ferro-velho. Eles não quebram. O que aconteceu foi que ninguém mais queria *sair* dos ônibus-telepatas.”

Balancei a cabeça. Então eu disse: “Eu talvez saísse”.

“Mas você é diferente”, observou ele. “Você é a única mulher não programada da América do Norte. E certamente a única grávida.”

“Por que só eu estou grávida e nenhuma outra?”, perguntei.

“Porque você não toma pílula nem fuma maconha. A maioria das drogas nos últimos trinta anos contém um agente inibidor de fertilidade. Eu confirmei isso em alguns registros de controle na biblioteca depois que esse assunto surgiu entre nós, outro dia. Havia um Plano Diretor de cortar o crescimento da população durante um ano. Uma decisão do computador. Mas algo saiu errado, e a população nunca mais voltou a crescer.”

Isso foi chocante. Fiquei ali sentada por algum tempo, pensando naquilo. Bastou um defeito no equipamento, ou outro computador que fundiu, e acabaram-se os bebês. Para sempre.

“Você não poderia fazer algo a esse respeito? Quero dizer, consertar isso?”

“Talvez”, disse ele. “Mas eu não fui programado para fazer consertos.”

“Ora, vamos, Bob”, insisti, subitamente irritada. “Aposto que você poderia pintar essas paredes e consertar a pia, se realmente

quisesse.”

Ele não disse nada.

Eu estava me sentindo estranha, irritadiça. Alguma coisa naquela conversa sobre a ausência de crianças no mundo — algo em que eu nunca havia reparado até que o Paul me chamou atenção para isso — estava me incomodando.

Olhei duramente para ele, com aquele olhar que o Paul chama de místico e diz que me ama por isso. “Os robôs são capazes de mentir?”, perguntei.

Ele não respondeu.

## SEIS

Ontem à tarde, Bob voltou mais cedo da universidade. Estou no sétimo mês de gravidez agora, e fico muito tempo vagando pelo apartamento, só esperando o tempo passar e olhando a neve. Às vezes, leio um pouco, e às vezes só fico sentada. Ontem, quando o Bob chegou, eu estava entediada e irrequieta e eu disse a ele: “Se eu tivesse um casaco decente, poderia sair para caminhar.”

Ele me olhou estranhamente por um instante. Então, disse, “Vou comprar um casaco para você”, e deu meia-volta e saiu de novo.

Devem ter-se passado duas horas até ele voltar. A essa altura, eu estava ainda mais entediada, e impaciente por ele estar demorando tanto.

Ele trazia um pacote, que ficou segurando por um minuto, parado na minha frente, antes de estendê-lo para mim. Havia algo diferente em seu rosto. Ele parecia muito sério e — como dizer? — vulnerável. Sim, grande como ele era, e todo-poderoso, ele me pareceu vulnerável como uma criança, ao me dar aquela caixa.

Abri. Era um casaco vermelho vivo com uma gola de veludo preto. Tirei e vesti. Era realmente *vermelho*. E eu não gostei muito da gola. Mas certamente era quente.

“Onde você encontrou isso?”, perguntei. “E por que você demorou tanto?”

“Eu procurei nos inventários de cinco galpões”, disse ele, me olhando fixamente, “até encontrar”.

Ergui as sobrancelhas, mas não disse nada. O casaco servia perfeitamente, desde que eu não tentasse abotoar sobre a barriga. “O que você achou?”, perguntei, dando uma volta na frente dele.

Ele não disse nada, mas continuou me olhando fixa e pensativamente por um longo momento. Então, ele disse: “Está bom. Podia ficar mais bonito se você tivesse cabelo preto.”

Foi estranho ele dizer isso. E ele nunca tinha dado nenhum outro sinal de ter reparado na minha aparência. “Será que devo tingir?”, perguntei. Meu cabelo é castanho. Castanho comum, sem nenhuma outra característica particular. O meu forte é o corpo. E os olhos. Eu gosto dos meus olhos.

“Não”, respondeu ele. “Não quero que você tinta o cabelo.” Havia certa tristeza no jeito como ele disse isso. E depois ele disse outra coisa estranha: “Você gostaria de passear comigo?”.

Ergui os olhos para ele, sem me permitir piscar nem por um segundo. Então, eu disse: “Claro”.

E, quando saímos na rua, ele pegou a minha mão. Fiquei muito surpresa. Ele começou a assobiar. Ficamos andando assim por uma hora pelas ruas vazias, no meio da neve, e atravessamos a Washington Square, onde apenas algumas velhas chapadas estavam sentadas fumando seus baseados em silêncio. Bob tomava cuidado para andar devagar, para que eu pudesse acompanhá-lo — ele é realmente enorme —, mas não falou nada o tempo inteiro. De vez em quando ele parava de assobiar e olhava para mim, como se estudasse meu rosto; mas não disse uma palavra.

Foi estranho. No entanto, eu me senti de algum modo satisfeita. Senti que havia alguma importância para ele naquele casaco vermelho e em caminhar segurando a minha mão, e eu não achei realmente necessário saber exatamente por quê. Se ele quisesse que eu soubesse, teria dito. De alguma forma, senti que ele *precisava* de mim e, por algum tempo, me senti muito importante. Foi um sentimento bom. Quis que ele pusesse o braço no meu ombro.

Às vezes, a ideia de que logo serei mãe me apavora e faz com que eu me sinta sozinha. Nunca falei com o Bob sobre isso, eu não

saberia como falar sobre isso com ele; ele parece muito absorto nos próprios anseios.

Li um livro sobre ter bebês e como cuidar deles. Mas não tenho ideia de como deve ser a sensação de *ser* mãe. Nunca vi nenhuma mãe.

## SETE

Aqui em Nova York, quando estou caminhando sozinha pela neve, observo os rostos das pessoas. Não são sempre inexpressivos, nem sempre vazios ou estúpidos. Alguns estão franzindo a testa concentrados, como se um pensamento difícil estivesse tentando brotar na fala. Vejo homens de meia-idade, com corpos esguios e cabelos grisalhos e roupas coloridas, de olhos vidrados, perdidos em seus pensamentos. Suicídios por imolação se tornaram abundantes nesta cidade. Será que esses homens estão pensando na morte? Nunca lhes perguntei. Não se faz essa pergunta.

Por que não conversamos uns com os outros? Por que não nos agrupamos para nos proteger do vento frio que sopra nas ruas vazias desta cidade? Um dia, muito tempo atrás, existiam telefones particulares em Nova York. As pessoas se falavam nessa época — talvez com alguma reserva, estranhamente, com suas vozes distorcidas pelos meios eletrônicos; mas elas se falavam. Sobre os preços no mercado, sobre eleições presidenciais, o comportamento sexual de seus filhos adolescentes, sobre o medo do frio e o medo da morte. E as pessoas *liam*, ouvindo as vozes dos vivos e dos mortos falando com elas em seu silêncio eloquente, em contato com uma balbúrdia de vozes humanas que devia lhes encher a cabeça de um modo que dizia: *Eu sou humano. Eu falo e ouço e leio.*

Por que ninguém mais sabe *ler*? O que aconteceu?

Eu tenho um exemplar do último livro publicado no mundo pela Random House, um antigo estabelecimento comercial que fazia com que os livros fossem impressos e vendidos aos milhões. O livro se chamava *Violência*; foi publicado em 2189. Na orelha, há uma frase que começa assim: "Com este romance, o quinto de uma série, a Random House encerra suas atividades editoriais. A abolição dos

programas de leitura nas escolas nos últimos vinte anos contribuiu para criar a essa situação. É com pesar que..." E assim por diante.

Bob parece saber quase tudo, mas ele não sabe quando ou por que as pessoas pararam de ler. "A maioria das pessoas é preguiçosa demais", diz ele. "Elas só querem distrações."

Talvez ele esteja certo, mas eu, na verdade, *desconfio* de que não está. No subsolo do edifício de apartamentos onde moramos, um prédio muito velho que foi reformado muitas vezes, há uma frase rabiscada de forma grosseira perto do reator: ESCREVER É UM SACO. A parede é pintada em um verde habitual, e, arranhados na tinta, há desenhos rústicos de pênis e seios de mulheres e casais fazendo sexo oral ou se agredindo, mas a única coisa escrita são estas palavras: ESCREVER É UM SACO. Não há nenhuma *preguiça* nessa frase, nem no impulso de escrevê-la arranhando a tinta com a ponta de um prego ou de uma faca. O que eu penso quando leio essa frase dura, categórica, é em quanto *ódio* contém.

Talvez a melancolia e a frieza que vejo em toda parte existam porque não há mais crianças. Ninguém mais é jovem. A vida inteira nunca vi ninguém mais jovem que eu. A minha única ideia de infância vem da memória, e da trapaça obscena daquelas crianças-robôs do zoológico.

Devo ter pelo menos trinta anos. Quando meu filho nascer, ele não terá com quem brincar. Ele será sozinho em um mundo de pessoas velhas e cansadas que perderam o dom da vida.

## OITO

Deve ter havido um período no mundo antigo em que ainda havia roteiristas de televisão que escreviam seus roteiros, mesmo que nenhum ator soubesse lê-los. E, embora houvesse alguns roteiristas que usavam gravadores de voz para seus roteiros — especialmente os programas de "sexo e de dor" que eram populares na época —, muitos se recusavam por uma espécie de esnobismo e continuariam a datilografar seus roteiros. Embora o fabricante de máquinas de escrever tivesse deixado de existir anos antes e as peças de reposição e fitas fossem quase impossíveis de encontrar, roteiros

datilografados continuariam a ser entregues aos estúdios. Cada estúdio, portanto, precisava ter um *leitor* — uma pessoa cujo trabalho era ler em voz alta os roteiros datilografados em um gravador, para que o diretor pudesse entender e os atores pudessem aprender suas falas. Alfred Fain, cujo livro foi usado para isolar as paredes de nosso apartamento contra o frio depois da Morte do Petróleo, era tanto um roteirista como um leitor durante os últimos dias da dramaturgia de televisão ou da Vídeoliteratura. O livro dele se chamava *A última autobiografia* e começa assim:

Quando eu era jovem, a leitura ainda era ensinada nas escolas públicas, como disciplina facultativa. Lembro-me claramente do grupo de meninos de doze anos da aula de leitura da senhorita Warburton, em Saint Louis. Éramos dezessete e nos considerávamos orgulhosamente uma elite intelectual. Os outros milhares de alunos da escola, que só sabiam soletrar palavras como “porra” e “caralho” — rabiscando-as nas paredes das arenas e dos ginásios esportivos e das salas de TV que ocupavam o maior espaço da escola —, todos nos tratavam com uma espécie de rancor reverente. Mesmo que às vezes eles bancassem os valentões conosco — ainda tremo ao lembrar o jogador de hóquei que sempre fazia meu nariz sangrar depois da aula de Viagem Mental —, eles deviam nos invejar em segredo. E eles sabiam muito bem o que *era* leitura.

Mas isso faz muito tempo, e agora estou com cinquenta anos. Os jovens que trabalham comigo — estrelas pornô, jovens diretores de televisão da moda, especialistas em prazer, manipuladores de emoção, gente de publicidade —, ninguém entende nem se importa em saber o que é leitura. Um dia, no set de filmagem, estávamos filmando um roteiro escrito por um veterano que precisava de um livro para ser atirado por uma jovem em uma mulher mais velha. A cena fazia parte de uma história de Religião do Bem-Estar, adaptada de alguma peça esquecida da antiguidade, e se passava em uma sala de espera de uma clínica. A equipe havia montado uma sala de espera



bastante convincente, com cadeiras de plástico e um tapete felpudo, mas, quando o diretor chegou, o aderecista conversou rapidamente com ele, explicando que “não tinha entendido muito bem aquela parte do *livro*”. E o diretor, claramente sem saber o que era um livro, mas sem querer admitir que não sabia, me perguntou para que servia aquilo. Eu disse que aquilo definia a menina que estava lendo como uma intelectual e um pouco antissocial. Ele fingiu pensar um pouco, embora provavelmente também não reconhecesse a palavra “intelectual”, e então disse: “Vamos usar um cinzeiro. E precisamos de um pouco de sangue, quando acertar na testa dela. A cena estava mesmo muito sem graça assim”.

Fiquei chocado demais para brigar com ele. Eu não tinha me dado conta do estado ao qual havíamos chegado.

E isso me leva à seguinte pergunta: por que estou escrevendo isto? E a resposta é simplesmente porque eu sempre quis. Na época da escola, quando aprendíamos a ler, todos Pensávamos que um dia escreveríamos livros que *alguém* leria. Agora sei que esperei demais para começar, mas vou continuar escrevendo mesmo assim.

Aquele roteiro, ironicamente, rendeu ao diretor um prêmio. Contava a história de uma mulher casada que leva o marido, Claude, a uma clínica de impotência. Enquanto espera os médicos resolverem o problema de Claude, ela é atingida na testa por um cinzeiro atirado por uma jovem lésbica faminta por sexo e entra em coma. Durante esse coma ela tem um despertar religioso, com visões.

Lembro-me de tomar mesalina e gim na festa de comemoração do prêmio e de tentar explicar a uma atriz de seios nus sentada no sofá ao meu lado que o único critério na indústria da televisão era financeiro, que não havia nenhuma outra motivação na televisão além de fazer dinheiro. Ela sorria sem parar para mim enquanto eu falava, e, de vez em quando, passava a ponta dos dedos nos mamilos. E, quando eu terminei de falar, ela disse: “Mas dinheiro também é plenitude”.

Fiquei bêbado e levei-a para um motel.

Escrevendo este livro, sinto-me como um estudioso do Talmud ou um egiptólogo talvez se sentissem na Disneylândia do século vinte. Exceto, suponho, pelo fato de eu não me perguntar se alguém vai querer ouvir o que tenho a dizer; eu sei que não haverá ninguém. Só posso me perguntar quantas pessoas ainda existem que sabem ler. Possivelmente alguns milhares. Um amigo meu que trabalha por meio período como diretor de uma editora disse que, hoje em dia, em média um livro tem cerca de oitenta leitores. Perguntei por que eles não param de publicar de uma vez. Ele disse que, sinceramente, não sabe, mas que a editora era uma divisão tão minúscula da corporação de entretenimento à qual ele pertence que provavelmente os donos se esqueceram de sua existência. Ele mesmo não sabe ler, mas respeita os livros porque a mãe tinha sido uma espécie de reclusa que lia praticamente o tempo inteiro, e ele a amava profundamente. Ele é, aliás, uma das poucas pessoas que eu conheço que foi criado em uma família. A maioria dos meus amigos foi formada em dormitórios. Eu fui criado em um kibbutz, em Nebraska. Mas é porque sou judeu, e isso também é uma coisa muito rara hoje em dia; ser judeu e saber disso. Fui um dos últimos membros do kibbutz; o kibbutz foi convertido em um Dormitório de Pensadores operado pelo Estado quando eu tinha vinte e poucos anos.

Nasci em 2137...

Ao ler essa data, imediatamente fiquei curiosa para saber há quanto tempo Alfred Fain tinha vivido, e perguntei ao Bob. Ele disse: "Há cerca de duzentos anos".

Então eu disse: "E hoje tem uma data? Este ano tem um número?"

Ele me olhou friamente. "Não", respondeu. "Não tem data."

Eu gostaria de saber a data. Eu gostaria que o meu filho tivesse uma data de nascimento.

# Bentley

## NONAGÉSIMO QUINTO DIA

Não estou mais tão cansado agora. O trabalho está ficando mais fácil de fazer, e eu me sinto mais forte.

Estou dormindo melhor à noite, agora que resolvi tomar meus sedativos. E a comida agora é palatável e consigo comer muito mais. Mais do que jamais comi em toda a minha vida.

Eu não *gosto* exatamente do efeito dos sedativos, mas são necessários se eu quiser dormir direito. Eles acabaram com parte da dor dos meus pensamentos.

Hoje me atrapalhei e caí bem no meio das plantas, e outro prisioneiro que estava perto veio me ajudar a levantar. Era um homem alto, de cabelos grisalhos, em quem eu já havia reparado antes, pelo modo como ele assobia de vez em quando.

Ele me ajudou a sacudir a poeira e, então, me olhou de perto e disse: "Você está bem, camarada?".

Tudo isso foi terrivelmente íntimo — quase obsceno —, mas não me importei, de verdade. "Sim", respondi. "Estou bem." E então um dos robôs gritou: "Sem conversa. Invasão de Privacidade!", e o homem olhou para mim, abriu um sorriso e deu de ombros. Voltamos os dois ao trabalho. Mas, quando ele voltava caminhando, ouvi que ele murmurou: "Malditos robôs estúpidos!" e eu fiquei chocado com a força de um sentimento sem culpa em sua voz.

Eu já tinha visto outros prisioneiros cochichando no meio das plantas. Geralmente alguns minutos antes de um robô perceber e os interromper.

Os robôs andam conosco entre as fileiras de plantas; mas eles param antes de chegar perto demais do penhasco baixo, no final do campo. Talvez eles sejam programados assim para não cair — ou ser empurrados — lá embaixo. De todo modo, eles costumam estar bem longe quando eu chego à extremidade mais próxima do mar, de modo que há um breve intervalo de tempo em que eles não conseguem me ver, devido a um declive no terreno antes da borda do penhasco.

Aprendi a acelerar, com dois borrifos da pistola a cada batida da música, até o final de cada fileira. Isso me dá tempo de ficar parado na beira do mar por dezesseis batidas — e sou grato pelo fato de ter aprendido a determinar isso lendo *Aritmética para Meninos e Meninas*. Fico ali parado olhando o mar. É maravilhoso olhar o mar — aberto, imenso e sereno. Alguma coisa no fundo de mim mesmo reage ao mar, com um sentimento que não consigo descrever. Mas estou aprendendo outra vez a acolher os sentimentos estranhos. Às vezes, há pássaros sobre o mar, suas asas curvas e abertas, pairando no ar em arcos abertos e perfeitos, acima do meu mundo de homens e máquinas, insondáveis, e arrebatadores de se ver. Olhando para eles, às vezes digo a mim mesmo uma palavra que aprendi em um filme: “Esplêndido!”.

Eu disse que estou aprendendo a acolher sentimentos estranhos, e isso é verdade. Como me sinto diferente do que era, há muito menos de um amarelo, quando comecei a ter aqueles sentimentos assistindo aos filmes mudos no meu beliche-escrivania. Sei que estou desobedecendo a tudo o que me foi ensinado desde criança sobre sentimentos por coisas externas a mim, mas eu não me importo. Na verdade, estou gostando de fazer uma coisa que era proibida.

Não tenho nada a perder.

Acho que o oceano me diz mais nos dias de chuva, quando a água e o céu estão cinzentos. Há uma praia de areia logo abaixo do penhasco; sua cor brônzea fica linda em contraste com a água

cinzenta. E os pássaros brancos no céu cinzento! Meu coração bate com força só de imaginar, aqui da minha cela. E é triste, como o cavalo com chapéu na cabeça do filme antigo, como King Kong caindo — tão lentamente, tão delicadamente, tão distante — e como as palavras que eu digo agora em voz alta: “Só o pássaro imitador canta na borda do bosque”. Como lembrar Mary Lou, de pernas cruzadas no chão, com os olhos em seu livro.

Tristeza. Tristeza. Mas eu vou acolher a tristeza, e fazer dela parte desta vida que estou memorizando.

Não tenho nada a perder.

## **NONAGÉSIMO SÉTIMO DIA**

Hoje aconteceu uma coisa surpreendente no campo.

Eu já estava trabalhando fazia umas duas horas; estava quase na hora do segundo intervalo. Ouvi um farfalhar atrás de mim onde normalmente ficava o robô-capataz e olhei ao redor e lá estava ele, cambaleando espasmodicamente entre as plantas. No momento em que olhei, seu pé pesado esmagou uma planta de Proteína 4. A planta se abriu, exalando um odor asqueroso e cobrindo o pé dele com uma gosma arroxeadada.

A boca do robô se retesou sombriamente e seus olhos se reviraram. Ele cambaleou por mais alguns instantes, pisou em outra planta, e então ficou completamente imóvel por um momento, como se tivesse adormecido. Então ele desabou no chão, como um peso morto. O outro robô foi até ele, olhou para o corpo inerte, e disse: “Levante-se”. Mas o outro nem se mexeu. Seu companheiro se inclinou, recolheu-o e começou a levá-lo de volta às instalações da prisão.

No minuto seguinte, ouvi uma voz alta no campo berrar: “Robôs com defeito, rapazes!”. Ouviu-se o som de uma correria. Olhei, perplexo, e vi um grupo de prisioneiros de uniforme azul correndo entre as fileiras da plantação. Então, de repente, senti um braço em meu ombro — uma coisa que nunca tinha acontecido antes na minha vida: um desconhecido colocar o braço no meu ombro! Era o homem de cabelos grisalhos e ele disse: “Vamos, camarada! Para a

praia!”, e eu me vi correndo atrás dele. Eu estava apavorado! Estava apavorado, mas era agradável.

Havia um ponto em que o penhasco era mais baixo e havia uma fenda na rocha por onde era possível escalar e descer por antigos degraus desgastados, cavados na pedra. Enquanto eu descia com os outros, assustado com as tapas nas costas e com os gritos alegres entre eles — algo que eu nunca tinha visto nem quando criança —, reparei em uma coisa estranha em uma das rochas do penhasco rente à escada. Era uma escrita com tinta branca apagada. Dizia: “John ama Julie, Turma de 94”.

Foi tudo tão estranho que me senti quase hipnotizado. Os homens estavam dizendo coisas uns aos outros e dando risadas, como nos filmes de piratas. Ou como em certos filmes sobre prisões. Mas ver algo em um filme e depois realmente ver isso acontecer na realidade são coisas muito diferentes.

No entanto, pensando nisso agora na minha cela, vejo que não me senti tão incomodado quanto poderia ter ficado, possivelmente porque eu *tinha* visto aquele tipo de intimidade nos filmes.

Alguns homens juntaram pedaços de madeira trazida pelo mar e fizeram uma fogueira na praia. Eu nunca tinha visto uma fogueira ao ar livre antes e gostei. Depois, alguns tiraram a roupa, correram dando risadas pela praia e entraram na água. Outros ficaram chapinhando e brincando no raso; outros foram até o fundo e começaram a nadar, como se estivessem em uma piscina de Educação Física. Reparei que estavam divididos em pequenos grupos, tanto os que ficaram brincando como os que foram nadar, e que eles pareciam querer que fosse assim.

O restante de nós ficou na praia, todos sentados em volta da fogueira. O homem grisalho tirou um baseado do bolso da camisa e pegou um graveto em brasa e acendeu. Ele parecia acostumado com fogueiras — na verdade, todos eles pareciam ter feito aquilo muitas vezes antes.

Um deles, sorrindo, disse ao homem a seu lado: “Charlie, quanto tempo fazia que não acontecia um defeito desses?”, e Charlie respondeu: “Já fazia algum tempo. Já estava mais do que na hora”. E o outro deu risada e disse: “É mesmo!”.

O homem grisalho veio na minha direção e se sentou ao meu lado. Ele me ofereceu o baseado, mas eu balancei a cabeça negativamente, então ele deu de ombros e passou para o homem do meu outro lado. Então, ele disse: "Temos pelo menos uma hora. Os robôs de conserto aqui são lentos".

"Onde estamos?", perguntei.

"Não tenho certeza", respondeu ele. "Todo mundo é posto para dormir no tribunal e eles só nos acordam quando chegamos aqui. Mas um cara me disse uma vez que achava que era Carolina do Norte." Ele falou com o homem que havia ficado com o baseado. E que o estava passando para o vizinho. "Não foi isso, Foreman? Carolina do Norte?"

Foreman se virou. "Eu tinha ouvido que era do Sul", disse ele. "Carolina do Sul."

"Bem, uma das duas", observou o homem grisalho.

Por algum tempo, ficamos em silêncio em volta da fogueira, vendo as chamas no ar da tarde, ouvindo o som das ondas quebrando na praia e escutando de vez em quando o grito de uma gaivota sobre nossas cabeças. Então, um dos homens mais velhos falou comigo: "Por que eles te puseram aqui? Você matou alguém?"

Fiquei constrangido e sem saber o que dizer. Ele não entenderia se eu falasse em leitura. "Eu estava morando com uma pessoa", respondi finalmente. "Com uma mulher..."

O semblante do velho se iluminou por um momento e então quase imediatamente ficou triste. "Eu também já morei com uma mulher. Por mais de um azul."

"Ah, é?", indaguei.

"É. Um azul e um amarelo. No mínimo. Mas não foi por isso que me puseram aqui. Porra, eu sou um ladrão, isso, sim. Mas claro que eu me lembro..." Ele era enrugado, magro e curvado; havia apenas alguns fios de cabelo em sua cabeça, e suas mãos tremeram quando ele pegou o baseado e tragou e depois passou para o sujeito mais jovem ao seu lado.

"Mulheres", disse o homem grisalho ao meu lado, rompendo o silêncio.

Algo naquela palavra aparentemente fez o mais velho se abrir. “Eu costumava fazer café para ela”, disse ele, “e nós bebíamos na cama. Café de verdade com leite de verdade, e às vezes, quando eu conseguia encontrar, um pedaço de fruta. Uma laranja, talvez. Ela bebia aquele café em uma caneca cinza e eu ficava sentado do outro lado da cama olhando para ela e fingindo pensar no meu café, mas o que eu realmente estava fazendo era olhar para ela. Deus, eu podia ficar olhando aquela mulher para sempre.” Ele balançou a cabeça.

Sentia a tristeza dele. Meus braços e pernas se arrepiaram ao ouvi-lo falar daquele jeito. Eu nunca tinha ouvido uma pessoa falar assim na *minha* frente antes. Ele falou o que eu sentia e, mesmo triste como eu estava, aquilo foi um alívio para mim.

Alguém perguntou baixinho: “E o que aconteceu com ela?”.

Por algum tempo, o velho não respondeu. Então ele disse: “Não sei. Um dia voltei para casa da fábrica e ela não estava mais lá. Nunca mais soube dela”.

Houve um silêncio momentâneo e então um dos prisioneiros mais jovens falou. Ele estava tentando, imagino, ajudar. “Bem, sexo às pressas é o melhor sexo”, disse ele filosoficamente.

O velho virou a cabeça lentamente e olhou bem para o sujeito que havia acabado de falar. E então ele disse a ele, com força e com calma: “Vá se foder. Vá se foder com essa conversa”.

O mais jovem parecia confuso, e virou o rosto. “Não tive intenção de...”

“Vá se foder”, repetiu o velho. “Vá se foder com o seu sexo às pressas, eu sei como foi a minha vida.” Então, ele se virou de novo para o mar e disse baixinho, repetindo consigo mesmo: “Eu sei como foi a minha vida”.

Ao ouvir isso e ao ver o modo como aquele velho olhava para o mar com seus ombros estreitos enquadrados pela camisa azul desbotada do uniforme da prisão e a brisa soprando nos poucos fios de cabelo na pela esticada de sua cabeça velha, senti uma tristeza que ia além das lágrimas. E fiquei pensando na Mary Lou e na aparência dela às vezes pela manhã, bebendo chá. Ou na mão dela



em minha nuca e no modo como, às vezes, ela ficava me olhando, olhando fixamente, e então sorria...

Devo ter ficado ali pensando essas coisas da Mary Lou e sentindo a minha própria tristeza por muito tempo, olhando para o mar, para além do velho. E então ouvi o homem grisalho ao meu lado falar baixinho: "Quer nadar?". Olhei para ele, assustado, e disse: "Não", talvez depressa demais. Mas a ideia de ficar nu na frente de todos aqueles desconhecidos me trouxe de volta ao presente com um sobressalto.

Embora eu adore nadar.

Nos Dormitórios de Pensadores, cada criança fica sozinha com a piscina inteira por dez minutos. Os Dormitórios são muito intransigentes em seu Individualismo.

Eu estava pensando nisso quando, de repente, o homem grisalho disse: "Meu nome é Belasco".

Olhei para a areia sob meus pés. "Prazer", disse eu.

E então, no momento seguinte, ele disse: "Qual é o seu nome, camarada?".

"Oh", exclamei, ainda olhando para a areia. "Bentley." E senti sua mão no meu ombro e olhei, assustado, para os olhos dele. Ele estava sorrindo para mim. "É um prazer conhecê-lo, Bentley", disse ele.

Pouco depois, eu me levantei e desci até a beira da água, mas em um ponto afastado dos nadadores. Sei que mudei muito desde que saí de Ohio; mas toda aquela intimidade e todos aqueles sentimentos eram mais do que eu conseguia suportar de uma vez. E eu queria ficar sozinho com meus pensamentos em Mary Lou.

Na beira do mar, encontrei um caranguejo-ermitão, em uma pequena concha encurvada. Eu sabia que era um ermitão por ter visto uma ilustração em um livro que a Mary Lou tinha encontrado: *Criaturas do Litoral da América do Norte*.

Havia um cheiro forte, salgado, limpo, na beira da água, e as ondas, quebrando delicadamente na areia úmida, faziam um som que eu nunca tinha ouvido antes. Fiquei ali ao sol observando, e sentindo o cheiro, e ouvindo o som da água, até a voz do Belasco

me chamar de volta. “Está na hora de ir embora, Bentley. Eles vão consertá-lo a qualquer momento.”

Nós subimos a escadaria de pedra em silêncio e voltamos às nossas posições no campo e aguardamos.

Dali a pouco, os robôs voltaram. Eles não repararam que não havíamos feito nenhum progresso em sua ausência. Robôs estúpidos.

Voltei ao trabalho, ao ritmo da música.

Quando cheguei à extremidade do campo que dava para o mar, olhei para a praia lá embaixo. Nossa fogueira ainda estava acesa.

Estou me dando conta de que acabei de escrever “*nossa fogueira*”. Como é estranho que eu tenha pensado nessa fogueira como pertencente a todos nós — a nós como um grupo.

Enquanto voltávamos para o campo vindo da praia, vim caminhando ao lado do homem de cabelos brancos. Quis, por um instante, dizer algo gentil a ele, agradecer por tornar minha tristeza mais suportável, ou, até mesmo pôr o braço em seus velhos ombros de aparência frágil. Mas não fiz nada disso. Não sei fazer esse tipo de coisa. Quem me dera saber; sinceramente, lamentei não saber esse tipo de coisa. Mas não sei.

## **NONAGÉSIMO NONO DIA**

Sozinho em minha cela à noite, penso um bocado. Penso às vezes nas coisas que li nos livros, ou em minha infância, ou nos três azuis que passei como professor em Ohio. Às vezes penso naqueles primeiros dias em que aprendi a ler, mais de dois amarelos atrás, quando encontrei a lata de filme, os cartões e os livrinhos com figuras. As palavras na caixa diziam: “*Kit de Leitura para Iniciantes*”. Foram as primeiras palavras escritas que eu vi na vida, e, evidentemente, eu não sabia o que diziam. O que será que me deu a paciência de insistir até aprender a ler palavras em um livro?

Se eu não tivesse aprendido a ler em Ohio e depois viesse para Nova York para tentar me tornar professor de leitura, eu não estaria na prisão agora. E eu não teria conhecido Mary Lou. Não estaria assim cheio de tristeza.

Penso nela mais do que em qualquer outra coisa. Vejo-a tentando não parecer assustada, quando Spofforth a levou pela porta do meu quarto da biblioteca. Foi a última vez que a vi. Não sei aonde Spofforth a levou, ou o que aconteceu com ela. Ela provavelmente está em uma prisão para mulheres, mas não tenho certeza disso.

Tentei obrigar Spofforth a me dizer o que aconteceria com ela, enquanto íamos de ônibus-telepata para minha audiência, mas ele não me respondeu.

Tentei fazer um desenho do rosto dela em minhas folhas de papel de desenho, usando giz colorido. Mas não ficou bom; eu nunca soube desenhar.

Amarelos e azuis atrás, havia um menino em meu dormitório que desenhava lindamente. Uma vez, ele pôs alguns desenhos seus na minha mesa na sala de aula e eu fiquei olhando para aqueles desenhos com espanto e reverência. Eram retratos de pássaros, vacas, pessoas e árvores e do robô que monitorava o corredor do lado de fora da sala. Eram desenhos extraordinários, com linhas claras e de uma precisão impressionante.

Não sabia o que fazer com os desenhos. Aceitar ou dar coisas particulares alheias era algo terrível e passível de alta punição. De modo que deixei os desenhos na minha mesa e, no dia seguinte, eles haviam sumido. E, alguns dias depois disso, também o menino que os desenhou acabou sumindo. Não sei o que aconteceu com ele. Ninguém falou sobre ele.

Será que vai acontecer a mesma coisa com a Mary Lou? Será que está tudo acabado, e ninguém no mundo nunca mais sequer mencionará o nome dela?

Hoje tomei quatro sedativos. Não quero lembrar tanto.

## **CENTÉSIMO QUARTO DIA**

Depois do jantar, Belasco veio até a minha cela. E trouxe um pequeno animal cinza e branco no braço.

Eu estava sentado na minha cadeira, pensando na Mary Lou e me lembrando do som de sua voz quando ela lia em voz alta,

quando subitamente vi a minha porta abrir. E lá estava o Belasco parado, sorrindo para mim, com aquele animal embaixo do braço.

“Como...?”, eu disse.

Ele levou o indicador aos lábios e então disse baixinho: “Nenhuma das portas está trancada hoje à noite, Bentley. Você pode dizer que se trata de outro defeito”. Ele fechou a porta e então soltou o animal no chão. O animalzinho se sentou e ficou olhando para mim com uma espécie de curiosidade entediada; então, começou a coçar a orelha com a perna de trás. Parecia um cachorro, mas menor.

“As portas são fechadas à noite por um computador, mas às vezes o computador se esquece de trancá-las.”

“Oh”, exclamei, ainda observando o animalzinho. Então, perguntei: “O que é isso?”

“Isso o quê?”, retrucou Belasco.

“Esse animal.”

Ele me encarou com grande surpresa. “Você nunca viu um *gato*, Bentley?”

“Eu nunca tinha visto isso antes.”

Ele balançou a cabeça. Então, abaixou a mão e fez carinho no animal algumas vezes. “Isso é um gato. É um animal de estimação.”

“Estimação?”, perguntei.

Belasco balançou a cabeça, sorrindo. “Rapaz! Você não sabe nada além do que ensinam na escola, não é mesmo? Animal de estimação é um animal que você mantém perto de você. É um amigo.”

É claro, pensei. Como Roberto e Consuela e seu cachorrinho Biff, no livro em que aprendi a ler. Biff era o animal de estimação de Roberto e Consuela. E o livro dizia: “Roberto é amigo de Consuela”, e ser amigo era isso. Alguém com quem você ficava mais tempo do que uma pessoa deveria ficar com outra. Aparentemente, um animal também podia ser um amigo.

Quis me abaixar e tocar no gato, mas fiquei com medo. “Ele tem um nome?”

“Não”, respondeu Belasco. Ele foi até a minha cama e se sentou na beirada, ainda falando baixinho, quase um sussurro. “Não. Só

chamo de 'gato'." Ele tirou um baseado do bolso da camisa e pôs na boca. As mangas de sua jaqueta azul de prisioneiro estavam dobradas e eu vi que ele tinha alguns ornamentos nos antebraços feitos em tinta azul, pouco acima dos braceletes em seus pulsos. No braço direito, havia um coração e, no esquerdo, a silhueta de uma mulher nua.

Ele acendeu o baseado. "Se quiser, você pode dar um nome ao gato, Bentley."

"Você quer dizer que eu posso escolher como chamá-lo?"

"Isso mesmo." Ele me passou o baseado e eu aceitei sem cerimônia — considerando que eu sabia que era ilegal compartilhar — e traguei e passei de volta.

Então, quando soltei a fumaça, eu disse: "Está certo. O nome do gato vai ser Biff".

Belasco sorriu. "Boa. O bicho estava precisando de um nome. Agora ele já tem." Ele olhou para o gato, que estava andando pela cela lentamente, explorando o ambiente. "Não é mesmo, Biff?"

*Bentley e Belasco e seu gato Biff, pensei.*

## **CENTÉSIMO QUINTO DIA**

Os edifícios da prisão são, acredito, as construções mais antigas que eu já vi. São cinco prédios, feitos de grandes blocos de pedra pintados de verde, com janelas sujas de barras enferrujadas. Só estive em dois dos cinco prédios — o dormitório de celas de barras no qual eu durmo, e a fábrica de sapatos em que trabalho de manhã. Não sei o que são os outros três prédios. Um deles, que fica um pouco afastado dos outros, parece ainda mais antigo que os outros, e suas janelas foram lacradas com tábuas, como a casa de veraneio em *Anjo em Apuros*, com Gloria Swanson. Fui andando até esse prédio na hora do exercício, após o almoço, e observei-o mais de perto. As pedras estão cobertas por um musgo uniforme e úmido, e suas grandes portas de metal estão sempre trancadas.

Em volta de todos os edifícios, há uma cerca dupla muito alta, de alambrado, que um dia foi pintada de vermelho, mas havia desbotado e estava cor-de-rosa. Há um portão na cerca, através do

qual passamos para trabalhar nos campos. Há sempre quatro robôs idiotas de guarda nesse portão. Quando passamos a caminho do trabalho, eles conferem os braceletes de metal que ficam permanentemente fechados em nossos pulsos antes de nos deixarem passar.

Tive de ouvir uma palestra de orientação de cinco minutos do guarda — um grande e musculoso Tipo Seis — quando recebi meus uniformes no primeiro dia. Entre outras coisas, ele explicou que, quando um prisioneiro saía sem que os guardas desativassem os braceletes, o metal esquentaria feito ferro em brasa, queimando os pulsos até cortar fora as duas mãos, se o prisioneiro não voltasse imediatamente portão adentro.

Os braceletes são finos e apertados; são feitos de um metal prateado extremamente duro e fosco. Não me lembro de quando foram colocados em mim. Já estavam em meus pulsos quando acordei na prisão.



Acho que o inverno está chegando, porque o ar lá fora está frio. Mas o campo em volta das plantas está aquecido de alguma forma, e o sol ali continua a brilhar. O chão está quente sob os meus pés, enquanto fertilizo aquelas plantas obscenas, mas o ar está frio no meu corpo. E aquela música estúpida nunca cessa, nunca dá defeito, e os robôs ficam sempre nos olhando fixamente. É como um sonho.

## **CENTÉSIMO DÉCIMO SEXTO DIA**

Já faz onze dias que não escrevo nada sobre a minha vida. Eu teria perdido a conta dos dias se não tivesse feito marcas de giz na parede toda noite depois do jantar. As marcas estão embaixo de uma imensa tela de televisão que ocupa a maior parte da parede dos fundos da minha cela, e a minha cadeira, aparafusada ao chão, fica permanentemente virada de frente para ela. Posso ver as marcas agora ao erguer a cabeça do papel sobre a prancheta de desenho em meu colo; elas parecem um desenho de listras cinzentas bem ordenadas na parede, embaixo da TV.

Estou perdendo o interesse pela escrita. Sinto, às vezes, que, se eu não recuperar meus livros ou se não assistir mais a filmes mudos, vou acabar desaprendendo a ler e não vou querer escrever.

Belasco não voltou mais desde aquela noite. Imagino que seja porque o computador não se esqueceu de trancar as portas depois do jantar. Depois de fazer uma marca de giz na parede, sempre confiro se a porta está trancada — e ela sempre está.

Não penso mais na Mary Lou o tempo todo, como pensava antes. Na verdade, não penso muito em nada. Tomo meus sedativos e fumo minha maconha, assisto a fantasias eróticas e de morte em três dimensões de tamanho real na TV e vou dormir cedo.

Os mesmos programas são repetidos a cada oito ou nove dias na TV, ou posso assistir a programas de Aperfeiçoamento Pessoal e Reabilitação de um arquivo de trinta gravações em BBS que são oferecidas a cada prisioneiro durante a orientação. Mas eu não reproduzo as gravações das BBS. Assisto ao que estiver passando. Não tenho interesse nos *programas* da televisão; eu só vejo televisão.

Já chega de escrever. Estou cansado de escrever.

## **CENTÉSIMO DÉCIMO NONO DIA**

Hoje à tarde, houve um temporal enquanto estávamos trabalhando no campo. Por muito tempo, os guardas-robôs aparentemente ficaram confusos com o vento e a chuva pesada, e não nos chamaram quando paramos na beira do penhasco com a chuva fustigando nossos corpos, e ficamos olhando o céu e o mar. O céu mudou rapidamente de cinza para negro e de negro para cinza outra vez. Os relâmpagos clareavam o céu quase constantemente. E, abaixo de nós, o mar batia e rugia. As ondas inundavam a praia e batiam pesadamente contra a base do penhasco e depois refluíam por um instante, para, em seguida, voltar — escuras, quase negras, espumantes, ruidosas.

Ficamos todos assistindo, ninguém tentou falar. O barulho, dos trovões e do mar, era ensurdecedor.

E então, quando o mar começou a se acalmar, demos meia-volta e começamos a voltar para o dormitório. E, enquanto eu caminhava por entre as fileiras do campo de Proteína 4, a chuva, agora mais amena, ainda fustigava meu rosto e minhas roupas encharcadas. Eu me dei conta de que estava com frio e de que estava tremendo e, subitamente, essas palavras me vieram à lembrança:

Ó vento oeste, quando vais soprar,  
Para que a chuva caia talvez?  
Cristo! Nos braços, meu bem abraçar  
Comigo em meu leito outra vez!

E caí de joelhos bem no meio do campo e chorei, em silêncio, pela Mary Lou e pela vida que eu, por algum tempo, vivi, quando minha mente e minha imaginação estiveram, brevemente, vivas.

Não havia guardas por perto. Belasco recuou. Ele me ajudou sem falar nada e, com o braço em meu ombro, me amparou até chegarmos ao dormitório. Não nos falamos até chegar à porta aberta da minha cela. Então, ele afastou o braço e me olhou de frente. Seus olhos estavam sérios e reconfortantes. “Diabos, Bentley”, disse, “acho que sei como você está se sentindo”. Então ele me deu um tapinha de leve no ombro, se virou e foi para a cela dele.

Fiquei encostado nas barras de aço frias observando os outros prisioneiros, seus cabelos molhados e suas roupas encharcadas, caminhando de volta para suas celas. Quis pôr meu braço no ombro dele. Mesmo que eu não soubesse seus nomes, eles eram, todos eles, meus *amigos*.

## **CENTÉSIMO VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA**

Hoje entrei no prédio lacrado com tábuas.

Foi fácil. Eu estava no caminho de cascalho entre os edifícios na hora do exercício, depois do almoço. Vi dois guardas-robôs subindo as escadas do prédio, eles destrancaram a porta e entraram. Alguns momentos depois, eles saíram, cada um com uma caixa que parecia



a caixa do papel higiênico. Eles levaram as caixas para o edifício dos dormitórios. A porta ficou aberta. Eu entrei.

Do lado de dentro, os pisos eram de permoplástico. As paredes eram de outro material, sujas e deterioradas, e havia pouca luz, já que as janelas estavam lacradas com tábuas. Caminhei rapidamente através de corredores escuros, abrindo as portas.

Algumas salas estavam vazias; outras tinham coisas como sabão e toalhas de papel e papel higiênico e bandejas de refeitório empilhadas nas estantes. Peguei um pacote de toalhas de papel, para escrever este diário. E então vi uma placa apagada e discreta em uma porta dupla ao final do corredor. Foi a única placa com escrita que vi, à exceção daquelas do subsolo da biblioteca em Nova York.

Eu não consegui decifrar as palavras a princípio; elas estavam desbotadas e cobertas de poeira. E o corredor estava escuro. Mas, quando cheguei perto e olhei com mais atenção, consegui ler: BIBLIOTECA ALA LESTE.

Quase dei um pulo diante da palavra "Biblioteca". Simplesmente fiquei ali parado, olhando fixamente para aquela placa, e senti meu coração acelerar.

E então tentei abrir as portas e descobri que estavam trancadas.

Puxei, empurrei e tentei forçar as maçanetas, mas não consegui abrir. Foi horrível.

Senti-me arrebatado pela raiva e bati com os punhos na porta. Mas a porta nem se mexeu e eu simplesmente me machuquei.

Saí do edifício quando ouvi os guardas voltando e entrei em um das salas de estoque.

Preciso entrar naquela biblioteca! Preciso voltar a ter livros. Se eu não puder ler e aprender e ter coisas sobre as quais valem a pena pensar, prefiro me imolar a continuar vivendo.

A gasolina sintética é usada pelas máquinas colheitadeiras. Sei que poderia conseguir um pouco e me incendiar.

Vou parar de escrever agora e assistir TV.

**CENTÉSIMO TRIGÉSIMO SEGUNDO DIA**

Há onze dias tenho andado desanimado. À tarde, não me dou mais ao trabalho de ir olhar o mar quando chego ao final da fileira, e não tentei mais escrever ao anoitecer. Tento deixar minha cabeça o mais vazia possível enquanto trabalho — concentro-me apenas no cheiro forte, rançoso, das plantas de Proteína 4.

Os guardas não dizem nada, mas eu continuo os odiando. É a única coisa que realmente sinto. Seus corpos grossos e lentos e seus rostos indiferentes são como as plantas sintéticas e borrachudas das quais me alimento. Eles são — a frase é do filme *Intolerância* — uma abominação aos meus olhos.

Se eu tomar quatro ou cinco sedativos, não é tão desagradável assistir TV. A minha parede de televisão é boa, e está sempre funcionando.

Meu corpo já não dói mais. Agora estou forte, e meus músculos são firmes e duros. Estou bronzeado, e meus olhos estão límpidos. Tenho calos duros nas mãos e nas solas dos pés, e trabalho bem e não fui mais espancado. Mas a tristeza no meu coração voltou. A tristeza chegou lentamente, um dia de cada vez, e estou mais desesperado do que nos primeiros dias na prisão. Tudo me parece desesperador.

Dias inteiros se passam, às vezes, sem que eu pense em Mary Lou. Desesperador.

### **CENTÉSIMO TRIGÉSIMO TERCEIRO DIA**

Vi onde guardam a gasolina sintética. Está no barracão do computador, ao lado do campo.

Todos os prisioneiros têm isqueiros elétricos para acender cigarros, para fumar maconha.

### **CENTÉSIMO TRIGÉSIMO SEXTO DIA**

Ontem à noite, Belasco veio à minha cela outra vez e, a princípio, eu não quis vê-lo. Quando descobri que a porta da minha cela estava destrancada, fiquei nervoso. Eu não queria sair, nem queria que ninguém viesse.

Mas ele entrou mesmo assim, e disse: "Que bom te ver, Bentley".

Simplesmente olhei para o chão sob meus pés. Minha TV estava desligada, e eu estava sentado daquele jeito havia horas, na beira da cama.

Ele ficou calado por um instante e ouvi quando ele se sentou na minha cadeira, mas não ergui os olhos. Eu não me sentia com vontade nem de levantar a cabeça.

Finalmente, ele falou, baixinho. "Tenho visto você nos campos esses dias, Bentley. Você está parecendo um robô." A voz dele soava solidária, tranquilizadora.

Obriguei-me a falar: "Acho que sim".

Ficamos outra vez em silêncio. Então ele disse, "Eu sei como é, Bentley. Você começa a pensar em morrer. Como algumas pessoas fazem nas cidades, com gasolina e um isqueiro. Ou, aqui, temos o mar. Já vi alguns caras fazerem isso, que se deixam queimar até o fim. Diabos, eu mesmo cheguei a pensar nisso: basta nadar até onde eu conseguir e não olhar para trás..."

Olhei para ele. "Você pensou em fazer isso?" Fiquei perplexo. "Você parece tão forte."

Ele gargalhou ironicamente e eu olhei para o rosto dele. "Diabos", disse ele, "eu sou como todo mundo. Esse tipo de vida não é muito melhor do que estar morto". Ele gargalhou de novo, balançando a cabeça para os lados. "E não é muito melhor lá fora, para lhe dizer a verdade. Não há nenhum trabalho de verdade, exceto o mesmo tipo de merda que fazemos aqui. Nos Dormitórios de Trabalhadores, eles nos ensinam: 'O trabalho satisfaz'. Pura lorota." Ele tirou um baseado do bolso e acendeu. "Comecei a roubar cartões de crédito no primeiro azul depois de formado. Passei metade da minha vida na prisão. Quis morrer nos primeiros tempos, mas não morri. Hoje em dia, tenho meus gatos e fico bisbilhotando por aí..." Então ele se interrompeu. "Ei!", disse ele. "Você quer ficar com o Biff?"

Olhei fixamente para ele. "Como se fosse meu próprio... animal de estimação?"

"Isso. Por que não? Tenho outros quatro. Se bem que é complicado às vezes arranjar comida. Mas eu posso lhe ensinar

como se faz.”

“Obrigado”, respondi. “Eu gostaria. Eu gostaria de ter um gato.”

“Podemos ir buscá-lo agora”, disse ele.

E eu me peguei saindo tranquilamente da cela. Ao passarmos pela porta destrancada, virei-me para Belasco e falei: “Já estou me sentindo melhor”.

Ele me deu um tapinha de leve nas costas. “Afinal, para que servem os amigos?”, disse ele.

Fiquei ali parado por um momento, sem saber o que dizer. E então, quase sem pensar no gesto, estendi a mão e a pousei em seu antebraço. E tive uma ideia. “Quero entrar naquele outro prédio. Você acha que ele pode estar destrancado?”

Ele sorriu para mim. “Agora melhorou”, disse ele. E depois: “Vamos até lá ver”.

Saímos. Foi fácil e não havia nenhum guarda à vista.

Entramos no prédio deserto sem dificuldades, mas lá dentro estava tão escuro que tropeçamos nas caixas nos corredores. Então, ouvi o Belasco dizer: “Às vezes, nesses lugares antigos, há um interruptor na parede”, e o ouvi tatear, tropeçar e xingar, e então houve um *clique* e uma grande luz se acendeu no teto do corredor. Por um momento, fiquei com medo de que os guardas pudessem ver a luz, mas então me lembrei de que as janelas estavam lacradas com tábuas e fiquei aliviado.

Mas, quando encontrei a porta da biblioteca, ela ainda estava trancada! Logo fiquei tenso demais, e achei que fosse até gritar.

Belasco olhou para mim. “É aí que você quer entrar?”

Eu disse: “Sim”. Sem sequer me perguntar por que eu queria entrar naquela sala, ele começou a examinar a fechadura. Era de um tipo que eu nunca tinha visto antes, e não parecia nem ser eletrônica.

Belasco assobiou sossegadamente. “Ora!”, disse ele. “Essa desgraçada é *antiga*.” Ele começou a procurar nos bolsos até que encontrou o isqueiro oferecido pela prisão. Então, ele pôs o isqueiro no chão e pisou em cima duas ou três vezes com o calcanhar, até quebrá-lo. Ele se abaixou, pegou a massa de fios, vidro e plástico, e, após examiná-la por um momento, puxou um pedaço de fio metálico

duro do tamanho do meu polegar. Fiquei observando em silêncio, sem ter ideia do que ele estava fazendo.

Ele se aproximou da fechadura da porta com cuidado, posicionou a ponta do fio na entrada da chave e começou a enfiar o fio. De vez em quando, ouvia-se um clique baixinho no interior da fechadura. Ele xingou algumas vezes, baixinho, e continuou. E então, quando eu estava prestes a perguntar o que ele estava tentando fazer, ouviu-se um som mais suave no interior da fechadura e Belasco sorriu, virou a maçaneta e abriu a porta!

Estava escuro lá dentro, mas Belasco encontrou um interruptor na parede outra vez e duas luzes de teto mais fracas se acenderam.

Olhei avidamente ao meu redor, na esperança de encontrar paredes repletas de livros. Mas elas estavam vazias. Fiquei olhando fixamente por muito tempo, sentindo-me quase enjoado. Havia mesas e cadeiras de madeira antigas, e algumas caixinhas junto a uma parede, mas não havia estantes e as paredes deterioradas não tinham nem mesmo quadros pendurados.

“O que foi?”, perguntou Belasco.

Olhei para ele. “Eu tinha esperança de encontrar... livros.”

“Livros?” Aparentemente, ele não conhecia essa palavra. Mas ele disse: “O que tem naquelas caixas ali?”

Balancei a cabeça, sem muita esperança, e fui até a parede verificar as caixas. As duas primeiras que abri estavam cheias de colheres enferrujadas — tão enferrujadas que estavam todas grudadas em uma mesma massa avermelhada. Mas a terceira caixa estava cheia de livros! Comecei a retirá-los avidamente. Havia doze livros. E, no fundo da caixa, havia uma pilha de folhas de papel branco que mal estavam amareladas.

Empolgado, comecei a ler os títulos. O maior deles se chamava *Estatutos Revistos da Carolina do Norte: 1992*. Outro se intitulava *Marcenaria por Diversão e Lucro* e um terceiro, também muito grosso, se chamava *E o vento levou*. Foi maravilhoso simplesmente segurá-los e pensar em tudo o que estaria escrito neles.

Belasco tinha ficado me observando com discreta curiosidade. Enfim, ele falou. “Essas coisas são livros?”, perguntou.

“Sim.”

Ele pegou um dos livros da caixa e passou o dedo na capa empoeirada. "Nunca tinha ouvido falar nisso", disse.

Olhei para ele. "Vamos buscar o gato e levar esses livros para a minha cela."

"Vamos", disse ele. "Vou ajudá-lo."

Buscamos o Biff e levamos os livros sem nenhum problema.

Agora está muito tarde e o Belasco foi embora para a cela dele. Vou parar de escrever agora e olhar meus livros. Escondi-os entre meu colchão de água e a parede, perto de onde o Biff está dormindo.

### **CENTÉSIMO TRIGÉSIMO NONO DIA**

Estou muito cansado porque ontem passei quase a noite inteira lendo e tive de trabalhar o dia inteiro hoje. Mas como foi excitante! Minha mente cansada ficou ocupada o dia inteiro, com todas as coisas novas que eu tinha para pensar.

Acho que vou fazer uma lista dos meus livros novos:

*Estatutos Revistos da Carolina do Norte: 1992*

*Marcenaria por Diversão e Lucro*

*E o vento levou*

*Bíblia Sagrada*

*Manual para Manutenção e Consertos de Robôs*

*Dicionário de Gírias*

*As causas do declínio da população*

*Europa nos séculos XVIII e XIX*

*Guia do Mochileiro do Litoral da Carolina*

*Breve história dos Estados Unidos*

*Como cozinhar frutos do mar: fazendo uma festa!*

*A arte da dança*

Estou lendo os livros de história, indo de um para outro e recorrendo ao dicionário para encontrar a definição das palavras novas. É um prazer usar o dicionário, agora que eu sei o alfabeto.

Há muitas coisas nos livros de história que eu não entendo, e é difícil para mim aceitar a ideia de que existiam tantas pessoas no

mundo. Na história da Europa, há figuras de Paris e Berlim e Londres, e o tamanho dos edifícios e o número de pessoas impressionam.

Às vezes, o Biff pula no meu colo quando estou lendo e ali mesmo adormece. Gosto disso.

## **CENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO NONO DIA**

Há dez dias que passo cada momento que posso em minhas leituras. Ninguém vem me incomodar; os guardas ou não se importam ou, mais provavelmente, sua programação não leva em conta esse fenômeno. Levo um livro comigo até na hora social e ninguém parece perceber que estou lendo durante os filmes.

Minha jaqueta azul de prisioneiro, já um pouco desbotada, tem bolsos grandes e sempre levo um dos livros menores. *Breve história dos Estados Unidos* e *As causas do declínio da população* são ambos pequenos, e cabem confortavelmente nos bolsos. Leio até durante os intervalos de cinco minutos na fábrica de sapatos.

A primeira frase de *As causas do declínio da população* diz: “Nos primeiros trinta anos do século vinte e um, a população do planeta caiu pela metade, e continua caindo”. Ler coisas assim, que consideram a natureza de toda a vida humana, e em tempos bem remotos, me fascina por motivos que não consigo nem entender.

Não sei há quanto tempo foi o século vinte e um, embora eu entenda que é algo mais recente dos que os séculos dezoito e dezenove de que trata o meu livro de história. Mas nunca me ensinaram nada sobre “séculos” nos dormitórios; só sei o significado da palavra pelo dicionário: é o que divide a história humana em grupos de cem anos — ou duzentos amarelos.

O século vinte e um deve ter sido muito tempo atrás. Por exemplo, não há menção alguma a robôs no livro.

O *Manual para Manutenção e Consertos de Robôs* traz a data 2135, e eu sei pelas leituras de história que essa data é do século vinte e dois.

O livro *Bíblia Sagrada* começa assim: “No princípio, Deus criou os céus e a terra”. Não diz o século desse “princípio”, nem fica claro

quem é esse “Deus”, ou quem foi. Não tenho certeza se *Bíblia Sagrada* é um livro de história, de manutenção ou de poesia. O livro menciona muitas pessoas estranhas que não parecem reais.

Os robôs no *Manual* são mostrados em figuras e diagramas. São todos de um tipo muito simples, produzidos para realizar tarefas elementares, como agricultura e conservação de registros.

*E o vento levou* parece alguns dos filmes aos quais assisti. É, imagino, uma história inventada. Trata de pessoas tolas que moram em casas grandes, e de guerra. Não creio que eu vá conseguir terminar de ler algum dia, porque é um livro muito longo.

Muitos dos outros livros não fazem nenhum sentido para mim. Ainda assim, eles parecem se encaixar-se em algum padrão mais amplo, mas não muito claro.

O que mais gosto é da estranha sensação que tenho nos pelinhos da minha nuca quando leio certas frases. E, por mais estranho que pareça, há frases que muitas vezes são muito obscuras para mim, ou que me deixam triste. Ainda me lembro desta, dos meus tempos em Nova York:

Minha vida é leve, e espera o vento da morte,  
Como uma pena no dorso da minha mão.

Agora vou parar de escrever, e voltar a ler. Minha vida é muito estranha.

## **CENTÉSIMO SEXAGÉSIMO NONO DIA**

Fiquei lendo sem parar, e não tomei mais sedativos nem fumei maconha. Li até não conseguir mais continuar acordado e caí na cama. Ali fiquei com a cabeça rodopiando e com rostos de pessoas e ideias do passado se acumulando e me confundindo, até que, exausto, adormeci.

Estou aprendendo palavras novas. Trinta ou quarenta por dia.

Muito antes de existirem robôs e leis da Privacidade, a humanidade teve uma história violenta e impressionante. Mal sei o que pensar ou sentir sobre algumas das pessoas mortas sobre as quais li, e sobre os grandes acontecimentos. Houve a Revolução



Russa e a Revolução Francesa e o Grande Dilúvio de Fogo e a Terceira Guerra Mundial e o Incidente de Denver. Aprendi, quando menino, que todas as coisas anteriores à Segunda Era haviam sido violentas e destrutivas, por não terem respeitado os direitos individuais, mas nunca nada mais específico que isso. Jamais desenvolvemos uma noção de história propriamente dita; a única coisa que sabíamos, mas nunca pensávamos a respeito, era que existiram outros antes de nós e que nós éramos melhores que eles. Mas ninguém era estimulado a *pensar* em nada além de si mesmo. “Não pergunte; relaxe.”

Fico atônito ao pensar na quantidade de pessoas que devem ter gritado e morrido nos campos de batalha para satisfazer às ambições de presidentes e imperadores. Ou na anexação sob o controle de grupos maiores, como os Estados Unidos da América, de grandes reservas de riqueza e poder, negados à maioria dos outros.

No entanto, apesar de tudo isso, aparentemente existiram homens e mulheres bons e generosos. E muitos deles foram felizes.

## **CENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO SEGUNDO DIA**

A última parte de *Bíblia Sagrada* é sobre Jesus Cristo. Algumas frases foram sublinhadas por um leitor anterior.

Jesus Cristo morreu violentamente quando ainda era jovem, mas, antes de morrer, ele disse e fez muitas coisas surpreendentes. Ele curava pessoas doentes e conversava com muitas outras de uma forma estranha. Algumas frase sublinhadas lembram o que aprendi nas aulas de Piedade. “O reino de Deus está dentro de você”, por exemplo, parece muito o que nos ensinavam sobre buscar a satisfação apenas internamente, através das drogas e da Privacidade. Mas outras frases dele são muito diferentes. “Amai-vos uns aos outros”, por exemplo. Outro exemplo muito forte é: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. E outro ainda: “Vinde a mim todos que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”.

Se alguém viesse me dizer: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, eu desejaria com todas as forças acreditar nessa pessoa. Eu quero estas coisas: um caminho, a verdade e a vida.

Pelo que entendi, Jesus afirmava ser filho de Deus, aquele que supostamente teria feito o céu e a terra. Isso me deixou perplexo e eu achei que Jesus não devia ser muito confiável. Ainda assim, ele parecia saber coisas que outras pessoas não sabiam e não era nada bobo, como as pessoas em *E o vento levou*, nem um ambicioso desapiadado, como os presidentes americanos.

Qualquer coisa que ele fosse, era "um grande homem". Não sei se gosto da ideia de "grandes homens"; essa expressão me incomoda. Muitas vezes, esses "grandes homens" tiveram planos sanguinários para a humanidade.

Acho que minha escrita está melhorando. Sei mais palavras agora, e a construção das frases ficou mais fácil.

## **CENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO SÉTIMO DIA**

Li todos os meus livros, exceto *E o vento levou* e *A arte da dança*, e quero mais. Cinco noites atrás, as portas ficaram destrancadas outra vez, e Belasco e eu voltamos ao edifício abandonado e procuramos em tudo, mas não encontramos mais livros.

Preciso de mais coisas para ler! Quando penso em todos aqueles livros no subsolo da biblioteca de Nova York, tenho vontade de voltar lá.

Em Nova York, vi alguns filmes que mostravam fugas de prisões. E, naquelas prisões, os guardas eram humanos e vigilantes, enquanto aqui os nossos são apenas robôs idiotas.

Mas nós temos esses braceletes que não podem ser desativados por mais de metade do dia a cada vez. E como eu chegaria a Nova York, se conseguisse escapar?

No *Guia do Mochileiro*, há um mapa do que se chamava de Costa Leste; as Carolinas do Norte e do Sul estão nesse mapa, e também Nova York. Se eu fosse andando pela praia, mantendo sempre o mar à minha direita, eu chegaria a Nova York. Mas não faço ideia da distância até lá.

*Como cozinhar frutos de mar* explica como encontrar mariscos e outras coisas para comer nas praias. Eu poderia me alimentar assim, se eu conseguisse fugir.

E eu poderia copiar este diário, em letras menores, no papel fino que encontrei na caixa dos livros e levar comigo no bolso. Mas eu não conseguiria levar todos os livros.

E não há uma maneira de retirar os braceletes. A não ser que exista algo capaz de cortá-los.

### **CENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO OITAVO DIA**

Na fábrica de sapatos, há uma máquina bem grande que corta as folhas de plástico de que os sapatos são feitos. E essa máquina tem uma lâmina brilhante de aço adamantino que atravessa vinte placas de plástico duro de uma vez. Há um guarda-robô perto da máquina, e nenhum trabalhador humano pode se aproximar-se. Mas eu reparei que às vezes o guarda parece adormecido; talvez seja um robô quase senil designado para a tarefa simples de ficar parado ao lado de uma máquina.

Se, quando eu o visse aparentemente adormecido, eu fosse até a máquina e estendesse as mãos na posição exata, a lâmina talvez conseguisse cortar meus braceletes.

Se eu cometesse um erro, ela cortaria fora minhas mãos. Ou talvez não conseguisse cortar o metal, e a lâmina podia ficar presa e arrancar meus braços.

É apavorante demais. Vou parar de pensar nisso.

### **CENTÉSIMO OCTOGÉSIMO DIA**

*As causas do declínio da população* diz uma coisa interessante sobre o número de pessoas no mundo:

A redução do número de habitantes do planeta tem sido explicada por diversos motivos diversos e contraditórios pelos demógrafos contemporâneos. Em geral, a explicação mais convincente sugere um ou mais dos seguintes fatores:

1. medo de uma superpopulação
2. aperfeiçoamento das técnicas de esterilização
3. desaparecimento da família

4. difusão do interesse pelas experiências “interiores”
5. perda do interesse por crianças
6. desejo generalizado de evitar responsabilidades

O livro, então, analisa cada um desses fatores.

Mas em nenhum momento o livro fala na possibilidade de *não existirem mais crianças em geral*. E eu acho que foi isso que aconteceu no mundo. Não creio que existam mais crianças.

Depois que todos nós morrermos, talvez não haja mais outros de nós.

Não sei se isso é ruim ou se é bom.

No entanto, acho que, sob muitos aspectos, seria uma coisa boa ser pai de uma criança, e que a Mary Lou fosse a mãe. E eu gostaria de morar com ela, e que nós fôssemos uma família — apesar dos grandes riscos à minha Individualidade.

Para que serve minha Individualidade, afinal? E será mesmo sagrada, ou isso foi só uma coisa que me ensinaram porque os robôs que ensinavam foram programados por alguém, um dia, para dizer isso?

## **CENTÉSIMO OCTOGÉSIMO QUARTO DIA**

Hoje, as plantas de Proteína 4 foram colhidas. Quando fomos ao campo trabalhar, já havia duas máquinas amarelas imensas ali, percorrendo as fileiras com muito barulho, como gigantescos ônibus-telepatas, levantando nuvens de poeira e colhendo as plantas maduras, vinte ou trinta plantas por vez, e depositando-as em funis enormes, onde imagino que elas seriam pulverizadas, para, após, serem convertidas em barras de soja e flocos de proteína sintética.

Ficamos a certa distância do campo, por causa do cheiro, que estava muito pior que de costume, e ficamos olhando para as máquinas em silêncio por algum tempo.

Finalmente alguém falou. Foi o Belasco, e ele disse melancolicamente: “Lá se vai mais uma temporada de trabalho, rapazes”.

Ninguém falou mais nada. Mais uma temporada de trabalho. Olhei para os lados e para trás, vendo as coisas de perto pela primeira vez em semanas. As árvores nas colinas além dos edifícios da prisão haviam todas perdido suas folhas. O ar era frio na minha pele. Senti um formigamento, pensando na sensação da minha pele ao olhar para o azul pálido do céu. Na borda das colinas, uma multidão de pássaros voava, rodopiando e virando em uníssono.

E eu decidi, naquele momento, que precisava fugir desta prisão.

# Spofforth

O rosto da mulher não era bonito, e ela apresentava a mesma expressão assustada de sempre. Estava de pé na lama molhada da beira do lago, tão alta quanto ele, os pés brancos nem sequer afundavam, o rosto atônito e os braços tensos, tremiam por baixo do roupão comprido, enquanto estendia aquela coisa para ele. Ele nunca saberia dizer o que era, por mais que tentasse enxergar daquela distância de um metro, um metro e meio, que os separava. Ele olhava fixamente para aquilo que ela lhe oferecia e então, tristemente, resignado, baixava os olhos. A lama estava acima dos tornozelos brancos dele, e ele não conseguia se mexer. E sentia que nem ela podia. Ele olhava de novo para ela e ela continuava estendendo aquela coisa indistinguível, e ele tentava falar com ela, perguntando o que ela queria lhe dar, mas ele não conseguia dizer nada. Ele ficou mais apavorado e acordou.

No fundo do seu coração, ele sabia que era um sonho. Sempre parecia saber. E depois, sentado na beira da cama estreita do apartamento, ele pensou na mulher do sonho, como sempre fazia depois, e então pensou na garota de cabelo preto e casaco vermelho. Ele nunca, em toda a sua longa vida, havia sonhado com a garota; era sempre a mulher de roupão — seu sonho de segunda-mão, absorvido por acaso de uma vida que ele não tinha vivido e sobre a qual não sabia quase nada.

Ele vira algumas mulheres reais que se pareciam um pouco com ela. Mary Borne era uma delas, com seus olhos brilhantes e cheios

de energia, e sua postura firme, embora ela parecesse mais forte e segura do que a mulher do sonho.

Durante anos a fio, ele achara que, se conseguisse encontrar uma mulher como aquela e viver com ela, encontraria a chave da outra vida vivenciada por sua consciência — a vida daquele cujo cérebro havia sido copiado para criar o seu. E agora ele estava fazendo isso. Mas não encontrara a chave.

O sonho que se repetia a cada oito ou dez dias era sempre inquietante, e ele nunca se acostumou inteiramente ao medo que lhe causava, mas acabou aceitando aquilo como parte de sua vida. Às vezes, tinha outros sonhos, que vinham de sua própria memória. E havia outros ainda que mostravam coisas que ele não reconhecia — alguns envolvendo capturar peixes, e outros tocando um velho piano vertical.

Ele saiu da cama, foi caminhando pesadamente até a janela e olhou para a manhã que começava. Distante e nítido na madrugada pálida, mais alto do que qualquer outra coisa lá fora: o Empire State Building, a altíssima lápide da cidade de Nova York.

# Bentley

Não tive dificuldade em encontrar a cela do Belasco. Eu tinha ficado olhando quando ele foi buscar o Biff para mim, e a achei com facilidade. Quando empurrei a porta destrancada e entrei, Belasco estava deitado na cama, fazendo carinho em um gato caramelo. A televisão estava desligada. Havia outros três gatos dormindo amontoados em um canto. Fotografias de mulheres nuas cobriam uma parede e, nas outras, havia figuras de árvores, campos e mares.

Havia uma poltrona coberta com um tecido verde-claro, e uma luminária de chão — ambas obtidas de algum modo ilegal, tenho certeza. Se o Belasco soubesse ler, leria em um lugar melhor do que o meu.

Não me sentei. Estava agitado demais.

Quando Belasco olhou para mim, parecia surpreso. “O que você está fazendo fora da sua cela, Bentley?”, perguntou .

“Estavam abertas de novo.” Ignorei a Polidez Obrigatória e olhei diretamente para ele. “Eu queria ver você.”

Ele se endireitou na cama e, delicadamente, deixou o gato no chão. O gato se alongou e, então, se juntou aos outros no canto. “Você parece preocupado”, observou ele.

Continuei olhando para ele. “Estou assustado, resolvi evadir.”

Ele olhou para mim, como se estivesse prestes a dizer algo, mas não falou nada. Enfim, perguntou: “Como?”



“Aquela lâmina grande na fábrica de sapatos. Acho que consigo cortar isso com ela.” Estendi os braceletes em sua direção.

Ele balançou a cabeça e assobiou baixinho. “Jesus! E se você errar?”

“Eu preciso ir embora daqui. Você quer ir comigo?”

Ele me olhou por um longo tempo. Então respondeu: “Não”. Ele se acomodou um pouco mais para cima na cama. “Viver lá fora não é muito importante para mim. Não mais. E eu não teria coragem de pôr as mãos embaixo daquela lâmina.” Ele começou a tatear o bolso da camisa em busca de um cigarro de maconha. “Você tem certeza de que vai ter essa coragem?”

Soltei o ar com um suspiro e, então, me sentei na poltrona e fiquei olhando fixamente as algemas em meus pulsos. Estavam um pouco mais frouxas do que quando eram novas; eu havia ficado mais magro e mais forte de tanto trabalhar nos campos. “Não sei. Só vou saber quando tentar.”

Ele acendeu o baseado e balançou a cabeça. “Se você sair, o que vai comer? Estamos longe de toda civilização.”

“Posso encontrar mariscos na praia. E talvez campos com plantações que eu possa comer...”

“Ora, *me poupe*, Bentley. Você não vai sobreviver comendo isso. E se você não encontrar marisco? Estamos no *inverno*. É melhor você esperar até a primavera.”

Olhei para ele. O que ele disse fazia sentido. Mas eu também sabia que não poderia esperar até a primavera. “Não”, disse eu. “Vou amanhã.”

Ele balançou a cabeça, olhando para mim. “Está bem. Está bem.” Então, ele saiu da cama, inclinou-se, afastou o cobertor e enfiou a mão por baixo. Ele tirou uma caixa grande de papelão e a abriu. Dentro da caixa, havia pacotes de biscoitos e pão, e barras de soja, embalados em plástico transparente. “Leve o máximo que puder.”

“Não quero...”

“*Aceite*”, insistiu ele. “Posso conseguir mais.” E acrescentou: “Você vai precisar de algo para carregar tudo isso.” Ele pensou por um momento e então foi até a porta da cela e gritou: “Larsen! Venha cá!”, e no momento seguinte um sujeito baixinho que eu

reconheci dos campos de Proteína 4 veio andando até nós. "Larsen", chamou Belasco, "preciso de um mochila."

Larsen olhou brevemente para ele. "Vai dar muito trabalho", disse ele. "É muita costura. E você vai precisar arranjar lona, e os tubos da estrutura..."

"Você tem aquela que está na sua cela, que você fez com uma calça. Eu vi quando fomos jogar pôquer, daquela vez em que todos os robôs deram defeito."

"Diabos", exclamou Larsen. "Aquela eu não posso dar. É para a minha fuga."

"Conversa fiada", disse Belasco. "Você não vai a lugar algum. Esse dia do pôquer foi há três ou quatro amarelos. E como você vai tirar os braceletes? Com os dentes?"

"Eu posso usar uma lima..."

"Isso também é conversa fiada", disse Belasco. "Eles podem até administrar esta prisão como idiotas, mas não são tão estúpidos assim. Não existem ferramentas manuais duras o bastante para cortar os braceletes, e você sabe muito bem disso."

"Então, como você vai cortar o seu?"

"Eu, não. É para o Bentley aqui." Belasco estendeu o braço e pôs a mão no meu ombro. "Ele vai tentar cortar na lâmina grande da máquina da fábrica de sapato."

Larsen me olhou fixamente. "Isso, sim, é a maior loucura de todas."

"Isso é problema dele, Larsen", disse Belasco. "Você pode dar a mochila a ele?"

Larsen pensou por um instante. Então, ele disse: "E o que ganho com isso?"

"Duas fotos da minha parede. E você pode escolher as duas."

Larsen olhou para ele mais de perto. "E um gato?"

Belasco franziu a testa. "Merda:" E depois: "Está bem. O preto."

"O caramelo", disse Larsen.

Belasco balançou a cabeça melancolicamente. "Vá buscar a mochila", disse ele.

E ele trouxe, e Belasco encheu-a com comida para mim e me mostrou como eu poderia levar o Biff também dentro da mochila se

eu precisasse.



Aquela noite, sem sedativos, não dormi. Eu não queria estar sofrendo os efeitos colaterais dos sedativos quando fosse entrar na fábrica de sapatos pela manhã. Estava atormentado por pensamentos sobre o que planejava fazer; não só de correr o risco de ferimentos graves sob aquela lâmina, mas de enfrentar uma vida de sobrevivente, no inverno, sem nenhum conhecimento da região que atravessaria, e sem nenhum preparo para as dificuldades, à exceção de um livro fino de receitas de frutos do mar. Nada na minha formação — minha estúpida educação de ódio à vida — havia me preparado para o que eu estava prestes a fazer.

Parte de mim continuava dizendo que eu deveria esperar. Esperar até a primavera, esperar até me dizerem que a sentença havia sido cumprida. A vida na prisão não era pior do que a vida em um Dormitório de Pensadores e, se eu aprendesse a ser como Belasco, poderia levar uma vida fácil aqui. Na verdade, não havia quase nenhuma disciplina, depois que você aprendia a evitar ser espancado pelos guardas; era preciso apenas ficar atento à presença deles. Evidentemente, depois da invenção dos braceletes de metal, a administração penitenciária relaxou, assim como havia acontecido em relação a muitas outras coisas. Havia muita maconha, e eu estava acostumado à comida e ao trabalho. E tinha a TV, e o Biff, meu gato...

Mas isso era apenas uma parte de mim. Havia outra, uma parte mais profunda, que dizia: “Você tem que fugir deste lugar”. E, apesar do medo, eu sabia que eu precisava dar ouvidos a essa voz.

Minha velha programação diria: “Na dúvida, esqueça”. Mas eu precisava silenciar essa voz também. Porque aquilo era *errado*. Se eu quisesse continuar vivendo uma vida que valesse a pena ser vivida, eu precisava fugir.

Sempre que eu pensava naquela lâmina enorme, em praias frias e vazias, eu me lembrava da Mary Lou atirando a pedra na vitrine da pítton. Foi isso que tornou suportável aquela noite sozinho em minha cela.

Pela manhã, fui de mochila para o desjejum e comi flocos de proteína e pão preto com ela nas costas. Nenhum guarda sequer percebeu.

Quando terminei de comer, ergui os olhos e vi Belasco se aproximando da minha mesinha. Durante as refeições, não devíamos conversar, mas ele disse: "Tome aqui, Bentley. Coma isso no caminho da fábrica", e me passou seu pedaço de pão — que era muito maior que o meu. Um guarda gritou: "Invasão de Privacidade!", do outro lado do refeitório, mas eu o ignorei.

"Obrigado", respondi. Então, estendi a mão, como os homens faziam nos filmes. "Adeus, Belasco", falei.

Ele entendeu o gesto, e apertou firme a minha mão, me olhando bem em meus olhos. "Adeus, Bentley", disse ele. "Acho que você está fazendo a coisa certa."

Assenti com a cabeça, apertei com força a mão dele e, então, dei meia-volta e fui embora.

Quando passei pelo portão com o restante do pessoal do meu turno, a lâmina já estava funcionando. Parei e deixei todo mundo passar e fiquei olhando para ela por um minuto. Achei terrível e, só de olhar para ela, meu estômago se revirou e minhas mãos começaram a tremer.

Tinha o tamanho da perna de um homem, e era mais larga. O metal era de aço adamantino, de um cinza prateado, com uma borda curva que era tão afiada que mal fazia barulho quando baixava como uma guilhotina, atravessando vinte camadas espessas de um polímero para sapatos. O material era inserido na máquina por uma esteira rolante e posicionado sobre uma espécie de bigorna embaixo da lâmina por um conjunto de mãos mecânicas; elas seguravam uma pilha do material sob a lâmina, e a lâmina descia de cerca de um metro e meio e cortava silenciosamente a pilha de placas e depois voltava a subir. Pude perceber o brilho da borda lâmina em seu ponto mais alto, e pensei no que aconteceria se encostasse em meus pulsos. E, como eu poderia ter certeza do local exato onde posicioná-los? E se eu conseguisse em um dos braços, ainda precisaria fazer a mesma coisa com o outro. Era impossível. Ali

parado, eu me senti acometido por uma onda de temor: Vou sangrar até morrer. *O sangue vai jorrar dos meus pulsos como uma fonte...*

E então eu disse em voz alta: "E daí? Não tenho nada a perder."

Abri caminho entre os outros homens que voltavam a seus postos na linha de montagem e me aproximei da máquina. O único robô no galpão era o que cuidava da lâmina, com os braços cruzados sobre o peito pesado e de olhos vazios. Parei ao lado dele. Ele desviou os olhos na minha direção, mas permaneceu imóvel, sem dizer nada.

A lâmina desceu, reluzente, com uma velocidade horrenda, e eu fiquei ali, observando, paralisado. Dessa vez, pude ouvir o cicio baixo de seu fio dilacerante. Pus minhas mãos nos bolsos para parar de tremer.

Olhei para a esteira rolante, onde as mãos automáticas estavam posicionando as placas maiores já cortadas em um funil para serem enviadas de volta, para outros cortes. E reparei em uma coisa que fez meu coração bater ainda mais acelerado: havia uma linha fina, escura, marcada na bigorna, onde o fio da lâmina encostava provavelmente desde muitos azuis e amarelos. Aquela linha mostrava exatamente o ponto no qual a lâmina seria baixada.

E então pensei em como poderia fazer aquilo. E, sem esperar mais considerações, que me levariam a pensar e me tornar ainda mais apavorado, fui em frente.

Quando a pilha seguinte foi cortada, antes que as mãos mecânicas retirassem as placas da bigorna, estendi o braço e peguei um punhado de peças, mantendo suas bordas recém-cortadas ainda alinhadas. A mão mecânica removeu as outras, e uma pilha nova de placas foi posta na posição. Houve alguns momentos de hesitação antes que a lâmina descresse. Sem olhar para cima ou pensar na lâmina, empurrei as novas placas para o chão.

Imediatamente, eu vi, com o canto do olho, o robô ao meu lado se mexer. Ele descruzou os braços. Ignorei-o e posicionei a pilha de peças já cortadas de tal modo que suas bordas lisas recém-cortadas ficassem exatamente alinhadas com a linha fina marcada na bigorna. Depois peguei o gancho de arame que tinha feito, enganchei-o no bracelete da minha mão esquerda, cerrei o punho e *então* olhei para

cima. A lâmina estava parada acima de mim, imóvel. O fio da lâmina, visto exatamente por baixo, era um perfeito fio de cabelo sob todo o volume e o peso da máquina.

Obriguei-me a não tremer e a não pensar. O mais depressa que pude, pus os dedos na esteira rolante, a menos de três centímetros da marca na bigorna, com a mão direita, puxei o bracelete com o gancho, firmando a esquerda sobre a pilha de placas. Havia um espaço de pouco mais de um centímetro ali, conforme puxei o braço contra a força do gancho, entre o dorso da mão e o metal do bracelete. Fiquei forçando a cabeça para trás, afastando-a da lâmina. Meu corpo parecia feito de pedra.

Então, o robô berrou no meu ouvido: "*Violação! Violação!*". Mas eu nem me mexi.

E a lâmina desceu, ventilando meu rosto, desceu como um anjo destruidor, como uma bala. E eu gritei de dor.

Eu tinha fechado os olhos. Obriguei-me a abri-los. Não havia sangue! E um pedaço do bracelete estava ali, separado, sobre a esteira rolante diante de mim.

As mãos mecânicas controladas pelo computador já estavam levando o pedaço para a lixeira. O robô ainda estava berrando. Olhei para ele e falei: "Dê o fora, robô".

Ele me olhou fixamente, sem se mover, com suas mãos postadas ao lado do corpo.

Olhei para meu pulso esquerdo. O metal do bracelete, agora com uma fissura, estava enfiado na pele. Com a mão direita, afrouxei-o, ignorando o robô que me vigiava, e dobrei o pulso. Estava doendo, mas não havia nada quebrado. Então, posicionei uma das pontas cortadas do bracelete perto da extremidade da bigorna, afastada da lâmina, e, usando o gancho, puxei para cima a outra ponta, e o bracelete, lentamente, se abriu a ponto de eu conseguir retirar a mão. Enquanto eu fazia isso, a lâmina desceu novamente, passando a cerca de trinta centímetros de mim.

Respirei fundo e então passei o gancho para o bracelete da mão direita.

Esperei outra pilha de placas aparecer e ser cortada e, então, peguei outro punhado, como havia feito antes. Quando estendi o

braço para posicionar o pulso direito na esteira rolante, senti um aperto fortíssimo no braço. Era o robô.

Imediatamente, sem pensar, abaixei a cabeça, e me lancei contra o peito dele com toda a força, soltando seu aperto e empurrando-o sobre a esteira. Ele se dobrou para frente. Empurrei-o de volta e chutei-o na barriga. Eu estava com minhas botas pesadas de prisioneiro e chutei com toda a força que pude, com toda a força que a temporada de trabalho nos campos de Proteína 4 dera às minhas pernas. Ele não emitiu som algum, mas caiu pesadamente no chão. Mas imediatamente tentou se levantar novamente.

Dei as costas a ele e olhei para cima. A lâmina estava voltando para o alto, tomando posição. Atrás de mim, ouvi vozes de homens, e então o robô gritou outra vez: "Violação! Violação!".

Sem desviar o olhar, posicionei meu pulso direito sob a lâmina, afastando bem a cabeça, tentando não pensar no que aconteceria se o robô me pegasse e agarrasse meu braço no momento da descida da lâmina.

A espera pareceu uma eternidade.

E então aconteceu. Vi o brilho da lâmina de aço adamantino e senti a súbita ventilação. E a dor. E, pouco antes de eu gritar de novo, ouvi um som semelhante ao de um graveto seco se partindo.

Abri os olhos e olhei para baixo. O bracelete estava cortado, mas minha mão pendia estranhamente e no mesmo momento entendi o que havia acontecido. Eu havia fraturado o pulso.

No entanto, ao perceber isso, não senti mais dor. Havia um zumbido em meus ouvidos, e eu me lembrava da dor do impacto, mas não sentia mais nenhuma dor. E minha mente estava clara — clara como nunca.

Então pensei no robô e olhei para o local onde eu o havia derrubado.

Ele ainda estava caído no chão. Larsen e o velho de cabelo branco estavam sentados em cima dele. E Belasco estava de pé em cima do robô, segurando uma chave-inglesa pesada com uma mão e o meu gato, Biff, na outra.

Fiquei olhando para aquela cena.

"Aqui", disse Belasco, sorrindo, "você esqueceu o gato".

Usando o gancho, tirei o outro bracelete e o guardei no bolso. Então fui até o Belasco e peguei o Biff com a mão boa.

“Coloca o braço em uma tipoia?”, perguntou Belasco. Depois que peguei o Biff, ele começou a tirar a camisa, transferindo a chave-inglesa de uma mão para a outra, e mantendo os olhos no robô, então imobilizado.

“Tipoia?”, indaguei.

“Espere.” Ele tirou a camisa e a rasgou no meio. Deu um nó entre a manga e a barra da camisa, e passou pelo meu pescoço, pouco acima mochila, e então me mostrou como pôr o braço direito na parte mais larga do tecido. “Quando você já estiver a certa distância”, disse ele, “molhe o pulso na água do mar. Faça isso de vez em quando”. Ele apertou meu ombro. “Você é um filho da puta corajoso”, disse ele.

“Obrigado”, agradei. “Obrigado.”

“Agora se manda, Bentley”, disse Belasco.

E eu fui.



Depois de ter corrido e andado por vários quilômetros para o norte da prisão, mantendo sempre o mar à minha direita, a dor no meu pulso começou a ficar mais forte, eu parei e larguei o Biff, que me havia agarrado e arranhado e miado muito alto, até que finalmente ficou quieto. Então me deitei, de costas, na beira do mar, com o peito arquejando dolorosamente de tanto correr, e de tudo o mais, e deixei o pulso quebrado na água rasa e fria do mar do inverno. A água subiu e bateu no meu quadril. Biff começou a miar queixosamente, e eu não falei nem fiz nada; apenas fiquei ali deitado, com a água me envolvendo, gélida, me obrigando enfim a me levantar e me afastar dali. A dor não havia passado, embora a água fria a aliviasse. E também não passava o medo da viagem que eu tinha pela frente. Mas, apesar disso, meu coração estava em festa. Eu era um homem livre.

Pela primeira vez na minha vida, eu era um homem livre.

Fui até a beira do mar e, com a mão esquerda, levei um punhado de água à boca e bebi. E minha garganta se fechou, engasguei, e



cuspi o resto. Eu não sabia que não se pode beber água do mar. Ninguém nunca me dissera isso.

Alguma coisa dentro de mim se soltou e eu me deixei cair na praia e ficar ali, com dor e com sede, chorando. Era demais para mim. Aquilo tudo era demais para mim.

Fiquei ali deitado na areia fria e úmida com um vento cortante soprando contra mim, com o braço direito inteiro latejando de dor e com a garganta ardendo da água salgada, sem saber onde encontraria água para beber. Eu não saberia nem por onde começar a procurar água, ou como encontraria mariscos, ou qualquer tipo de alimento, assim que os mantimentos da minha pequena mochila tivessem sido comidos.

Mas depois me sentei de repente. Havia algo para beber: o Belasco me dera três latas de proteína líquida.

Tirei a mochila, abri os botões que Larsen havia pregado em cima e encontrei uma lata, a qual abri com cuidado. E dei apenas alguns goles, ofereci um pouco ao Biff, e então tampei a lata com meu lenço. Parte do meu ânimo voltou. Eu tinha bebida suficiente para alguns dias; de algum jeito, eu encontraria água. Levantei-me e comecei a andar rumo ao norte, com Biff mais ou menos ao meu lado, ora um pouco adiante, ora um pouco para trás. Era mais fácil andar na areia perto da água e eu mantive um passo acelerado, com o braço bom balançando ao lado do corpo.

Após algum tempo, o sol saiu de trás das nuvens. E as galinhas apareceram na praia, e as gaivotas começaram a voar, e o ar ficou cheio daquele cheiro bom e limpo do mar. Meu braço não estava desconfortável na tipoia e, embora ainda doesse muito quando eu me deixava pensar sobre ele, eu sabia que conseguiria suportar. E eu havia me sentido pior nos meus primeiros dias na prisão, e também havia sobrevivido — na verdade, havia até ficado mais forte por isso. Eu sobreviveria agora, outra vez.

Naquela noite, dormi na areia, ao lado de um grande tronco desenterrado, no trecho em que a praia começava a ter grama crescendo. Fiz uma fogueira com alguns gravetos de madeira trazida pelo mar, e acendi com o isqueiro da prisão, como havia visto Belasco acender daquela vez, que me pareceu ter sido muito tempo

atrás. Sentei-me junto ao fogo, apoiado ao tronco por algum tempo, e segurando Biff no colo, até que o céu começou a escurecer e as estrelas começaram a sair, muito brilhantes, sobre nós. Então me deitei na areia, com meu agasalho azul da prisão, cobrindo-me com a jaqueta, e adormeci profundamente.

Acordei quando raiou o dia. A fogueira se apagara e meu corpo estava frio e rígido e meu pulso latejava dolorosamente. O outro pulso estava arranhado e insensível onde o bracelete se cravara na pele. Mas eu estava profundamente descansado após a longa noite de sono, apesar das dores pelo corpo. E eu não sentia medo.

Biff ficou encolhido no meu colo. Só acordou quando acordei.

E encontrei mariscos para o desjejum! Eu não tinha nenhum rastelo como o livro mostrava nas figuras, mas usei uma vareta comprida e procurei na praia as pequenas bolhas na areia molhada, feitas quando os moluscos punham o pescoço para fora. Perdi sete ou oito até aprender como virar um pedaço inteiro de areia dura antes que o marisco cavasse mais fundo. Mas consegui quatro — dos grandes.

Durante algum tempo, parecia que seria impossível abrir os mariscos. Tirei meu livro do bolso — *Como cozinhar frutos do mar: fazendo uma festa!* — e procurei a receita, mas não adiantou muito. Eles mostravam uma faca especial, usada para “arrancar o bichinho de seu esconderijo”, como o livro dizia. Mas eu não tinha faca. Não havia facas afiadas na prisão. Mas então me lembrei de uma coisa. Eu havia guardado os dois pedaços do segundo bracelete no bolso depois de tirar. Procurei no bolso, tirei o pedaço maior de metal e, enquanto Biff assistia com pouco interesse, usei a extremidade afiada que fora cortada pela lâmina para abrir meu primeiro marisco. Demorou um bocado, e eu quase me cortei diversas vezes, mas consegui!

Comi o marisco cru. Nunca tinha experimentado nada parecido antes. Estava delicioso. E era comida e bebida ao mesmo tempo; havia um bocado de líquido potável em cada concha.

Naquele dia, caminhei muitos quilômetros pelo litoral, ainda um tanto apreensivo quanto a estar sendo perseguido. Mas não vi nem ouvi nenhum sinal de ninguém me seguindo. Tampouco vi sinal de

habitações humanas. O tempo estava frio e, à tarde, nevou um pouco, mas minhas roupas da prisão são quentes o suficiente e não fiquei muito incomodado com isso. Encontrei mais mariscos para o almoço, e comi meia barra de soja para acompanhar e bebi mais um pouco da proteína líquida. Biff já se acostumou a comer marisco, lambendo e mordiscando, até tirá-los da concha, com grande entusiasmo. Logo adquiri prática em encontrá-los e abri-los.

De vez em quando, caminho certa distância para longe do mar e tento encontrar algum terreno mais alto, para procurar alguma fonte de água doce — um lago, um rio ou uma barragem de irrigação —, mas não encontrei nada. Sei que em algum momento vou precisar de mais do que apenas mariscos e proteína líquida.

Foi assim durante alguns dias; perdi a conta. Aos poucos, meu pulso foi melhorando, e uma noite junto à fogueira, tentei fazer um experimento que deu certo e que me proporcionou muito mais confiança no futuro. Havia ali um trecho considerável de gelo e neve congelada embaixo de uma borda rochosa a pouca distância da praia. Eu tinha uma tigela de metal da prisão na mochila, trazida para preparar meus jantares de frutos do mar; e fui até esse gelo e, usando o bracelete partido, raspei um pouco dentro da tigela. Então, acendi uma fogueirinha, deixei arder, e coloquei a tigela metálica sobre as brasas quentes. Quando o gelo derreteu, descobri que podia beber aquela água! E bebi, e deixei o Biff também beber um pouco. Então pus mais gravetos na fogueira, pus mais gelo na tigela para derreter e encontrei duas mãos cheias de mariscos enquanto o gelo derretia. Depois, acrescentei os mariscos à água que agora estava fervendo e, após alguns minutos, eu tinha um delicioso ensopado de mariscos quentes.

Sobrevivi assim por um mês, encontrando abrigos nos quais pudesse dormir, e comendo um pouco da comida que Belasco me dera de cada vez. Mas, enfim, a comida do Belasco acabou e eu me vi obrigado a viver apenas de marisco por dias e dias — já não sei mais quantos, pois eu não estava escrevendo este diário na época — até o dia em que encontrei um peixe congelado na praia e o assei na brasa. O peixe foi uma mudança de dieta por dois dias, mas logo acabou.

Biff caçou sozinho diversas aves marinhas pequenas, e eu consegui ficar com uma delas para mim; mas, depois disso, o gato sumiu pela praia, para caçar em paz. Teria sido bom transformá-lo em um gato de caça, mas eu não fazia ideia de como fazer isso.

Eu também sabia que o mar estava cheio de peixes, crustáceos e outras coisas boas para comer, mas eu não fazia ideia de como capturá-los. *Com cozinhar frutos do mar* falava em bagas, tubérculos e batatas, mas não havia nada disso à disposição. Continuei regularmente fazendo excursões para o interior em busca de água e campos como aquele da prisão; só encontrei capim selvagem e ervas mortas. Não havia sinal algum de que aquela terra tivesse sido algum dia cultivada, nem de qualquer tipo de vida. Fiquei me perguntando se o Incidente de Denver teria "sufocado" a terra, como diziam meus livros de história, naquela época, ou em alguma guerra posterior à morte da leitura, não registrada nos livros. Quando a leitura acabou, acabou a história.

No final desse período, devo ter passado vinte dias ou mais comendo apenas mariscos, e às vezes até mesmo mariscos era difícil de encontrar. Eu acordava de manhã com um gosto metálico na boca e cólicas no estômago, e descobria que, depois de andar um trecho curto, precisava deitar na areia e descansar. E a minha pele estava ficando seca e com coceiras. Eu sabia que precisava de alguma outra coisa em minha dieta, mas não havia mais nada para comer. Tentei caçar gaivotas que dormiam ou descansavam, mas nunca consegui chegar realmente perto de nenhuma. Um dia, em um campo de mato amarronzado, avistei uma cobra e tentei caçá-la, mas ela serpenteava rápido demais para minhas pernas cansadas conseguirem acompanhar. Caí exausto no campo; essa cobra teria dado um ensopado substancial. Às vezes, eu via um coelho; mas eles eram velozes demais para mim.

Comecei a adoecer. Meu pulso já estava curado a essa altura, embora ainda um pouco torto e rígido e doía quando eu pegava o Biff com a mão direita, mas agora era a minha cabeça que doía furiosamente, e eu já estava com uma sede terrível. Precisava parar a toda hora para derreter gelo e fazer água, e então algumas vezes vomitei. Uma noite, vomitei meu jantar e fiquei fraco demais para

cozinhar mais. Adormeci, de bruços, junto ao que restava da fogueira, nem mesmo abrigado das intempéries.

Quando acordei, estava tremendo terrivelmente e a minha cabeça estava úmida de suor. Eu estava coberto por uma camada fina de neve, e a neve continuava caindo sobre mim. O céu estava cinza-escuro, e a areia ao meu redor havia congelado. Todas as minhas articulações doíam.

Tentei me levantar, e mal consegui ficar de pé. Enfim, o melhor que pude fazer foi me sentar na praia e olhar à minha volta procurando lenha para fazer uma fogueira. Mas não havia madeira por perto; eu havia recolhido todos os gravetos daquela área na noite anterior. Precisava desesperadamente acender o fogo.

Biff se esfregou em meu quadril, miando baixinho.

No dormitório ou na prisão, um robô teria me dado uma única Pílula Médica e ficaria tudo bem. Mas eu não tinha nenhuma pílula comigo.

Devo ter ficado ali sentado por mais de uma hora, esperando o céu clarear um pouco e que o dia ficasse um pouco mais quente. Mas isso não aconteceu. O céu continuou muito escuro, e um vento frio começou a soprar, jogando neve no meu rosto e espetando minhas faces e meus olhos.

Eu sabia que, se continuasse ali sentado, ou me deitasse, acabaria adoecendo mais. Eu não parava de pensar em um verso de um poema de T. S. Eliot:

Minha vida é leve, e espero o vento da morte,  
Como uma pena no dorso da mão.

Enfim, disse o verso em voz alta, ao vento, com todas as minhas forças. E eu sabia que, se não me levantasse, provavelmente morreria, que minha carne fraca seria comida pelas gaivotas e meus ossos acabariam sendo levados pelo vento e pelo mar naquela praia. E eu não queria que isso acontecesse.

Gemendo um pouco, empurrei o corpo para cima e, então, caí sobre um joelho. "Levanta!", disse eu em voz alta, e tornei a me erguer. Cambaleei por algum tempo, com a cabeça pesada, fraco

demais para mantê-la ereta. A dor e a vertigem eram fortes. Diversas vezes, eu desviava para dentro da água e cambaleava de volta para a areia seca.

Mas, enfim, acabei encontrando um pouco de lenha e, tremendo terrivelmente, consegui acender uma fogueira. E reservei um pedaço de pau grosso e comprido trazido pelo mar como bengala.

Minha mochila agora estava vazia, à exceção da tigela, e consegui remover os canudos de metal leve de dentro do brim, tirei o casaco e a camisa, e, tremendo violentamente de frio, abotoei o tecido em volta de mim como um colete. Então, rapidamente, vesti de novo a camisa e o casaco e, depois de aquecer um pouco o corpo na fogueira, me senti mais protegido do frio. Um gorro e um cachecol teriam sido muito úteis; mas eu havia deixado a barba crescer e isso ajudou a manter meu rosto e meu pescoço aquecidos. Eu poderia ter matado o Biff e comido sua carne e usado a pele para fazer um chapéu; mas eu não queria matar o Biff. Eu era uma pessoa transformada, diferente daquele que havia sido formado para ser; eu não queria mais ser solitário, reservado, nem mesmo autossuficiente. Precisava do Biff. A autossuficiência não era uma mera questão de drogas e silêncio.

Consegui amarrar a tigela com um barbante na estrutura da mochila. Pus a estrutura sobre os ombros, peguei minha bengala e, ainda febril e tonto, mas agora mais forte, continuei rumo ao norte pela praia vazia.

Continuou nevando e, conforme o dia foi passando, fui ficando com mais frio. Parei duas vezes para tentar fazer uma fogueira, mas não consegui acender o fogo por causa da umidade da madeira que encontrei e do vento que sempre apagava meu pequeno isqueiro. Quando senti sede, não havia o que fazer senão engolir um punhado de neve. A praia havia congelado e estava dura demais para eu conseguir desenterrar mariscos. Segui em frente, lentamente, e tentei não me preocupar.

E então, depois de uma curva na praia, quase ao anoitecer, avistei na minha frente, sobre uma falésia baixa recuada do litoral, um grande edifício antigo, com luzes acesas nas janelas. A neve estava caindo mais depressa. A possibilidade de encontrar abrigo e

calor me deu mais força, e eu me apressei, em uma espécie de corrida cambaleante, até que cheguei à base da falésia. Mas meu coração se afundou no peito. Não havia escada para subir até lá — apenas rochas empilhadas caoticamente por toda a volta, como uma fortaleza diante do mar.

Fiquei ali por algum tempo pensando no que fazer, até que me dei conta de que *precisava* escalar para subir. Eu não podia correr o risco de dormir na praia e ficar fraco e febril demais pela manhã até mesmo para conseguir me sentar.

Comecei a escalar, agarrando-me a uma rocha, descansando e empurrando o corpo lentamente até a próxima rocha. Biff parecia achar que eu estava brincando, e ficou subindo e descendo pelas rochas com facilidade, enquanto meu pulso direito doía e minha garganta ardia de sede e as pedras arranhavam minhas pernas e joelhos. Devia ser imensamente doloroso, mas não pensei na dor na hora. Simplesmente continuei agarrado às rochas e subindo, sabendo que a praia coberta de neve podia significar minha morte.

E consegui chegar ao topo e me deitei ali, ofegante, enquanto Biff se aconchegava junto ao meu corpo. Fiz carinho em sua cabeça. A palma da minha mão estava arranhada e sangrando, e havia um rasgo comprido na manga do meu casaco. Mas eu estava bem.

Não pude escalar a falésia com minha bengala, de modo que precisei cambalear e me arrastar para chegar à porta do edifício. E, graças a Deus, estava destrancada. Empurrei e entrei na luz e no calor.

Sentei-me no piso duro por um longo tempo, encostado na porta pela qual eu havia entrado, segurando a cabeça entre as mãos. Eu estava tonto, e enjoado, mas pelo menos não estava mais com frio.

Quando a tontura passou, olhei ao meu redor.

Estava em um salão amplo, fortemente iluminado, de teto alto. Na minha frente, de cada lado, havia pesadas máquinas cinzentas e uma longa esteira rolante, e robôs, de costas para mim, trabalhando nas máquinas. Quase não faziam barulho.

Fortalecido pelo calor, comecei a procurar água naquele ambiente. Encontrei quase imediatamente. Uma das máquinas grandes era uma espécie de perfuratriz, cuja ponta era refrigerada

por um jato fino de água de uma mangueira; a água utilizada escorria por um pequeno canal na frente da esteira rolante e era despejada em um ralo no piso.

O robô que estava diante da máquina, sem fazer nada, ignorou-me e eu o ignorei. Ajoelhei-me junto à esteira rolante, estendi as mãos em concha sobre o ralo, peguei a água e bebi. Estava quente e um pouco oleosa, mas potável.

Depois de matar minha sede, enquanto Biff lambia a umidade em volta do ralo, lavei as mãos e o rosto da melhor forma que pude com aquela água. O óleo contido na água aparentemente aliviou os pontos arranhados da minha pele.

Então me levantei, sentindo-me melhor, e comecei a examinar com mais atenção o lugar onde estava.

Foi quando notei que havia três esteiras rolantes; uma em cada parede da sala. E, deslizando constantemente pelas esteiras, havia o que reconheci como sendo reluzentes torradeiras de aço. Havia torradeiras assim quando eu era um garotinho e fazia limpeza na cozinha do dormitório, mas, desde então, nunca mais tinha visto uma daquelas.

Elas estavam sendo montadas e cabeadas pelas máquinas ao passarem pelas esteiras rolantes. Algumas máquinas acrescentavam uma peça e soldavam à medida que a torradeira passava. Cada máquina era acompanhada por um robô Tipo Dois — um tipo de androide imbecil e atrapalhado — que ficava ao lado, assistindo ao trabalho. As chapas de aço vinham de um imenso rolo no início da linha de produção; e as torradeiras completas saíam na outra extremidade. As torradeiras eram produzidas em um ritmo acelerado, ali naquele salão excessivamente iluminado e cavernoso. O metal era dobrado e moldado por máquinas, quase sem emitir ruído, e as partes eram feitas e agregadas à forma básica. Ali parado, enfim aquecido mas quase morto de fome, eu me peguei pensando no que teria acontecido com as torradeiras e por que fazia trinta anos que eu não via uma igual. Sempre que eu queria uma torrada, espetava um garfo em um fatia de pão e o posicionava sobre uma chama. Acho que era o que todo mundo fazia.



E então, caminhando até o fim da linha de montagem, vi o que estava acontecendo. Um robô Tipo Três de uniforme cinza-claro estava ali de pé. Diferentemente dos outros, ele era ágil em seus movimentos. Quando a torradeira montada chegava até ele, ele ligava um interruptor na lateral da torradeira, pouco acima da pequena bateria nuclear, e, se nada acontecesse — quando o metal não ficava incandescente —, ele atirava a torradeira em uma lixeira grande e com rodas.

Como todos os outros robôs, ele ignorou completamente minha presença. Fiquei ali, ainda um tanto aturdido pelo calor do ambiente, observando-o pelo que me pareceu ser um longo tempo. Ele pegava a torradeira terminada quando saía da linha de produção automática, ligava o interruptor, olhava no interior, descobria o que não estava funcionando e, em seguida, a jogava na lixeira ao seu lado.

O robô tinha um rosto redondo e olhos ligeiramente arregalados; ele se parecia um pouco com Peter Lorre, mas sem a sua inteligência. Enquanto fiquei ali ao lado dele, a lixeira ficou cheia de torradeiras novíssimas e brilhantes, e, ao reparar nisso, ele gritou, com uma voz grave e mecânica: “Hora da reciclagem!”, e então pôs a mão embaixo da esteira rolante e desligou um interruptor.

A linha de montagem das torradeiras parou, e todos os robôs ficaram esperando, em seus uniformes cinzentos. Dos que eu pude ver, todos tinham rostos parecidos com Peter Lorre.

A lixeira cheia de torradeiras descartadas começou a rolar pelo piso; precisei me mexer depressa para sair de seu caminho. Rapidamente a lixeira chegou à extremidade da sala, onde a linha de montagem começava, e parou diante de uma pequena porta. A porta se abriu e um robô saiu e começou a recolher as torradeiras do lixo, levando-as desajeitadamente nos braços. Ele as levou para uma salinha atrás daquela porta e eu pude ver quando ele as despejou em uma espécie de funil conectado a uma máquina como aquelas que eu tinha visto na prisão. Era uma máquina que convertia ferro-velho em coisas novas. As torradeiras estavam sendo transformadas novamente em chapas de aço.

A fábrica era um sistema fechado. Nada entrava e nada saía. Talvez estivesse fazendo e desfazendo torradeiras havia séculos. Se houvesse um posto de consertos de robôs por perto, aqueles robôs idiotas durariam praticamente para sempre. E, aparentemente, não precisavam de nenhuma matéria-prima.

Passei o resto da noite ali, sentado, encostado à parede e dormindo o melhor que podia. Quando acordei de manhã, a luz do dia estava entrando pelas janelas e as luzes do teto haviam diminuído. As torradeiras ainda se deslocavam na linha de montagem, naquela luz matinal cinzenta, e os robôs continuavam na mesma posição da noite anterior. Meu corpo estava rígido, e eu me sentia faminto.

Foi bom estar aquecido de novo, e resolvi ficar na fábrica até o final do inverno, se conseguisse encontrar comida. Enfim, acabei encontrando. Os robôs eram de fabricação primitiva, semelhantes às descrições do meu *Manual de Manutenção e Consertos de Robôs*. Eles haviam sido fabricados a partir de clonagem seletiva de tecidos vivos, e precisavam de alimento. Pouco depois de eu acordar, a linha de montagem automaticamente se desligou e todos os robôs se reuniram obedientemente diante de uma porta vizinha à da sala de reciclagem, e o robô-inspetor, aquele que ficava no final da linha de montagem, abriu a porta. Lá dentro, havia um grande armário com três conjuntos de prateleiras, duas delas repletas de caixinhas pouco maiores que um maço de cigarros. Na outra prateleira, havia latas de algum tipo de bebida.

Quase morto de fome, entrei com os robôs e me ofereceram uma caixa de alimento e uma lata de bebida.

A comida era uma espécie de barra de soja insossa, e a bebida era terrivelmente doce; mas eu comi e bebi tudo às pressas. Depois, um tanto apreensivo, abri o armário e retirei dez caixas de alimento e quatro latas de bebida. Nenhum robô prestou atenção. Eu me senti imensamente aliviado; de fome, eu não morreria.

Mais tarde, encontrei uma pilha de caixas de papelão desdobradas, embaixo da esteira rolante da parede dos fundos. Peguei quatro dessas caixas e as estiquei no chão onde eu havia dormido na noite anterior, e elas resultaram em uma cama bastante

confortável — muito melhor do que as praias congeladas nas quais eu vinha dormindo até então. De modo que minhas necessidades estavam atendidas, e fiquei pensando comigo: “Vou ficar por aqui até o final do inverno”. Mas, desde o início, eu mesmo não acreditei muito nisso, pois, mesmo fraco como eu estava, aquele lugar não servia para morar. Foi o lugar mais horrível no qual já passei a noite na minha vida, com aquela paródia sem sentido da produtividade constantemente se processando à minha volta, e aquele maldito desperdício de tempo e de energia na construção e na desconstrução daquelas torradeiras alimentadas por bateria. E aqueles quase-idiotas uniformizados, paródias da humanidade, movendo-se silenciosamente, sem nenhum trabalho real para fazer. Durante os cinco dias que passei lá, não vi nenhum robô, além do inspetor, *fazer* nada em sua função. E até mesmo ele só despejava as torradeiras em uma lixeira e de hora em hora, mais ou menos, gritava: “Hora da reciclagem!”. E servia aos outros duas refeições por dia.

Depois de dois dias, a neve parou e, no dia seguinte, o tempo ficou mais quente. Pus o máximo de alimento e bebida que podia carregar em minha mochila e saí. A fábrica era um lugar aquecido e seguro, e havia bastante comida e bebida. Mas não era um lugar no qual eu pudesse viver.

Depois de acomodar cinquenta barras de soja e trinta e cinco latas de bebida em minha mochila, na fábrica de torradeiras, quando eu estava pronto para partir, fiz um exame minucioso das máquinas ao longo da linha de montagem, estudando a função de cada uma. Eram todas de metal cinzento e todas muito grandes, mas cada uma de um feitio diferente. Uma moldava as chapas de metal na forma da torradeira, outra soldava o aquecedor na posição, uma terceira instalava a bateria, e assim por diante. Os robôs postados diante de cada máquina, supostamente responsáveis por elas, não prestaram atenção em mim.

Finalmente, encontrei o que estava procurando. Era uma máquina um pouco menor que as outras, com um funil que despejava pequenas fichas metálicas em pilhas de cem unidades. No ponto em que essas fichas deviam cair pelo gargalo estreito do funil,

e ser recolhidas por dedos metálicos e posicionadas na torradeira que passava, uma ficha havia descido torta, de modo que nenhuma outra ficha conseguia sair do funil. Fiquei ali olhando por algum tempo, pensando no desperdício de energia que aquele pedacinho de silício, ou o que quer que fosse, que ficara preso ali, devia ter causado. Lembrei-me de quando a torradeira do meu dormitório havia quebrado e nunca mais comemos torrada depois disso.

Então estendi o braço e sacudi o funil com a mão, até que a ficha de metal se soltasse.

A mão mecânica pegou-a da base do funil e a posicionou no interior da torradeira seguinte, logo abaixo do interruptor, e um pequeno feixe de laser rapidamente a soldou no lugar.

Momentos depois, ao final da linha de montagem, o robô-inspetor virou o interruptor naquela torradeira e seu aquecedor se incandesceu. Ele não demonstrou surpresa; simplesmente desligou o interruptor e pôs a torradeira em uma caixa vazia, e então repetiu a ação.

Fiquei observando o robô encher uma caixa com vinte torradeiras, prontas para transporte. Eu não fazia a mais remota ideia de como seriam transportadas ou para onde, mas fiquei contente com o que fiz.

Então pus a mochila nas costas, peguei o Biff no colo e fui embora.

# Mary Lou

Ontem à noite, não consegui dormir. Fiquei deitada uma hora ou mais, pensando na solidão das ruas, como ninguém mais parecia conversar. Paul me mostrou um filme chamado *The Lost Chord*. Havia uma cena longa do que chamavam de “piquenique”, em que dez ou doze pessoas se sentavam em volta de uma mesa grande ao ar livre, e comiam coisas como milho e melancia, e conversavam umas com as outras — simplesmente conversavam, todas elas. Não prestei muita atenção na época, sentada ao lado do Paul em sua escrivaninha-beliche naquele quarto bizarro no subsolo da biblioteca; mas, de alguma forma, essa cena ficou guardada em mim e voltava à minha lembrança de vez em quando. Eu nunca tinha visto nada parecido com aquilo na vida real — um grupo grande de pessoas comendo e conversando juntas, todos muito animados, ao ar livre, com uma brisa leve soprando em suas camisas e blusas — as mulheres com os cabelos soltos sobre o rosto — e com comida boa e de verdade nas mãos, comendo e conversando como se não houvesse coisa melhor na vida.

Era um filme mudo e, na época, eu não sabia ler as palavras na tela, então não fazia ideia do que as pessoas estavam falando. Mas isso não tinha importância. Deitada na cama ontem à noite, senti uma vontade dolorosa de fazer parte daquela conversa, de sentar em volta de uma mesa de madeira naquele antigo filme preto e branco, comendo milho e conversando com todas aquelas outras pessoas.

Enfim, eu me levantei da cama e fui para a sala, onde Bob estava sentado olhando para o teto. Ele meneou a cabeça quando me sentei na poltrona junto à janela, mas não falou nada.

Espreguiceei-me na poltrona e bocejei. Então eu disse: “O que houve com as conversas? Por que as pessoas não conversam mais, Bob?”

Ele olhou para mim. “Sim”, disse, como se estivesse pensando na mesma coisa. “Quando me construíram, nos primeiros tempos, em Cleveland, havia mais conversas que hoje em dia. Nas fábricas de automóveis, ainda havia humanos trabalhando com os robôs, e eles se reuniam — às vezes, cinco ou seis homens — e ficavam conversando. Eu costumava ir lá para vê-los.”

“O que foi que aconteceu então?”, perguntei. “Nunca vi grupos de pessoas conversando. No máximo, algumas vezes e apenas em duplas, porém muito raramente.”

“Não tenho certeza”, disse Bob. “O aperfeiçoamento das drogas teve muito a ver com o fim das conversas. E a introspecção. Creio que as regras da Privacidade reforçaram essa situação.” Ele me olhou pensativamente. Às vezes, Bob parecia mais humano do que qualquer pessoa que já conheci, à exceção talvez do Simon. “A Privacidade e a Polidez Obrigatória foram inventadas por um colega Tipo Nove. Ele achava que era o que as pessoas realmente queriam, uma vez que já tinham as drogas para se entreter sozinhas. E isso quase acabou com a criminalidade. As pessoas costumavam cometer muitos crimes. Elas roubavam e faziam coisas violentas com os corpos dos outros.”

“Eu sei”, disse eu, sem querer nem pensar naquilo. “Eu já assisti na televisão...”

Ele assentiu. “Quando fui trazido à vida — se o que eu tenho pode ser chamado de vida — tive aulas de matemática. O professor era um Tipo Sete chamado Thomas. Eu gostava de conversar com ele. E eu gosto de conversar com você.” Ele estava olhando pela janela enquanto dizia isso, para uma noite sem luar lá fora.

“Sim”, disse eu. “E eu gosto de conversar com você. Mas o que foi que aconteceu? Por que as conversas — e a leitura e a escrita — morreram?”

Ele ficou em silêncio pelo que me pareceu um longo tempo. Então, ele passou os dedos nos cabelos e começou a falar, baixinho. “Quando eu estava aprendendo Administração de Empresas, assisti a filmes sobre todos os aspectos do Monopólio Automobilístico. Eu estava sendo preparado para ser um grande executivo — que era a finalidade original dos Tipos Nove — e acabei assistindo a todos os filmes e ouvindo todas as gravações dos arquivos da General Motors e da Ford e da Chrysler e da Sikorsky. Um desses filmes mostrava um grande carro prateado percorrendo uma estrada vazia, silencioso e suave, como uma aparição — ou um sonho. Era um antigo carro movido à gasolina, feito antes da Morte do Petróleo e muito antes da Era das Baterias Nucleares.”

“Morte do Petróleo?”

“Sim. Quando a gasolina ficou mais cara que o uísque, e a maioria das pessoas não saiu mais de casa. Isso foi a Morte do Petróleo. Aconteceu no então chamado século vinte. Depois vieram as Guerras da Energia. E depois o Solange foi fabricado. Ele foi o primeiro robô Tipo Nove e foi explicitamente programado — diferente de mim — para dar à humanidade tudo o que ela desejasse ter. O Solange inventou a bateria nuclear. A fusão controlada, segura, limpa e ilimitada. Ele aprendeu a alimentar seu próprio corpo com essa energia, e todos nós depois fomos construídos para funcionar com energia nuclear. Uma bateria para mim dura nove azuis.”

“Solange era negro também?”, perguntei.

“Não. Ele era muito branco — de olhos azuis.”

Levantei-me para fazer café. “Por que você é negro?”, perguntei.

Ele só respondeu quando eu já estava despejando a água quente sobre o pó de café. “Eu nunca soube o motivo”, respondeu. “Acho que sou o único robô negro já fabricado.”

Levei meu café até a poltrona e tornei a me sentar. “E o que você estava dizendo sobre o filme?”, indaguei. “Esse do carro.”

“Havia só um homem dentro do carro”, disse ele. “Um homem com uma camisa esportiva azul-clara e calça cinza de poliéster. Ele estava com as janelas fechadas e o aparelho de som estava ligado e também o ar-condicionado e o piloto automático. As mãos dele eram

brancas e macias e seguravam o volante com delicadeza. E o rosto dele — oh, aquele rosto! — era vazio como a lua.”

Não entendi ao certo o que ele estava tentando me dizer. “Quando eu era uma garotinha, e fugi dos dormitórios pela primeira vez, ficava muito impaciente e nervosa, e não sabia o que fazer da vida. E o Simon dizia: ‘Simplesmente fique sossegada e deixe a vida acontecer’, e eu tentava fazer isso. Será que era isso que o homem no carro estava fazendo?”

“Não”, disse Spofforth. Ele se levantou e esticou os braços, como um homem faria. “Pelo contrário. Não havia nenhuma vida acontecendo naquele homem. Supostamente, ele era ‘livre’, mas nada estava acontecendo. Ninguém sabia seu nome, mas um dos humanos o chamou de Daniel Boone — o último pioneiro. Havia uma trilha sonora nesse filme, com uma voz masculina grave, autoritária, dizendo: ‘Sejam livres e vivos, deixem seu espírito se exaltar na estrada aberta!’. E, na estrada vazia, o homem corria a mais de cem por hora, isolado do mundo exterior, isolado ao máximo possível até do som do próprio veículo que se movia pela estrada vazia. O Individualista Norte-Americano, o Espírito Livre. O Pioneiro. Com um rosto humano indistinguível do rosto de um robô idiota. E, na casa dele ou em seu motel, ele tinha uma televisão para manter o mundo a distância. E pílulas no bolso. E o aparelho de som do carro. E as figuras nas revistas que ele via, com comidas e com sexo melhores e mais vívidos do que na vida real.”

Bob estava andando descalço para lá e para cá na sala. “Sente-se, Bob”, disse eu e, depois: “Como foi que tudo isso começou? Os carros — o ambiente controlado?”

Ele sentou, tirou um baseado pela metade do bolso da camisa, e acendeu. “Algumas pessoas ganhavam muito dinheiro com os carros — fabricando e vendendo carros. E, quando a televisão chegou, foi uma das maiores fontes de lucro jamais inventadas. E não era só isso; algo muito profundo na humanidade reagia ao carro, à televisão, às drogas.

“Quando as drogas e a televisão foram aperfeiçoadas pelos computadores que as fabricavam e as distribuía, os carros deixaram de ser necessários. E, como ninguém conseguiu inventar



um modo de tornar o carro seguro nas mãos de um motorista humano, decidiu-se interromper sua produção.”

“Quem tomou essa decisão?”, indaguei.

“Eu. O Solange e eu. Foi a primeira vez que eu o vi. Ele se atirou do alto de um prédio.”

“Jesus”, exclamei. E depois, “Quando eu era menina, já não existiam mais carros. Mas o Simon dizia que se lembrava deles. Então foi aí que inventaram os ônibus telepatas?”

“Não. Os ônibus telepatas já estavam em circulação desde o século vinte e dois. Na verdade, já existiam ônibus, dirigidos por motoristas humanos, no século vinte. E trens, trólebus e bondes. A maioria das cidades grandes da América do Norte tinha o que chamavam de bondes desde o início do século vinte.”

“E o que aconteceu com eles?”

“As empresas automobilísticas acabaram com eles. Com subornos para os administradores das cidades, retiraram os trilhos, e propagandas pagas aos jornais convenceram o público de que isso devia ser feito. Para que assim mais carros fossem vendidos, e mais petróleo fosse transformado em gasolina, para ser queimada nos carros. Para que assim as corporações pudessem crescer, e assim algumas poucas pessoas pudessem ficar incrivelmente ricas, e ter empregados, e viver em mansões. Isso alterou a vida da humanidade de uma maneira mais radical do que a invenção da imprensa. Isso criou subúrbios e centenas de outras dependências — sexuais, econômicas e narcóticas — do automóvel. E o automóvel abriu caminho para as dependências mais profundas — mais introspectivas — da televisão e depois dos robôs e, finalmente, para a conclusão definitiva e previsível de tudo isso: a perfeição da química da mente. As drogas que vocês, humanos, usam têm os mesmos nomes das drogas do século vinte, mas são muito mais potentes, muito melhores no que fazem, e são todas produzidas e distribuídas — distribuídas em todo lugar onde houver seres humanos — por equipamentos automáticos.” Ele olhou para mim, sentado em sua poltrona. “Acho que tudo começou, imagino, quando os homens aprenderam a fazer fogueiras — a aquecer a

caverna e afastar os predadores. E terminou com o Valium de Liberação Prolongada.”

Olhei para ele por um minuto. “Eu não tomo Valium”, disse eu.

“Eu sei”, disse ele. “Foi por isso que tirei você de perto do Paul. Por isso e por causa do bebê que você vai ter.”

“Eu entendo a questão do bebê. Você quer brincar de casinha. Mas eu não sabia que as drogas — ou a ausência delas — tinha alguma relação com isso.”

Ele balançou a cabeça, repreensivamente. “Achei que era óbvio”, disse ele, “que eu queria uma mulher com quem pudesse conversar. E por quem eu pudesse me apaixonar”.

Olhei fixamente para ele. “Apaixonar?”, perguntei enfim.

“Certamente. Por que não?”

Eu ia começar a responder, mas desisti. Por que ele não poderia se apaixonar se quisesse? “E você se apaixonou?”, perguntei.

Ele me olhou por um instante e então deixou o baseado no cinzeiro. “Sim, eu me apaixonei”, respondeu. “Infelizmente.”

*Eu me apaixonei.* A estranheza dessa frase — essa expressão antiga — ocupou minha atenção por um momento ali na sala, no meio da noite. Alguma coisa naquelas palavras me impressionou. E então eu me dei conta de que nunca tinha ouvido aquela frase em voz alta antes; era uma frase dos filmes mudos e dos livros, e não da vida real que eu conhecia. Eu tinha ouvido Simon dizer uma vez: “O amor é uma trapaça”, e foi a única vez que ouvi falar de amor que eu me lembre. E a palavra “amor” não fazia parte do nosso vocabulário nos dormitórios, onde o que nos ensinavam era: “O sexo às pressas é o melhor sexo”. Mas era só isso. E ali estava aquele robô com seu rosto triste, jovem e sua longuíssima história e sua voz grave e delicada me dizendo que se permitira *apaixonar* por mim.

Meu café estava esfriando. Beberiquei um pouco, e então disse: “O que você entende por ‘amor’?”

Ele não respondeu por um longo tempo. Então, ele disse: “Palpitações na barriga. E no coração. Desejar que você seja feliz. Certa obsessão por você, com o jeito como seu queixo mexe e os seus olhos às vezes ficam me encarando. O modo como a sua mão

segura essa xícara de café. Ouvir você roncar à noite enquanto fico aqui.”

Fiquei chocada. Era o tipo de palavras que eu já havia lido algumas vezes, mas ignorado. Eu sabia sem pensar que tinham a ver com sexo e com as *famílias* que faziam parte do mundo antigo, mas que nunca tinham feito parte da minha vida. E como poderiam fazer parte da “vida” daquele ser manufaturado, aquele elegante humanoide de pele escura e cabelo crespo? Aquele homem falso, sem uma mãe que o tivesse gerado, sem um pênis; incapaz de comer ou beber — um boneco movido à bateria com olhos castanhos e melancólicos. O que era esse *amor de* que ele estava falando? — seria uma espécie de loucura, a demência que havia assombrado sua fabricação e toda a criação da última série de inteligências artificiais, aqueles super-humanos enlouquecidos da fatídica série dos Tipos Nove?

No entanto, enquanto olhava para ele, eu teria gostado de beijá-lo. Teria gostado de pressionar minha boca em seus lábios úmidos.

E então percebi — oh, Jesus Cristo — que eu estava chorando. As lágrimas não paravam de escorrer no meu rosto. Escondi o rosto entre minhas mãos abertas e chorei até soluçar, como quando, ainda criança, fiquei sabendo que estava sozinha no mundo. Foi como uma grande lufada de vento quente soprando através de mim.

Depois de chorar, eu me senti mais calma, mais controlada. Olhei para o Bob. Seu rosto parecia calmo, descansado, como o meu nunca foi. “Você já fez isso alguma vez?”, perguntei. “Você já se apaixonou antes?”

“Sim. Quando eu... quando eu era novo. Havia mulheres humanas, na época, que não usavam drogas. Eu me apaixonei por uma delas. Ela exibia uma expressão em seu rosto, às vezes... Mas nunca tinha tentado viver com uma mulher antes. Da maneira como estamos agora.”

“Mas por que eu?”, perguntei. “Eu estava bem feliz lá com o Paul. Nós teríamos começado uma família. Por que você teve que se apaixonar justamente por mim?”

Ele olhou para mim. “Você é a última”, disse ele. “A última antes que eu morra. Eu gostaria de recuperar a parte soterrada da minha

vida. Essa parte apagada da minha memória. Eu gostaria de saber, antes de morrer, como era o ser humano que eu tentei ser durante toda a minha vida.” Ele desviou os olhos de mim, e olhou pela janela. “Além do mais, a prisão fará bem ao Paul. Se ele se desenvolver o suficiente, vai fugir de lá. Nada mais no mundo funciona muito bem; a maioria das máquinas e dos robôs está quebrando. Se ele quiser fugir da prisão, vai conseguir.”

“Você já se lembrou de algumas dessas coisas?”, perguntei. “Desde que estamos morando juntos? Você já conseguiu preencher algum dos espaços vazios do seu cérebro?”

Ele balançou a cabeça. “Não, não consegui. Nenhum.”

Assenti. “Bob”, disse eu, “você devia memorizar a sua vida, do jeito que estou fazendo. Você devia ditar toda a sua história em um gravador. Eu poderia transcrever depois para você, e ensinar você a ler a própria história escrita.”

Ele tornou a se virar para mim, e seu rosto então me pareceu muito velho e triste. “Eu não preciso, Mary. Eu não consigo esquecer nada da minha vida. Não tenho como esquecer. Essa é uma possibilidade que foi excluída.”

“Meu Deus”, exclamei. “Isso deve ser horrível.”

“Sim, é”, admitiu ele. “É horrível.”

Uma vez o Bob me disse: “Você sente falta do Paul?”.

Não ergui os olhos do meu copo de cerveja. “Só o pássaro imitador canta na borda do bosque.”

“O que é isso?”, indagou Bob.

“É uma coisa que o Paul costumava dizer. Quando penso nele às vezes, eu me lembro disso.”

“Diga de novo”, pediu Bob. Havia certa urgência na voz dele.

“‘Só o pássaro imitador canta na borda da mata’”, repeti.

“Bosque”, disse Bob. E então: “‘De quem são esses bosques que acredito conhecer’. Esse é o verso”. Ele se levantou e caminhou na minha direção. “‘De quem são esses bosques que acredito conhecer. A casa dele...’”.



Assim, o Bob finalmente encontrou a palavra daquele poema, depois de mais de cem anos tentando se lembrar. Fiquei contente por ter conseguido pelo menos dar isso a ele.

# Bentley

O inverno devia estar terminando, pois nunca mais ficou tão frio depois que deixei a fábrica de torradeiras. E nunca mais passei tão mal, embora ainda estivesse um pouco fraco quando deixei para trás a segurança daquele lugar insalubre.

Meu progresso rumo ao norte foi se tornando cada vez mais rápido e a comida que eu trouxe da fábrica, mesmo com seu sabor horrível, me fortaleceu. Continuei encontrando mariscos e, mais tarde, mexilhões. E espantei uma gaivota na praia para longe de um peixe que ela havia acabado de caçar; o ensopado desse peixe durou três dias. Enfim minha saúde voltou e fiquei melhor do que nunca. Eu me tornara muito firme e resistente, e era capaz de caminhar um dia inteiro sem fadiga, em um ritmo constante. Comecei a me permitir pensar na Mary Lou e na possibilidade de realmente encontrá-la. Mas eu tinha certeza de que havia um longo caminho pela frente, disso eu tinha certeza, embora não fizesse ideia da distância exata.

Então, uma tarde, olhei adiante e avistei uma estrada que serpenteava através de um campo e chegava até a praia.

Corri até lá e vi que se tratava de uma antiga pista de asfalto rachado, em alguns lugares tomada de mato, com a superfície velha e desbotada e irregular, mas ainda transitável a pé. Comecei a seguir essa estrada, afastando-me da praia.

Vi no mato alto nas margens daquela pista deteriorada uma coisa que nunca tinha visto antes: uma placa de sinalização. Eu já havia

reparado em placas nos filmes e lido sobre placas em livros, mas nunca tinha visto pessoalmente uma. Ela era de permoplástico verde desbotado e branco, com as letras quase ocultas pela sujeira e pelo mato; mas, quando afastei o mato, pude ler:

MAUGRE  
LIMITE DA EMPRESA

Fiquei muito tempo olhando para essa placa. Alguma coisa na presença daquele objeto antigo, ali sob o sol fraco do início da primavera, percorreu meu corpo como um súbito calafrio.

Peguei Biff no colo e caminhei rapidamente pela estrada até fazer uma curva.

E vi se espriar à minha frente, quase coberto pelas árvores e arbustos, um conjunto de casas de permoplástico — umas quinhentas delas, ocupando uma espécie de vale abaixo de mim. As casas ficavam um tanto afastadas umas das outras, entremeadas com o que um dia teriam sido parques e ruas de concreto. Mas não havia sinal de presença humana. No que devia ter sido o centro da cidade, havia dois edifícios grandes e um imenso obelisco branco.

Ao me aproximar do centro, comecei a abrir caminho entre as roseiras e madressilvas, quase mortas pelo inverno, e vi que as casas, talvez outrora de cores vivas, haviam todas descolorido e assumido a tonalidade uniforme de um branco ósseo.

Entrei tremendo em Maugre. Até o Biff parecia nervoso, e se revirava nos meus braços, arranhando as tiras que prendiam a mochila. Onde começava o centro da cidade, havia uma trilha irregular pelo meio do mato, entre as casas; passei a seguir por essa trilha. Eu não saberia dizer se as casas tinham alpendres, pois as fachadas estavam tomadas pelo mato; em apenas algumas casas, havia portas visíveis por entre arbustos, ervas daninhas e madressilvas.

Estava indo em direção ao obelisco. Pareceu-me a coisa certa a fazer.

Uma casa pela qual passei tinha menos obstáculos até a porta e eu deixei o Biff no chão, atravessei pelo mato e cheguei até lá, arranhando-me várias vezes nas roseiras que encontrei pelo

caminho. Mas nem reparei nos arranhões, de tão forte que era a sensação de estar em um sonho ou em um transe hipnótico.

Consegui, depois de arrancar um emaranhado de ervas daninhas, abrir a porta da frente e, com uma espécie de espanto, entrei. Eu estava em uma grande sala de estar sem nada dentro. Absolutamente nada. A luz das janelas de plástico empoeiradas e cobertas de mofo era fraca.

O permoplástico opaco é o material mais duradouro — e o mais mortífero — já projetado pelo homem, e a sala inteira era meramente um imenso cubo vazio feito dele, todo rosa com os cantos arredondados e contínuos. Não havia nenhum indício de que alguém algum dia tivesse vivido ali; mas eu sabia que a natureza do material era tal que a casa podia ter sido ocupada durante cem azuis e, ainda assim, não teria marcas disso — nenhum arranhão no piso, nenhuma digital nas paredes, mancha de fumaça no teto, nenhum sinal visível de criança brincando ou brigando ou de um lugar favorito onde teria ficado uma mesa durante a vida inteira de uma família.

Por algum motivo, gritei: “Tem alguém em casa?”. Era uma frase que eu havia aprendido nos filmes.

Não havia nem eco. Pensei tristemente naqueles homens nos filmes bebendo em copos altos e dando risadas. *Só o pássaro imitador canta na borda do bosque*. Saí dali. Biff estava me esperando, e eu o peguei no colo.

Prosseguimos em direção ao obelisco. À medida que fomos nos aproximando, a trilha foi ficando mais larga, mais fácil de andar, e chegamos ao espaço aberto entre dois grandes edifícios e o obelisco mais depressa do que eu esperava.

O obelisco era mais branco do que os demais edifícios. Tinha pouco menos de vinte metros de largura na base e se erguia a mais de trinta metros do chão, lembrando o Monumento de Washington que eu tinha visto em muitos livros e filmes e que era a única coisa que restara da cidade de Washington, DC.

Havia uma porta dupla de vidro, apenas parcialmente coberta de hipomeias azuis, na base, e quando dei a volta vi que cada uma das quatro faces da estrutura possuía uma porta imensa. E, na quarta



face do obelisco, vi, bem no alto e em letras grandes, em relevo, as seguintes palavras:

ABRIGO E CENTRO COMERCIAL  
PERFEITAMENTE SEGUROS  
OS SERES VIVOS ESTÃO SEGUROS SOB ESTA  
BARREIRA PROTETORA  
DEPARTAMENTO DE DEFESA: MAUGRE

Li isso duas vezes. Será que o termo “barreira protetora” era o próprio obelisco? Ou estaria ali dentro?

Deixei Biff no chão e comecei a tentar abrir as portas. A terceira se abriu sem esforço.

Lá dentro, havia um saguão, iluminado pela luz que passava pelas portas de vidro. Havia duas escadarias amplas, que desciam, uma de cada lado. Outra, mais estreita, subia. Hesitei por um minuto apenas e comecei a descer a escada à minha esquerda. Após seis ou sete degraus, quando começou a ficar escuro, uma suave luz amarelada se acendeu nas paredes amarelas de cada lado, e em uma das paredes estavam escritas estas palavras:

NÍVEL BARREIRA DE CONCUSSÃO

E depois, sete ou oito degraus abaixo, outra luz suave se acendeu e eu vi estas palavras na parede, que, naquele nível, era de uma cor diferente — cinza:

NÍVEL BARREIRA DE RADIAÇÃO

E, quando cheguei ao final da escada, eu me vi em um imenso corredor, largo e comprido, com lustres de cristais cor-de-rosa claro, que foram se acendendo delicadamente à minha passagem, e placas de sinalização de ambos os lados que diziam:

ZONA SEGURA. CENTRO COMERCIAL

E então, incrivelmente, comecei a ouvir uma música suave, leve e enlevada, de flautas e oboés; e, cerca de cinquenta metros adiante, um grande jato de água começou a se erguer de um tanque grande, e luzes multicoloridas — azuis, verdes e amarelas — começaram a se

acender e ouvi então o som da água caindo, o som daquela fonte luminosa.

Fui até a fonte, maravilhado. Biff saltou do meu colo e correu na minha frente, sem hesitar, equilibrou-se na borda do tanque, abaixou a cabeça e começou a beber.

Lentamente me aproximei, inclinei-me, enchi as mãos em concha de água fresca, fria, levei-as até o meu rosto quente e ressecado e cheirei. Era água limpa e pura. Bebi fartamente daquela água, e depois lavei nela meu rosto.

As paredes laterais do tanque eram feitas de milhares de pequenos ladrilhos quadrados prateados, com linhas brancas de massa entre eles, e no fundo do tanque, embaixo da água, havia um mosaico gigantesco, feito de ladrilhos, em preto, cinza e branco, de uma baleia com o dorso arqueado e a cauda erguida.

A água da fonte jorrava em meio a um grupo de três golfinhos, curvados e eretos, esculpidos em preto. Eu tinha visto algo parecido em um livro de imagens chamado *Fontes de Roma*. Fiquei parado olhando para aquilo, na borda prateada do tanque, a figura grande da baleia, os golfinhos, o jato alto, sentindo os borrifos finos da água em meu rosto e em meu corpo, ouvindo a música das flautas, e os pelos nos meus braços e na minha nuca se eriçarem, e um formigamento agudo, quase doloroso, se espalhar pelo meu corpo.

Foi como ver os pássaros na beira da praia rodopiando no ar, ou uma tempestade sobre o mar cinzento, ou o grande gorila Kong, em sua queda lenta e graciosa.

Depois da fonte, o grande corredor terminava no alto de um "T", com imensas portas duplas dando para a direita e a esquerda. No alto das portas da esquerda, havia as seguintes palavras:

SETOR DE EMERGÊNCIA  
CAPACIDADE 60.000

e, no alto da outra, simplesmente:

CENTRO COMERCIAL

Essa porta se abriu automaticamente à minha chegada e eu me vi em outro corredor, largo e comprido, ladrilhado. De cada lado, havia

entradas de lojas, muito mais do que eu já tinha visto na vida. Eu já tinha visto vitrines com produtos expostos em Nova York e na universidade em que vivi e dei aulas; mas nunca nada nessa escala, e em tamanha abundância.

A loja mais próxima se chamava Sears; em suas vitrines imensas, curvadas, havia uma variedade de produtos quase inacreditável. Mais da metade desses itens eram coisas que eu não consegui identificar. Reconheci apenas alguns deles. Mas havia bolas coloridas e aparelhos eletrônicos e misteriosos objetos de cores berrantes que tanto podiam ser armas como brinquedos, a meu ver.

Abri a porta e entrei, atordoado. Eu estava em uma parte da imensa loja que tinha roupas. Todas pareciam novas, intactas, embaladas em uma espécie de plástico transparente que devia tê-las mantido conservadas por centenas de anos.

As minhas roupas estavam rasgadas e sujas, e eu comecei a procurar novas.

E então, quando eu tentava decidir como tirar a cobertura plástica de um casaco azul que parecia do meu tamanho, olhei para o piso de ladrilhos aos meus pés.

Havia pegadas de barro por todo o piso, e pareciam recentes.

Abaixei-me, estendi a mão e toquei no barro. Ainda estava úmido.

Ergui-me e fiquei olhando ao redor. Mas não vi nada além de uma sucessão de mostruários de roupas e, atrás deles, prateleiras de produtos de cores vivas e de todos os tipos — estantes e mais estantes, até onde a vista alcançava. Mas nada se movia. Então olhei novamente para o chão e vi que havia pegadas por toda parte — algumas recentes, outras antigas. E elas haviam sido feitas por sapatos de tamanhos e formatos diferentes.

Biff havia desaparecido dentro da loja e eu o chamei, mas ele não veio. Comecei a procurar, percorrendo corredores com apreensão. E se os donos daquelas pegadas ainda estivessem ali por perto? Mas, pensando bem, por que eu haveria de ter medo de outro ser humano? Ou de um robô, aliás, pois nenhum deles havia me seguido desde a prisão e não havia sinal de Detectores ou algo

do gênero no meu encalço? Mesmo assim, eu estava com medo — ou “assombrado”, como diria o *Dicionário de Gírias*.

Enfim, encontrei o Biff, comendo avidamente uma caixa de feijões secos que estava aberta e havia sido deixada em um balcão ao lado de centenas de outras caixas parecidas mas fechadas. Biff ronronava com vigor e eu podia ouvir seus dentes mascando os feijões. Peguei uma das caixas fechadas ao lado dele; ele nem se deu ao trabalho de olhar para mim. A caixa — diferente de todas caixas de alimento que eu já tinha visto — tinha coisas escritas:

FEIJÕES IRRADIADOS E ESTABILIZADOS  
VALIDADE FECHADO: SEIS SÉCULOS  
NÃO CONTÊM ADITIVOS

Havia uma figura de um prato fumegante de feijões, com uma fatia de bacon por cima, na lateral da caixa. Mas os feijões a que Biff ainda dedicava sua inteira atenção pareciam secos, esfarelados e nada apetitosos. Enfiei a mão na caixa aberta e tirei um punhado. Biff olhou para mim e mostrou os dentes por um momento, mas voltou a comer. Pus um feijão na boca e mastiguei. Não era ruim na verdade, e eu estava com fome. Joguei o resto do punhado na boca e, ainda mastigando, analisei uma das caixas fechadas, tentando descobrir como abri-la. Havia instruções no topo da caixa, sobre pressionar um ponto branco e depois puxar um lacre vermelho, e girar ao mesmo tempo. Tentei todas as combinações que me ocorreram, mas a caixa não se abria. A essa altura, eu havia terminado os feijões que tinha na boca, e os do Biff também haviam acabado. Meu apetite fora despertado e eu comecei a ficar furioso com a caixa aparentemente impossível de abrir. Ali estava eu, o único homem na face da terra capaz de ler as instruções para abrir uma caixa de feijões, e isso não adiantava nada.

Então, eu me lembrei de ter passado por um corredor onde havia diversas ferramentas expostas. Encontrei-o. A raiva e a fome me fizeram esquecer toda a apreensão anterior e caminhei a passos largos e firmes e ruidosos pelo corredor. Encontrei uma machadinha, muito parecida com a de *O homem que assassinou sua esposa*,

exceto pelo fato de que a minha estava embrulhada em um plástico, e eu não conseguia abrir *nem mesmo esse* plástico.

Fui ficando furioso, e a fúria aumentou meu apetite por aqueles feijões. Tentei morder o plástico da machadinha para rasgá-lo, mas era muito duro para meus dentes. Então, vi uma vitrine com algumas caixinhas dentro, em outro corredor, e fui até lá, ergui a machadinha, bati e quebrei o vidro. Alguns pedaços irregulares ficaram presos na moldura da vitrine e eu espetei uma ponta de vidro no plástico, e puxei. O plástico se rasgou e, finalmente, consegui tirar a machadinha.

Voltei para os feijões e comecei a bater com a lâmina no topo da caixa até abrir e alguns feijões se espalharam. Coloquei a machadinha no balcão e comecei a comer.

E foi quando eu mastigava o terceiro punhado que ouvi uma voz grave atrás de mim, dizendo: "O que *diabos* o senhor está fazendo?"

Virei-me e vi duas pessoas grandes, um velho de barba escura e uma mulher alta, de pé, olhando fixamente para mim. Cada um tinha uma coleira em uma mão, com um cachorro grande, e na outra ambos seguravam uma faca grande de açougueiro. Os cães me olhavam com a mesma intensidade das pessoas. Os cães eram brancos — albinos, eu acho — e seus olhos eram rosados.

Ao meu lado, Biff arqueou o dorso e estava mostrando os dentes para os cães, e eu me dei conta de que provavelmente não era para mim que eles estavam olhando fixamente, mas para o Biff.

As pessoas eram mais velhas que eu e também maiores. Seus olhares fixos iam muito além dos limites da Privacidade, mas eram mais curiosos que hostis. Suas facas, porém, eram compridas e assustadoras.

Minha boca ainda estava um pouco cheia de feijões. Mastiguei por um momento e então falei: "Eu estou comendo. Eu estava com fome".

"O que você está comendo", disse o homem, "pertence a *mim*".

A mulher se pronunciou. "A *nós*", disse ela. "À família."

*Família*. Nunca tinha ouvido ninguém usar aquela palavra, exceto em filmes.

O homem a ignorou. “De que cidade o senhor vem?”

“Não sei”, respondi. “Eu sou de Ohio.”

“Talvez ele seja de Eubank”, disse a mulher. “Ele parece ser um Dempsey. Eles são todos assim magros.”

Tentei engolir o resto de feijão da minha boca.

“Ou um Swisher”, acrescentou o homem. “Lá de Ocean City.”

Subitamente, Biff deu as costas aos cachorros, saltou sobre o balcão e fugiu correndo — o mais depressa que eu já o vira correr —, pulando sobre os balcões, e sumiu das nossas vistas. Os cães se viraram para acompanhá-lo com os olhos, forçando as coleiras. O homem e a mulher ignoraram.

“De qual das sete cidades você veio?”, disse o homem. “E por que está infringindo a lei comendo a nossa comida?”

“E”, disse a mulher, “violando este nosso santuário?”.

“Nunca ouvi falar em sete cidades”, disse eu. “Sou um forasteiro, de passagem. Eu estava com fome e, quando encontrei este lugar, entrei. Eu não sabia que era um... santuário.”

A mulher olhou fixamente para mim. “Você não sabe reconhecer uma igreja do Deus vivo?”

Olhei à minha volta, para os corredores repletos de produtos embrulhados em plástico, para os mostruários de roupas coloridas e equipamentos eletrônicos e espingardas e tacos de golfe e casacos. “Mas isto aqui não é uma *igreja*”, disse eu. “Isto aqui é uma loja.”

Eles não disseram nada por um bom tempo. Um dos cachorros, aparentemente cansado de olhar na direção em que Biff havia sumido, deitou-se no chão e bocejou. O outro começou a farejar os pés do homem.

Então, ele disse: “Isso é blasfêmia. Você já tinha blasfemado ao comer o alimento sagrado sem permissão.”

“Sinto muito”, disse eu. “Eu não fazia ideia...” Abruptamente, ele deu um passo à frente e me pegou pelo braço com extrema força e apontou a faca para minha barriga. Enquanto ele fazia isso, a mulher, movendo-se muito depressa para seu tamanho, foi até o balcão e pegou a machadinha que eu tinha usado. Acho que esperava que eu fosse tentar me defender com ela.

Fiquei aterrorizado e não falei nada. O homem guardou a faca no cinto, postou-se atrás de mim, juntou meus braços nas costas e mandou a mulher buscar cordas. Ela foi até um balcão, alguns corredores adiante, onde havia um grande rolo de corda de Synlon, e cortou um pedaço com sua faca, deixando a machadinha por lá. Ela trouxe a corda para o homem e ele amarrou minhas mãos. Os cães ficaram assistindo a tudo languidamente. Eu estava começando a passar além do medo para uma espécie de calma. Já tinha visto esse tipo de coisa na televisão, e comecei a me sentir como se fosse um mero espectador daquela situação, como se não houvesse nenhum perigo real para mim. Mas meu coração batia descontroladamente e eu percebi que estava tremendo. No entanto, de alguma forma, minha mente parecia acima daquilo e eu senti uma espécie de serenidade. Imaginei o que podia ter acontecido com Biff — e o que aconteceria com ele em seguida.

“O que você vai fazer?”, perguntei.

“Eu vou cumprir o que dizem as Escrituras”, disse ele. “Aquele que blasfemar em meu lugar sagrado será lançado no lago de fogo eterno.”

“Jesus Cristo!”, exclamei. Não sei por que eu disse isso. Possivelmente por causa da linguagem bíblica que o homem havia usado.

“O que você disse?”, perguntou a mulher.

“Eu disse, ‘Jesus Cristo’.”

“Quem lhe ensinou esse nome?”

“Eu li na Bíblia”, respondi. Não mencionei Mary Lou, nem o homem que, imolando-se em chamas, havia gritado o nome de Jesus.

“Que Bíblia?”, indagou ela.

“Ele está mentindo”, disse o homem. E então, virando-se para mim, ordenou: “Mostre-me essa Bíblia.”

“Não está mais comigo”, disse eu. “Precisei deixá-la...”

O homem simplesmente continuou me encarando.

Então, eles me levaram para o grande corredor do Centro Comercial onde ficava a fonte, passando por lojas e restaurantes e salões de meditação e um lugar com uma placa que dizia:

## PROSTITUIÇÃO JANE

Quando passamos por uma loja grande com uma placa que dizia: FARMÁCIA, o homem diminuiu o passo e disse: "Do jeito que você está tremendo, acho que pode estar precisando de alguma ajuda". Ele empurrou a porta da farmácia e nós entramos em um lugar repleto de fileiras de grande potes de vidro cheios de pílulas de todos os tamanhos e formatos. Ele foi até um pote no qual estava escrito "SEDATIVOS: Não viciante. Inibidor de fertilidade", enfiou a mão no bolso da calça e tirou um punhado de cartões de crédito velhos e desbotados, escolheu um azul e inseriu na fenda da base do pote sobre o balcão.

Esses potes de vidro eram uma espécie primitiva de máquina de drogas — certamente não tão avançada e rápida quanto as máquinas às quais eu estava acostumado — como as daquele lugar na Quinta Avenida onde eu havia comprado o vestido amarelo para Mary Lou. Levou pelo menos um minuto até que a máquina devolvesse o cartão, e depois mais meio minuto para a porta de metal da base se abrir e liberar um punhado de pílulas azuis.

O homem pegou as pílulas e disse: "Quantos sedativos o senhor vai querer?"

Balancei a cabeça. "Eu não tomo sedativos", declarei.

"Você não *toma*? E o que diabos você toma?"

"Não tomo nada", respondi. "Já faz muito tempo."

A mulher interveio. "Em dez minutos, o senhor será lançado no lago do fogo eterno. Se fosse você, eu tomaria uma dessas malditas pílulas."

Não falei nada.

O homem deu de ombros. Ele tomou uma daquelas pílulas, deu outra à mulher e pôs o resto no bolso.

Saímos da farmácia, deixando para trás suas fileiras de centenas de frascos e potes de pílulas, e ao sair, a luz automática da loja se apagou atrás de nós.

Dobramos em uma esquina e eu avistei outra fonte, com luzes e com música ainda mais suave. Era, no mínimo, maior que a anterior.



De cada lado agora, havia paredes de aço inoxidável, com uma ou outra porta. Sobre cada porta, havia uma placa que dizia:

DORMITÓRIO B  
CAPACIDADE: 1.600

DORMITÓRIO D  
CAPACIDADE: 2.200

“Quem dorme nesses lugares?”, perguntei.

“Ninguém”, respondeu a mulher. “Isso era para os antigos. De antigamente.”

“De quanto tempo atrás?”, perguntei. “De que época?”

A mulher balançou a cabeça. “Dos tempos antigos. Quando existiam os gigantes na terra e eles temiam a ira do Senhor.”

“Eles temiam a chuva de fogo do Céu”, disse o homem. “E eles não acreditavam em Jesus. A chuva de fogo nunca veio, e os antigos morreram.”

Passamos por muitos outros dormitórios, e por mais de um quilômetro de paredes de aço inoxidável apenas com placas de DEPÓSITO, e então, finalmente, chegamos ao fim do corredor, onde havia uma porta enorme com uma placa escrita em vermelho: CENTRAL: APENAS PESSOAL AUTORIZADO.

O homem havia sacado uma ficha de metal do bolso. Ele aproximou o metal do retângulo correspondente no centro da porta e disse: “A chave para o Reino”.

A porta deslizou e se abriu, e uma luz suave se acendeu.

Lá dentro, havia um corredor pequeno, e o ar era sensivelmente mais quente. Os cães foram deixados do lado de fora e nós seguimos pelo corredor, até outra porta. Foi ficando mais quente conforme caminhávamos. Eu estava começando a transpirar e quis enxugar a testa, mas minhas mãos ainda estavam amarradas às minhas costas.

Chegamos à outra porta. A placa estava escrita em grandes letras de cor laranja:

VOCÊ ESTÁ SE APROXIMANDO DE UM  
SOL ARTIFICIAL

## PROJETO DE FUSÃO TRÊS: MAUGRE

O homem aproximou outro cartão dessa porta e, quando ela se abriu, o calor se tornou ainda mais palpável e intenso. Havia outra porta depois dessa e o homem dessa vez inseriu outro cartão em uma fenda ao lado da porta, e a porta se abriu cerca de meio metro. Havia um clarão forte e alaranjado atrás da porta que iluminava uma espécie de sala imensa. Uma sala sem chão. Ou cujo piso era uma luz laranja. O calor era excessivo.

Então, a voz do homem disse: "Contemple o fogo eterno". E eu senti um empurrão por trás, e meu coração quase parou de bater e eu não consegui falar. Olhei para baixo e consegui manter os olhos entreabertos por uma fração de segundo, mas o suficiente para ver um grande fosso circular bem rente a meus pés, e que lá embaixo, muito abaixo, naquele fosso, havia um fogo que parecia o sol.

Então, fui puxado para trás, cambaleante, e as mãos do homem viraram meu corpo para olhar para ele, e ele disse, baixinho: "Você quer dizer suas últimas palavras?".

Olhei para o rosto dele. Estava impassível, sossegado, suado. "Eu sou a ressurreição e a vida", disse eu. "Aquele que acreditar em mim, ainda que morra, viverá eternamente."

A mulher deu um berro agudo, "Meu Deus, Edgar! Meu Deus!".

O homem olhou firmemente para mim. "Onde você aprendeu essas palavras?", perguntou.

Procurei algo para dizer e, finalmente, encontrei simplesmente a verdade — que eu achei que ele não iria entender. Mas eu disse mesmo assim. "Eu as li na Bíblia."

"Leu?", indagou a mulher. "Você sabe ler as Escrituras?"

Achei que ia morrer com o calor nas minhas costas se não me afastasse dali em menos de um minuto. Pude notar que o rosto do homem dava sinais de dor, devido ao calor ou à dúvida.

"Sim", respondi. "Sei ler as Escrituras." Olhei diretamente nos olhos dele. "Eu sei ler qualquer coisa."

O homem me encarou com seu rosto largo e contorcido por mais um tempo horrível e, então, abruptamente, me puxou para longe do fogo, e me levou por uma porta externa e depois a fechou. Então,

passamos pela segunda porta, e ela se fechou sozinha, e o ar se tornou quase suportável. “Está bem”, disse o homem. “Vamos até o livro e vejamos se você sabe mesmo ler.”

Então, ele sacou sua faca e cortou as cordas que prendiam minhas mãos.

“Primeiro preciso encontrar o Biff”, informei.

E acabei encontrando, a caminho da Sears, e peguei-o no colo.



Havíamos passado por outra fonte no temeroso trajeto até o Lago de Fogo; ao voltar para a Sears, quando nos aproximamos novamente da fonte, lembrei-me de uma cena de um filme antigo: em *King Kong*, o ator H.B. Warner pede a um homem chamado John para “batizá-lo”, mergulhando-o em um rio. É claramente um momento de grande significado místico. Meus passos pelo corredor largo e vazio do Centro Comercial pareciam leves. O homem e a mulher caminhavam ao meu lado, mas, dessa vez, sem cordas, pois me haviam desamarrado. Os cães estavam silenciosos e submissos; a única coisa que se ouvia era o padrão regular de nossos passos e a música que vinha de alto-falantes invisíveis e nos banhava de sons aéreos. E o som da água da fonte caindo foi ficando mais alto, caindo de volta no tanque, depois de formar seu gracioso arco em direção ao teto altíssimo.

Pensei em Jesus, barbado e sereno, no rio Jordão. Abruptamente, parei e disse: “Quero ser batizado. Nesta fonte.” Minha voz saiu clara e forte. Eu estava olhando fixamente para a água no grande tanque circular ao meu lado e havia um pouco de água borrifada em meu rosto.

Com o canto do olho, eu vi a mulher, como em um sonho, entrar na água até os joelhos, com sua saia comprida de brim, lentamente se inflando ao redor de si. E sua voz, agora fraca, dizia: “Meu Deus. O Espírito Santo disse a ele para pronunciar essas palavras”.

Então, ouvi a voz do homem dizer de novo: “Levante-se, Berenice. Ele pode ter ouvido alguém dizer isso. Nem todo mundo sabe guardar os segredos da igreja”.

Virei-me para vê-la se afastando da água e ajeitando a saia azul de volta sobre os quadris largos. “Mas ele sabia da fonte quando a viu”, disse ela. “Ele sabia que era o lugar da água benta.”

“Eu já disse”, repetiu o homem, mas com dúvida na voz. “Ele pode ter ouvido isso de alguém das outras seis cidades. Só porque os Baleen não abrem o bico, isso não significa que os Grayling também não abram. Manny Grayling pode ter contado a ele. Diabos, ele pode bem *ser* um Grayling — um que eles tenham escondido da Igreja.”

Ela balançou a cabeça. “Batize-o, Edgar Baleen”, pediu a mulher. “Você não pode recusar o Sacramento.”

“Eu sei”, disse ele em voz baixa. Começou a tirar a jaqueta de brim. Olhou para mim, o semblante grave. “Sente-se. Na borda do tanque.”

Sentei-me na borda da fonte e a mulher se ajoelhou e tirou meus sapatos e depois minhas meias. Dobrou a barra da minha calça. Depois se sentou ao meu lado, e o homem, agora sem jaqueta, do outro lado, e ambos tiraram seus sapatos e meias. Eles haviam soltado os cães e os dois bichos brancos ficaram ali parados pacientemente, olhando para nós e para Biff, que se enroscara no chão.

“Está bem”, disse o homem. “Entre na fonte.”

Levantei e passei os pés pela borda e pisei na água, que estava fria. Olhando para baixo, vi que o tanque tinha os ladrilhos dispostos na forma de um peixe gigante, muito parecido com o que eu havia encontrado na praia e comido — um imenso peixe prateado com barbatanas e guelras. A água chegava aos meus joelhos, e o restante do corpo ficou encharcado pelos borrifos da fonte, e estava muito frio. Mas eu não senti nenhum desconforto.

Eu estava olhando fixamente para aquele peixe gigantesco sob os meus pés quando eles se aproximaram de mim. O homem se abaixou, com as mãos em concha, ficou com as mãos imersas por um momento e depois as ergueu, respingando, sobre a minha cabeça. Senti suas mãos, então abertas, sobre a minha cabeça e depois a água escorrer pelo meu rosto.

“Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, disse ele.

A mulher estendeu o braço e pousou sua mão grande e macia na minha cabeça. “Amém, louvado seja o Senhor”, disse ela em voz baixa.

Saímos da fonte e eu fiquei esperando, com o homem, os cachorros, e o Biff, enquanto a mulher foi até a Sears e voltou com toalhas para nossos pés. Secamos pés e pernas, calçamos os sapatos e continuamos andando, em silêncio.

Eu me sentia mais leve do que antes, mais alheio e, ainda assim, mais presente ao mesmo tempo. Senti que havia atravessado uma linha invisível, uma linha que esperava por mim desde que saíra de Ohio, e agora eu havia penetrado uma espécie de domínio simbólico em que minha vida era leve, “como uma pena no dorso da mão”, e em que apenas a minha experiência daquela vida, minha própria experiência sem drogas, era a única coisa pela qual eu estaria vivendo. E se essa experiência significasse morrer no Lago de Fogo, isso haveria de ser aceitável.

Agora me pergunto, ao escrever isto, se era assim que as pessoas que se imolavam se sentiam ao decidir fazer aquilo. Mas aquelas pessoas estavam drogadas, inconscientes. E não sabiam ler.

Será que o batismo realmente funcionava? Seria possível existir um Espírito Santo? Eu acho que não.

Caminhamos em silêncio pelo vasto saguão e subimos de novo pela escadaria larga, e as luzes atrás de nós foram diminuindo e se apagando, e a música foi se tornando silêncio e as fontes pararam quando saímos.

Perto do topo da escada, eu me virei por um instante, olhei para baixo e vi o Centro Comercial enorme e vazio, com seus lustres se apagando e suas fontes se desligando, e suas vitrines ainda acesas, como à espera de fregueses que jamais viriam. Senti a dignidade triste daquele lugar, daquele vazio amplo e limpo.

Eles me levaram de volta para fora. Já havia anoitecido, e eles me conduziram, ainda em silêncio, até um dos edifícios grandes que ladeavam o obelisco — um prédio grande, de aparência oficial, com um gramado bem-aparado e sem mato em volta. Fomos até os

fundos do prédio e vi um jardim ali e, agregada ao edifício, uma descabida varanda de madeira, parecida com a que eu tinha visto em *Nascimento de uma nação*.

Entramos por uma porta nessa varanda e eu me vi em uma salão imenso, de teto alto, com cerca de trinta pessoas, todas vestidas de maneira Comum, caladas, sentadas em volta de uma enorme mesa de madeira, como se estivessem esperando por mim. As pessoas em volta da mesa estavam caladas quando entramos; continuaram caladas quando o velho e a esposa me levaram pela sala e nós contornamos a mesa — tudo tão silencioso quanto o refeitório de um dormitório ou de uma prisão.

Descemos por um corredor estreito e saímos em outra sala igualmente ampla, com fileiras de cadeiras de madeira, de frente para um pódio. Atrás do pódio, havia uma tela de televisão do tamanho da parede, desligada.

Baleen me fez subir no pódio. Ali, havia um grande livro preto e, embora as letras da capa estivessem totalmente apagadas, eu tive certeza de que o livro era a Bíblia.

A leveza e a força que eu havia sentido no Centro Comercial começaram a me abandonar. Fiquei ali, um tanto constrangido, olhando para aquela sala silenciosa com suas cadeiras de madeira gasta e suas imagens do rosto de Jesus nas paredes e aquela tela de televisão enorme, e logo as pessoas que estavam na cozinha começaram a vir para a sala e a se sentar, homens e mulheres caminhando em silêncio em pares ou trios, e sentaram-se sem dizer nada. Então, eles me olharam com uma espécie de curiosidade tímida. Estavam todos de jeans e camisas comuns, e alguns dos homens tinham barba como eu, mas a maioria, não. Observei-os com certa esperança de encontrar algum jovem, mas essa esperança se frustrou; ninguém ali era mais jovem que eu. Havia um casal de mãos dadas e que pareciam namorados; mas, obviamente, estavam na casa dos quarenta.

E então, quando todas as cadeiras foram ocupadas, Edgar Baleen se levantou e, subitamente, ergueu os braços bem abertos, com as palmas para cima, e disse em voz alta: “Meus irmãos”.

Todo mundo o observava com atenção; os namorados soltaram as mãos. A maioria das pessoas estavam em pares, mas, na segunda fileira, havia uma mulher da minha idade, sentada sozinha. Ela era alta e, como todos ali, em trajes simples, usando uma camisa de brim com um avental por cima, mas sua aparência era impressionante. Apesar do meu nervosismo, peguei-me olhando para ela o máximo que podia sem que isso ficasse óbvio. Ela realmente era, comecei a ver, uma mulher bonita; era agradável olhar para ela e deixar a mente um pouco afastada daquilo pelo que eu havia acabado de vivenciar no Lago de Fogo e do que ainda podia ter pela frente. Acontecesse o que acontecesse, senti que a crise agora havia passado; e eu me permiti, deliberadamente, pensar naquela mulher.

Seu cabelo era loiro, um pouco cacheado ao lado do rosto. Sua pele, apesar das roupas rústicas, era muito branca e sem marcas. Seus olhos eram grandes e claros, e sua testa era alta, desanuviada, demonstrando inteligência.

“Irmãos”, dizia Baleen. “Tem sido um ano bom para a família, como todos sabemos. Estamos em paz com nossos vizinhos, e as provisões do Senhor no Grande Centro Comercial continuam em sua generosa abundância.” Então, ele inclinou a cabeça, estendeu os braços e os ergueu no ar, e disse: “Oremos”.

O grupo todo abaixou a cabeça, exceto a mulher que eu estava observando. Ela inclinou apenas um pouco a cabeça, eu inclinei também a minha, sem querer correr risco. Eu já tinha visto reuniões como aquela em filmes e sabia que a ideia era abaixar a cabeça e ficar calado.

Baleen começou a recitar o que pareceu ser uma oração ritual memorizada: “Deus nos livre das nuvens radioativas do passado e do futuro. Deus nos preserve dos Detectores. Deus nos dê seu amor e nos guarde do pecado da Privacidade. Em nome de Nosso Senhor Jesus, oremos. Amém.”

Não pude deixar de me espantar com as palavras “o pecado da Privacidade”. Aquilo era completamente contrário a tudo o que eu tinha aprendido, mas alguma coisa dentro de mim reagiu favoravelmente a essa frase.

Algumas pessoas tossiram e se ajeitaram na cadeira quando Baleen terminou, e todos ergueram novamente suas cabeças.

“O Senhor foi generoso com os Baleen”, disse ele, agora em um tom de voz mais coloquial, “e com todas as Sete Famílias das Cidades da Planície”. Então, ele se inclinou para frente, junto ao atril, segurando nas laterais com mãos que de repente notei serem pequenas, brancas, femininas — mãos com unhas feitas — e falou em voz baixa, quase aos sussurros. “E agora parece que o Senhor nos enviou um intérprete de sua palavra, ou um profeta. Um forasteiro surgiu entre nós, passou pelo ordálio do fogo diante dos meus próprios olhos e demonstrou conhecer a palavra do Senhor.”

Vi que todo mundo estava olhando para mim. Apesar da calma recém-encontrada dentro de mim, foi muito constrangedor. Eu nunca tinha sido objeto de uma atenção como aquela antes. Senti meu rosto enrubescer e subitamente quis voltar às regras da Privacidade que proibiam que as pessoas encarassem umas às outras. Devia haver umas trinta pessoas — todas elas olhando para mim com evidente curiosidade ou desconfiança. Biff estava aos meus pés, esfregando-se entre meus tornozelos. Por um momento, até desejei que ele se afastasse, que parasse de prestar atenção em mim.

“O forasteiro me disse”, dizia Baleen, “que ele é um portador do antigo conhecimento. Ele diz que é um Leitor”.

Muitos pareceram surpresos. Seus olhares sobre mim tornaram-se ainda mais intensos. A mulher que eu estava observando se inclinou mais para frente, como se quisesse ver melhor.

Então, com um gesto dramático em minha direção, Baleen disse: “Aproxime-se do Livro da Vida e leia. Se sabe mesmo ler”.

Olhei para ele, tentando parecer calmo, mas meu coração batia depressa e meus joelhos ficaram bambos. Todas aquelas *pessoas* reunidas no mesmo lugar! Eu já esperava que algo assim fosse acontecer, mas agora, que estava acontecendo, aparentemente voltei a ser a pessoa que eu havia sido antes — antes de Roberto e Consuela, antes de Mary Lou, antes da prisão e da minha fuga e da minha nova e rebelde autossuficiência. Mesmo quando era um tímido professor, dando aulas de controle mental, só repetindo palavras que havia memorizado e já ditas muitas vezes antes, eu



ficava nervoso na presença das turmas maiores — de dez ou doze alunos de uma vez. E os alunos eram todos treinados para, apropriadamente, evitar me olhar nos olhos enquanto me ouviam.

De alguma forma, consegui dar alguns passos até o atril no qual estava apoiado o livro. Quase tropecei no Biff. Baleen me deu passagem e disse: “Leia desde o início”.

Abri a capa do livro com a mão trêmula e fiquei contente de poder olhar para baixo, evitando os olhares da congregação. Olhei para a página por muito tempo, em silêncio. Havia coisas impressas ali; mas, de alguma forma, as letras não faziam sentido algum. Algumas eram muito grandes e outras, muito pequenas. Eu sabia que estava olhando para um frontispício, mas não conseguia fazer minha mente funcionar. Continuei olhando fixamente a página de rosto. Não era uma língua estrangeira, de alguma forma isso eu sabia; mas não consegui fazer meu cérebro juntar as letras de forma coerente; eram apenas marcas de tinta em uma folha amarelada. Parei de tremer e fiquei paralisado. Isso durou um tempo insuportavelmente longo. Uma imagem assustadora passou pela minha cabeça apagando a página sobre o atril de carvalho à minha frente: o fogo amarelo alaranjado no fundo do fosso no centro comercial; o centro nuclear que poderia vaporizar meu corpo. *Leia*, disse a mim mesmo. Mas nada aconteceu.

Senti que Baleen se aproximou. Achei que meu coração ia parar.

E então, subitamente, ouvi uma voz forte, feminina, na minha frente: “Leia o livro”, dizia a voz. “Leia para nós, irmão.” Então, ergui os olhos, sobressaltado, e vi que era aquela mulher alta e bonita, sentada sozinha, que agora me encarava e pedia. “Você consegue!”, disse ela. “Leia para nós.”

Voltei a olhar para o livro. E de repente ficou fácil. As letras grandes, pretas, que enchiam quase a página inteira diziam, “Bíblia Sagrada”, em maiúsculas.

Li:

## BÍBLIA SAGRADA

E depois, embaixo, as letras eram pequenas:

“Resumida e atualizada para leitores modernos”

E no pé da página:

“Livros Condensados do Reader’s Digest, Omaha, 2123”

Era a única coisa escrita nessa página. Passei à página seguinte, que estava cheia de letras, e comecei, agora mais calmo, a ler:

“*Gênesis*, por Moisés. No princípio, Deus fez o mundo e o céu, mas o mundo não tinha forma e não havia ninguém morando. E estava escuro também, até que Deus disse, ‘Dê-nos um pouco de luz!’ e a luz apareceu...”

Continuei, com certa facilidade e tranquilidade. Não se parecia em nada com a Bíblia que eu tinha lido na prisão, mas aquela era muito mais antiga.

Quando terminei a página, ergui os olhos.

A bela mulher me olhava com os olhos arregalados e a boca um pouco entreaberta. Em seu semblante, havia uma expressão de maravilhamento e adoração.

E eu estava em paz novamente, por dentro. E, de repente, eu me senti tão cansado, tão exausto e gasto e derrotado que abaixei a cabeça sobre o atril e fechei os olhos, deixando minha mente se esvaziar, minha cabeça vazia de tudo exceto das seguintes palavras:

Minha vida é leve, e espera o vento da morte,  
Como uma pena no dorso da mão.

Ouvi cadeiras sendo arrastadas, e homens e mulheres se levantaram, e ouvi passos de pessoas saindo do grande salão, sem falar; mas não ergui os olhos.

Finalmente, senti uma mão, forte mas gentil, no ombro e abri os olhos. Era o velho, Edgar Baleen.

“Leitor”, disse ele. “Venha comigo.”

Olhei bem para ele.

“Leitor. Você passou no ordálio. Você foi batizado. Você está a salvo do fogo. Você precisa descansar um pouco.”

Suspirei e depois disse, “Sim. Sim. Preciso descansar um pouco.”



E assim eu tinha passado da prisão para isso — eu me tornara “Leitor” para um grupo de cristãos, para ser uma espécie de padre. A partir daquele momento, durante meses a fio, li a Bíblia para eles pela manhã e ao anoitecer, enquanto eles ouviam em silêncio. Li e eles ouviram e nada foi dito.

Ao escrever isto agora, aqui em minha casa em Maugre, sozinho e seguro, e agora bem-alimentado, mal consigo me lembrar da estranheza desse tempo vivendo com os Baleen. De muitas maneiras, minhas lembranças mais antigas de Mary Lou e dos filmes mudos são muito mais nítidas e presentes, embora esperem que eu apareça daqui a pouco hoje à noite para uma leitura. Passei hoje o dia inteiro escrevendo, desde que terminei a leitura da manhã. Agora vou parar e dar comida ao Biff e beber um copo de uísque. Amanhã vou tentar terminar este novo relato da minha vida. E contar a triste história de Annabel.

Naquela primeira noite, o velho Edgar me pôs em um quarto no andar de cima para dormir, e foi embora. Havia duas camas no quarto, com cabeceiras de tubos de latão que pareciam a cama na qual o velho tinha morrido no filme em que o relógio parava e o cachorro latia. Tirei os sapatos e me deitei na cama de roupa, e Biff se deitou no cobertor, enrolado aos meus pés, e dormiu imediatamente. Senti inveja do gato. Embora estivesse exausto, e embora a cama fosse a coisa mais confortável em que eu já tinha dormido, com um colchão muito grosso e grande, e os cobertores de estampas florais com uma etiqueta escrito O MELHOR DE SEARS — PENA DE GANSO presa à costura cor-de-rosa, mesmo assim eu não conseguia dormir. Minha cabeça estava cheia. No quarto escuro e com os sentidos aguçados pela fadiga, comecei a imaginar uma multidão de coisas do meu passado com uma clareza sobrenatural. Era algo parecido com o controle mental nítido, que eu havia estudado e ensinado em Ohio, com imagens claras, alucinadas, mas sem a ajuda das drogas habituais, e eu não tinha controle algum sobre ele.

Vi imagens nítidas de Mary Lou lendo no chão do escritório na biblioteca, de rostos vazios de estudantes envelhecidos no meu pequeno seminário em Ohio, seus olhos baixos enquanto estavam sentados com suas túnicas de brim de estudante, com suas cabeças chapadas e serenas, do diretor Spofforth, alto, inteligente, assustador, marrom-escuro e inescrutável. Vi a mim mesmo criança, de pé no meio de uma praça do lado de fora do Dormitório para Pré-Adolescentes. Eu tinha sido posto de Castigo por um dia por Invasão de Privacidade, quando dividi minha comida com outra criança. As Regras de Castigo exigiam que eu ficasse de pé, parado, e fosse tocado — no rosto, nos braços ou no peito — por toda criança que cruzasse a praça; eu me contorcia por dentro ao toque de cada um que passava e meu rosto ficou vermelho de vergonha.

Depois vi o pequeno cubículo de Privacidade, que foi o primeiro lugar no qual eu me lembro de dormir, com sua cama estreita, dura, monástica e o Soul Musak que vinha das paredes de permoplástico à prova de som, e o pequeno tapete da Privacidade no chão, onde eu fazia minhas orações: “Que os Diretores me façam crescer internamente. Que eu possa passar pelo Deleite e a Serenidade em direção ao Nirvana. Que eu não seja tocado pela exterioridade...” E a TV individual do tamanho da parede à qual eu aprendera a me entregar inteiramente, deixando meu corpo de criança relegado por horas a fio, enquanto imagens prazerosas e de alegria e paz se alternavam em sua superfície holográfica reluzente, e meu corpo servia apenas para fornecer ao meu cérebro os elementos químicos necessários a uma passividade vazia, das pílulas que eu tomava a cada sinal da TV quando a luz cor de lavanda do sedativo piscava.

Eu ficava assistindo à TV depois do jantar até a hora de dormir e quando dormia, eu sonhava com a TV: brilhante, hipnótica, um constante preenchimento da mente alheia ao corpo.

E então, deitado ali naquele quarto estranho e velho ao final de um dia em que havia sido batizado na água e quase imolado no fogo nuclear e havia lido o Livro do Gênesis para uma família de desconhecidos, eu não conseguia dormir por causa de uma imaginação que eu já não conseguia mais controlar. Fui tomado por um desejo da simplicidade da minha vida anterior, quando era um

verdadeiro menino do mundo moderno. Eu queria. Eu *morria* de saudades dos meus sedativos e da minha maconha e das minhas outras drogas que faziam a mente florescer, e da minha Serenidade Química e da experiência televisiva e das minhas orações para um “Diretor” qualquer, fosse isso o que fosse, e do sono suave, narcotizado, sem sonhos, no meu minúsculo quarto de permoplástico — com ar condicionado, silencioso, a salvo de confusões, de anseios, de inquietações e do desespero de que a minha nova vida era feita. Eu não queria mais viver com o *real*; era um fardo excessivo. Um fardo penoso e pesado.

Pensei no cavalo velho do filme, com as orelhas enfiadas nos buracos do chapéu de palha. E nas palavras “Só o pássaro imitador canta na borda da mata”. Pensei em mim e em Mary Lou, possivelmente a última geração do homem na face da terra, em um lugar sem crianças e sem futuro. Vi rostos incendiados no Burger Chef, aceitando com uma conclusão ardente a morte definitiva da espécie.

Fui tomado pela tristeza. Mas não chorei.

Vi os rostos dos robôs que cuidavam de nós quando éramos crianças, vazios e austeros. E o rosto do juiz em minha audiência. E Belasco, com seus olhos sábios, velhos e cínicos, sorrindo para mim.

Enfim, quando achei que essas imagens não fossem mais parar de se acumular na minha mente cansada, acendi uma luminária de pilha ao lado da cama, encontrei meu pequeno *Manual de Manutenção e Consertos de Robôs* e abri nas páginas em branco do final onde eu havia copiado alguns poemas antes de sair da prisão. Li “Os Homens Ocos”, o poema que a Mary Lou e eu estávamos lendo quando Spofforth me prendeu:

É assim que o mundo termina  
É assim que o mundo termina  
É assim que o mundo termina  
Não explodindo, mas gemendo

Não era nenhum consolo, por mais verdadeiro que fosse, mas me ajudou a fazer com que as imagens se apagassem da minha cabeça.

E então, quando eu estava começando a relaxar, lendo um poema de Robert Browning, algo muito perturbador aconteceu.

A porta do meu quarto se abriu e o filho do velho Baleen, Roderick, entrou. Ele não falou comigo, mas meneou na minha direção. Então, começou a se despir no meio do quarto, ignorando Privacidade, Pudor ou meus Direitos Individuais, tirando suas roupas até seu corpo peludo ficar nu, cantarolando baixinho. Ele se ajoelhou junto à outra cama e rezou em voz alta: "Ó, Senhor, todo-poderoso e cruel, perdoe minhas aflições e meus pecados miseráveis, e me faça humilde e merecedor. Em nome de Nosso Senhor Jesus. Amém." Então ele se deitou na cama, encolheu-se e começou quase imediatamente a roncar.

Eu havia concordado, quase involuntariamente, ao ouvir a frase de Baleen sobre o "pecado da Privacidade"; mas essa intrusão brusca de outra pessoa no meu quarto foi um pouco demais para mim. Mesmo depois de ter ficado sozinho por tanto tempo naquelas praias vazias, só com o Biff.

Tentei continuar lendo "Calibã sobre Setebos", mas as palavras, sempre difíceis, não faziam mais sentido algum, e eu não consegui relaxar.

No entanto, surpreendentemente, adormeci em seguida e acordei no meio da manhã revigorado. Roderick tinha saído, e Biff estava no canto do quarto brincando com uma bolinha de pelúcia com a pata. O sol entrava pelas cortinas de renda. Senti cheiro de comida vindo do andar de baixo.

Havia um grande banheiro comum ao final do longo corredor do lado de fora do meu quarto; o velho Edgar Baleen me mostrara antes de me acomodar neste quarto. O banheiro tinha uma placa antiga, de metal esverdeado, na porta, que dizia em letras em relevo, HOMENS. Havia seis pias limpas e seis toaletes reservados. Lavei-me o melhor que pude e penteei os cabelos e a barba. Eu precisava de um banho, mas não fazia ideia de como poderia tomar um, e minhas roupas estavam rasgadas e sujas. As novas que eu havia escolhido tinham ficado na Sears. Então, desci a grande escada da frente e entrei na cozinha.

Havia letras gravadas no arco de pedra sobre a entrada do edifício: CORTE DE JUSTIÇA: MAUGRE. A inscrição não me despertara atenção no dia anterior, mas, ao entrar na cozinha agora, imaginei que aquele ambiente, como o outro no qual eu fizera minha leitura da Bíblia, havia sido um tribunal no mundo antigo; era muito grande e tinha o teto muito alto, com janelas grandes, arqueadas, em cada uma de suas paredes compridas. A imensa mesa agora vazia, no centro da sala, parecia ter sido feita rusticamente muito tempo atrás com uma serra da Sears; bancos rústicos haviam sido colocados ao redor da mesa.

Ao longo de uma das paredes, abaixo da janela, havia um grande fogão industrial preto, com uma pilha de lenha de cada lado, e balcões com tampos de madeira que pareciam encerados, esfregados e gastos. Sobre o fogão, havia portas esmaltadas de branco e, de cada lado, uma fileira de panelas e frigideiras, grandes, ocupando metade da cozinha. Na parede oposta, havia oito geladeiras brancas movidas a bateria; todas tinham o nome KENMORE na frente. Ao lado das geladeiras, havia uma pia comprida e funda. Junto à pia, havia duas mulheres de pé, com vestidos azuis compridos, de costas para mim, lavando louça.

Tudo parecia completamente diferente da noite anterior. Havia vasos de vidro com tulipas amarelas frescas sobre a mesa, e o ambiente estava cheio da luz do dia e cheirava a bacon e café. As mulheres não olharam para mim, embora eu tivesse certeza de terem ouvido meus passos no chão sem tapete.

Caminhei até a pia e hesitei. Então eu disse: "Com licença".

Uma delas, uma mulher baixa, atarracada, de cabelos brancos, se virou e olhou para mim, mas não falou nada.

Ela ficou olhando para mim por um tempo, depois se virou e estendeu a mão e tirou uma caixa amarela de uma prateleira sobre a pia e me ofereceu. Na caixa, estava escrito: CAFÉ DE SOBREVIVÊNCIA, INSTANTÂNEO, DEPARTAMENTO DE DEFESA: MAUGRE, PRODUTO IRRADIADO PARA EVITAR DETERIORAÇÃO.

Enquanto eu estava lendo isso, ela me trouxe uma grande caneca rústica de cerâmica e uma colher que estava no escorredor

ao lado da pia. "Use o samovar", disse ela, e fez um sinal com a cabeça em direção ao fogão do outro lado da cozinha.

Fui até lá e preparei para mim uma caneca de café preto bem forte, sentei-me à mesa e comecei a bebericar.

A outra mulher abriu uma geladeira, tirou alguma coisa lá de dentro e depois se virou e atravessou a cozinha até o fogão. Vi que era aquela mulher que eu ficara observando, e que me havia pedido para ler, na noite anterior. Ela não olhou para mim. Parecia tímida.

Ela abriu uma das portas do forno e tirou alguma coisa de dentro, pôs em um prato e trouxe para a mesa. Evitando meus olhos, ela pôs o prato diante de mim com uma manteigueira e uma faca. A louça era pesada e marrom escura.

Olhei para ela. "O que é isso?", perguntei.

Ela me olhou, surpresa com minha ignorância, imagino. "É um bolo de café", respondeu.

Eu nunca tinha visto algo parecido e não sabia como lidar com aquilo. Ela pegou a faca e cortou um pedaço do bolo. Então, espalhou um pouco de manteiga em cima e me ofereceu.

Provei. Era doce e quente, e tinha nozes dentro. Era absolutamente delicioso. Quando terminei, ela me ofereceu outro pedaço, sorrindo timidamente. Parecia perturbada, e isso soava estranho, pois ela me parecera bastante ousada na noite anterior.

O bolo e o café estavam tão bons, e a timidez dela era tão exatamente o que eu aprendera a esperar das pessoas, que me senti encorajado e falei com ela de um modo muito amigável. "Foi você quem fez esse bolo?", perguntei.

Ela assentiu e disse: "Você quer omelete?"

"Omelete?", repeti. Eu já tinha ouvido essa palavra, mas nunca tinha visto omelete. Tinha algo a ver com ovos.

Como não respondi, ela foi até a geladeira e voltou com três ovos de verdade, grandes. Eu já tinha comido ovo de verdade, mas apenas em ocasiões especiais, como na formatura do dormitório. Ela levou os ovos até o fogão e os quebrou em uma tigela marrom de cerâmica, e então pôs uma frigideira preta pequena e rasa no fogo, depositou manteiga na frigideira e esperou esquentar. Bateu os ovos vigorosamente, despejou-os na frigideira e, com grande agilidade,



fez os ovos deslizarem na frigideira para frente e para trás sobre o fogo, enquanto os revirava com um garfo. Ela estava muito bonita fazendo isso. Depois, ela pegou a frigideira pelo cabo, trouxe até a mesa, ergueu o cabo e, delicadamente, deslizou uma massa amarelada sobre o meu prato. "Coma com o garfo", disse.

Mordi. Era maravilhoso. Terminei em silêncio. Acredito, até hoje, que omelete e bolo de café foram a melhor refeição que já tive em toda a minha vida.

Senti-me ainda mais encorajado depois de comer e olhei para ela, ainda de pé ao meu lado, e disse: "Você me ensina a fazer omelete?"

Ela pareceu chocada, e não falou nada.

Então, da pia, a voz da outra mulher disse: "Homem não cozinha".

A mulher ao meu lado hesitou por um instante, e depois disse, baixinho: "Ele é diferente, Mary. Ele é um Leitor".

Mary não se virou. "Os homens estão nos campos", disse ela, "fazendo o trabalho do Senhor".

A mulher ao meu lado era tímida, mas tinha suas próprias ideias. Ela ignorou Mary e me disse, "Você leu o que estava escrito na caixa de café quando ela lhe ofereceu?"

"Li", respondi.

Ela foi até o fogão e pegou a caixa onde eu a havia deixado. "Leia para mim", pediu ela. E eu li. Ela prestou muita atenção às palavras e, quando terminei, ela disse: "O que é Mauge?"

"É o nome desta cidade", eu disse. "Ou pelo menos acho que é."

Ela me olhou boquiaberta. "A cidade tem um *nome*?", indagou ela.

"Acho que sim."

"A casa tem um nome", disse ela. "Baleena." Foi assim que decidi soletrá-lo: não estava escrito em nenhum lugar até eu mesmo escrever, muito mais tarde, para o velho Edgar.

"Bem, Baleena fica na cidade de Mauge", informou.

Ela assentiu pensativamente e, então, foi até a geladeira e trouxe uma tigela com ovos. Depois começou a me ensinar a fazer omelete.

Foi assim que conheci Annabel Baleen.



Annabel me ensinou a preparar omelete e suflê naquele dia. Ela cozinhou um bolo de café comigo, mostrando como fazer a massa com farinha e como usar fermento. A farinha vinha de um pote grande embaixo da bancada em que trabalhamos; ela disse que a farinha era plantada “nos campos”. Era onde todos os outros membros da família estavam. Annabel ficava sempre encarregada da cozinha; ela havia recebido essa tarefa, ela disse, porque sempre fora uma “solitária”. A outra mulher fora designada para ajudá-la com a limpeza após as refeições. Às vezes, ela trabalhava também no jardim de flores, do lado de fora da casa. Annabel havia trabalhado durante alguns anos nos campos, mas odiava o trabalho e odiava o fato de ninguém conversar enquanto trabalhava. Quando uma mulher mais velha que era encarregada da cozinha morreu, Annabel pediu para assumir o posto e conseguiu. Ela vinha cozinhando ali havia treze anos, segundo disse. Primeiro, como casada e agora na condição de viúva. A contagem do tempo em anos e o termo “casada” já não eram mais novidade para mim e, embora fosse estranho ouvir aquilo da parte dela, eu sabia do que ela estava falando.

Além da farinha e dos ovos, todos os outros ingredientes para cozinhar vinham dos abrigos no centro comercial. Ela pediu que eu lesse os rótulos de fermento, pimenta e nozes irradiadas. Todos os rótulos diziam: DEPARTAMENTO DE DEFESA: MAUGRE.

Enquanto me ensinava a cozinhar, Annabel era silenciosa e agradável, e não fazia perguntas, exceto quando me pedia para ler embalagens. Diversas vezes, eu quis perguntar sobre ela e sua família, e como eles pareciam evitar ter qualquer relação com o estilo de vida moderno, mas, toda vez que eu ia fazer alguma pergunta, eu pensava: *Não pergunte; relaxe*, e isso me pareceu, pela primeira vez, um bom conselho. Ela era muito bonita, e seus movimentos na cozinha eram hábeis e elegantes; era um prazer simplesmente vê-la trabalhar.

Mas, quando foi chegando o meio-dia, ela pareceu ficar cada vez mais atormentada, e, de alguma maneira, um pouco triste. Enfim,

ela procurou no armário embaixo da bancada e tirou uma grande caixa azul e pediu que eu lesse.

Estava escrito VALIUM, em letras grandes, e embaixo, em letras pequenas: *Inibidor de Fertilidade*. E embaixo disso: *Controle da População dos EUA. Consumir apenas sob orientação de um médico*.

Quando terminei de ler isso, ela perguntou: "O que é um *médico*?"

"Algum tipo de curandeiro", respondi, sem ter muita certeza. E fiquei pensando: *Será que é por isso que já não existem mais crianças em parte alguma? Será que todos os calmantes e sedativos eram assim? Inibidores de Fertilidade?*

Ela pegou duas pílulas e as engoliu com café. Quando me ofereceu a caixa, balancei a cabeça, e ela me olhou intrigada, mas não falou nada. Ela simplesmente pôs um punhado de pílulas de Valium no bolso do avental e devolveu a caixa ao armário sob a bancada. Então, ela disse: "Preciso preparar o almoço".

Durante a hora seguinte, ela trabalhou em alta velocidade, esquentando duas panelas de sopa e fazendo sanduíches de queijo em grandes fatias de pão escuro que cortou com uma faca. Perguntei se podia ajudar, mas ela, aparentemente, nem ouviu a pergunta. Ela arrumou a mesa com grandes pratos e tigelas de sopa de cor marrom. Tentando ser prestativo, levei uma pilha de pratos que estavam em um dos armários até a mesa e disse: "Esses pratos são diferentes".

"Obrigada", disse ela. "Fui eu que fiz." Isso foi uma surpresa; eu nunca tinha ouvido falar de alguém *fazendo* coisas como pratos. E havia um departamento inteiro na Sears com pratos e louças. Eu não fazia ideia de que alguém pudesse fazer pessoalmente um prato.

Quando me viu olhando para ela, surpreso, ela pegou um dos pratos e o virou. Embaixo do prato, havia uma marca um tanto familiar para mim. "O que é isso?", perguntei.

"É a minha marca de cerâmica. Uma pegada de gato." Ela sorriu discretamente para mim. "Você tem um gato."

Ela estava certa. Era a mesma pegada que Biff deixava quando andava na areia — só que menor.

Então, ela disse: "Meu marido e eu tínhamos um gato. Era só um gato. Mas o gato morreu antes do meu marido. Um dos cachorros matou o gato."

"Oh", exclamei, e comecei a dispôr os pratos na mesa.

Algum tempo depois, ouvi ruídos lá fora e fui ver o que era pela janela, e vi dois velhos ônibus-telepatas verdes parando e os homens e os cães silenciosamente desembarcando.

Saí à luz do dia e vi que eles estavam se lavando em duas torneiras nos fundos do edifício. Eles estavam calados e pareciam cuidadosos. Fiquei surpreso; eu teria esperado gargalhadas e brincadeiras com água, como os prisioneiros que conheci. Até os cães estavam quietos, agrupando seus corpos brancos do lado oposto aos homens, com seus olhos rosados vez ou outra olhando para mim.

Do jardim de flores e de alguns outros edifícios menores onde estavam trabalhando, as mulheres vieram e se sentaram. Baleen fez um sinal para eu também me sentar e escolhi um lugar no banco menos lotado que encontrei.

Quando todo mundo, exceto Annabel, estava sentado, todos inclinaram a cabeça sobre os pratos e o velho Baleen começou a oração, iniciada da mesma maneira como Rod havia feito na noite anterior: "Ó, Senhor, todo-poderoso e cruel, perdoe nossas aflições e pecados miseráveis". Mas a continuação foi diferente: "Dê-nos segurança contra a chuva nuclear do Céu e os pecados dos Homens Antigos. Faça-nos conhecer e sentir teu absoluto domínio sobre a vida dos homens, nesta era final".

Todo mundo comeu em silêncio. Tentei falar com o homem ao meu lado, elogiando a sopa, mas ele me ignorou.

Ninguém agradeceu a Annabel pela refeição.

Passei a tarde sozinho no quarto, lendo.

No jantar daquela noite, fiquei contente em ver Annabel de novo, embora ela estivesse muito ocupada servindo o jantar para poder conversar. Ficava observando seu rosto, sempre que possível, e ela me pareceu um tanto triste, melancólica, enquanto servia comida na mesa e tirava os pratos sujos. Ela trabalhava duro. Devia haver mais alguém para ajudá-la, e não só para lavar a louça.

Depois do jantar, fiquei com a esperança de ver Annabel e talvez conversar um pouco com ela, mas Baleen me levou para a Sala da Bíblia e ela ficou na cozinha lavando louça.

A televisão já estava ligada na Sala da Bíblia quando cheguei e as cadeiras logo ficaram lotados de Baleen, homens e mulheres, assistindo em silêncio. O programa era um antigo Vídeoliteratura — um tipo raro de programa de televisão que contava uma história lógica e racional, com atores. Era impossível dizer se os atores eram humanos ou robôs. A história era sobre uma garota que era sequestrada e estuprada diversas vezes por um bando de delinquentes marginais que haviam fugido de uma Reserva de Extraviados. Eles abusavam da garota de diversas maneiras. Mesmo que programas similares tivessem feito parte da minha formação desde a infância e dos meus estudos na universidade, senti náuseas ao ver aquilo, de uma maneira que não teria sentido alguns anos antes.

Na metade do programa, fechei bem os olhos e não assisti a mais nada daquilo. Ouvi os gemidos ocasionais da reação dos Baleen ao meu lado. Desde o início, eles ficaram apaixonadamente absortos pela história na tela. Foi horrível.

Depois que o programa acabou — com Detectores salvando a garota, a julgar pela trilha sonora —, a tela foi desligada e eu fui levado ao atril para ler.

Durante a leitura, logo cheguei à parte sobre Noé, que eu me lembrava de ter lido na prisão. Noé era um homem que Deus resolveu salvar do afogamento durante a inundação que destruiu todo o resto da vida na face da terra. Havia uma passagem na leitura que era assim:

Deus disse a Noé: “A maldade de toda a humanidade se tornou dolorosa para mim, pois através deles a terra ficou cheia de violência. Pretendo destruí-los”.

E quando li: “Pretendo destruí-los”, ouvi o velho Baleen ao meu lado berrar, muito alto, “Amém!”, e outros gritos de “Amém!” vieram das pessoas à minha frente. Foi surpreendente, mas continuei lendo.

Depois da leitura, eu esperava conseguir conversar com Annabel, mas o velho Baleen me levou até o Centro Comercial e ficou esperando enquanto eu escolhia roupas novas na Sears. Eu quis ficar mais um tempo e olhar todas aquelas coisas antigas naquela loja imensa, mas ele simplesmente disse: "Isto é terreno sagrado", e não permitiu. Ele não disse nada, mas eu senti que era melhor não ser pego ali sozinho de novo.

E eu tinha a intenção de voltar. As Regras já não me impressionavam como antes. E eu não sentia medo de Edgar Baleen.

Fui embora do Centro Comercial. Com uma calça jeans e uma blusa preta de gola alta novas sobre o corpo, senti-me estranhamente entusiasmado e, enquanto atravessávamos à luz da lua o breve caminho até Baleena, ocorreu-me subitamente uma ideia e eu disse: "Você se importa se eu ajudar a Annabel na cozinha por alguns dias? Não sou muito bom para trabalhar no campo". Isso não era exatamente verdade; eu *odiava* trabalhar no campo.

Ele parou de andar e ficou calado por um momento. Então, disse: "Você fala demais".

De alguma forma, aquilo me irritou um pouco. "Qual é o problema?", perguntei.

"Falar é mesquinho", disse ele, e eu me perguntei *O que isso tem a ver?*

Fez-se silêncio por mais um longo tempo e, então, ele disse: "A vida é *séria*, Leitor."

Assenti, sem saber o que dizer, e isso pareceu apaziguá-lo, pois ele prosseguiu: "Você pode ajudar Annabel".



Annabel não achava mesquinho conversar comigo, e era a única pessoa dentre eles que achava isso. Em certo sentido, ela não era uma deles. Ela era originalmente uma Swisher, de uma das outras Sete Famílias, e havia mudado o sobrenome para Baleen quando se casou com um filho do velho Baleen. Os Swisher eram uma linhagem mais loquaz, porém menos prolífica que os Baleen. Só existiam três Swisher vivos, dois homens muito velhos e uma mulher praticamente louca, a mãe de Annabel. Eles viviam no que

chamavam de Casa Swisher, vários quilômetros ao norte, pela costa, e trocavam gasolina com os Baleen em troca de comida e roupas do Centro Comercial. As demais famílias das chamadas Cidades da Planície eram menores e mais fracas que os Baleen. Todas plantavam alguma coisa. Os Baleen, Annabel me contou, eram mais religiosos que os outros, mas todos eram “cristãos”.

Perguntei-lhe sobre a reação das pessoas à história de Noé. Ainda posso ver nitidamente a imagem dela me contando isso, com seus cabelos claros presos em um coque, uma xícara de café na mão e seus olhos azul-acinzentados tímidos e tristes.

“O problema é o meu sogro”, disse ela. “Ele acha que é um profeta. Ele acha que o motivo de não haver mais crianças é que o Senhor está castigando o mundo por seus pecados — como aconteceu com Noé. Todo mundo conhece a história de Noé. A minha mãe me contou — mas era diferente do que você leu. Ela não contou que ele estava bêbado, nem sobre os filhos dele.”

“Será que o Edgar Baleen está esperando ser salvo, como Noé?”

Ela sorriu. “Na verdade, eu não sei. Não sei se conseguiria. Ele está velho demais para ter filhos.”

Fiz-lhe uma pergunta mais pessoal. Foi difícil me acostumar com a Invasão de Privacidade, mesmo que os Baleen não acreditassem nessa regra. “O que houve com o seu marido?”, perguntei.

Ela bebericou o café. “Suicídio. Dois anos atrás.”

“Oh”, exclamei.

“Ele e dois irmãos dele tomaram trinta sedativos e depois despejaram gasolina em si mesmos e atearam fogo.”

Fiquei chocado. Era a mesma coisa que eu tinha visto em Nova York, no Burger Chef. “Algumas pessoas fizeram isso também em Nova York”, disse eu.

Ela baixou os olhos. “Aconteceu aqui — em todas as famílias”, disse ela. “O meu marido queria que eu fosse a terceira pessoa do grupo. Eu me senti atraída pela ideia, mas recusei. Quero viver mais um pouco.” Ela se levantou da mesa onde estávamos e começou a levar a louça para a pia. “Pelo menos, acho que quero viver.”

Fiquei mudo diante do cansaço que, de repente, surgiu na voz dela.

Depois de limpar a mesa, ela se serviu de outra xícara de café e tornou a se sentar.

Após um minuto, falei: "Você acha que vai se casar de novo?"

Ela me olhou com tristeza. "Eu não tenho permissão. Para se casar com um Baleen, é preciso ser... virgem." Ela enrubesceu um pouco e baixou os olhos.

Esse tipo de conversa era um tanto estranho para mim, pois eu nunca tinha conhecido alguém casado antes. Mas estava familiarizado com essas coisas em livros e filmes, e sabia que antigamente era considerado um Erro para um homem se casar com uma "mulher decaída" do tipo que Gloria Swanson costumava ser — mas eu não achava que uma viúva pudesse ser considerada "decaída". Ainda assim, esse tipo de assunto era totalmente alheio à minha formação. Eu havia aprendido que "sexo às pressas é o melhor sexo". Eu estava só começando a perceber que o mundo podia estar cheio de pessoas que não tiveram a mesma formação que eu.

Foi no meio da manhã que tivemos essa conversa, e lembro agora que foi a primeira vez que senti atração sexual por Annabel. Ela estava sentada ali em silêncio, seu rosto melancólico, segurando uma das canecas de café grandes de cerâmica que ela havia me deixado vê-la fazer no barracão onde ela fazia cerâmica, do outro lado do canteiro das rosas. Eu ficara observando-a trabalhar no torno com espanto, impressionado com a precisão dos movimentos dela ao moldar a argila molhada em um cilindro perfeito, suas mãos e punhos pintados de água cinza e avermelhada, e seus olhos inteligentes completamente atentos ao trabalho. Meu respeito e minha admiração por ela nessa hora eram grandes; mas eu não havia sentido nada físico por ela.

Mas, depois, sentado sozinho à mesa com ela, percebi que estava ficando excitado. Eu havia mudado. Mary Lou me transformara; e os filmes e os livros e a prisão e depois, tudo isso também tinha me transformado. A última coisa que eu queria com Annabel era sexo às pressas. Eu queria fazer amor com ela; porém, mais importante, eu queria tocá-la, e consolá-la de sua tristeza, que parecia aprisionar seu espírito.



Ela havia deposto a xícara de café e estava olhando fixamente para a janela. Estendi a mão e a pousei no braço dela.

Ela retirou o braço imediatamente, derramando o resto do café. “Não”, ela disse, sem olhar para mim. “Não faça isso.”

Ela buscou um pano na pia e enxugou o que havia derramado.



Nas semanas seguintes, Annabel continuou simpática, mas distante. Ela me ensinou a fazer curau com o milho congelado que ficava na geladeira, e torta de queijo e conserva de endro e sorvete e sopa e chili. Eu arrumava a mesa do almoço e do jantar, fazia sopa e ajudava a tirar a louça. Alguns homens da família olhavam feio para mim, por eu fazer aquele tipo de trabalho, mas nenhum deles nunca falou nada e eu realmente não me importava com o que eles pensavam. Eu gostava muito daquilo, embora lamentasse ao ver como todo aquele trabalho repetitivo entristecia Annabel. Algumas vezes, eu elogiava sua comida, e isso aparentemente ajudou um pouco.

Uma vez, quando estávamos sozinhos, perguntei sobre sua tristeza. Muito embora não houvesse nada de físico entre nós, passei a sentir uma intimidade com ela no trabalho que fazíamos juntos e diante da sensação que eu tinha de que nós dois nunca seríamos da família Baleen.

“Você sempre foi infeliz?”, perguntei, certa vez, quando estávamos guardando bolos de café em sacos de irradiação para congelar. Eu embalava os bolos em sacos plásticos, enquanto ela operava a máquina Sears que os selava e emitia a luz conservante amarela sobre eles.

A princípio, achei que ela não fosse responder. Mas então ela disse: “Fui uma menina muito feliz. Eu costumava cantar sempre. E adorava ouvir minha mãe contar histórias. Isso era muito mais comum na Casa Swisher do que aqui”. Ela fez um gesto com o braço, abarcando a cozinha grande e vazia.

“Você gostaria de voltar a viver lá?”, perguntei.

“Não ia adiantar nada”, respondeu ela. “Estão todos muito velhos agora.”

“Você devia deixar que eu a ensinasse a ler”, disse eu. Nós já havíamos conversado sobre isso.

“Não”, insistiu ela. “Eu sou muito ocupada. E acho que deve ser um esforço muito grande.” Ela sorriu timidamente. “Mas adoro ouvir quando  *você lê. Parece que é... outro mundo.*”

Terminei de embalar o último bolo de café, passei para ela e me servi de uma xícara de café. Olhei para o jardim e o galinheiro lá fora. “O que deixa você triste é a morte do seu marido?”

“Não”, respondeu ela. “O meu marido nunca foi... importante para mim. Não depois que descobri que não teria filhos. Sempre quis muito ter filhos. Eu teria sido uma boa mãe.”

Pensei no que ela disse, e depois falei: “Se você não tomar mais remédio...” Eu já tinha dito a ela sobre o rótulo da caixa de Valium.

“Não”, disse ela. “É tarde demais. Eu estou realmente... realmente exausta disso tudo. E acho que não conseguiria viver aqui sem remédios.”

“Annabel”, disse eu, “você e eu podemos ir embora daqui juntos. E, se você não tomar os remédios durante um amarelo, pode conseguir ter um bebê. Um filho  *meu.*”

Ela me olhou estranhamente, e eu não consegui entender o que ela estava pensando. Ela não disse mais nada.

Dei um passo na direção dela e então estendi as mãos e, delicadamente, toquei seus ombros, sentindo os ossos por baixo do tecido de sua camisa. Ela não se afastou dessa vez. “Nós somos diferentes deles. Nós poderíamos viver juntos, e podemos vir a ter filhos.”

Então, ela me olhou bem nos olhos e eu pude ver que ela estava chorando. “Paul”, disse ela, “eu só posso ir embora com você se Edgar Baleen me der a você e nos casar na igreja”.

Olhei para ela, sem saber o que dizer e incomodado com suas lágrimas. A “igreja”, eu sabia, era a loja da Sears. Era usada para os casamentos e os funerais. Nos velhos tempos, as crianças eram batizadas lá, na mesma fonte em que eu havia sido batizado.

Enfim, pensei em algo para dizer. “Eu não sou um Baleen. Nem você.”

“Isso é verdade”, disse ela. “Mas eu jamais poderia viver em pecado com um homem. Isso seria... imoral.”

O modo como ela disse essa última frase foi mais sentimental do que eu era capaz de lidar. Eu já tinha ouvido falar de “viver em pecado”; eu tinha aprendido isso nos filmes mudos. Mas não imaginava que ela pudesse acreditar nesse tipo de coisa.

“Não seria pecado”, disse eu. “Nós podemos fazer a nossa própria cerimônia — no Centro Comercial, à noite, se você quiser.”

“Não, Paul”, disse ela, e depois enxugou os olhos com a barra do avental. Meu coração bateu mais forte diante desse gesto. Naquele momento, eu fiquei apaixonado por ela.

“O que foi, Annabel?”, perguntei.

“Paul”, disse ela, “eu sei que algumas mulheres gostam... de fazer amor”. Ela olhou para o chão. “Que, para elas, pode ser certo... fornicar. Cometer adultério. Mas nós, mulheres da Planície, somos cristãs.”

Eu não soube como interpretar isso. Eu conhecia a palavra “cristão”; era usada para pessoas que acreditavam que Jesus era um Deus. Mas Jesus, pelo que entendi do que li sobre ele na Bíblia, tinha sido bastante tolerante quanto ao comportamento sexual. Lembro-me de umas pessoas chamadas “escribas” e “fariseus” que quiseram castigar mulheres que haviam cometido adultério. Mas Jesus discordou deles.

Não continuei esse assunto com ela, contudo. Possivelmente havia algo de definitivo no modo como ela pronunciou a palavra “cristã”. Em vez de prosseguir, eu disse, “Não sei se entendi o que você quer dizer.”

Ela olhou para mim, com um misto de súplica e raiva. Então ela disse, “Eu não gosto de sexo, Paul. Eu odeio sexo.”

Fiquei sem saber o que dizer.

As coisas continuaram assim entre mim e Annabel pelo resto da primavera; não voltamos a falar mais nisso. Mas trabalhamos juntos e acabamos nos conhecendo muito bem, e eu me senti mais íntimo dela do que de qualquer outra pessoa na minha vida — mais íntimo até do que com Mary Lou, com quem eu tinha feito amor muitas vezes com grande e profundo prazer para ambos. Ela era uma

peessoa *muito* boa. Chego a chorar só de pensar em como ela era bondosa — e melancólica. E como era competente no que fazia! Posso ainda vê-la parada junto de seu torno de cerâmicas, ou junto ao fogão, ou alimentando as galinhas com seu avental azul soprado pelo vento, ou simplesmente tirando uma mecha de seu cabelo claro da testa. E ainda posso vê-la parada olhando para mim naquele dia, com lágrimas escorrendo pelo rosto, dizendo que não podia viver comigo.

E foi ela quem eliminou as pulgas do Biff, e ela que sempre preparava o café da manhã para mim quando eu descia de manhã cedo. Foi ela quem me disse que eu devia pensar em reformar esta casa velha e me mudar para cá. Ela foi a primeira a me trazer aqui para visitar, a menos de dois quilômetros do obelisco de Maugre, sobre um penhasco de frente para o mar.

Era uma casa que ela havia conhecido quando menina, que havia sido habitada por alguém recluso que morrera anos antes. As crianças das Cidades diziam que a casa era “assombrada”. Ela me disse que um dia, brincando de desafio, ela havia se arriscado a espiar por dentro, mas que estava muito assustada para ficar mais de um minuto ali.

Penso em Annabel quando menina ao olhar agora minha sala, como se ela estivesse aqui agora, aquela menina assustada. Se o lugar é assombrado, é ela quem o assombra. Uma linda menina tímida, que adorava cantar.

Amei Annabel. O que senti por ela era diferente do que havia sentido — e, em certa medida, ainda sinto — por Mary Lou. Annabel precisava apenas de um meio de pôr seu talento e sua energia para funcionar. Ela trabalhava um bocado; mas ninguém lhe agradecia por isso, e a maior parte do que ela fazia poderia ser feito por um robô Tipo Três, sem que os Baleen percebessem a diferença — tantos pratos amorosa e habilmente preparados, tanta varrição e tanta louça lavada e tantas cerâmicas, durante anos a fio, e ninguém agradeceu a ela por tudo aquilo.



Devo escrever rapidamente, antes que a emoção me paralise aqui sentado, nesta manhã do início do verão, agora que me aproximo do final desta parte do meu diário.

Nós continuamos assim, Annabel e eu, trabalhando na cozinha juntos e conversando após as minhas leituras matinais. Aprendi muitas outras coisas além da arte da culinária e a noção de puritanismo sexual que não era apenas de Annabel, mas parte básica da cultura das Sete Cidades da Planície. De onde os Baleen tinham vindo, Annabel não sabia, exceto que haviam sido pregadores nômades em algum momento, gerações atrás, até que a Bíblia e a leitura foram aos poucos se perdendo. Ela havia nascido na Casa Swisher, mas sua mãe havia sido nômade na juventude. Houve um tempo em que foram uma família de cantores de canções religiosas, mas a "Praga dos Sem-Filhos" havia feito Baleen proibi-los de cantar, quando Annabel ainda era uma garotinha. Ela havia sido a última criança nascida nas Cidades.

Nunca mais tentei fazer amor com ela. Pensei muitas vezes que deveria tentar; mas, depois que ela me disse o que achava de fazer amor, fiquei muito confuso e indeciso. Eu continuaria pensando em Annabel e em Mary Lou, amando as duas e sabendo que ambas eram inatingíveis. E, de alguma forma, era bom que fosse assim. Não havia nenhum *risco*.

Ou pelo menos era o que eu pensava até um dia em que desci pela manhã e encontrei a cozinha suja com migalhas de pão e cascas de ovos sobre a mesa e sobre a pia, onde a família preparara seu próprio desjejum. Annabel não estava lá. Saí para procurá-la.

Ela não estava perto do galinheiro. Fui até a região de Baleena de onde era possível avistar a cidade de Maugre, enorme e vazia. Não havia sinal de vida por lá. Parti em direção ao obelisco e então, em um súbito impulso, abri a porta do barracão das cerâmicas.

O cheiro no barracão estava fortíssimo. Um corpo rígido e magro, com a pele carbonizada e com o que um dia haviam sido seus cabelos formando uma touca negra sobre o crânio, estava de costas para mim, de frente para o torno. Os braços estavam estendidos e as mãos ainda seguravam as bordas do torno.

Além do cheiro de carne queimada, ainda havia o cheiro de gasolina no barraco.

Dei meia-volta e saí correndo, até o mar. Sentei-me na praia e fiquei olhando para a água até que Rod Baleen me encontrou à noite.



Enterramos Annabel no dia seguinte. Mandaram-me procurar um caixão com Rod e um homem mais velho chamado Arthur.

Os caixões ficavam em um subsolo do Centro Comercial, um andar aonde eu não tinha ido antes. Descemos uma escada com uma placa que dizia ABRIGO PROFUNDO.

Havia um depósito cheio de caixões, todos feitos de metal pintado de verde. Em letras de estêncil nas laterais, estava escrito DEPARTAMENTO DE DEFESA: MAUGRE. Estavam empilhados até o teto, em fileiras alinhadas, em uma sala chamada SALA DA MORTALIDADE.

Em vez de voltar subindo a escada, levamos o caixão vazio por um corredor do outro lado do depósito. Passamos sob um arco com a placa ÁREA DE RECREAÇÃO, e por uma imensa piscina vazia e depois passamos em frente a uma porta onde estava escrito BIBLIOTECA E SALA DE LEITURA. Triste como eu estava, silenciosamente carregando aquele caixão sombrio e feioso, meu coração se acelerou quando li a placa e precisei me conter para não deixar o caixão de Annabel ali mesmo e ir correndo para a biblioteca.

No final do corredor, havia uma porta enorme com uma placa que continha a seguinte inscrição: GARAGEM E DEPÓSITO DE VEÍCULOS. Rod empurrou a porta e nós entramos em um ambiente cheio de ônibus-telepatas. Eles estavam estacionados, uns ao lado dos outros, enfileirados. Todos os que pude ver tinham placas com a seguinte inscrição: MAUGRE E SUBÚRBIOS APENAS.



No final dessa garagem havia uma porta deslizante grande o suficiente para passar um ônibus. Rod apertou um botão na parede ao lado da porta e a porta se abriu. Entramos, levando o caixão, e

subimos por um grande elevador até onde o sol brilhava, através das portas dos fundos do obelisco. Fomos de ônibus até o barracão de cerâmicas, onde as mulheres haviam feito o melhor possível para deixar o corpo de Annabel apresentável. Puseram-lhe um vestido preto novo e um novo avental azul. Mas não havia nada do que pusemos no caixão que eu pudesse reconhecer como sendo Annabel.

Havia um belo vaso fino em uma prateleira do barracão de cerâmicas. Annabel havia me contado que o fizera anos antes, mas que o velho Baleen não deixava ser posto em uso na cozinha, por ser “frágil demais”. Peguei esse vaso e o coloquei no caixão, no que havia restado dos braços de Annabel. Depois fechei a tampa e aparafusei.



O funeral foi realizado na Sears. O caixão de Annabel foi carregado até o elevador em um ônibus-telepata. Sou grato ao velho Baleen por me ter deixado ser um dos carregadores; ele nunca disse nada, mas acho que ele sabia o que eu sentia por Annabel.

Sentamo-nos em cadeiras no setor de calçados, com as luzes acesas suavemente, e Baleen fez uma espécie de sermão e então me passou a Bíblia que trouxera consigo e me pediu que lesse.

Abri a edição Reader’s Digest da Bíblia, mas não li seu texto. Em vez disso, olhei para o caixão de Annabel à minha frente e disse: “Eu sou a ressurreição e a vida”, disse o Senhor. “Aquele que acreditar em mim, ainda que pereça, viverá.”

As palavras não serviram de consolo. Eu queria que Annabel estivesse viva e comigo. Olhei para todos os Baleen à minha frente, com suas cabeças reverentemente abaixadas e não senti nenhuma comunhão com eles e com sua fé. Sem Annabel, eu estava outra vez sozinho.

O cemitério ficava a vários quilômetros ao norte de Maugre, perto de uma antiga rodovia de quatro pistas. Havia milhares de minúsculas sepulturas brancas de permoplástico enfileiradas, sem nenhuma inscrição sobre elas. Levamos Annabel até lá em um ônibus-telepata.

Naquela noite, quando todos estavam dormindo, saí de casa sem avisar, fui até o Centro Comercial e encontrei a biblioteca. Era uma sala maior que a cozinha em Baleena, e todas as paredes estavam cobertas de livros. Os pequenos pelos de minha nuca se eriçaram, ali parado no meio da noite, naquela sala silenciosa com milhares e milhares de livros.

Pus dois livros pequenos nos bolsos da jaqueta: *Juventude*, de Joseph Conrad, e *Religião e o surgimento do capitalismo*, de R.H. Tawney. Depois fui até o estacionamento de ônibus-telepatas e fiquei uma hora examinando as placas na frente dos ônibus.

Todas diziam MAUGRE E SUBÚRBIOS APENAS.

No andar de cima da Sears, encontrei um tábuia avulsa para estantes, uma lata de tinta preta e um pincel. Pinte o nome ANNABEL SWISHER na tábuia e, então, com um martelo e alguns pregos do departamento de ferragens, consegui, canhestramente, pregar a tábuia em um poste. Depois peguei um dos ônibus que os Baleen haviam usado para ir ao cemitério e, com o martelo, cravei a lápide no chão sobre a sepultura de Annabel. Depois, quis que o ônibus me levasse a Nova York. Fui até a rampa de acesso à rodovia, mas o ônibus parou. Ele só ia até ali.



Fiquei a noite inteira acordado lendo o livro de Joseph Conrad, entendendo apenas parcialmente. Pela manhã, Mary e uma mulher chamada Helen prepararam o desjejum; comi com a família.

Depois de comer, eu disse a Edgar que gostaria de um dia me mudar para esta casa e ele não se opôs. Na verdade, ele parecia estar esperando algo nesse sentido da minha parte.

O lugar, todo de madeira e vidro, era morada de camundongos e pássaros. Removi os ninhos, e Biff fez sua parte com os camundongos de uma maneira que só posso descrever como profissional. Ele eliminou até o último camundongo da casa em uma semana.

A mobília velha estava apodrecida. Tirei tudo e fiz uma fogueira na praia e fiquei vendo queimar durante uma hora, pensando em Belasco e naquele momento encantador lá na Califórnia.



Eu não devia tirar nada da Sears, mas fui até lá todas as noites durante uma semana e ninguém fez qualquer objeção. Acho que os Baleen não se importavam, desde que eu não fizesse aquilo abertamente. Talvez sua sexualidade também fosse assim e, se Annabel e eu tivéssemos nos tornado amantes em segredo, provavelmente ninguém teria se ofendido. Provavelmente eles já achavam que éramos amantes.

Tirei móveis da Sears, e equipamentos de cozinha, e estantes de livros. E comecei a montar uma coleção de livros tirados da biblioteca.

Depois do funeral, na tristeza em que eu estava, cheguei a pensar em partir, mas esse impulso se aquietou dentro de mim por algum tempo. Acho que foi porque encontrei os livros. Resolvi que iria completar minha formação e atualizar meu diário, naquela casa diante do mar. Depois eu decidiria se continuaria minha busca por Mary Lou ou ficaria. Ou se partiria e iria para algum outro lugar inteiramente diferente — rumo ao oeste, talvez, na direção de Ohio, e mais além.



Em um dos muitos livros que estavam embaixo do Centro Comercial, aprendi que a estação depois do verão era chamada, no mundo antigo, de outono. É uma palavra bonita e que repercute profundamente em mim.

As árvores ao redor da minha casa diante do mar começaram a perder o verde, estão ficando amareladas e avermelhadas e alaranjadas a cada dia que passa. O azul do céu está mais pálido agora e os gritos das gaivotas no mar, de alguma forma, mais distantes. Há um frio delicioso no ar, pela manhã, quando faço minha longa caminhada pela praia vazia. Às vezes, vejo onde há mexilhões enterrados, mas nunca escavo para tirá-los. Caminho e corro no ar de outono — no ar do ocaso do ano — e penso cada vez mais, a cada dia, em ir embora de Maugre e continuar subindo para o norte, na direção de Nova York. No entanto, tenho aqui um bom lugar para morar e estou bem servido de comida do Centro Comercial. Tornei-me um bom cozinheiro. Quando desejo

companhia, posso visitar os Baleen e ler para eles, como às vezes faço. Eles ficam contentes em me ver, muito embora pareçam quase aliviados quando vou embora.

É estranho. Hoje penso que eles deviam estar esperando que acontecesse algo milagroso depois que começaram a ouvir as palavras da Bíblia lidas em voz alta, revelando-lhes aquele mistério — a mensagem de um livro inescrutável que eles haviam aprendido a reverenciar. Mas não aconteceu nenhum milagre, e eles logo perderam o interesse. Acho que, para entender o que aquelas palavras diziam, era necessário ter uma atenção e uma devoção que nenhum deles — exceto talvez Edgar — tinha. Eles estavam dispostos a aceitar a rigorosa piedade, e o silêncio, e as restrições sexuais, tudo sem pensar, assim como algumas platitudes sobre Jesus e Moisés e Noé; eles se sentiram oprimidos, contudo, diante do esforço que seria preciso fazer para entender a literatura que era a verdadeira fonte de sua religião.

Um dia, perguntei ao velho Edgar por que não havia robôs em Maugre e ele disse: “Levamos dez anos para nos livrar daqueles agentes de Satanás”, mas, quando perguntei como eles fizeram isso, ele não respondeu. No entanto, eles foram capazes de dedicar dez anos a uma coisa assim e não aproveitaram o tempo que eu fiquei com eles para realmente entender o que queria dizer “Satanás” — palavra que hoje sei que significa “inimigo”.

Antes da morte de Annabel, acho que vivi contente o bastante com eles. E a comida era maravilhosa; purê de batatas, *strudel*, biscoitos, *bacon* de porco (eles nunca tinham ouvido falar em *bacon* artificial), omelete, sopa. Havia sopa de galinha e de legumes e de ervilha e de repolho e de lentilha, sempre servida quente e com biscoitos salgados.

E houve momentos durante todos aqueles meses em que senti com muita força uma coisa que havia aprendido a sentir na prisão — a sensação de *comunidade*. Eu me sentava à mesa da cozinha com a família inteira em silêncio, tomando sopa, e sentia uma espécie de calor espiritual que começava no meu estômago e se espalhava pelo meu corpo, sentindo a presença daquela gente plácida, parruda e trabalhadora. Eles tinham o costume de se tocar — pequenos

toques, como colocar de leve a mão no braço do outro ou, gentilmente, encostar o cotovelo, ao se sentar perto um do outro à mesa. E eles me tocavam também, com uma timidez delicada a princípio, mas depois mais casualmente, à vontade. O que eu havia sentido pelos outros homens na prisão me preparara para isso e eu passei a gostar — e até precisar daquilo. É por isso que ainda volto lá, de vez em quando. Só para ficar com eles, para tocá-los e sentir suas presenças humanas.

Mas, diferentemente das famílias dos filmes que eu tinha visto, os Baleen raramente conversavam. Depois de cada leitura noturna que eu fazia para eles, a imensa televisão atrás do atril era ligada. Começavam os ruídos pesados do gerador à gasolina que ficava no chão atrás da tela, e depois surgiam as vertiginosas holografias coloridas dos programas mentais — formas abstratas e cores hipnóticas e uma música anestesiantemente alta — ou programas de sexo e dor ou de provas-de-fogo e todos assistiam em silêncio, como nos dormitórios ou nas aulas na universidade, até a hora de dormir. Às vezes alguém se levantava e ia até a cozinha para comer um pedaço de frango frito ou buscar uma lata de cerveja e amendoins (a cerveja e os salgadinhos eram trazidos em carrinhos de mão do Centro Comercial mais ou menos a cada dez dias), mas nunca ninguém *conversava* na cozinha; ninguém queria quebrar o clima dos programas de televisão.

Mas, embora eu também tivesse assistido televisão muitas vezes na vida antes, descobri que não conseguia mais assistir sem pensar. “Entregue-se à Tela”, era o que me haviam ensinado. Era algo tão básico quanto “Não pergunte; relaxe”. Mas eu não conseguia mais me entregar. Eu já não queria mais que a minha mente se calasse, ou usá-la como veículo para algum prazer desconexo; eu queria ler, pensar e conversar.

Algumas vezes, depois da morte de Annabel, eu me sentia tentado a tomar os sedativos que ficavam espalhados pela casa em seus pratinhos de cerâmica de sobremesa, mas então eu pensava em Mary Lou e na minha decisão quando o velho Baleen me ofereceu sedativos antes de me levar ao “Lago de Fogo que arde eternamente” — e acabei não usando droga alguma.

Era bom sentir o calor de fazer parte de uma família, acordar às vezes à noite no quarto que dividia com Rod e ouvi-lo roncar baixinho e sentir a presença de todas aquelas pessoas na casa. Eu sentia às vezes que alguma coisa muito boa dentro de mim estava começando a ganhar vida. Mas, então, eles ligavam a televisão, ou as pessoas iam assistir televisão em seus próprios quartos, e eu sentia que ia enlouquecer se ninguém falasse alguma coisa — ninguém conversava. Os prisioneiros com quem eu havia convivido conversavam sempre que podiam, e precisavam esperar aparecer uma oportunidade, como quando íamos à praia. Mas os Baleen eram diferentes; eles se satisfaziam com a companhia uns dos outros; mas não tinham nada a *dizer*, além de um eventual “Louvado seja o Senhor”.

De modo que os visito apenas para manter um mínimo de contato humano. Parece que isso é suficiente. Desde que me mudei para cá, no auge do verão, tenho ouvido discos que encontrei na Sears e escrito meu diário em livros de contabilidade da Sears e lido livros. Sentado durante o dia na minha varanda diante do mar, com Biff, agora mais gordo, ao meu lado, ou usando lampiões de querosene na sala grande lá embaixo à noite, li mais de cem livros. E tenho ouvido, repetidamente, discos de sinfonias de Mozart e Brahms e Prokofiev e Beethoven, e música de câmara, e operetas, e diversas peças musicais de Bach e Sibelius e Dolly Parton e Palestrina e Lennon. Essa música às vezes, mais do que os livros, aumentam minha noção de passado. E o aumento dessa sensação, o crescimento da minha simpatia pelo que antes havia sido o centro, pequeno e formado nos dormitórios, do meu ser, esse crescimento *retrospectivo* que inclui gerações de meus semelhantes, que viveram na mesma terra que eu, tudo isso tem sido a única paixão desses últimos meses.

Agora estou sentado à mesa de carvalho da cozinha, escrevendo este diário em um novo livro de contabilidade, com uma caneta esferográfica Sears. Biff está enrodilhado na cadeira ao meu lado, adormecido. Tenho meia garrafa de uísque — bourbon J. T. S. Brown — e um jarro de água e um copo sobre a mesa. É final de tarde e a luz de outono penetra através da janela sobre a pia. Há dois

lampiões de querosene pendurados no teto sobre a mesa, e eu vou acendê-los quando for necessário. Depois de escrever um pouco, vou preparar algo para comer para o Biff e para mim, e provavelmente vou ligar o gerador e ouvir um ou dois discos, se eu achar que tenho gasolina suficiente.

Minha intenção ao começar este diário era resumir o que aprendi sobre a história humana e como essa história parece estar chegando ao fim. Mas a perspectiva de tentar efetivamente *fazer* isso, depois de pensar sobre isso por muito tempo, é mais do que estou disposto a enfrentar. Com frequência, ainda sou acometido por um desejo de ter Mary Lou comigo outra vez; e estou sentindo esse desejo agora, ao pensar na dificuldade dessa empreitada. Não há dúvida de que Mary Lou é mais inteligente do que eu. Ela talvez não tenha a mesma paciência que eu para os estudos; mas adoraria possuir o que acabei identificando como seu vigor intelectual e sua sagacidade, sua rapidez de raciocínio. Ela também tinha um entusiasmo que me falta.

Não tenho certeza se ainda a amo. Faz muito tempo e muita coisa aconteceu. E eu ainda estou triste pela Annabel.

Escrevendo isso, me peguei olhando para os meus pulsos, para as cicatrizes brancas onde os braceletes da prisão me feriram sob a lâmina na fábrica.

Naquela época, eu estava disposto a morrer, a sangrar até a morte sob aquela lâmina ou a incendiar meu corpo com gasolina — a me juntar à longa e triste linhagem dos suicidas. Eu teria morrido de solidão e com a perda de Mary Lou.

Bem. Não morri. E uma parte de mim ainda ama Mary Lou, embora eu não faça nenhum movimento rumo ao norte para encontrá-la há muito tempo. Às vezes penso em tentar encontrar uma estrada que tenha ônibus que atravessem o país e pegar um desses para Nova York, pelo mesmo caminho que vim de Ohio pela primeira vez, tanto tempo atrás. Mas isso seria loucura. O rastreador desses ônibus facilmente me identificaria como fugitivo. E não tenho mais cartão de crédito; eles me tiraram os cartões na prisão.

Estou muito diferente do que era naquela época. E meu corpo está muito forte. E não tenho mais nenhum medo.

Em breve, irei embora de Maugre. Enquanto ainda é outono.

# Mary Lou

O bebê deve nascer a qualquer momento agora. É a época perfeita do ano para se ter um bebê — bem no início da primavera. Agora estou sentada junto à janela da sala que dá para a Terceira Avenida. No centro, a oeste, vejo, acima dos terrenos baldios e telhados baixos, o Empire State Building. Bob costuma se sentar nessa cadeira verde e ficar olhando para lá; eu gosto de observar a árvore que há diante dessa janela. É uma árvore grande, que muito tempo atrás deve ter rachado o concreto ao redor de seu tronco enorme; ela se ergue muito acima de nosso edifício de três andares. Daqui vejo pequenas folhas que começaram a brotar dos galhos mais baixos; vê-las me dá uma sensação boa, tão frescas e verde-claras.

Como o Bob não sabe ler os títulos, duas semanas atrás precisei ir com ele procurar livros sobre cuidados com bebês e obstetrícia; encontrei quatro — dois deles com figuras. Nunca tive nenhuma orientação sobre partos e, evidentemente, nunca conheci ninguém que tivesse tido um bebê; nunca vi sequer uma mulher grávida. Mas, ao ler um desses livros e ver suas figuras, eu me dei conta de que podia associar algumas coisas aprendidas com meninas mais velhas, do tempo em que eu era uma garotinha desajustada nos dormitórios: cólicas, sangue, deitar de costas e gritar e morder o próprio braço; um processo obscuro chamado “cortar o cordão umbilical”. Bem. Agora eu sei sobre essas coisas, e me sinto melhor. Quero acabar logo com isso.

Uma tarde, cerca de três semanas atrás, Bob voltou para casa mais cedo. Eu estava pensando que sabia muito pouco sobre bebês, e então ele veio trazendo uma caixa enorme cheia de ferramentas, latas e pincéis. Sem sequer falar comigo, ele foi até a cozinha e começou a trabalhar no ralo da pia. Fiquei espantada e, alguns minutos depois, ouvi a água escorrendo e depois o gorgolejar do ralo. Levantei-me e fui até a porta da cozinha.

“Jesus!”, exclamei. “O que aconteceu com você?”

Ele enxugou as mãos em um pano e depois se virou para mim. “Cansei dessas coisas que não estavam funcionando”, responde ele.

“Fico contente em saber. Você pode consertar também aquela parede onde os livros estão caindo?”

“Sim”, disse ele. “Depois de pintar a sala.”

Eu ia perguntar onde ele tinha conseguido aquela tinta, mas não perguntei. Bob parece saber onde encontrar tudo em Nova York. Acho que ele é o morador mais velho da cidade — o novaiorquino mais antigo.

Na caixa, havia algumas latas de tinta velhas e empoeiradas. Ele veio até a sala, tirou a tampa de uma delas com uma chave-de-fenda e começou a misturar a tinta. Depois de misturar um pouco, notei que a sala seria branca. Então, ele saiu por alguns minutos e voltou com uma escada. Ele abriu a escada, tirou a camisa, subiu alguns degraus, e começou a pintar acima das minhas estantes de livros à luz da janela.

Fiquei assistindo por algum tempo em silêncio. Então, eu perguntei: “Você sabe alguma coisa sobre partos?”

Ele continuou a pintar sem olhar para mim. “Não. Nada, a não ser que é doloroso. E que qualquer Tipo Sete é capaz de fazer um aborto.”

“Qualquer Tipo Sete?”

Ele parou de pintar e se virou para mim, olhando para baixo. Havia uma mancha branca em sua bochecha. A cabeça dele quase encostada no teto alto. “Os Tipos Sete foram projetados em uma época em que havia muitas mulheres grávidas. Alguém teve a ideia de programá-los para fazer abortos — abortos até o nono mês. Basta pedir.”



Aquela expressão “até o nono mês” me deixou abalada por um segundo. Ele a dissera sem pensar, mas não gostei de ouvi-la. E depois dei risada, pensando em um Tipo Sete abortista. Os Tipos Sete geralmente eram encarregados de negócios, dormitórios e lojas. Imaginei-me chegando a um deles atrás de um balcão e dizendo: “Quero um aborto”, e ele tirando um pequeno bisturi de uma gaveta... só que isso não tinha graça alguma.

Parei de rir. “Você poderia me trazer um livro sobre ter bebês?” Pus as mãos em concha sobre minha barriga, protetoramente. “Para que eu tenha uma ideia sobre o que me espera?”

Surpreendentemente, ele não respondeu. Ele ficou me olhando fixamente por algum tempo. Então, por um momento, assobiou baixinho. Ele parecia profundamente absorto pelos próprios pensamentos. Nessas horas, eu ficava espantada com a *humanidade* do Bob. Quando ele está sozinho comigo assim, seu rosto expressa muito mais sentimento do que os rostos do Paul ou do Simon e a voz dele às vezes fica tão grave e tão triste que quase me faz chorar. Era muito estranho que aquele robô fosse o repositório de tanto amor e tanta melancolia — sentimentos poderosos que a humanidade abandonou.

Finalmente ele falou e me chocou com suas palavras. “Eu não quero que você tenha o bebê, Mary”, disse ele.

Instintivamente, apertei minha barriga com mais força. “Do que você está falando, Bob?”

“Quero que você aborte esse bebê. Há um Tipo Sete no meu trabalho que pode fazer isso.”

Devo ter ficado olhando fixamente para ele com descrença e fúria. Lembro que me levantei e dei alguns passos na direção dele. A única coisa em minha mente naquele momento eram palavras aprendidas com Simon anos antes e eu as disse: “Vá se foder, Bob. Vá se foder”.

Ele me olhou bem nos olhos. “Mary”, disse ele, “se essa criança nascer, vai acabar sendo a única pessoa viva na face da terra. E eu vou ter que continuar vivo enquanto ela viver”.

“Dane-se tudo isso”, disse eu. “Além do mais, é tarde demais para isso. Posso convencer outras mulheres a parar de tomar

remédios para que voltem a ser férteis. Eu mesma também posso ter outros bebês.” Fiquei exausta só de pensar em fazer tudo aquilo ainda, e voltei a me sentar. “E quanto a você, por que você não pode continuar vivendo? Você pode ser o pai dos meus filhos. Não era isso que você queria quando me tirou do Paul?”

“Não”, declarou ele. “Não era isso.” Ele desviou os olhos de mim, segurando o pincel, e olhou pela janela em direção à árvore e à avenida vazia. “Eu só queria viver com você como podia ter vivido o homem cujos sonhos eu tenho; centenas de anos atrás. Achei que isso me permitiria recuperar o passado que há nos limites da minha mente e da minha memória, que isso me traria algum alento.”

“E trouxe?”

Ele voltou a olhar para mim, pensativo. “Não, não trouxe. Nada mudou em mim. Exceto pelo fato de amar você.”

A infelicidade dele me deixou atônita; era como um ser vivo na sala, um choro inaudível, um anseio. “Mas e o bebê?”, perguntei. “Se você tivesse um bebê, se você pudesse ser o pai dele...”

Ele balançou a cabeça desoladamente. “Não. Todo esse arranjo foi uma tolice. Assim como a ideia de pedir ao Bentley para ler os letreiros daqueles filmes para que eu pudesse entrar mais em contato com o passado através dele. A ideia de permitir que ele a engravidasse e depois afastá-lo de você. Foi tudo uma estupidez — o tipo de coisa que acontece quando a pessoa se deixa levar pelas emoções.” Então ele desceu da escada, veio na minha direção, e pôs delicadamente as mãos enormes nos meus ombros. “A única coisa que eu quero, Mary, é morrer.”

Ergui os olhos para seu rosto triste, marrom, com a testa ampla enrugada e os olhos suaves. “Se o meu bebê nascer...”

“Fui programado para viver enquanto houver seres humanos para servir. Não posso morrer enquanto restar um de vocês vivo. Vocês...” E subitamente, surpreendentemente, sua voz explodiu. “Vocês, *Homo sapiens*, com sua televisão e suas drogas.”

Sua raiva me assustou por um momento e permaneci calada. Então eu disse: “Eu sou *Homo sapiens*, Bob. E eu não sou assim. E você é praticamente humano. Ou *mais* do que humano.”

Ele me deu as costas, tirando as mãos dos meus ombros. “Eu *sou* humano. Exceto pelo nascimento e pela morte.” Ele voltou para a escada. “E estou cansado de viver. Eu nunca quis viver.”

Olhei fixamente para ele. “Essa é a ideia. Eu também não pedi para nascer.”

“Mas você pode morrer”, disse ele. Ele começou a subir os degraus de novo.

De repente, ocorreu-me um pensamento horrível. “Depois que todos nós morrermos... quando esta geração estiver morta, então você poderá se matar?”

“Sim”, disse ele. “Acho que sim.”

“Você não tem *nem* certeza?”, eu disse, levantando a voz.

“Não”, disse ele. “Mas se não houver mais humanos para servir...”

“Jesus Cristo!”, exclamei. “*Você é o motivo de não haver mais bebês?*”

Ele olhou para mim. “Sim”, respondeu. “Eu era encarregado do Controle da População. Eu entendo como funciona.”

“Jesus Cristo! Você fez o mundo inteiro reduzir a população porque *you* queria se suicidar. Você está *aniquilando* a humanidade.”

“Porque, dessa forma, eu poderei morrer. Mas a humanidade também está se suicidando...”

“Só porque você destruiu o futuro dela. E a drogou e a alimentou de mentiras e atrofiou os ovários e agora quer enterrá-la de vez. E eu que pensava que você fosse uma espécie de deus...”

“Eu sou apenas o que fui construído para ser. Sou um equipamento, Mary.”

Não consegui parar de olhar para ele, e, por mais que tentasse, não consegui transformar sua beleza física em feiura em minha mente. Ele era bonito de se ver, e sua tristeza era em si uma droga para mim. Ficou ali com o tórax nu e sujo de tinta, e algo muito profundo em mim se sentiu atraído por ele. Ele era a criatura mais bela que eu já tinha visto, e meu espanto e minha raiva pareciam fazer essa beleza reluzir em todo o seu corpo de aparência relaxada, seu corpo *assexuado*, incrivelmente velho e incrivelmente jovem.

Balancei a cabeça, tentando afastar aquele sentimento poderoso. “Você foi construído para nos ajudar. Não para nos ajudar a morrer.”

“Morrer talvez seja o que vocês realmente querem”, disse ele. “Muitos de você optaram por isso. Outros também o fariam se tivessem coragem.”

Olhei bem nos olhos dele. “Inferno”, eu disse. “*Eu* não optei por isso. Eu quero viver e quero criar o meu bebê. Eu gosto  *muito* de viver.”

“Você não pode criar esse bebê, Mary”, disse ele. “Não posso suportar viver mais setenta anos, acordado vinte e três horas por dia.”

“Você não pode simplesmente se desligar?”, perguntei. “Ou nadar até o meio do Atlântico?”

“Não”, disse ele. “Meu corpo não obedece minha mente.” Ele começou a pintar de novo. “Deixe-me contar. Toda primavera, há mais de um século, subo à Quinta Avenida e vou até o Empire State Building, subo até o topo, e tento pular de lá. Creio que este seja o ritual em torno do qual minha vida se baseia. E não consigo pular. Minhas pernas não me levam até a borda. Fico a meio metro da borda, a noite inteira, e nada acontece.”



Eu podia imaginá-lo lá em cima, como aquela criatura no filme. E eu seria a garota. E então, subitamente, pensei em uma coisa. Mas primeiro eu disse: “Como você fez para impedir que os bebês nascessem?”.

“É um sistema automático”, disse ele. “Ele recebe uma informação do Censo que comunica se deve aumentar ou reduzir as concepções, e controla o serviço de distribuição de sedativos. Quando as concepções aumentam, deve-se aumentar os inibidores de fertilidade nos sedativos. Se as concepções diminuem, os sedativos são apenas sedativos.”

Fiquei ali sentada como se fosse uma aula sobre a privacidade para crianças. Eu estava ouvindo ele falar sobre a extinção da minha espécie e aquilo não parecia significar nada para mim. Bob estava ali com o pincel na mão me explicando por que não nasciam mais

crianças havia trinta anos e eu não sentia nada. Nunca houve crianças no meu mundo. Apenas aqueles obscenos robozinhos de camisa branca no zoológico. Nunca vi na vida ninguém mais jovem que eu. Se meu bebê não sobrevivesse, a humanidade morreria na minha geração, com Paul e comigo.

Olhei para ele. Ele se virou, inclinou-se, mergulhou o pincel na tinta, e voltou para a parede acima dos meus livros.

“Por volta da época em que você nasceu”, explicou, “houve uma falha em um resistor do amplificador de sinais. A máquina começou a receber sinais de que a população estava alta demais. Ela continua a receber esses sinais e ainda está tentando reduzir a população, distribuindo sedativos que interrompem a ovulação, mesmo depois de esterilizar praticamente a sua geração inteira, nos dormitórios. Se você tivesse ficado mais um amarelo por lá, os seus ovários teriam sumido.” Ele terminou a pintura do canto superior. A parede ficou limpa, brilhante.

“Você poderia ter consertado esse resistor?”, perguntei.

Ele desceu a escada em silêncio, segurando o pincel ao lado do corpo. “Não sei”, respondeu ele. “Nunca tentei.”

Então, comecei a sentir todo daquilo tudo, de algo que havia começado em uma antiguidade obscura, de árvores e cavernas e das planícies da África; da vida humana, ereta e simiesca, espalhando-se por toda parte e construindo primeiro seus ídolos e depois suas cidades. E depois degringolando em um vestígio entorpecido, devido a um defeito em uma máquina. A uma minúscula parte de uma máquina defeituosa. E a um “robô mais que humano” que não queria tentar consertá-la.

“Meu Deus, Bob”, exclamei. “Meu Deus!” De repente, odiei-o, odiei sua frieza, sua força, sua tristeza. “Seu *monstro* desgraçado”, xinguei. “Demônio. Demônio. Você é quem está nos deixando morrer assim. E quem quer se suicidar é você.”

Ele parou de pintar e se virou para olhar para mim de novo. “É verdade”, disse ele.

Respirei fundo. “E se você quisesse, você poderia interromper a produção desses sedativos anticoncepcionais no país inteiro?”

“Sim. No mundo inteiro.”

“Você poderia interromper a produção de todos os sedativos? De todos eles?”

“Sim.”

Respirei fundo outra vez. Então, em voz baixa, eu disse: “Quanto ao Empire State Building”, olhei pela janela, em direção ao prédio. “Eu posso empurrá-lo.”

Voltei a olhar para ele. Ele estava me olhando fixamente.

“Depois que o meu bebê nascer”, eu disse, “e quando eu estiver bem de novo e sabendo como cuidar do bebê, eu posso empurrar você lá de cima.”

# Bentley

## PRIMEIRO DE OUTUBRO

Estou indo para Nova York, edito isto durante a viagem, em um antigo gravador da Sears.

Tenho um calendário, também da Sears, e resolvi chamar o dia de hoje de primeiro de outubro, e numerar os dias em meses, como fazem meus livros. Outubro era um mês importante do outono. Agora voltou a ser importante.



Não consegui dormir na noite em que terminei meu relato sobre o tempo que passei em Maugre. Quando resolvi que não escreveria sobre as reformas e os móveis da velha casa de madeira junto ao mar e que eu já tinha dito tudo o que precisava ser dito, senti-me agitado. Eu poderia ir embora quando quisesse.

Perambulei pelas ruas vazias e cobertas de mato de Maugre naquela noite e depois fui até o obelisco, desci até o subsolo da Sears, onde ficavam a biblioteca e a garagem dos ônibus-telepatas e o depósito de caixões. Lembrei que havia visto na garagem apenas ônibus locais, e um dos Baleen me dissera que nenhum daqueles ônibus funcionava — e que não abriam nem mesmo as portas. Mas fui até lá e fiquei andando entre eles, percorrendo fileiras escuras de ônibus estacionados.

E fiz uma descoberta. Perto de uma parede, havia cinco ônibus exatamente idênticos aos outros, exceto pelo fato de terem escrito

na frente a palavra INTERESTADUAL. Fiquei muito tempo olhando para isso, chocado. Se eu fosse um Baleen, teria achado que Deus havia escondido aqueles ônibus de mim até a noite da minha partida. Como eu não os havia visto antes?

Mas quando parei ao lado deles e ordenei que abrissem as portas, mentalmente e em voz alta, nada aconteceu. Tentei forçar as portas com os dedos, mas eram muito firmes e não cediam. Chutei a lateral de um deles, desesperado.

E então, frustrado e com raiva, lembrei-me de uma coisa. Pensei no meu Manual de Manutenção e Consertos de Robôs.

O Manual é um livro pequeno, pouco maior que uma barra de soja grande. No final do volume, há trinta páginas em branco com a palavra “Anotações” no alto de cada uma. Eu havia usado essas páginas na prisão para copiar alguns dos poemas de que eu mais gostava. A maioria era do livro de T.S. Eliot, que também não era muito grande, mas grande demais para se carregar adequadamente em uma viagem longa.

Eu nunca tinha lido o Manual inteiro, pois era técnico e entendiente e não tinha intenção de fazer manutenção ou consertar robô nenhum; mas ali, na grande garagem de ônibus-telepatas, subitamente, lembrei que havia um capítulo perto do final do livro chamado “Os novos robôs sem corpo: ônibus-telepatas”, com diversas páginas de texto e diagramas.

Voltei rapidamente para minha casa. O livro estava na mesa ao lado da minha cama grande, onde eu o havia deixado da última vez que li “Quarta-feira de Cinzas” — um poema triste, religioso, que parecia capaz de afastar alguns dos piores sentimentos que eu tinha sobre a religião dos Baleen.

Encontrei a parte do livro que falava dos ônibus-telepatas; era exatamente como eu me lembrava. Havia uma seção justamente do tipo que eu queria: “Desativando ônibus-telepatas”. Mas, quando comecei a ler, meu coração quase parou.

Eis o que dizia o livro:





Os ônibus-telepatas são ativados e desativados por um código de computador que, segundo a Lei dos Diretores, não pode ser reproduzido aqui. A desativação é uma necessidade no caso de controlar movimentos dentro de cidades. Os circuitos de desativação ficam no “cérebro frontal” da Unidade de Inteligência de cálculo de itinerários, entre os faróis dianteiros. Ver diagrama.



Examinei o diagrama do cérebro frontal de um ônibus-telepata sem muita esperança. O local dos chamados “Circuitos de Desativação” era uma espécie de protuberância sólida no alto da esfera anfractuosa do cérebro em si. Na verdade, havia dois “cérebros”, ambos esféricos; um calculava os itinerários, conduzia o ônibus e dizia para onde ir; o outro era a “Unidade de Comunicação”, que era telepática, e tinha uma protuberância muito parecida com a do Circuito de Desativação do outro cérebro. Ele era chamado de “Inibidor de Transmissão”, sem mais nenhuma explicação.

Eu estava analisando esse diagrama e o texto que o acompanhava, desanimado, quando um pensamento começou a se formar. Eu podia tentar remover a protuberância, com todos os Circuitos de Desativação!

Era uma ideia insólita, e contrária a todo o meu treinamento: deliberadamente, danificar e, possivelmente, destruir uma Propriedade Sensível do Governo! Mesmo a Mary Lou, com toda a sua indiferença à autoridade, nunca havia quebrado a máquina de sanduíches do zoológico. Ainda assim, ela havia atirado aquela pedra na vitrine da píton e tirado a píton-robô. E, além disso, nada aconteceu. Ela havia mandado o guarda-robô dar o fora, e ele tinha ido embora. E nunca havia robôs em Maugre para que eu tivesse medo.

Medo? Para falar a verdade, eu não tinha mais medo de nada. Era apenas meu antigo e quase esquecido senso de decência que estremecia diante da ideia de pegar uma talhadeira e um martelo e abrir o cérebro de um ônibus-telepata. Era uma parte da minha formação insana — uma formação que, supostamente, devia libertar a minha mente para o pleno “crescimento” e para a

“autoconsciência” e a “autossuficiência” e que havia se revelado não passar de um engodo e de uma trapaça. A minha formação, como a de todos os membros da minha Classe de Pensadores, havia feito de mim um idiota sem imaginação, egocêntrico, viciado em drogas. Até aprender a ler, eu vivia em um mundo subpovoado de idiotas egocêntricos e viciados em drogas, todos vivendo segundo as Regras da Privacidade em algum sonho louco de Autossatisfação.

Sentei-me ali com meu Manual no colo, preparando-me para atacar o cérebro de um ônibus-telepata com um martelo, minha mente acelerada naquele tempo absurdo, percebendo que todas as minhas noções de decência eram algo programado na minha cabeça e no meu comportamento por computadores e robôs que, por sua vez, haviam sido programados por engenheiros sociais mortos muito tempo atrás, ou por tiranos e idiotas.

Pude imaginá-los então, os homens que haviam decidido, em um passado distante, qual era o propósito da vida humana na terra, e que haviam criado os dormitórios e o Controle da População e as Regras de Privacidade e dezenas de Decretos e Erros e Regras, segundo os quais o resto da humanidade viveria até que todos morrêssemos e deixássemos o mundo para os cães e gatos e pássaros. Eles deviam se considerar homens graves, sérios, preocupados — as palavras “cuidadosos” e “compassivos” deviam estar sempre em seus lábios. Eles deviam ser parecidos com William Boyd ou Richard Dix, com cabelos brancos nas têmporas e mangas arregaçadas e, possivelmente, cachimbos nas bocas, enviando memorandos uns para os outros, em escrivatinhas repletas de papéis e livros, planejando o mundo perfeito para o Homo sapiens, um mundo em que a pobreza, a doença, a dissidência, a neurose e a dor estariam ausentes, um mundo tão distante do mundo quanto o mundo dos filmes de D. W. Griffith e Buster Keaton e Gloria Swanson — o mundo do melodrama e das paixões e dos riscos e da excitação — tal como seus poderes tecnológicos e sua “compaixão” puderam imaginar.

Era estranho; não consegui impedir minha mente de pensar em tudo isso, enquanto não saí da cama, peguei meu Manual, e saí de

casa. Meu coração agora batia com força e me senti disposto a destruir todos aqueles cérebros delicados se fosse necessário.

Lá fora, a lua havia nascido no céu. Era uma lua cheia, um disco de prata brilhante. Vi uma grande e dramática teia de aranha na varanda dos fundos que devia ter sido feita enquanto eu estava na casa com a mente alvoroçada; a aranha estava terminando o círculo externo. A lua iluminava os fios da teia retesada de um modo que ela parecia ser feita de pura luz. Era vertiginosa, geométrica e misteriosa, e me acalmei simplesmente ao parar e olhar para ela, para a elaboração e o poder da vida capaz de fazer aquele desenho.

A aranha completou seu trabalho enquanto eu fiquei observando, e depois ela caminhou pomposamente até o centro da teia, assumiu sua posição e ali ficou esperando. Observei-a por mais um tempo e, então, segui rumo ao obelisco, também prateado ao luar.

O Manual me dera uma ideia do que poderia precisar, e eu encontrei uma caixa de ferramentas na Sears e a enchi com alicates, chaves de fenda, talhadeiras e um martelo de bola. Eu havia me acostumado a usar ferramentas na reforma da minha casa, embora ainda fosse um pouco desajeitado. Normalmente as pessoas não faziam esse tipo de coisa; as ferramentas eram algo usado por robôs idiotas.

Acho que estraguei o primeiro ônibus-telepata interestadual em que trabalhei, com minhas tentativas desastradas de arrancar a tampa da frente. Fiquei furioso com dificuldade para remover a tampa, bati várias vezes com o martelo, com raiva, e acabei quebrando alguns cabos e outras partes que estavam presas por dentro da tampa. De todo modo, eu não chegaria a lugar algum com aquele ônibus, e enfim passei para outro. Este outro, consegui abrir sem problemas, mas quando comecei a tentar remover a protuberância do cérebro frontal com o martelo e a talhadeira, o cérebro inteiro se rachou.

Tentei um terceiro e bati delicadamente na protuberância diversas vezes. Eu estava começando a captar o espírito da coisa e, embora tivesse falhado duas vezes, todas as minhas noções de decência e precaução introjetadas me haviam abandonado. Estava gostando da profanação envolvida naquela violação dos ônibus-

telepatas e em sua destruição; a raiva dentro de mim então se acalmou um pouco, fiquei determinado e descuidado — e gostei dessa sensação.

E então, de repente, percebi que estava batendo na protuberância errada. Esta ficava acima da Unidade de Comunicação. E assim que me dei conta disso e pensei que tinha estragado um terceiro ônibus-telepata, subitamente comecei a ouvir música! Era uma canção animada, alegre, e fiquei ouvindo por um momento com espanto, até que aos poucos percebi que estava tocando apenas na minha cabeça. Era música telepática. Eu havia experimentado algo parecido uma vez antes, como parte dos meus estudos de Desenvolvimento Mental, quando era aluno de graduação, mas aquilo havia sido dentro de uma sala de aula. Ali naquele imenso estacionamento de ônibus era algo extraordinário e a princípio não consegui explicar. E então me dei conta de que a música devia estar vindo da parte telepática da Unidade de Comunicação. Eu devia ter desconectado o Inibidor de Transmissão, e agora o ônibus estava transmitindo para mim.

Tentei fazer um teste. Pensei, concentrando-me: *Diminua o volume da música, por favor.* E funcionou! A música passou a tocar muito baixo.

Isso me encorajou muito. Se eu havia conseguido desconectar aquela parte do equipamento e permitir que funcionasse como era originalmente projetado para funcionar, eu haveria de conseguir fazer a mesma coisa com a outra metade do cérebro.

E consegui mesmo. Usei a talhadeira delicadamente e com confiança e a protuberância da outra esfera se soltou na quinta ou sexta batida do martelo. Saiu inteira. Repus a tampa da frente do ônibus e coloquei as ferramentas de volta na caixa rapidamente e, então, nervoso e excitado, falei em voz alta com a porta. “Abra”, ordenei.

E a porta se abriu!

Entrei e me sentei na frente, e pus a caixa de ferramentas ao lado. Então me concentrei e pensei: *Leve-me para fora do Centro Comercial e depois para a frente do obelisco.* Imaginei o lugar na frente do obelisco, só para ter certeza.

E imediatamente o ônibus fechou a porta e começou a andar. Ele saiu de ré da vaga na fileira dos ônibus, trocou de marcha, e depois seguiu bem depressa até o final do grande estacionamento semelhante a um celeiro. Notei que suas luzes se acenderam pelo reflexo na parede quando nos aproximamos.

O ônibus parou diante da parede e buzinou. E as grandes portas se abriram. O ônibus entrou no elevador e as portas se fecharam. Senti que estávamos subindo.

Saímos pela porta dos fundos do obelisco, contornamos para a frente, e paramos. A música parou. Lá fora ainda estava escuro e silencioso sob a lua.

Mandei o ônibus me levar até minha casa, e comecei a arrumar as malas. Peguei cerca de cinquenta livros, meu fonógrafo e os discos, e, com dificuldade, levei o pequeno gerador e dois vidros de gasolina. O gerador era necessário porque o antigo fonógrafo era o único modo de reproduzir os discos e não funcionaria com baterias nucleares.

Levei também duas caixas de uísque, meus lampiões de querosene, e algumas caixas de comida irradiada para o Biff. Levei algumas das minhas roupas até o ônibus, mas quando cheguei lá com elas resolvi escolher um guarda-roupa inteiro novo de uma loja de roupas que eu tinha visto no Centro Comercial. Seria bom ir embora com roupas novas.

O céu estava um pouco mais claro quando deixei a casa para trás, e a lua foi se tornando mais pálida. Parei mais uma vez diante da teia de aranha, agora que Biff e eu estávamos indo embora definitivamente, e a teia agora não me pareceu tão deslumbrante; a teia agora me parecia mais profissional e sinistra à luz fraca do céu. Mas desejei tudo de bom à aranha; ela seria, pelo visto, a herdeira do lugar no qual eu havia vivido.

Do Departamento de Alimentos da Sears, peguei caixas de feijão, aveia e bacon de porco desidratado e milho e sacos plásticos cheios de pudins e refrigerantes. Depois fui até a loja onde eu nunca tinha entrado e descobri que as roupas lá eram muito mais bonitas que as da Sears. Peguei uma jaqueta de Synlon azul, uma blusa preta de

gola alta e algumas camisas feitas de um tecido chamado “algodão” que eu nunca tinha visto antes.

Por impulso, comecei a pegar coisas para Mary Lou, mesmo que não estivesse confiante de que um dia a encontraria ou de que conseguiria evitar ser preso outra vez por Spofforth. Mas, pensando melhor agora, noto que não sinto mais medo de Spofforth. Não estou com medo da prisão, nem do constrangimento, tampouco da violação da Privacidade de ninguém.

Percorrendo as antigas estradas, verdes e esburacadas, como estou agora, com o mar à minha direita e os campos vazios à esquerda, sob a luz forte do sol de primavera, sinto-me livre e forte. Se eu não fosse um leitor de livros, eu não seria capaz de me sentir assim. Aconteça o que acontecer, graças a Deus eu sei ler, fui capaz de entrar em contato verdadeiro com a mente de outros homens.

Gostaria de poder escrever estas palavras, em vez de ditá-las. Pois deve ter sido a escrita, tanto quanto a leitura, que me deu essa forte sensação do meu novo ser.

Levei dois vestidos novos para Mary Lou, imaginando o tamanho certo da melhor maneira que pude. Eles agora estão pendurados em cabides em um dos assentos, assim como um casaco e uma jaqueta e uma caixa de bombons. O Biff fica lá no fundo do ônibus a maior parte do tempo, enrodilhado em um dos assentos, com a cabeça para trás e as pernas espalhadas ao sol que entra pela janela a seu lado. Estou ficando com sono de tanto ditar isto com tanto cuidado. Vou arrumar um lugar para abrir meu colchão Sears e dormir um pouco.

## **DOIS DE OUTUBRO**

Há quatro conjuntos de assentos duplos no ônibus. Depois de terminar de ditar ontem à noite, peguei minhas ferramentas e removi dois assentos do lado oposto ao mar e abri espaço para estender o colchão. Parei o ônibus por um momento e joguei fora os assentos removidos.

A cama ficou confortável, mas não dormi bem. Acordei várias vezes durante a noite e fiquei deitado no colchão ouvindo o som das

rodas sobre a estrada e desejando conseguir pegar no sono. Depois de acordar pela terceira ou quarta vez, comecei a perceber que meu estômago estava dolorosamente tenso, e minha mente, nada à vontade, cheia de uma espécie de desespero que eu conhecia bem, mas para o qual não tinha um nome. Ali no escuro com o som suave dos pneus do ônibus nos ouvidos, aos poucos, foi ficando claro para mim: eu estava *sozinho*. Eu me sentia dolorosamente solitário, e sequer me dera conta disso.

Sentei-me na cama. Meu Deus! Era tão simples... Eu estava começando a sentir raiva. Que adiantava ter a minha Privacidade e minha Autoconfiança e minha Liberdade, se eu me sentia assim? Eu estava em um estado de *ansiedade*, e vinha me sentindo assim havia anos. Eu não era feliz — raras vezes tinha sido feliz.

*Isso é terrível!*, pensei. *Todas essas mentiras!* Senti-me fisicamente enjoado ao perceber tudo aquilo: ao me ver boquiaberto diante da televisão, ao me ver nas salas de aula aprendendo com robôs que o “desenvolvimento interno” era o objetivo da vida, que “sexo às pressas é o melhor” e que a única realidade era a que existia dentro da minha consciência e que ela podia ser quimicamente alterada. O que eu queria, aquilo pelo qual eu ansiara desde aquele tempo, era ser amado. E amar. E eles não haviam sequer me ensinado essa palavra.

Eu queria amar aquele velho moribundo na cama com o cachorro a seus pés. Queria amar aquele cavalo cansado com as orelhas que saíam do chapéu de palha. Queria estar na companhia daqueles homens à noite com as canecas de cerveja, sentados em mangas de camisa em uma velha taverna, e queria sentir a fragrância da cerveja e dos corpos reunidos naquela sala silenciosa, com seus tamanhos e formatos humanos. Queria ouvir o murmúrio de suas vozes e o de minha própria voz misturada às deles ao anoitecer. Queria sentir a sólida sensação do meu próprio corpo real no ar daquela sala, com a cicatriz no meu punho esquerdo e a camada fina de músculos no meu abdômen e meus dentes bons e sólidos.

E eu queria fazer sexo. Queria estar na cama com Mary Lou. Não com Annabel, que era apenas a mãe que eu nunca tive, mas com Mary Lou. Mary Lou, minha assustadora namorada, minha amante.

Ali no ônibus-telepata, eu estremei — de amor e volúpia e lembranças de Mary Lou. Com meu desejo por ela e por saber agora que era ela quem eu queria, quem eu sempre quisera. Quis gritar. E gritei:

“Mary Lou”, gritei, “eu quero você!”.

E uma voz, uma voz andrógina, na minha cabeça, disse: “Eu sei. Espero que você a encontre.”

Fiquei ali sentado, perplexo, na beira da cama, por um momento, estupefato. Aquela não era a voz do meu próprio pensamento. A voz soara dentro da minha cabeça, mas parecia vir de algum outro lugar. Enfim, eu disse em voz alta: “O que foi isso?”

“Espero que você a encontre”, disse a voz. “Sei, desde o início quanto você deseja encontrá-la.”

*Meu Deus!*, pensei. *Acho que sei de onde essa voz está vindo.* “Mas quem é você?”, perguntei.

“Sou este ônibus. Sou uma Inteligência Metálica, com Bons Sentimentos.”

“E você lê meus pensamentos?”

“Sim. Mas não muito profundamente. Pode incomodar um pouco.”

“Sim”, concordei em voz alta. Minha voz soou estranha.

“Mas não é tão ruim assim. Não é tão ruim quanto ficar sozinho.”

Ele *estava* lendo a minha mente de verdade. Tentei pensar para ele, em silêncio. *Você se sente sozinho às vezes?*

“Não me incomoda se você falar em voz alta. Não, nunca me sinto só, como vocês, humanos. Estou sempre em contato com alguma coisa. Somos uma rede e eu faço parte dela. Nós não somos como você. Só o Tipo Nove é como você, solitário. Eu tenho a mente de um Tipo Quatro, e sou telepata.”

A voz em minha mente me acalmava. “Você poderia acender uma luz não muito forte?”, pedi. Uma lâmpada sobre minha cabeça começou a se acender suavemente. Olhei para minhas mãos, para minhas unhas sujas. Então, arregacei as mangas. Por algum motivo, gostei de ficar olhando para meus braços, para meus pelos finos e claros. “Você é tão inteligente quanto o Biff?”, perguntei.



“De jeito nenhum”, disse a voz. “Biff é realmente estúpido para a maioria das coisas. A única coisa é que ele é muito *real* — ele é realmente um gato —, e isso faz com que ele pareça inteligente para você. Posso ler a mente dele inteira de uma vez, e há pouquíssima coisa lá. Mas ele se sente bem. Ele não gostaria de ser outra coisa além de um gato.”

“E eu não me sinto bem?”

“Durante a maior parte do tempo, você está triste e solitário. Ou ansioso.”

“Sim”, respondi, tristonho. “Estou triste. E tenho muitos anseios.”

“E agora você sabe disso”, disse a voz.

E isso era verdade. E eu estava começando a me sentir contente de dizer isso. Olhei pela janela em busca de algum sinal da madrugada, mas ainda estava escuro. Subitamente me ocorreu uma ideia, com aquela conversa estranha, mas solta. “Deus existe?”, perguntei. “Quero dizer, você está em contato telepático com algum tipo de Deus?”

“Não. Não estou em contato com nada do tipo. Até onde sei, Deus não existe.”

“Oh”, exclamei.

“Isso não faz diferença para você”, disse a voz. “Você pode achar que faz, mas não faz. Você está realmente sozinho. Você tem aprendido isso sozinho.”

“Mas a minha programação...”

“Você já deixou isso para trás”, disse a voz. “Agora é uma questão de costume. Mas você não é mais seus costumes.”

“Mas então eu sou o quê?”, perguntei. “O que, em nome dos céus, eu *sou* afinal?”

A voz levou um tempo para responder. “Apenas você mesmo”, disse ele gentilmente. “Você é um ser humano adulto masculino. Você está apaixonado. Você quer ser feliz. Você está tentando agora encontrar a pessoa que você ama.”

“Sim”, respondi. “Acho que é isso.”

“É isso, e você sabe”, confirmou a voz. “E eu lhe desejo sorte.”

“Obrigado”, agradei. E depois: “Você pode me ajudar a dormir?”

“Não. Mas você não precisa de ajuda. Você vai dormir quando ficar cansado o bastante. E, se você não dormir, o sol logo vai nascer.”

“Você é capaz de *ver* isso?”, indagou. “Você vê quando o sol está nascendo?”

“Na verdade, não”, respondeu o ônibus. “Eu só vejo o que está bem na minha frente, a estrada. Obrigado por querer que eu veja o sol nascendo.”

“Você não se importa? De não conseguir ver o que quiser?”

“Eu vejo o que quero ver”, disse o ônibus. “E gosto do trabalho que tenho a fazer. Eu fui feito assim. Não preciso decidir o que é bom para mim.”

“Por que você é tão... simpático?”, perguntei.

“Todos nós somos”, disse o ônibus. “Todos os ônibus telepatas são simpáticos. Todos fomos programados com Bons Sentimentos, e gostamos do nosso trabalho.”

*Essa programação é melhor do que a oferecida às próprias pessoas*, pensei, com certa veemência.

“Sim”, disse o ônibus. “Sim, é melhor.”

## **TRÊS DE OUTUBRO**

Depois da conversa com o ônibus, fiquei calmo e cansado e adormeci rapidamente em minha pequena cama. Ainda estava escuro quando acordei.

“Já está amanhecendo?”, perguntei em voz alta.

“Sim”, respondeu o ônibus. “Em breve.” Uma luz suave se acendeu no teto.

Biff havia dormido no colchão comigo e acordou quando acordei. Dei-lhe um punhado de comida desidratada e comecei a preparar para mim uma lata de sopa de proteína e queijo para o desjejum. Mas então lembrei-me das plantas de Proteína 4 e estremeci: eu não queria mais comer aquele tipo de comida. Disse ao ônibus para abrir uma janela e joguei a lata fora. Então preparei um omelete e uma xícara de café e me sentei na beira da cama e comi devagar,

olhando as janelas escuras do ônibus em movimento e fiquei esperando a luz do dia.

Durante todo esse tempo, o ônibus devia estar percorrendo uma pista de permoplástico de alta qualidade, porque o caminho estava muito suave. Às vezes, ao longo de vários quilômetros, a estrada acabava. Aconteceu várias vezes ontem; o permoplástico verde-claro abruptamente terminava em trechos de asfalto preto e esburacado ou nenhum tipo de pista — simplesmente em campo aberto. Então, o ônibus reduz a velocidade e, cuidadosamente, desvia dos obstáculos, tentando encontrar o caminho mais liso possível, embora às vezes dê solavancos violentos. Isso é incômodo, mas eu não me preocupo que o ônibus venha a quebrar. Apesar da aparente fragilidade do cérebro por baixo da pesada tampa, o ônibus é uma máquina robusta e bem-construída.

Antes de sair de Maugre, parei o ônibus diante da sepultura de Annabel, saí e pus algumas rosas do jardim sobre ela, junto à pequena cruz de madeira que eu fiz com seu nome — provavelmente a primeira sepultura identificada e verdadeiramente humana em séculos. Fiquei ali por vários minutos, pensando em Annabel e em tudo que ela havia significado para mim. Mas eu não chorei por ela — eu não quis.

Depois voltei para o ônibus e mandei que me levasse a Nova York. O ônibus pelo visto sabia exatamente o que fazer. Seguiu lenta e cuidadosamente pela pista central do imenso cemitério, passou por milhares de sepulturas permoplástico à luz do início da manhã, até chegar à pista larga e verde que eu já tinha visto em minhas caminhadas por Maugre, mas nas quais eu jamais pisara. Quando o ônibus chegou à superfície lisa, livre de detritos deixados pelos robôs das equipes de manutenção, começou a ganhar velocidade, sempre em frente, pela estrada vazia.

O alívio que senti por estar indo embora foi magnífico. Eu não sentia arrependimento algum. Eu estava me sentindo bem, e estou me sentindo bem agora, na escuridão da noite, com meu ônibus prestativo e paciente e meu estoque de comida e meus livros e discos e meu gato.

O céu começou a clarear do lado de fora das janelas agora, e quando a estrada se aproxima do mar olho para a praia e para a água, para o cinza claro e solitário do céu onde o sol vai surgir, e às vezes fico quase sem fôlego diante da beleza daquilo. Não exatamente a mesma coisa que sentia quando parava ao final da fileira de Proteína 4 na prisão; a beleza do mar agora parece mais profunda, e mística — como os olhos de Mary Lou quando olha para mim daquele jeito estranho e intrigado.

O mar deve ser muito vasto; o mar significa liberdade para mim, e possibilidades. O mar faz algo misterioso se abrir na minha mente, do mesmo jeito que algumas coisas lidas em livros fazem às vezes, fazendo com que eu me sinta mais vivo do que jamais pensei ser possível me sentir, e mais *humano*.

Um dos meus livros diz que, antigamente, os homens idolatravam o mar como um deus. Posso entender facilmente o motivo. Sim.

Mas os Baleen jamais teriam entendido uma coisa assim; eles teriam chamado essa ideia de “blasfêmia”. O Deus que eles adoram é uma coisa abstrata e ferozmente moralista, como um computador. E o cativante e místico rabino Jesus, eles o transformaram em uma espécie de Detector moral. Não quero saber nada do Jeová do Livro de Jó.

Acho que talvez eu já seja um adorador do mar. Ao ler o Novo Testamento em voz alta para os Baleen, desenvolvi uma forte admiração por Jesus, como um profeta triste e terrivelmente sábio confirmou um homem que havia compreendido uma coisa da vida da maior importância e que havia tentado, e em grande medida fracassado, dizer o que era. Eu posso sentir, dentro de mim, um tipo de amor por ele e por sua tentativa, ao dizer coisas como: “O Reino dos Céus é dentro de você”, pois acho que consigo captar o que ele quis dizer, aqui, olhando pela janela do ônibus-telepata para a vastidão imóvel e cinzenta do Oceano Atlântico com o sol prestes a raiar sobre ele.

No entanto, eu mesmo não consigo dizer o que era. Mas confio nisso muito mais do que em toda a bobagem que me ensinaram quando criança nos dormitórios.

O céu sobre o mar cinzento ficou muito mais claro agora. O sol está prestes a nascer. Vou encerrar esta gravação agora e parar o ônibus e caminhar lá fora e assistir o sol nascer sobre o mar.

Meu Deus, o mundo pode ser bonito.

## **QUATRO DE OUTUBRO**

O nascer do sol me deu forças. Depois caminhei até a beira-mar, tirei as roupas, e andei dentro d'água e mergulhei nas ondas. Estava frio, mas não me importei. E havia o início da sensação do inverno no ar.

Depois de nadar, mandei o ônibus tocar música na minha cabeça por algum tempo. Mas logo parei. Era uma música estúpida, alegre e vazia. Então consegui montar meu fonógrafo e o gerador, mas quando tentei tocar os discos a agulha, como eu temia, não ficava no sulco enquanto o ônibus se movia. Parei o ônibus no meio da estrada o tempo suficiente para ouvir a Sinfonia Júpiter de Mozart e uma parte de "Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band". Foi muito melhor assim. Depois me servi de um copinho de uísque, desliguei o gerador e continuei em frente pela estrada.

Não vi nenhum outro veículo e nem sinal de moradias humanas desde que saí de Maugre.

Meu Deus, quantas coisas li e aprendi desde que saí de Ohio! E essas coisas me transformaram tanto que mal me reconheço. Saber que existiu um passado da vida humana e captar um ligeiro vislumbre desse passado já alterou minha mente e meu comportamento mais do que eu conseguiria avaliar.

Eu havia assistido filmes falados quando era estudante de graduação, junto de alguns outros interessados nessas coisas. Mas esses filmes — *Sublime Obsessão*, *Drácula Ataca*, *A Noviça Rebelde* — me pareceram apenas "alucinantes". Eram apenas outra forma, mais esotérica, de manipular os estados mentais em nome do prazer e da introspecção do espectador. Jamais teria me ocorrido na época, em minha condição iletrada e submetido à lavagem cerebral, observar esses filmes como modos de aprender algo valioso sobre o passado.

Mas sobretudo, agora me parece, a coragem de saber e de sentir meus próprios *sentimentos* veio, lentamente, daqueles filmes mudos

emocionalmente carregados que assisti na velha biblioteca, a princípio, e depois dos poemas e romances e histórias e biografias e manuais que li. Todos aqueles livros — até mesmo os entediantes e quase incompreensíveis — me fizeram entender mais claramente o que significa ser um homem. E eu aprendi com a sensação de temor reverente que às vezes me vinha quando me sentia em contato com a mente de outra pessoa, morta há muito tempo, e sei que não estou sozinho nesta terra. Houve outros que se sentiram como eu e que, às vezes, foram capazes de dizer o indizível. “Só o pássaro imitador canta na borda do bosque.” “Eu sou o caminho e a verdade e a vida. Aquele que crer em mim, ainda que morra, viverá eternamente.” “Minha vida é leve, esperando o vento da morte. Como uma pena no dorso da mão.”

E sem a capacidade de ler eu jamais teria encontrado uma maneira de fazer esse ônibus-telepata se mover, me levar a Nova York, até Mary Lou, a quem devo tentar ver de novo antes de morrer.

## **CINCO DE OUTUBRO**

Está uma manhã quente e ensolarada hoje e resolvi fazer um piquenique na beira da estrada, como em *O Acorde Perdido*, com Zasu Pitts. Parei o ônibus por volta do meio-dia junto a um arvoredo, preparei um prato de *bacon* e feijões e um copo de uísque e água, encontrei um lugar confortável embaixo das árvores, e comi lenta e pensativamente enquanto Biff caçava borboletas na grama.

A maior parte da manhã, percorremos trechos afastados da vista do mar; não vi água por várias horas. Depois de comer e cochilar um pouco, resolvi subir em uma pequena elevação do terreno para ver se entendia onde estávamos. E quando subi lá pude ver o mar e, lá longe à minha esquerda, os edifícios de Nova York! Fiquei imóvel, extasiado, tremendo um pouco e apertando meu copo pela metade.

Pude ver a Estátua da Privacidade no Central Park, a grandiosa e solene figura de chumbo de olhos fechados e um sorriso serenamente introspectivo; ela ainda é uma das Maravilhas do Mundo Moderno. Eu podia ver seu imenso vulto cinzento de onde

estava, a quilômetros de distância. Tentei localizar os edifícios da NYU, aonde eu pedira que o ônibus me levasse, e onde eu tinha alguma esperança de encontrar Mary Lou, ou ao menos algum vestígio dela, mas não consegui.

E então, olhando para Nova York ao longe, com o Empire State Building em uma extremidade e a Estátua da Liberdade na outra, tão escura e a plúmbea, algo se retraiu no meu peito.

Eu sabia que queria Mary Lou, mas não queria voltar para Nova York, para aquela cidade morta.

E senti, então, um grande peso opressivo ao pensar naquelas ruas de Nova York, a caminho de serem tomadas pelo mato como as ruas de Maugre. E toda aquela vida estúpida se movendo entorpecidamente por aquelas ruas moribundas — semblantes chapados de Introspecção, vidas com mentes quase apagadas, sem centelhas, vidas que eram como a minha havia sido um dia: que não valiam a pena ser vividas. Uma sociedade assombrada pela morte e que não estava viva o suficiente para saber disso. E aquelas imolações em grupo! Imolações no Burger Chef, e um zoológico cheio de robôs.

A cidade jazia ali sob a luz do sol do início do outono como uma sepultura. Eu não queria voltar para lá.

E então ouvi uma voz suave em minha mente dizer, “Não há nada em Nova York que possa lhe fazer mal.” Era a voz do meu ônibus.

Pensei nisso por um momento e então falei em voz alta, “Não estou com medo de me machucar.” Olhei para o meu pulso, ainda um pouco dolorido de algo ocorrido tanto tempo atrás.

“Eu sei”, disse o ônibus. “Você não está com medo. Você só não gostou da ideia de voltar a Nova York, do que a cidade significa para você agora.”

“Eu já fui feliz lá um dia”, eu disse. “Durante algum tempo com Mary Lou. E com meus filmes, algumas vezes...”

“Só o pássaro imitador canta na borda da mata”, o ônibus disse.

Foi surpreendente ouvir isso. “Você pegou essas palavras da minha cabeça?”, eu disse.

“Sim. Elas aparecem frequentemente na sua mente.”

“O que elas significam?”

“Não sei”, disse o ônibus. “Mas elas fazem você sentir uma coisa intensamente.”

“Uma coisa triste?”

“Sim. Triste. Mas é uma tristeza que faz bem para você senti-la.”

“Sim”, concordei. “Eu sei.”

“E você precisa ir a Nova York se quiser vê-la.”

“Sim”, disse eu.

“Entre”, disse o ônibus.

Desci da pequena colina, chamei Biff, e entramos no ônibus. “Vamos continuar”, disse em voz alta.

“Pode deixar”, disse o ônibus. A porta se fechou discretamente, e começamos a nos mover.

## **SEIS DE OUTUBRO**

Estava quase anoitecendo quando chegamos à imensa, vazia, enferrujada e antiga ponte para a ilha de Manhattan; as luzes já estavam acesas em algumas das casinhas de permoplástico da Riverside Drive. As calçadas estavam vazias, com exceção de um ou outro robô empurrando carrinhos de alimentos frescos na direção das lojas da Quinta Avenida, ou uma equipe de limpeza recolhendo lixo. Vi uma velha na calçada, na Park Avenue; ela era gorda e usava um vestido cinza sem forma e levava um buquê de flores na mão.

Passamos por alguns ônibus-telepatas na rua, a maioria vazios. Um carro Detector vazio passou por nós. Nova York estava muito pacífica, mas comecei a ficar apreensivo. Eu não tinha comido nada desde aquele breve piquenique no almoço; ficara nervoso a tarde inteira. Não estava com *medo*, como poderia ter ficado um dia, mas apenas tenso. Não gostei nada disso. Mas não havia nada a fazer a não ser suportar. Pensei algumas vezes em conseguir mais uísque para beber, ou em parar em alguma máquina de drogas e tentar arrombá-la e pegar sedativos — já que eu não tinha mais cartão de crédito — mas eu havia decidido muito antes não deixar que esse tipo de produto químico entrasse no meu corpo. De modo que expulsei essas ideias da cabeça e enfrentei a sensação de



desconforto e agitação. Pelo menos eu sabia o que estava acontecendo à minha volta.

Os edifícios de aço da Universidade reluziam ao sol poente. No caminho, atravessando a Washington Square, passamos por quatro ou cinco estudantes em suas túnicas de brim, separados, cada um em seu caminho. A praça estava tomada pelo mato. Nenhuma fonte funcionava.

Mandei o ônibus estacionar na frente da biblioteca.

E lá estava ele, o velho edifício, meio enferrujado, onde eu havia trabalhado nos arquivos e morado algum tempo com Mary Lou. Meu coração começou a bater mais forte quando vi o edifício ali cercado de mato e sem ninguém à vista.

Tive presença de espírito suficiente para perceber que podia perder meu ônibus para qualquer um que passasse e quisesse levá-lo dali. Então, peguei minhas ferramentas e removi o painel da frente, desconectei o que o *Manal* chamava de “Servo-mecanismo Unificado de Ativação da Porta”, e mandei a porta se abrir. E ela não abriu. Deixei as ferramentas dentro do compartimento do cérebro do ônibus. Ninguém mexeria ali.

Entreí no prédio, um pouco menos abalado, mas ainda muito excitado. Não havia ninguém por lá. Os corredores estavam vazios; as salas em que espiei estavam vazias; não havia som algum exceto o eco dos meus próprios passos.

Não me senti, como antes poderia me sentir, nem impressionado nem nervoso com o vazio do lugar. Estava usando minhas roupas novas de Maugre: calça jeans justa, blusa preta de gola alta e sapatos pretos leves. Eu havia dobrado as mangas da blusa antes, porque estava calor, e meus antebraços estavam bronzeados, esguios e musculosos. Gostei da aparência deles e da boa sensação geral do meu corpo e da minha mente que meus braços pareciam transmitir: flexíveis, retesados e fortes. Não me espantei mais com o edifício moribundo; eu estava apenas procurando alguém ali dentro.

Meu antigo quarto estava vazio e intocado desde que eu estivera ali, mas a coleção de filmes mudos não estava mais lá. Fiquei decepcionado, pois, no fundo, eu havia planejado levá-los comigo — ou conosco — aonde quer que eu fosse em meu ônibus-telepata.

Ainda sobre a minha escrivaninha-beliche, estava o fruto artificial que Mary Lou havia colhido para mim no zoológico.

Peguei o fruto e guardei no bolso lateral da minha calça. Olhei ao redor. Não havia mais nada ali que eu quisesse. Fui embora, batendo a porta atrás de mim. Eu havia decidido aonde ir.



Enquanto reconectava os cabos do ônibus-telepata à luz de um poste da calçada, ergui os olhos e avistei um homem gordo, calvo, olhando fixamente para mim. Ele devia ter-se aproximado enquanto eu trabalhava sem que o visse. O rosto era inchado e inexpressivo, com uma introspecção chapada que, por um momento, foi chocante para mim. Percebi no instante seguinte que não era realmente diferente de centenas de semblantes que eu já tinha visto, mas agora havia duas coisas diferentes no meu modo de olhar para ele: eu não estava mais preocupado com a Privacidade, e, conseqüentemente, examinei-o com mais atenção do que teria feito um ano antes; e eu havia me acostumado a ficar perto dos Baleen e, embora eles também usassem drogas, seus rostos não exibiam a estupidez arrogante da maioria das pessoas.

Depois de olhar bem nos olhos dele por um tempo, ele abaixou a cabeça e começou a olhar para os próprios pés. Voltei aos cabos que estava reconectando ao servo-mecanismo do ônibus, o ouvi falar com a voz grave. "Isso é ilegal", falou. "Danificar Propriedade do Governo."

Nem sequer olhei para ele. "Que governo?", perguntei.

Ele ficou calado por um momento. Então disse: "Isso é vandalismo. Vandalismo é um Erro. Você poderia ser preso".

Virei-me e olhei para ele. Eu estava com uma chave-inglesa na mão direita, e suando um pouco. Olhei bem nos olhos dele, e para seu rosto idiota, inexpressivo, mole. "Se você não for embora agora", disse eu, "vou te matar".

Ele ficou com o queixo caído e me olhou fixamente.

"Vá embora, seu idiota", ordenei. "Suma daqui já."

Ele se virou e saiu andando. Vi quando ele procurou no bolso e tirou algumas pílulas e começou a engoli-las, erguendo a cabeça

para trás. Tive vontade de atirar a chave-inglesa no sujeito.

Terminei de reconectar os cabos e então entrei no ônibus e mandei me levar ao Burger Chef da Quinta Avenida.

Ela não estava no Burger Chef; mas eu não esperava, na verdade, que ela estivesse. O lugar me pareceu um pouco diferente e, então, notei que eram os assentos reservados. Dois deles haviam sido removidos e quase todos os outros estavam muito chamuscados. Deviam ter ocorrido várias imolações ali desde a minha última visita.

Fui até o balcão e disse à garçonete Tipo Dois para me dar dois alga-búrguers e um copo de chá do samovar. Ela trouxe, um tanto lentamente, e pôs a bandeja no balcão e ficou esperando. De repente, eu me lembrei do que ela estava esperando: meu cartão de crédito. E eu não tinha, eu havia me esquecido completamente disso.

“Eu não tenho cartão de crédito”, disse a ela.

Ela olhou para mim com aquela expressão robótica estúpida — a mesma que os guardas da prisão sempre tinham no rosto — e então pegou novamente a bandeja, virou-se, e começou a levá-la até a lixeira.

Gritei para ela: “Pare! Traga de volta!”.

Ela parou, fez meia-volta, depois tornou a se encaminhar para a lixeira. Ela começou a andar para lá, mais lentamente.

“Pare, sua idiota!”, berrei. Então, quase sem pensar, pulei sobre o balcão, corri até ela e pus a mão em seu ombro. Virei-a até ela ficar de frente para mim, e tirei a bandeja dela. Ela simplesmente me olhou de uma forma estúpida por um instante, e então no teto da lanchonete um alarme começou a soar furiosamente.

Pulei o balcão de volta e corri para a saída, quando vi um grande robô idiota de uniforme verde vindo atrás de mim, saído de alguma sala dos fundos que eu não havia notado. Ele parecia o robô do zoológico, e começou a dizer: “Você está preso. Você tem o direito de permanecer em silêncio...”.

“Dê o fora, robô”, disse a ele. “Volte para a cozinha e deixe os fregueses em paz.”

“Você está preso”, repetiu ele, mas dessa vez com a voz mais fraca. Ele havia parado de se mexer.

Andei até ele e olhei bem fundo em seus olhos vazios e desumanos. Nunca tinha olhado um robô tão de perto antes, tendo sido criado para temê-los e respeitá-los. E me dei conta, olhando para aquele rosto estúpido, industrializado, de que, pela primeira vez, estava percebendo o real significado daquela obtusa paródia da humanidade: nada, nada mesmo. Os robôs eram algo inventado a partir de um amor cego pela tecnologia que permitiu que eles fossem inventados. Eles haviam sido fabricados e oferecidos ao mundo dos homens como as armas, que quase destruíram o mundo, um dia haviam sido feitas e oferecidas, como uma “necessidade”. E, ainda mais profundamente, por trás daquele semblante vazio e inexpressivo, idêntico aos milhares de outros de sua série, eu pude sentir o desprezo — o desprezo pela vida comum de homens e mulheres que os técnicos humanos que os projetaram haviam sentido. Eles haviam oferecido os robôs ao mundo com a mentira de que os robôs iriam nos poupar do trabalho ou nos aliviar das tarefas braçais, para que pudéssemos crescer e nos desenvolver internamente. Alguém devia odiar a vida humana para ter feito uma coisa dessas — tamanha abominação aos olhos do Senhor.

Dessa vez, falei com ele — com *aquilo* — e furiosamente. “Suma da minha vista, robô”, berrei. “Desapareça daqui imediatamente.”

E o robô deu meia-volta e foi embora.

Olhei para as quatro ou cinco pessoas sentadas cada uma em seu assento reservado, no Burger Chef. Todos estavam com os ombros tensos e de olhos fechados, em completo Isolamento de Privacidade.

Saí rapidamente e me senti aliviado ao voltar para o meu ônibus-telepata. Mandei silenciosamente que ele me levasse ao Zoológico do Bronx, à Casa dos Répteis. “Com prazer”, disse o ônibus.



Todas as luzes estavam apagadas no zoológico. A lua havia começado a aparecer. Eu acendi meu lampião de querosene quando

o ônibus parou na frente da porta da Casa dos Répteis. O ar estava frio em minha pele, mas não vesti minha jaqueta.

A porta não estava trancada. Quando eu a abri e entrei, mal reconheci o ambiente. Isso em parte se devia aos bruxuleios da luz fraca do lampião, mas também ao fato de que havia panos brancos, ou algum tipo de toalha, pendurados no alto das vitrines da parede dos fundos.

Olhei para o banco no qual Mary Lou e eu havíamos dormido. Ela não estava lá. Havia um cheiro estranho na sala — quente e doce. E o ambiente em si estava aquecido e abafado, como se a temperatura houvesse sido aumentada. Fiquei parado por um instante, tentando me acostumar ao local alterado na penumbra. Não consegui ver nenhum réptil nos nichos, mas a luz era escassa. O nicho da píton parecia diferente, e havia uma espécie de protuberância bem no meio.

Encontrei um interruptor na parede, acendi as luzes e fiquei parado piscando, ofuscado pela claridade.

E então uma voz surgiu na minha frente: “Que diabos...?”

Era Mary Lou. A protuberância no meio do nicho se reconfigurou e eu vi que era Mary Lou. Seu cabelo estava desganhado e seus olhos franzidos e entreabertos. Ela me olhou como naquela noite, muito tempo atrás, em que a minha agitação me levava até lá e eu a acordara e nós havíamos conversado pela primeira vez.

Abri a boca para falar, mas então me calei. Ela estava sentada agora, dentro da vitrine da píton, com as pernas para fora. Já não havia mais vidro no nicho — e certamente não havia mais nenhuma píton — e ela havia posto um colchão lá dentro para fazer sua cama; era ali que ela estava sentada agora, esfregando os olhos e tentando me ver com nitidez.

Finalmente eu falei. “Mary Lou”, disse.

Ela parou de esfregar os olhos e levou um susto. “É você, Paul?”, perguntou ela em voz baixa. “Não é?”

“Sim”, respondi.

Ela se levantou e começou a caminhar lentamente na minha direção. Estava usando uma camisola branca comprida e muito enrugada, e seu rosto estava um pouco inchado de sono. Estava

descalça; seus pés tocavam suavemente o chão enquanto ela andava. E, quando ela chegou perto e parou, olhando para mim em meio àqueles cabelos desgrenhados, sonolenta, mas com o mesmo olhar intenso de sempre, senti um aperto na garganta e nem tentei falar.

Ela me olhou de cima a baixo daquele jeito, de perto. E então falou: "Jesus, Paul. Você está mudado".

Eu não falei nada, mas assenti.

Ela balançou a cabeça maravilhada. "Você está... você está pronto para o que der e vier."

De repente me vieram as palavras. "É verdade", disse eu. E então dei um passo à frente e pus os braços em volta dela e a puxei para perto de mim, com muita força. E, no momento seguinte, senti os braços dela me abraçarem, puxando para ainda mais perto. Meu coração pareceu se expandir naquela hora, segurando-a firmemente junto a mim, sentindo o perfume do seu cabelo e do sabão em seu pescoço branco, sentindo seus seios no meu peito, sua barriga rente à minha, sua mão, agora, acariciando a minha nuca.

Comecei a sentir uma ereção como nunca tinha sentido antes. Meu corpo inteiro sentiu. Deixei as mãos descerem até a cintura dela e segurei seus quadris, puxando-a para mim. Comecei a beijar seu pescoço.

A voz dela saiu nervosa, suave. "Paul", disse ela. "Eu acabei de acordar. Preciso lavar o rosto e pentear o cabelo..."

"Não, não precisa", disse eu, juntando as mãos atrás dela, puxando-a com firmeza.

Ela pôs a palma da mão no meu rosto. "Jesus Cristo, Paul!", disse ela em voz baixa.

Segurei sua mão e a levei para a cama grande que ela havia feito no nicho da pítón. Tiramos as roupas, observando-nos em silêncio. Eu me senti mais forte, mais seguro, como nunca tinha me sentido com ela antes.

Ajudei-a a vir para a cama e comecei a beijar seu corpo nu — dentro dos braços, entre os seios, o ventre, o interior das coxas, até ela gritar; meu coração batia furiosamente, mas minhas mãos estavam firmes.

Então, eu a penetrei lentamente, parando por um momento, e depois indo mais fundo. Fiquei extasiado, embevecido; não conseguia falar.

Continuamos a nos mover ritmados, olhando bem nos olhos um do outro. Ela foi ficando ainda mais bonita aos meus olhos, e o prazer do que estávamos fazendo juntos foi estonteante, inacreditável. Não se parecia com o sexo que eu conhecia e que me fora ensinado. Eu nem suspeitava que fosse possível fazer amor assim. Quando veio meu orgasmo, foi arrebatador; berrei bem alto quando aconteceu, segurando Mary Lou junto a mim.

E então nos deitamos, afastados, ambos molhados de suor, e ficamos nos olhando fixamente.

“Jesus”, disse Mary Lou em voz baixa. “Jesus, Paul.”

Apoiei-me no cotovelo, olhando para ela, em um longo silêncio. Tudo parecia diferente. Melhor. E mais claro.

Enfim, eu disse: “Eu te amo, Mary Lou”.

Ela olhou para mim e assentiu. Depois sorriu.

Ficamos deitados, calados, muito tempo. Depois ela vestiu a camisola e disse baixinho: “Vou ali lavar o rosto na fonte”. E ela saiu.

Fiquei ali por muitos minutos, sentindo-me relaxado, muito feliz e tranquilo. Depois me levantei, me vesti e saí para ficar com ela.

Estava escuro lá fora. Mas então ela deve ter ligado um interruptor, pois as luzes se acenderam na fonte e uma espécie de música de carrossel começou a tocar.

Segui pelo caminho em direção à luz e à água e à música. Ela estava inclinada sobre o tanque da fonte, lavando vigorosamente o rosto com as mãos. Quando me aproximei dela, ela ainda não havia me visto. Ela parou de se lavar, sentou-se, e começou a secar o rosto com a barra da camisola, erguendo-a acima dos joelhos.

Fiquei observando por um momento. Depois falei: “Quer usar o meu pente?”.

Ela me olhou, surpresa, e ajeitou a camisola. Então, sorriu vaidosamente: “Sim, Paul”, disse ela.

Ofereci meu pente e me sentei ao lado dela na beira da pequena fonte e fiquei assistindo enquanto ela penteava o cabelo à luz das lâmpadas refletidas na água.

Com o cabelo penteado e o rosto limpo e brilhante, ela ficou chocantemente bonita. Sua pele estava luminosa. Eu não quis falar; fiquei olhando fixamente para ela, simplesmente desfrutando olhar para ela, até que ela baixou os olhos e sorriu.

Então ela falou de forma hesitante: "Deixaram você sair da prisão?"

"Eu fugi."

"Oh", disse ela, e olhou de novo para mim, como se me visse pela primeira vez na vida. "Foi muito ruim lá? Na prisão, quero dizer..."

"Eu aprendi algumas coisas enquanto estava lá. Poderia ter sido pior."

"Mas você conseguiu escapar."

A força da minha voz me surpreendeu. "Eu quis voltar para você."

Ela baixou os olhos outra vez por um momento, e depois me olhou de novo. "Sim", disse ela. "Oh, Jesus. Estou feliz por você ter voltado."

Assenti. Então eu disse: "Estou com fome. Vou preparar alguma coisa para nós". Virei-me e voltei pelo caminho.

"Não acorde a bebê...", disse ela.

Parei e me virei para ela. Ela pareceu um tanto perplexa, confusa. "Que bebê?", perguntei.

De repente, ela balançou a cabeça e deu uma risada. "Meu Deus, Paul. Eu me *esqueci*. Agora temos um bebê."

Olhei fixamente para ela. "Quer dizer que agora eu sou pai?"

Ela se levantou rapidamente, com o rosto jovial e correu até mim e atirou os braços em meu pescoço e, como uma garotinha, me deu um beijo no rosto. "Sim, Paul", respondeu ela. "Agora você é pai." Então ela me pegou pela mão e me levou até a Casa dos Répteis. E eu me dei conta do que eram aquelas roupas brancas lá dentro; eram fraldas.

Ela me levou para um dos nichos menores, onde antes ficavam as iguanas, e ali, deitada com a barriga gorda para baixo, adormecida e com uma fralda branca, havia uma bebê. Era pálida e



gorducha, e roncava baixinho. Havia bolhas de saliva nos cantos de sua boca. Fiquei ali olhando para ela por um longo tempo.

Então eu disse a Mary Lou, em voz baixa: “É uma menina?”.

Ela assentiu. “Dei o nome de Jane. Como a esposa do Simon.”

Parecia bom. Gostei do nome. Gostei de ser pai. Ser responsável por outra pessoa, pela minha própria filha, parecia uma coisa boa.

Então tentei imaginar nós três juntos como se fôssemos uma família, como as famílias dos antigos filmes em preto e branco; mas nada nos filmes era nem remotamente parecido com aquilo, paradas ali na Casa dos Répteis, com as fraldas penduradas nos nichos vazios das cobras e dos lagartos, com o cheiro de leite quente na sala e os sons suaves de roncos. Tentei me imaginar como pai, como eu havia pensado nisso na prisão, quando senti tanta falta de Mary Lou, daquela maneira impotente, suicida; mas vi que eu havia imaginado crianças genéricas já um pouco crescidas — como Roberto e Consuela. E estes, percebi, pertenciam a um mundo de carteiros amistosos e Chevrolets e Coca-Colas, e não ao meu mundo de fato.

Mas eu não precisava daquele mundo de carteiros e Chevrolets; este mundo, mesmo que fosse pouco, seria o bastante. Aquela criaturazinha gorda e aparentemente quente e fedorenta deitada de bruços, com o rosto enfiado no travesseiro à minha frente, era minha filha. Jane. Fiquei feliz com isso.

Então, Mary Lou disse: “Posso pegar um sanduíche para nós. De queijo e pimentão.”

Balancei a cabeça negativamente, e então fui lá para fora. Ela me acompanhou em silêncio. Quando estávamos lá fora, ela pegou meu braço e disse: “Paul. Quero saber sobre a sua fuga.”

“Mais tarde”, disse eu. E então: “Vou preparar uns ovos para nós”.

Ela me olhou surpresa. “Você tem *ovos* aí com você?”

“Venha”, chamei. Levei-a até a lateral do edifício, onde o ônibus-telepata estava estacionado. Então entrei antes dela com meu lampião, e o pendurei no teto. Acendi o outro lampião, usando meu isqueiro da prisão, e ajustei a chama o mais forte possível.

Trouxe Mary Lou para dentro. Ela parou no corredor e olhou ao redor. Eu não disse nada.

Nos fundos, eu havia virado um dos assentos e feito uma estante de livros, e meus livros estavam todos ali enfileirados. Biff estava enrolado, dormindo, em cima dos livros.

Ao lado dos livros, minhas roupas novas estavam penduradas, assim como as que eu havia trazido para ela. No meio do ônibus, na frente de onde eu dormia, ficava a área da cozinha, com meu fogareiro verde de acampamento e panelas e pratos e caixas de comida em conserva e cinco bolos de café que eu tinha feito com Annabel. Olhei para o rosto de Mary Lou. Ela parecia impressionada, mas não falou nada.

Pus a frigideira de omelete no fogareiro e comecei a aquecê-lo enquanto quebrava os ovos e os batia com molho de Tabasco e sal. Depois derreti um pouco de queijo do tipo que Rod Baleen fazia com leite de cabra e misturei com um pouco de salsinha. Quando a frigideira estava quente o suficiente, despejei metade da mistura de ovos e comecei a bater rapidamente enquanto deslizava a frigideira para trás e para frente sobre o fogo. Então, antes que os ovos ficasse marrons e enquanto o centro ainda estava molhado, acrescentei o queijo e a salsinha, deixei o queijo derreter um pouco, dobrei a massa toda ao meio e despejei no prato. Ofereci o prato a Mary Lou. "Sente-se", disse eu, "vou trazer um garfo". Ela se sentou.

Quando ofereci o garfo, eu disse: "Foi muito difícil? Ter a bebê? E doeu muito?"

"Jesus, sim", disse ela. Então, ela mordeu um pedaço de omelete, mastigou lentamente, engoliu. "Ei", disse ela. "Isso é uma delícia! Como você chamou?"

"É omelete", respondi. Depois pus um pouco de água na outra boca do fogareiro para fazer café e comecei a preparar outra omelete para mim. "Antigamente", disse eu, "as mulheres às vezes morriam no parto".

"Bem, não foi o meu caso", disse ela. "E eu estava com o Bob para me ajudar."

"Bob?", retruquei. "Quem é Bob?"

“Bob Spofforth”, respondeu ela. “O robô. O diretor. O seu antigo chefe.”

Terminei de fazer meu omelete. Depois servi um pouco de café nas xícaras que Anna bel havia feito, e me sentei do outro lado do corredor, de frente para Mary Lou, na minha cama, olhando para ela.

“O Spofforth ajudou você a ter a bebê?”, indaguei. Imaginei aquele robô imenso, como William S. Hart em *Sagebush Doctor*, de pé ao lado da cama de uma mulher que ia ter um bebê. Mas não consegui imaginar Spofforth com chapéu de vaqueiro.

“Sim”, disse Mary Lou. Havia algo estranho, ligeiramente doloroso em seu semblante, enquanto ela falava de Spofforth. Senti que havia algo que ela queria me contar, mas ainda não estava pronta. “Ele cortou o cordão umbilical. Ou pelo menos foi o que ele me disse depois; eu estava muito enlouquecida com tudo aquilo para ter certeza.” Ela balançou a cabeça. “Estranho. Foi a única vez que eu realmente quis tomar algum remédio, mas uma semana antes eu havia pedido ao Bob para interromper a distribuição.”

“Interromper a distribuição?”, perguntei. “Das pílulas?”

“Exatamente. Daqui para frente, haverá algumas mudanças.” Ela sorriu. “As ressacas serão fortes.”

Não dei importância a isso na hora. “Enlouquecida?”, indaguei. “Não consigo imaginá-la assim.”

“Não enlouquecida de drogas. Doeu muito, mas não foi insuportável.”

“E o Spofforth ajudou?”

“Depois que ele levou você embora... ele cuidou da minha gestação. E, quando a bebê nasceu, ele trouxe leite do Burger Chef e encontrou uma antiga mamadeira em algum depósito. Acho que ele sabe onde está *tudo* em Nova York. Fraldas. E sabão de lavar roupa.” Ela olhou pela janela por um momento. “Um dia ele me trouxe um casaco vermelho.” Ela balançou a cabeça, como se tentasse afugentar uma lembrança. “Eu tenho lavado as fraldas na fonte. A Jane já está comendo sanduíche amassado, e eu tenho um bocado de leite em pó para ela também.”

Terminei minha omelete. “Eu fiquei morando sozinho”, informei. “Em uma casa de madeira que reformei. Com a ajuda de alguns

amigos.” A palavra “amigos” soou estranha. Eu nunca tinha me referido aos Baleen assim; mas era a palavra certa. “Eu trouxe uma coisa para você”, disse eu.

Fui até o fundo do ônibus e trouxe os vestidos, a calça jeans e as camisetas que havia encontrado na loja em Maugre para ela, e os deixei sobre um assento. “Isso”, disse eu. “É uma caixa de bombons.” Tirei uma caixa em forma de coração do compartimento fechado onde eu guardava comida, e dei para ela. Ela ficou espantada, segurando a caixa e sem saber o que fazer com ela. Peguei a caixa da mão dela e a abri. Havia um papel sobre os bombons com a seguinte inscrição: “Feliz dia dos namorados”. Li em voz alta, com força. Era uma coisa boa de ler.

Ela olhou para mim. “O que é Dia dos Namorados?”

“Tem a ver com amor”, respondi, e tirei o papel.

Embaixo do papel, havia bombons, individualmente embalados em plástico transparente conservante. Peguei um chocolate e ofereci para ela. “Você tira o plástico com a unha. Por baixo — pelo lado achatado”, disse eu.

Ela olhou o bombom e tentou abrir. “Como você chamou isso?”, disse ela.

“Bombom. É para comer.” Peguei o bombom da mão dela e tirei o plástico. Eu havia me tornado especialista ao aprender a comer as diversas coisas da Sears no último ano. Ofereci o bombom aberto e ela ficou olhando por um momento, revirando o bombom nos dedos. Provavelmente ela nunca tinha visto chocolate; eu nunca tinha visto até chegar em Maugre. “Experimenta”, disse eu.

Ela mordeu o bombom e começou a mastigar. Então, ela olhou para mim, com a boca cheia, com uma expressão de surpresa agradável. “Jesus”, exclamou, ainda mastigando. “Isso é uma maravilha.”

Sentamos ali em silêncio por um momento, eu com a caixa de bombons no colo; ela, com suas roupas novas no colo. Fiquei observando o rosto dela.

A porta do ônibus estava aberta. De repente, ouvimos um som alto, choroso, semelhante a uma sirene, só que soava humano e irritado.

“Oh, Senhor!”, disse Mary Lou, levantando-se depressa, com as roupas nos braços. “A bebê!” Ela saiu correndo do ônibus e gritou para mim. “Preciso de dez minutos. Quero experimentar essas roupas.”

Saí do ônibus, voltei para a fonte, e sentei na borda do tanque. A música, leve e aérea, e o som delicado da água atrás de mim eram agradáveis. Olhei para cima; a lua ainda estava no céu e não havia sinal da madrugada. Senti-me completamente à vontade.

Então, Mary Lou saiu da Casa dos Répteis com os braços ocupados. Ela fechou a porta atrás de si discretamente com o cotovelo. Estava usando a calça jeans e uma camiseta branca e sandálias e trazia habilidosamente a bebê, apoiada em um braço. No outro braço, estava o resto das roupas novas e, por cima de tudo, uma pilha de fraldas. As roupas que ela estava usando couberam perfeitamente. O cabelo estava bem penteado e o rosto radiante quando ela veio na minha direção e a luz da fonte incidiu sobre ela. A bebê havia parado de chorar e simplesmente ficou deitada nos braços dela confortavelmente, satisfeita. Olhando para aquelas duas, por um momento, quase fico sem fôlego.

Então, deixei o ar sair e disse baixinho: “Posso fazer uma cama para a bebê com um daqueles assentos do ônibus. E podemos ir embora juntos.”

Ela olhou para mim. “Você quer ir embora de Nova York?”

“Quero ir para a Califórnia”, disse eu. “Quero ir o mais longe de Nova York que pudermos. Quero ir para longe dos robôs, e das drogas, e de outras pessoas. Tenho meus livros e discos e você e a Jane. Isso é o bastante. Não quero mais saber de Nova York.”

Ela ficou me olhando por um longo tempo antes de responder. Então ela disse: “Está certo.” Ela fez uma pausa. “Mas ainda preciso fazer uma coisa pelo...”

“Spofforth?”, perguntei.

Os olhos dela se arregalaram. “Sim”, disse ela. “Pelo Spofforth. Ele quer morrer. Eu fiz uma... troca com ele. Para ajudá-lo.”

“Ajudá-lo a morrer?”

“Sim. Só de pensar, fico apavorada.”

Olhei para ela. “Eu posso ajudar”, disse eu.

Ela olhou para mim, aliviada. "Vou buscar as coisas da Jane. Acho que chegou a hora de sair de Nova York. Esse ônibus pode nos levar para a Califórnia?"

"Sim. E eu posso encontrar comida no caminho. Nós vamos chegar lá."

Mary Lou olhou para o ônibus, para aquela forma sólida, volumosa, e depois olhou de novo para mim. Ela ficou estudando meu rosto por muito tempo, cuidadosamente, e com certa surpresa. Então disse: "Eu te amo, Paulo. Eu te amo de verdade".

"Eu sei", disse. "Vamos."

# Spofforth

O edifício, em si, parece, tal como em 1932 — uma construção essencialmente estúpida, desumana, sua arquitetura, construída só como um desafio. Possui hoje, três de junho de 2467, o mesmo número de andares, cento e dois, que tinha na época; mas agora estão todos vazios, esvaziados até mesmo dos móveis dos escritórios. São trezentos e oitenta e um metros de altura. Quase um quarto de milha. E não serve para nada agora. É apenas um marco, um testemunho mudo da capacidade humana de fazer coisas grandes demais.

O contexto em que se encontra o amplifica muito além do que a Nova York do século vinte jamais conseguiu. Não existe nenhum outro edifício alto em Nova York; ele realmente paira acima de Manhattan, único em forma e intenção, tal como deve ter surgido na mente esperançosa de seus arquitetos. Nova York é praticamente uma sepultura. O Empire State Building é sua lápide.

Spofforth está o mais perto da borda da plataforma que consegue chegar. Ele está sozinho, esperando Bentley e Mary Lou terminarem a subida a pé. Ele veio trazendo a bebê de Mary Lou no colo, e agora a protege do vento. A bebê dorme em seus braços.

O céu logo se iluminará à direita de Spofforth, sobre o East River e o Brooklyn; mas ainda está escuro. As luzes dos ônibus telepatas estão visíveis lá embaixo. Elas se movem lentamente, subindo e descendo a Quinta Avenida e a Terceira e Lexington e Madison e Broadway, e depois seguindo através do Central Park. Há uma luz

acesa em um edifício na Quinquagésima Primeira mas nenhuma luz na Times Square. Spofforth observa as luzes, segura a bebê, protege-a, e espera.

E então ele ouve a porta pesada se abrir atrás de si, e ouve os passos deles. Quase imediatamente, a voz de Mary Lou, quase sem fôlego, fala: “A bebê, Bob. Pode me devolver a bebê agora”. A subida levou quase três horas.

Ele se vira e vê os vultos deles e passa a bebê. O vulto de Mary Lou pega a bebê e ela diz: “Diga-me quando você estiver pronto, Bob. Só vou acomodar a bebê no chão”.

“Vamos esperar até amanhecer”, diz ele. “Quero poder ver, quando acontecer.”

Os dois humanos se sentam, e Spofforth, virado agora para eles, vê uma chama amarelada flamejar claramente no vento, quando Bentley acende um cigarro. Nesse súbito *chiaroscuro*, ele vê o corpo forte de Mary Lou inclinado sobre a filha, seus cabelos castanhos caídos para o lado.

Ele fica de pé olhando para o que agora é outra vez apenas a sombra dela, ao lado da sombra de Paul Bentley, encostadas: o velhíssimo arquétipo de uma família humana; ali no alto daquele grotesco edifício sobre uma cidade entorpecida e sem propósito, uma cidade de sono narcótico, da parte dos homens, e de obscena imitação da vida, da parte dos robôs, cujo único brilho eram os pequenos e simpáticos cérebros de seus ônibus, complacentes e tranquilos, percorrendo ruas vazias. Sua mente robótica é capaz de sentir o zumbido telepático dos ônibus, mas isso não afeta seu estado de consciência. Algo está se formando em sua mente, lenta e delicadamente. Seu espírito está serenado, deixando a ideia se formar. Ele se vira para o norte.

E então, surgido do nada e do escuro, há um farfalhar no vento, e uma pequena presença escura pousa no antebraço direito, imóvel, de Spofforth, e se torna, em silhueta abruptamente congelada, um pássaro. Pousado em seu braço, um pardal, um pardal urbano — duro e angustiado, e alto demais. E o pardal fica ali com ele, esperando a aurora.



E a aurora começa, lá embaixo sobre o Brooklyn, espalhando-se por Upper Manhattan, sobre o Harlem e White Plains e sobre o que um dia foi a Columbia University, um luz cinzenta sobre uma terra onde índios haviam dormido sobre peles sujas, e onde, mais tarde, homens brancos haviam concentrado sua agitada intensidade de poder e dinheiro e anseios, erguendo edifícios por puro destempero, pura ostentação enlouquecida, enchendo as ruas de táxis e pessoas aflitas, até finalmente morrer entre a droga e a introspecção. A madrugada se expande e o sol aparece, inflando-se de vermelho sobre o East River. Então, o pardal vira a cabeça e sai voando para longe do braço nu de Spofforth, levando consigo sua vida minúscula.

E o que lentamente entrou na mente de Spofforth agora o domina: alegria. Ele está alegre como esteve alegre cento e setenta anos antes, em Cleveland, quando experimentou a consciência pela primeira vez, abrindo-se para a vida em uma fábrica decadente, quando ainda não sabia que estava sozinho no mundo e que sempre estaria sozinho.

Ele sente a superfície dura sob os pés descalços com prazer, sente o vento forte em seu rosto e a pulsação segura de seu coração, sente sua juventude e sua força e ama a juventude e a força, por um momento, pelo que elas são.

Diz em voz alta: "Agora estou pronto". Ele não olha para trás.

Ouve a bebê choramingar quando Mary Lou a deixa no umbral da porta. Ele sente duas mãos na base das costas e sabe que são as mãos dela. No momento seguinte, ele sente duas mãos maiores acima das dela. Ele ouve os dois respirando. Seus olhos estão virados para frente, olham agora para a ponta da ilha de Manhattan.

Então em suas costas nuas ele sente os cabelos dela e depois, sentindo o tronco começar a tombar para frente, ele sente a boca dela em suas costas, com um beijo delicado — sente seu hálito suave e quente de mulher. Ele abre bem os braços. E cai.

E, finalmente, continua caindo. Enfim, então, com o rosto sereno, resfriado pela fúria do vento de baixo para cima, seu peito nu e exposto, suas pernas poderosas estendidas, com os pés para baixo, e a calça cáqui tremulando contra suas panturrilhas, seu cérebro metálico alegre na descida rumo a algo pelo qual ele dolorosamente

ansiara, Robert Spofforth, o mais belo brinquedo da humanidade, mergulha na madrugada de Manhattan e com os braços fortes bem abertos abraça com tremor a Quinta Avenida.

## WALTER TEVIS

Nasceu em São Francisco, em 1928. Aos 10 anos, acometido por uma grave doença reumática, viu-se obrigado a uma longa internação hospitalar. Enquanto isso, sua família se mudou para o Kentucky, deixando-o sozinho na cidade. O sentimento de abandono e a terapia dolorosa tornaram o hospital uma espécie de câmara de tortura. Quando recebeu alta, esse jovem frágil, tímido e desajeitado mudou-se para o Kentucky, onde encontraria sérias dificuldades de integração. Logo depois da escola, alistou-se na Marinha, ainda a tempo de passar dois anos na base de Okinawa, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Terminada a guerra, Walter conseguiu concluir o curso universitário, tornando-se professor de literatura em uma escola de ensino médio. Walter Tevis sempre insistiu em definir suas obras não como ficção científica, mas como “ficção especulativa”, pois, ao descrever mundos futuros e paralelos, focava a atenção nos elementos psicológicos, e não nas inovações técnicas. Talvez por isso todas as suas obras, e não apenas as de ficção científica (campo no qual foi um dos representantes mais aclamados), ainda soem terrivelmente plausíveis e intensamente familiares. Seus romances foram traduzidos para mais de 18 idiomas. Tevis morreu em 1984.